

UM MUNDO DE MAGIA.
UM MUNDO DIVIDIDO.
UM MUNDO EM CHAMAS.

RAINHA DAS BRUXAS

— REINOS DIVIDOS —
LIVRO 2

KIM RICHARDSON
PREMIADA AUTORA DE MARCADA

RAINHA
DAS
BRUXAS

— REINOS DIVIDOS —
LIVRO 2

KIM RICHARDSON
PREMIADA AUTORA DE *MARCADA*

Rainha das Bruxas, Reinos Divididos, Livro 2:

Copyright © 2017 por Kim Richardson

Traduzido por Sabrina Lopes Furtado

www.kimrichardsonbooks.com

Todos os direitos reservados por Kim Richardson. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída, ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio ou armazenado em um banco de dados ou sistema de recuperação sem a permissão por escrito do autor. Os personagens e acontecimentos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é uma coincidência e não foi pretendida pela autora. Agradecemos por respeitar a obra da autora.

Primeira edição: 2017

Agradecimentos

*Para aqueles que embarcaram comigo ao mundo de Elena.
Obrigada por acreditar em mim como uma contadora de histórias.*

ÍNDICE

[MAPA](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[EM BREVE: MAGIA DE SANGUE!](#)

[MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON](#)

CAPÍTULO 1



A PRAGA NEGRA ERA COMO UMA CHAGA. O mundo estava sombrio e em ruínas; tudo cheirava a morte. O céu frio e úmido era um vazio cinzento que se misturava com as sombrias ruas da Cidade das Almas. A tranquilidade do mercado estava longe de ser a habitual cacofonia de vozes e a multidão movimentada com a qual me acostumei ao longo dos anos.

Os videiros outrora gloriosos, que se estendiam pelas ruas, agora estavam pretos e sem folhas; seus troncos apodreciam por dentro. Moscas zumbiam ao redor de minha cabeça, e eu tentava espantá-las. Enquanto a magia negra dos feiticeiros infestava nossa terra, o templo dourado brilhava feito um sol reluzente na semiescuridão, zombando de mim. Eu o odiava mais do que nunca.

Eu me encolhi, não só pela paisagem deteriorada, mas porque Jon ainda estava ausente.

Dois dias se passaram desde que ele havia sido tirado de mim, e eu estava um caco. A deusa me dera um vislumbre da afeição incondicional e eterna que significava o amor verdadeiro, e eu ficaria arrasada se deixasse os sacerdotes tirarem isso de mim. Eu havia provado o sabor, e *precisava* daquilo de volta.

Depois que Will e Leo me deram a notícia sobre a captura de Jon, retornei para casa e encontrei Rose abalada, mas viva, além de brava por ter dois homens do Louco Jack como babá. Mas sentir raiva era bom. Eu precisava que ela estivesse mal-humorada e com energia para o que estava prestes a acontecer no mundo.

Embora estivesse sem chão, contei a Rose detalhadamente o que havia acontecido durante a corrida: como ficara devastada pela traição de Príncipe Landon, como havia visto o verdadeiro poder do Coração de Arcânia e, por fim, como descobri que o sumo sacerdote de Ânglia *não era* sacerdote coisa nenhuma, mas algum tipo de feiticeiro poderoso. Eu contei a ela como ele havia lançado o feitiço que espalhou a praga negra sobre a Cidade das Almas.

O olhar acusador de “eu avisei” deixava claro que ela me culpava parcialmente pela desolação no mundo. Eu havia gerado uma reação em cadeia quando roubei a coroa de Ânglia. Ela *havia* me avisado para devolvê-la. E, como sempre, eu não dera ouvidos. Pelo menos ela não me culpou e me deixou terminar o relato.

Eu pulei os detalhes íntimos da minha relação com Jon, mas expliquei que o nome verdadeiro do Louco Jack era Jonathan Worchester. Ele era o líder rebelde do Fosso e não o bandido que achávamos que fosse. Deixei para contar sobre os meus poderes de cura só fim. Eu a observava cuidadosamente em busca de sinais de que ela sabia que havia algo diferente em mim todo o tempo. A reação dela me disse tudo o que eu precisava saber.

— Então você sabia... — disse eu com os ânimos elevados. — Você sempre soube das minhas habilidades, mas nunca me disse. Por quê?

— Eu vi a magia da sua mãe com meus próprios olhos — disse Rose. — E sim, ela me disse que você era igual a ela. Era um segredo que prometi jamais revelar. Eu prometi a ela que manteria as duas a salvo. Mesmo assim, sua mãe continuava em alerta.

— O que quer dizer?

Rose balançou a cabeça:

— Ela morreu antes de ter a chance de me contar mais — ela continuou. — Talvez eu estivesse errada em não lhe contar, mas, na época, eu achava que isso seria melhor. Eu *ia* contar eventualmente... depois de tudo o que

aconteceu, mas nunca senti que era a hora.

Tempo era tudo o que eu não tinha. Ainda mais tempo suficiente para enchê-la com mais perguntas; não ainda. Eu precisava salvar Jon antes que ele fosse torturado e morto, isso se ele ainda estivesse vivo. Então, dei um beijo na testa dela e, sem mais uma palavra, parti em busca dele.

Isso havia acontecido dois dias atrás.

E agora eu estava diante dos portões da cidade mais uma vez, prestes a fazer a minha *segunda* tentativa de resgate. Mesmo com a ajuda de Will e Leo, minha primeira tentativa havia falhado miseravelmente. Nós nem chegamos a passar pelos portões. E o fato de a cidade ser protegida por uma muralha circular de pedra não ajudava.

Agora, em cada um dos quatro portões, onde antes apenas dois guardas ficavam a postos, havia dez. Não é que não pudéssemos derrubar dez guardas comuns do templo; era que *esses* guardas em particular tinham três vezes a força de qualquer homem normal graças à magia negra que possuíam. À primeira vista, você pensaria que eram guardas normais do templo, e cometeria um erro fatal. A pele deles agora estava apodrecida e empolada; veias negras pulsavam no pescoço e na face deles. Eles haviam sido infectados com magia negra. O rosto deles estava magro e tinha a pele colada nos ossos, o que os fazia parecer esqueléticos. O que havia de humano neles não existia mais; seus olhos haviam se tornado globos pretos, destituídos de alma.

Magia era uma coisa nova para a Cidade das Almas e para *mim*. Eu estava apenas começando a entender os meus próprios poderes. Como uma donzela de aço, uma portadora da magia, eu sabia que eu havia sido abençoada com a capacidade inata de lutar e empunhar armas. Eu também sabia que eu possuía um extraordinário poder de cura. Embora ainda tivesse muitas dúvidas sobre o meu próprio sangue mágico, elas teriam de esperar, pois a praga negra

estava se espalhando rapidamente. Eu não sabia como ela se espalhava de vítima para vítima, nem como afetava as árvores e a vegetação. Mas havia ficado claro que estava drenando a vida de tudo.

Eu só havia visto a magia negra em ação uma vez. O feiticeiro havia usado a pedra para conjurar sua magia a partir de uma sombra na escuridão. Filamentos de algo preto se atiraram nos corpos dos homens, abrindo caminho para dentro deles, para dentro de suas almas, roubando o que havia de humano neles e os transformando em demônios. A praga negra que havia se espalhado pela cidade começava a contaminar as árvores e vegetação do lado de *fora* dos muros. Era só uma questão de tempo antes de alcançar o Fosso e as vilas circundantes, antes de consumir toda Ânglia.

A única coisa que me diferenciava era que *eu* estava parcialmente imune à magia negra dos feiticeiros. Mas isso não era o suficiente. Eu era apenas uma em meio à milhares que haviam se infectado. E todos se curvavam à vontade do feiticeiro. Eu não podia derrotar um exército inteiro.

Um grupo de oito rebeldes se voluntariou para me ajudar a resgatar Jon da prisão do templo. Will e Leo juntaram-se ao grupo, e eu lhes dei um sorriso para mostrar minha gratidão. Esses homens tinham uma expressão dura que mostrava o preço de se morar no Fosso. Os olhares preocupados nos olhos deles deixavam claro que eles se preocupavam com seu líder tanto quanto eu.

Se quiséssemos derrotar os guardas e atravessar os portões, nós teríamos de enganá-los. Meus anos de roubo e fuga na cidade sem ser notada viria a calhar. Eu havia me tornado uma especialista em sair de situações complicadas. Eu planejei a missão de resgate por horas e sabia exatamente o que fazer.

O cheiro de carne em decomposição e enxofre queimava minha garganta a cada respirada. Era o cheiro da magia negra, um cheiro tóxico e mortal. A cicatriz na minha nuca palpitava, uma lembrança do meu próprio encontro

com essa magia maligna. As bruxas haviam dito que eu nunca me curaria verdadeiramente; o que elas queriam dizer com eu isso, eu não tinha certeza.

Todos nós usávamos uma capa com capuz. Estávamos agachados numa moita a uns 15 metros do portão sul. Eu vestia a mesma roupa que usei na Grande Corrida: uma túnica verde de manga comprida com corpete de couro, perneiras de couro macio, botas de couro até o joelho e uma capa preta. Nem me dei ao trabalho de me trocar quando cheguei em casa; agora lá estava eu com aquela roupa cheia de sujeira. Eu torcia o nariz com o cheiro do meu próprio suor.

Eu observava os guardas atentos através espaços entre os arbustos. Todos usavam uniformes pretos com o emblema do Templo do Sol estampado na frente. Suas espadas e adagas haviam sido forjadas com o aço mais fino de toda a Ânglia.

Eu mal conseguia respirar. Jon estava lá em algum lugar. Eu podia sentir. Dois dias era uma eternidade para quem estava preso na prisão do templo. Apenas rezei para que não fosse tarde demais. Nós aguardávamos o restante de luz se esvaír para nos ocultarmos nas sombras da noite.

— É agora ou nunca — eu sussurrei para Will e Leo. Eu me virei para os outros e ergui meu punho no ar, nosso sinal para nos prepararmos.

— Tem certeza que ele está lá? — a voz de Will estava baixa. Seu cabelo curto e seus traços rígidos o faziam parecer mais brutal do que ele realmente era.

— Sim. Eles o estão mantendo lá dentro, na prisão do templo. — Eu estava impressionada com a minha própria convicção, porque no fundo não tinha mais tanta certeza. Eu me recusava a deixar aqueles homens verem minha coragem ir embora. Eu precisava ser forte por eles, mas principalmente por mim.

— Você sabe que eles o estão mantendo lá para atraí-la — disse Leo.

Seus cabelos ruivos ondulados se destacavam na meia escuridão. Ele limpou a testa com manga imunda.

— O sumo sacerdote, o feiticeiro, quer você morta. Você sabe disso. Você sabe que isso cheira a armadilha.

Eu cerrei minha mandíbula.

— Eu sei. E provavelmente é uma armadilha. Mas estou disposta a arriscar pelo Jon. Você não? — Minha voz se ergueu perigosamente.

Os olhos azuis de Leo se arregalaram diante da alegação de que ele talvez não estivesse disposto ao resgate. Por um momento, pensei que ele fosse arrancar minha cabeça, mas ele me deu um aceno silencioso em vez disso.

Relaxe meus punhos e depois meus ombros.

— É o seguinte: vamos esperar que os outros criem a distração de que precisamos para passarmos pelos guardas e entrarmos no templo. Prontos?

Will e Leo balançaram a cabeça em afirmativa. Eu levantei minha mão e acenei para os outros enquanto nós três aguardávamos.

Nessa hora, os seis rebeldes saltaram e correram em direção ao portão, com as espadas em punho.

— Por Ânglia! — Eles gritaram durante a investida. Eu fiquei maravilhada com a coragem deles e rezei para que a deusa os mantivesse vivos.

O efeito foi instantâneo. Os guardas do templo voltaram toda a atenção para a ameaça repentina. Desembainhando as espadas, eles correram de encontro aos rebeldes. O silêncio da noite foi repentinamente tomado pelo tinido de metal contra metal, pelo som de metal rasgando a carne e furando ossos. As espadas dos rebeldes cortavam profundamente os guardas que se aproximavam, mas seus esforços eram infrutíferos, pois os guardas continuavam a atacar como se suas feridas não passassem de arranhões.

Um dos guardas soltou um bramido feroz e saltou em direção a um dos

nossos homens. Com uma explosão inimaginável de força e velocidade, ele cortou a cabeça do rebelde desavisado. Sangue jorrou como uma fonte vermelha antes do corpo cair morto no chão.

O rebelde que eu conhecia como Ulrich estendeu o braço e atacou um dos guardas com velocidade relâmpago. Quando pensei que ele fosse matar o guarda, uma espada o perfurou por trás. Sangue jorrou da boca dele quando ele caiu de cara no chão. Outro homem, Durm, foi apanhado completamente desprevenido e acabou derrubado pela força de um dos guardas. Sua espada voou de sua mão quando ele soltou um grito de causar arrepios. Dois guardas morderam seu pescoço, e seu corpo perdeu a vida.

Eu vacilei diante dos súbitos gritos de terror que ecoavam em meio ao ar frio da noite. Parte de mim queria correr até lá e ajudá-los, mas o plano não era esse. E por mais que doesse ver aqueles homens morrendo, fiquei imóvel e esperei.

Meu estômago revirava ao som dos gritos daqueles homens, e meu coração parecia que sairia pela boca. O tempo certo era tudo neste plano. Eu tinha de esperar o momento exato, quando o foco dos guardas estivesse exclusivamente nos rebeldes, para que eles não nos notassem passar.

Com um nó na garganta, afastei os temores e as dúvidas da minha mente: — Agora! — sussurrei com pressa.

Nós três corremos em direção ao portão. Com minha espada curta estendida à minha frente, corri pela trilha até a entrada arqueada dos portões. Corri tão rápido que a batalha atrás de mim parecia um borrão de espadas prateadas e capas pretas. Não parei. Meu foco estava no templo e em Jon. Nós precisávamos da maior distância possível entre nós e os guardas.

Sem diminuir a minha velocidade, virei na primeira curva e corri ainda mais rápido. Eu torcia para que os passos sonoros e a respiração pesada atrás de mim fossem de Will e Leo. Viramos à esquerda, passamos pelo distrito

dos comerciantes e nos dirigimos ao distrito sagrado, onde os sacerdotes menores tinham suas casas. O Templo Dourado pairava diante de nós, no final da rua principal da cidade; quando mais perto eu chegava, mais enojada eu ficava com aquela visão. Mas eu tinha mais ansiedade do que raiva.

Maldito seja este lugar. Dane-se tudo isso.

Minha respiração arranhava a minha garganta, e minhas coxas queimavam enquanto corria em direção ao templo.

À medida que nos aventurámos mais adentro da cidade, notei o quão deserta e vazia ela estava. Será que as famílias ricas e nobres haviam fugido? Ou será que todos haviam sido mortos? De tão covardes que eram, não me surpreenderia se eles tivessem fugido da cidade ao primeiro sinal de infestação da magia negra. *Bastardos.*

Uma centelha de movimento chamou a minha atenção.

Uma nobre de chapéu alto berrante e em um vestido pesado de seda azul, bordado com joias suficientes para alimentar uma pequena vila, saiu em disparada pela rua. Seus olhos negros, sem alma, se arregalaram quando ela nos viu. Seu rosto estava coberto por veias pretas e era tão pálido quanto um cadáver. Eu quase não a reconheci. Ela era uma das mulheres na rua naquele dia em que Baul e Garth, os guardas do templo, haviam me arrastado pela cidade para conhecer o sumo sacerdote. Ela havia ficado violentamente feliz em me ver indo para a minha perdição.

A mulher jogou sua cabeça para trás e gritou como uma fera:

— Que a praga negra recaia sobre você. Sinta seu toque. Sinta os poderes das sombras e da escuridão, pois ela é eterna e grande!

Em uma fúria selvagem, ela atirou-se contra mim, mas seu vestido pesado diminuiu os movimentos dela. Era tudo de que eu precisava.

Sem perder meu ímpeto, balancei minha espada numa inclinação perfeita e cortei a mulher do umbigo ao pescoço. Os gritos dela se abafaram em seu

próprio sangue negro e infeccioso. Ela caiu no chão em meio à seda azul e sangue negro. Eu não senti nenhum remorso. Não senti absolutamente nada.

Mais nobres infectados, mulheres e crianças, deslizaram das sombras e vieram em nossa direção. Eu não tinha tempo para lidar com as emoções que surgiam dentro de mim, dizendo quão errado era tudo isso, especialmente em relação às crianças. Ignorei tudo e chegamos ao pé do templo. Subi as escadas dois em dois degraus, com Will e Leo correndo atrás de mim.

— Onde ficam as prisões? — arfou Will ao meu lado quando atravessamos a porta da frente.

Mesmo com toda a loucura e confusão da situação, eu havia traçado um mapa mental do templo na primeira vez em que estivera ali. E eu me lembrava bem daquele lugar.

Eu diminuí o passo para recuperar o fôlego:

— Por aqui!

Segui pelo corredor principal e virei à direita no corredor seguinte. Mesmo com o coração na garganta, meus passos continuavam firmes enquanto descia pelas passagens. Tochas cintilavam enquanto eu corria, criando longas sombras contra as paredes de pedra. Os pelinhos de minha nuca se arrepiaram, não pelas sombras sinistras, mas pelo silêncio do corredor vazio. Não havia cortesãos, nem sacerdotes, nem guardas. Não encontramos ninguém desde a entrada principal aos confins do templo, onde ficavam as prisões. Fui até uma enorme porta de madeira e franzi a testa. Eu me lembrava bem demais do que havia atrás delas.

— Elena, espere! — gritou Will, como a voz áspera e sem fôlego. — Isso não parece certo.

— Tem razão — a voz da razão de Leo veio por trás de mim. — Por que não há nenhum guarda? Por que está tudo tão vazio?

— Porque é uma armadilha, é por isso — respondeu Will.

Sim. Provavelmente é.

Mas eu não parei. Mesmo que minha mente gritasse que se tratava de uma armadilha, as minhas pernas não parariam. Meu coração não me deixaria fazer isso. O simples pensamento de Jon, tão vívido e surpreendente, deixava meus olhos em lágrimas. A memória de seus dedos suaves na minha pele, seus beijos, seu cheiro de suor — tudo isso era tão doloroso, eu sufoquei um soluço. Eu não podia perdê-lo e não o perderia. Eu havia dito a Will e Leo que faria o que fosse preciso para trazer Jon de volta.

Passando pelo batente da porta, me pus escada abaixo, descendo em meio à escuridão do túnel da prisão. O ar quente e o cheiro de podridão me atingiram como uma bofetada, mas eu continuei. Eu senti o ar se mover atrás de mim e percebi que Will e Leo estavam comigo. Talvez não fosse uma armadilha. Talvez Jon nem estivesse ali. Eu não podia me deixar levar pelos meus medos.

Ele está vivo e irei encontrá-lo.

Quando desci o último degrau, pisei em poças de urina e fezes humanas. Comecei a atravessar a câmara apertada, tentando respirar pela boca e não vomitar. Os únicos sons eram os de nossos passos pesados. Não havia mais ecos de lamentos como da última vez.

A prisão estava vazia, deserta, exceto por nós. Onde estavam os prisioneiros? Passei por várias celas, todas vazias. As barras de metal estavam enferrujadas pelo tempo e cobertas por uma sujeira não identificável. Ofegante, dei uns passos vacilantes, tremendo da cabeça aos pés, enquanto olhava para as celas sem prisioneiros.

Eu reconheci os sinais de um ataque de pânico.

— Jon? JON! — Eu gritei.

Minha voz ecoou bem alto em desespero. Disparei para uma das celas e chutei um pedaço de pano rasgado. Percorri todo o lugar, lutando contra o

ácido estomacal que subia pela minha garganta sempre que encontrava outra cela vazia. Não me importava que Will e Leo vissem meu momento de fraqueza. Eu estava desesperada. Meus joelhos tremiam, e eu sabia que estava prestes a cair. Tentei controlar a minha respiração, mas não adiantou. Tudo estava começando a girar.

Eu nunca deveria tê-lo deixado para trás. Eu deveria ter feito ele vir comigo.

— Não há ninguém aqui. — a voz de Leo estava cheia de pesar e tristeza.
— Lamento, Elena. Chegamos tarde demais.

— Eu estou aqui.

Uma voz fraca veio de dentro das sombras na extremidade oposta da câmara. Mas não havia dúvidas em mim de que a voz pertencia a Jon.

— Jon!

Frenética, disparei em direção a voz, sem vacilar até chegar ao local exato de onde o ouvira. Corri até a última cela e olhei na semiescuridão à procura do homem que eu amava.

E lá estava ele. Mesmo na escuridão, eu reconheceria sua forma: os ombros largos, o cabelo levemente ondulado, o queixo quadrado, a forma como ele inclinava a cabeça um pouco para o lado. Era ele mesmo. O meu Jon.

— Finalmente — disse ele.

Ele se levantou, e eu precisei ter muito autocontrole para não correr e me atirar nos braços dele.

— Eu estava quase deixando de acreditar em você. — disse ele se dirigindo para a luz.

Seu rosto estava magro e abatido. Sua pele estava coberta por cascas, como se ele tivesse sido queimado. E seu rosto outrora bonito agora estava coberto de veias pretas.

Jon havia sido infectado pela magia negra.

CAPÍTULO 2



EU SUFOQUEI UM soluço e recuei, tremendo:

— Não, não, não. Não pode ser.

— Sim, sou eu, Elena. — Jon deu mais um passo em minha direção.

O sorriso dele aumentou, mas seus olhos eram tão negros quanto piche e brilharam com uma coisa que eu não conseguia entender.

— Eu disse a eles que viria. Eu contei sobre a nossa... conexão, disse que você nunca me deixaria para trás.

Eu não tinha palavras. Era ele, meu Jon, mas ainda assim era muito diferente. Um calafrio me percorreu, e eu lutei contra as lágrimas que brotavam em meus olhos. O ar moveu-se atrás de mim, como se Will e Leo tivessem vindo para o meu lado. Suas espadas brilhavam na luz suave, mas eles não fizeram nenhuma menção de ir até Jon. Era como se eles estivessem esperando eu decidir o que fazer. Mas tudo o que eu podia fazer era olhar, esperando e torcendo para que aquilo fosse um pesadelo.

Jon levantou os braços:

— Ah, perfeito. Meus dois súditos leais. Isso sim é uma bênção. O sumo sacerdote vai ficar satisfeito.

Seus olhos negros outra vez encontraram-se com os meus, e meu coração deu uma sacudida dolorosa, como se algo o apertasse por dentro. Ele estendeu a mão, mas eu recuei diante das unhas podres e as veias pretas que pulsavam sob sua pele.

— Venha, Elena. Estaremos juntos novamente. Nada ficará entre nós novamente, eu prometo. — Ele fez uma pausa e depois acrescentou com uma

voz suave. — Eu te amo.

Silenciosamente, ainda sem palavras, tropecei, balançando a cabeça como uma criança teimosa. Eu não sabia o que esperar, mas certamente não era isso. Eu sabia que aquilo era algum tipo de armadilha, mas nunca imaginei que Jon estaria perdido para mim.

Jon parecia sentir minha relutância em reconhecê-lo, em ver quem ele realmente era.

— Sou eu, Elena. Jon.

— Ele não é o Jon — bravejou Will com seus ombros tensos. — Jon se foi. Seja lá o que for essa coisa, isso não é ele. Não mais.

Os olhos pretos de Jon se moveram em aborrecimento.

— Mentira. Tudo mentira. Não o escute, Elena. Sou eu. Olhe para mim. Eu sou o mesmo homem que a salvou quando todos os outros a entregaram à morte. Lembra? Fui *eu*. Eu que a levei até as bruxas. Eu cuidei de você. — Ele deu um passo à frente. — Deixe-me cuidar de você novamente.

Eu tropecei em Leo. Minha espada estava mais pesada do que nunca e começou a escorregar da minha mão trêmula.

— Mas... — eu vacilei, tentando encontrar um vislumbre do homem que eu conhecia dentro dessa criatura que estava diante de mim.

Será que ele estava mesmo ali dentro? Seria apenas uma outra versão dele ou será que a sua alma havia sido corrompida pela magia negra? O homem que eu amava estava perdido para sempre?

— Mas você está doente... — disse eu finalmente, por falta de coisa melhor. *E não sei como fazê-lo melhorar*, eu quis dizer.

As lágrimas caíram soltas pelo meu rosto, e meu coração saltava pela boca com as emoções dentro de mim.

— Eu não estou doente — disse Jon com um leve sorriso. Era quase como se ele gostasse de me torturar assim. — Eu estou melhor.

— Do que o quê? — Will retrucou. — Melhor do que o quê?

— Melhor do que tudo.

Will e Leo trocaram um olhar preocupado. Era estranho ver essa mudança no comportamento de Jon. Eu nunca havia visto essa arrogância antes. O verdadeiro Jon estava se afastando de mim. Parecia que eu estava olhando para outra pessoa totalmente diferente, um completo estranho.

— Eu sou tudo o que você não é — Jon continuou. Ele concentrou-se em mim. — Eu sou mais forte, mais rápido, mais inteligente. Estou mais forte do que nunca. Meu corpo é flexível e rápido. Meus sentidos estão mais nítidos, e eu posso ver no escuro.

— Isso explica a falta de luz aqui — acrescentei, estreitando os olhos. Algo me deixava tensa quando ele olhava para mim, mas eu não desviaria o olhar. Eu não queria que ele visse ou sentisse o meu medo. Embora tivesse medo dele, eu ficava ainda mais apavorada imaginando o que eu seria forçada a fazer se ele tivesse sido completamente corrompido.

— Você tem medo de mim — disse ele com uma voz perturbadoramente casual.

Meu corpo começou a tremer.

— Não — disse ele com a voz branda. — Não há nada a temer, minha Elena.

Eu vacilei diante da forma tão íntima como ele dissera meu nome.

— Eu sou o mesmo homem com as mesmas experiências e memórias. Nada mudou nesse ponto. A única coisa que mudou é que acolhi a sombra e a escuridão, e isso me deu um poder real. Mas não há nada a temer. Você sabe do que estou falando... de ter o seu próprio poder. O poder das trevas só quer nos tornar melhores, assim como foi comigo. O que há de errado em melhorar?

— O meu poder não é nada parecido com isso — disse eu. — Você está

mudado. A escuridão você consumiu. Corrompeu você. — Meus olhos ardiam e meu estômago revirava.

O sorriso de Jon tornou-se selvagem.

— Eu mudei. Eu tenho a força de cinco homens e posso fazer coisas que nunca imaginei ser capaz. É mesmo incrível. Quem não gostaria de provar esse poder? Ninguém seria tolo de não querer. E você pode ter também, caso se junte a mim. Pense no que poderíamos fazer juntos combinando nossas forças.

Eu podia jurar que havia um leve ar de triunfo no rosto dele.

— Junte-se a mim. Junte-se a nós.

— Não. — Fiquei surpresa com meu autocontrole. — O que quer que seja isso, essa *infecção* que se espalha em você, é maligna. Eu posso sentir na minha alma e sei que a minha intuição não mente, assim como sei que o sol nasce no leste todas as manhãs. Não estão certo. É uma doença, uma doença terrível. Não está vendo? Não está vendo o que isso está fazendo com você?

— É claro que vejo.

Ele levantou uma sobrancelha e tombou a cabeça para o lado. Sua pele pálida parecia irradiar um brilho doentio sob a luz.

— Eu me tornei um homem melhor, o homem que sempre quis ser. Eu relutei no começo, sabe. — Ele passou os dedos pelo cabelo, e o gesto familiar quase me amoleceu por dentro. — Eu relutei por você — ele continuou. — Lutei até que não houvesse mais forças sobrando em mim... até sentir o hálito da morte. Mas quando aceitei a escuridão, tudo ficou claro. Eu sabia que era a coisa certa a fazer. Assim como você, Elena, quando receber a escuridão como eu fiz. É maravilhoso. Você vai se sentir maravilhosa.

Ele sorriu para mim outra vez, e um líquido negro escorreu dos pequenos cortes e rachaduras em seus lábios outrora sensuais.

— Venha aqui, Elena — ele ronronou.

Ele estendeu a mão novamente, e senti meu corpo se inclinando para ele.

— Não! — bravejou Leo.

Eu fiquei paralisada, estupefata com o que eu havia feito quase.

Eu senti a respiração de Leo no meu ouvido quando ele agarrou meu cotovelo e o apertou com mais força do que o necessário.

— É você que ele quer. Não chegue perto dele. O nosso Jon se foi. É tarde demais.

Eu havia aprendido a ouvir os instintos de Leo e a confiar no meu próprio instinto também. *O nosso Jon se foi.* As palavras dele ressoaram na minha mente. Eu sabia que isso seja verdade, mas meu coração não queria acreditar.

Tentando me conter, encarei aqueles olhos enegrecidos:

— Você sabe que eu não posso segui-lo, Jon. Não mais.

As palavras saíram da minha garganta como se tivessem sido arrancadas. Senti que minha alma estava morrendo quando olhei para a criatura que antes era o homem que eu amava. O homem que eu ainda *amo*.

Houve um lampejo de raiva no rosto de Jon, e suas feições abatidas se retorceram grotescamente. Ele balançou a cabeça e sorriu lentamente:

— Ah, Elena — resmungou ele. — Você me decepcionou.

Com um movimento rápido, ele puxou uma espada longa da bainha presa em sua cintura.

— Eu não queria ter de fazer isso. Esperava que você se rendesse a mim sem uma luta. Pensei que o nosso amor seria suficiente, mas você sempre foi irritantemente teimosa. Essa é uma falha que será curada em breve. Não é sem pesar que terei de matar você e seus amigos.

Suas palavras me atingiram como um soco no estômago. Um arrepio frio percorreu minha alma. Esse poderia ser o nosso fim. Talvez eu nunca o tivesse de volta.

Os olhos de Jon brilharam em fúria quando ele deu alguns passos com a

arma na mão:

— Pelo que vejo, Elena, você tem duas opções. A mais inteligente seria aceitar a minha oferta e vir comigo. A segunda opção é eu matar todos vocês.

— Ele levantou suas sobrancelhas. — O que será?

Will e Leo vieram para perto de mim.

É isso, eu disse a mim mesma. Este é o dia em que Jon morrerá. Este é o dia em que ele se perderá de mim para sempre.

Apertei o punho da minha espada curta. Eu tremia toda de raiva pelo sumo sacerdote e jurei que o faria pagar por aquilo. Eu o faria pagar com a sua própria vida.

Contudo, mesmo com a espada firme em mãos, eu sabia com toda certeza que nunca seria capaz de machucar Jon. Mesmo nesse estado demente e corrompido, eu nunca seria capaz de machucá-lo. Jamais. Tinha de haver outra maneira...

Eu cerrei meu queixo e dei um passo cuidadoso para a frente.

— O Jon que eu conheço nunca ameaçaria matar ou ferir nenhum dos seus amigos, nem a mim, de forma alguma.

Inclinei meu corpo suavemente para a frente e acrescentei:

— Eu sei que está aí, Jon. Combata isso.

Por um breve momento, vi uma centelha de reconhecimento em seu rosto, mas desapareceu tão rápido que achei ter imaginado tudo.

O rosto de Jon se retorceu em um sorriso:

— Esse Jon era fraco — disse ele. — Esse Jon estava claramente enfraquecido pelo amor que sentia por você. Mas eu sou mais forte, sou melhor. O seu Jon se foi para sempre.

— Não acredito nisso — meus olhos ardiam. — Deve haver uma maneira de curar essa doença, de impedir que a magia negra se espalhe pelo Fosso e o resto da Ânglia. E quando eu descobrir, vou curar você. Eu prometo.

— Você promete? — riu Jon. — Você *não* conseguiria. Nenhum de vocês. Enquanto falamos, a magia se espalha para o sul e o oeste de Ânglia. E logo vai se espalhar para todos os cantos de Arcânia e depois para o resto do mundo. A sombra e a escuridão irão consumir tudo e todos. Elas não pararão até conquistarem tudo.

Enquanto tentava assimilar essa nossa informação, Jon avançou e cortou o ar na minha frente com sua espada.

Leo me puxou por trás antes que me desse conta do que estava acontecendo, e a espada de Jon passasse a centímetros do meu rosto. Mais rápido do que jamais havia visto, Will atirou-se para a frente, chutou Jon no peito e o trancafiou numa cela.

Com raiva, Jon atirou-se contra as barras de metal:

— Você vai morrer! Morra! — Ele soltou um uivo gutural que congelou meu sangue. — Aqui! Os infiéis estão aqui! — Ele gritou. — A donzela de aço também!

Leo apertou meu braço:

— Precisamos correr. Agora!

Eu sabia que ele estava certo, mas minhas pernas não queriam se mexer.

— Não posso... não podemos deixá-lo aqui.

Porém, recuei quando Jon bateu a cabeça contra as barras de metal, se debatendo como um animal selvagem.

— Sim, podemos, a menos que queira morrer aqui em baixo e ficar igual a *ele* — bravejou Will indo em direção à saída.

— Não! — soltei meu braço e vi o aborrecimento no rosto de Leo.

— Isto não fazia parte do plano, Elena — ele sussurrou de forma que só eu o ouvisse. — O plano era resgatá-lo, *se* ele ainda estivesse vivo.

— Ele ainda *está* vivo! Ele está doente.

Cerrei os dentes enquanto meu desespero aumentava. Eu precisava

descobrir uma maneira de salvar Jon:

— Tem de haver outra maneira.

Will deu meia volta e interrompeu:

— Se houver, que não pensemos nisso até sairmos daqui. — Seus olhos se arregalaram. — Ouvi passos vindos dos andares de cima. Precisamos ir.

Eu limpei o suor da minha testa com as costas da minha mão. Olhei novamente para Jon através das grades da cela. Os olhos pretos de Jon me espreitavam com um brilho monstruosamente voraz. Ele parecia ter desistido de lutar contra as barras, e seu corpo tremia. Um suor revestia a pele de seu rosto, como se ele tivesse febre alta. A magia que fluía em suas veias era uma doença, sombria e fria. Comigo não era assim, a magia que fluía em mim era quente e clara. Embora fôssemos tão diferentes, nós dois estávamos possuídos pela magia. E, então, tive um estalo.

— As bruxas. Sim, as bruxas podem ajudar.

Olhei para o rosto daquele que tanto amava, mas seu sorriso sinistro causou uma nova onda de arrepios em minha espinha.

— Se nós o levássemos com a gente.

— E como você pretende fazer isso? Ele nos matará antes que consigamos sequer sair do templo — disse Leo.

— Não podemos fazer nada por ele agora. Se você está certa, e espero que esteja, a única saída é voltarmos para tirá-lo daqui quando for mais seguro. Então, poderemos ir aos Portos Cinzentos.

— Eu não vou desistir dele! — lágrimas rolaram pelo meu rosto quente.

Leo apertou meu braço:

— Você não vai. E nós também não. Mas agora não podemos fazer nada por ele. E se ficarmos, iremos morrer. Jon não iria querer isso.

Eu pisquei em meio às lágrimas. Eu sabia que ele estava certo. Jon olhou para mim de forma insensível, indiferente, sem expressão. Embora visse o

rosto de um estranho, eu sabia que meu Jon estava preso ali dentro e eu iria libertá-lo.

Jon segurou as barras de metal.

— Não me deixe, Elena. — suas palavras rasgaram a minha alma.

Quando abri minha boca para dizer alguma coisa, Leo me puxou. No começo, eu lutei, mas então o deixei me levar. Eles estavam certos. Não havia nada que eu pudesse fazer por ele.

— Elena! Não me deixe. Eu te amo...

Droga! Nem pude olhar para o Jon. Eu quase não conseguia acompanhar Leo na corrida, porque a dor de deixar Jon estava me consumindo. Eu mal consegui subir as escadas.

Mas fiz o que tinha de fazer.

Will havia desaparecido nas portas da prisão. Ouvi o som de espadas antes mesmo de ver os quatro guardas do templo que haviam surgido. Seus olhos também ardiavam com aquela doença maligna.

Will foi o primeiro a usar suas habilidades contra os guardas. Depois, Leo correu em seu auxílio. Era um milagre que Will e Leo conseguissem se desviar de tudo. Mas eles não durariam muito tempo, porque os guardas eram igualmente habilidosos, mas nunca se cansavam.

— Matem a donzela de aço! Não a deixem partir — ordenou um dos guardas.

Um guarda interrompeu seu ataque contra Will e correu na minha direção, com a espada erguida bem alto.

Mas eu não me mexi. Fiquei paralisada. Foi só quando ouvi Leo gritar de algum lugar que saí do meu transe.

Levantei minha espada a tempo de desviar o golpe que teria cortado minha cabeça. Desviei dos demais ataques do guarda e consegui cortar seu estômago. Ele cambaleou. Seu rosto estava retorcido em uma mistura feia de

intenção assassina, raiva e frieza.

Essa ferida teria incapacitado um homem normal, mas esse guarda estava infectado pela magia. E dentro de uma fração de segundo, ele lançou outro ataque. Ele começou uma série de ataques em todas as direções, tentando me matar. Bloqueei, me esquivei e defendi todos os seus golpes. Exceto um.

Sua espada cortou minha coxa esquerda. Gritei de dor e caí contra uma parede, uma enorme cortina dourada amorteceu a minha queda. Eu podia sentir o sangue escorrendo por minhas pernas.

Eu tinha de lutar para permanecer viva. Olhei para Will e Leo. Seus rostos estavam suados e seus olhos mostravam a mesma frustração e medo que eu sentia. Nós não conseguiríamos derrotá-los. Eles nos matariam no final. Mas, então, tive uma ideia:

— Will! Leo!

Eu chutei meu invasor no joelho com a perna boa, e ele caiu. Sem parar, agarrei a cortina e puxei, prendendo o guarda dentro dela. Will e Leo logo viram meu plano e, antes que os guardas dessem conta do que estava acontecendo, pegaram a ponta da cortina e prenderam os outros três. Os guardas se debatiam.

— Depressa, isto não irá segurá-los por muito tempo. Além disso, mais guardas virão — disse Leo.

Não precisava falar duas vezes.

Ignorando a dor na minha perna, parti atrás de Will e Leo. Concorremos com cuidado sobre o piso escorregadio até a entrada principal. A mesma multidão de antes estava lá fora, mas eles ficaram tão surpresos ao nos ver que isso nos deu a vantagem de que precisávamos. Corremos em direção aos portões e fiquei surpresa ao vê-los desprotegidos. Meus olhos se encheram de lágrimas quando vi os corpos dos nossos companheiros caídos onde haviam lutado por nossa entrada. Eles haviam morrido em vão. Nossa tentativa de

resgate fracassara, e eu nunca me perdoaria. A morte deles era culpa minha.

Deixando a Cidade das Almas, galopamos pela noite, levantando poeira na estrada principal, rumo ao sul. A cada galopada, mais sangue jorrava da minha coxa, mas senti aquele familiar formigamento dos meus poderes de cura quando minha ferida começou a cicatrizar sozinha.

Eu era uma donzela de aço do mesmo clã da minha mãe e uma bruxa. Buscar respostas nos Portos Cinzentos era a única saída. Eu precisava de respostas — respostas sobre mim, sobre minha mãe e sobre a praga negra. Se alguém sabia alguma coisa sobre essa magia, eu tinha certeza de que seriam as bruxas.

Eu vacilei algumas vezes, perdida nas imagens de Jon. Eu me lembrei do seu olhar cheio de ódio. Isso doía mais do que eu gostaria de admitir. Ele estava fora de si. Eu precisava me lembrar disso.

Mas *eu* o traria de volta ao normal.

A única a coisa que me fazia continuar era a esperança, esperança de que poderia encontrar uma cura e libertar Jon da magia negra. Meu corpo se alimentava dessa esperança, e isso me enchia de forças. Quando dei por mim, já estava chegando ao Fosso.

O vilarejo estava em meio à escuridão, exceto onde uma luz amarela saía das janelas quebradas. Torci o nariz quando senti o cheiro de urina. Eu nunca me acostumaria com o cheiro do Fosso. Ainda havia alguns sinais de vida nas ruas. Homens e mulheres caminhavam no chão enlameado, especulando sobre a praga que vinha da Cidade das Almas. Eles achavam que era uma nova doença. Eles só não haviam percebido que se tratava de algo sobrenatural. Seus olhos arregalados mostraram que eles estavam com medo, mas não o bastante.

Os sons, os cheiros, tudo à minha volta no Fosso lembrava ao Jon, e isso me dava um aperto no coração. Mantive minha cabeça enquanto

caminhávamos por aquelas ruas estreitas.

Quando chegamos à minha rua, estremeci. Uma luz dourada escapava da única janela da nossa casa em ruínas. Era estranho que a Rose ainda estivesse acordada a uma hora dessas. Era meia-noite. Ela andava preocupada comigo, e seria bom se ela soubesse a verdade... toda a verdade.

Eu abri a porta e vacilei.

Ali, sentada ao lado de Rose, estava a grande bruxa, Ada.

CAPÍTULO 3



LEVOU alguns segundos para me recompor e meu cérebro processar o que eu via.

Ada, a grande bruxa dos Portos Cinzentos, parecia a mesma de sempre. Ela usava o mesmo vestido verde disforme que combinava com seus olhos. As linhas de expressão em seu rosto de porcelana revelavam seu conhecimento e sua experiência. Seu cabelo branco estava preso em um coque no topo da cabeça e, ao lado de sua cadeira, havia um cajado de madeira com rostos de diferentes animais esculpidos. Em seu pescoço, havia uma longa corrente com um pingente de pentagrama em forma de uma estrela dentro de um círculo, a estrela da vida, o símbolo da bruxaria e da magia.

Reconheci as outras duas bruxas sentadas ao lado dela também. Sylvia era uma bruxa de meia-idade do clã das Bruxas Brancas, assim como Ada. Ela havia ajudado a curar a minha ferida. E Maya, do clã das Bruxas Áugures, uma das videntes. Sua cabeça careca e sua pele negra faziam seus olhos prateados se destacarem como duas luas brilhantes. Ambas as bruxas usavam os mesmos vestidos de linho, Sylvia na cor terracota e Maya na cor laranja.

Quando finalmente voltei meu olhar para Rose, percebi que seu rosto estava mais pálido do que o habitual, e ela se recusava a olhar para mim.

Will e Leo vieram para trás de mim e encostaram na parede, deixando a maior distância possível entre eles e as bruxas. Mas como o lugar era pequeno, isso não ajudou muito.

Eu fiquei na frente da mesa. As bruxas não se aventurariam no Fosso só para saborear nossa cerveja amarga ou ficar em nossas estalagens

desconfortáveis e fedidas. Contudo, havia três bruxas ali. Esse deveria ser um recorde do Fosso. Tirando eu e minha mãe, a presença das bruxas só podia significar problemas. Nem me dei ao trabalho de perguntar como elas sabiam onde me encontrar. Afinal, elas eram bruxas, seres muito engenhosos. Talvez Maya tivesse visto algo em uma de suas visões. Quando finalmente encontrei minha voz, perguntei:

— O que aconteceu?

— Quer dizer, além da praga negra? — disse Ada.

Suas palavras me atingiram com força, e o tom dela doeu um pouco. Eu sabia que ela não estava me acusando nada, mesmo eu *sendo* parcialmente culpada por tudo aquilo. Aguentei firme e não me esquivei do olhar intenso da bruxa.

Ada suspirou, e pela primeira vez eu realmente vi a idade dela. Ela parecia ancestral.

— É pior do que pensávamos. Muito pior.

Eu me inclinei e coloquei minhas mãos sobre a mesa:

— Como assim?

A bruxa mestra não disse nada por um momento e seu rosto continuava impassível.

— Como disse antes, nós sabíamos que algo estava errado com a chegada desses sacerdotes ao Templo do Sol. Sentimos uma mudança no equilíbrio... do equilíbrio entre a luz e a escuridão. Algo que poderia alterar o equilíbrio do mundo e destruí-lo.

Ela parou por um momento e balançou a cabeça:

— Mas nunca soubemos ao certo que poder era esse. De alguma forma, eles ocultaram isso de nós.

— Ainda não sabemos como eles fizeram isso — Maya interrompeu.

Ela não estava olhando para ninguém em particular, mas seus olhos

brilhavam com tal força que isso me deixou fascinada.

Ada assentiu com a cabeça:

— Mesmo assim, suspeitávamos que esses sacerdotes fossem conjuradores de magia. Só não sabíamos de que tipo.

Sylvia se mexeu na cadeira:

— Mas achávamos que eles eram inofensivos, já que não podíamos sentir a magia deles. Em determinado ponto, pensamos que fossem humanos brincando com as artes das trevas... algo inofensivo, mas estúpido. De alguma forma, eles conseguiram esconder seu poder. Nós nunca pudemos senti-lo de fato.

— E agora eles têm a ferramenta certa para agir — disse Maya.

Estremeci involuntariamente sob seu olhar gelado.

— Você quer dizer a pedra, o coração de Arcânia.

— Isso mesmo.

O que eu havia feito? Seria tarde demais? Será que havia condenado Jon?

Fugi do olhar inquietante de Maya e concentrei minha atenção na bruxa mestra.

— Quantos tipos diferentes de conjuradores existem?

Eu sabia das bruxas e dos feiticeiros. E odiaria pensar que havia mais magia maligna em Arcânia.

— Bem... — disse Ada franzindo a testa. — Em primeiro lugar, não é preciso ser uma bruxa para usar magia. Você só precisa estar disposto a fazer os sacrifícios... os sacrifícios *certos* para isso. Você pode tomar emprestado o poder da terra, da própria vida e também da escuridão e da morte. Mas, para isso, você ainda precisa de habilidade e dos antigos ensinamentos.

Ela fez uma pausa:

— Não basta decidir que irá usar a magia. Há mais coisa envolvida. É preciso muitos anos de prática, mas às vezes nem isso é o bastante.

Ela sorriu para a minha expressão confusa.

— Sim, isso acontece — ela continuou. — Algumas bruxas e feiticeiros perdem a conexão. Mesmo aqueles que nasceram com a magia, por vezes não conseguem usá-la.

Como eu! Eu quis acrescentar, mas mantive a boca calada.

— Nós somos bruxas de sangue. Nascemos com a magia natural, mas está claro que eles não. Então, *eu* acredito que eles conseguiram esconder essa magia de nós por ela ser *diferente* — ela olhou para as outras duas bruxas, arqueando as sobrancelhas.

Ela voltou seu olhar para mim outra vez:

— Aqueles que aprendem os caminhos da magia antiga podem conjurá-la sem terem nascido nesse meio. Assim como esses sacerdotes.

— Então... — cocei minha cabeça. — Você acha que os sacerdotes são homens normais que usam magia? Mas como isso é possível? Eu vi o que o sumo sacerdote fazia antes de usar a pedra. Ele tinha uma magia poderosa. Nenhum homem comum poderia exercer tal poder. Como ele conseguia?

— Por meio de sangue, muito sangue.

— Sacrifícios humanos? — pensei no jovem que havia visto pendurado na Cidade das Almas e segurei o vômito.

— Sim, sacrifícios de sangue — disse a bruxa anciã. — Não importa se as vítimas estavam dispostas ou não, contanto que os sacerdotes obtenham o sangue delas. Os sacerdotes esconderam suas verdadeiras identidades para que pudessem ganhar o poder da magia. Eles mesmos não tinham poder. É por isso que criaram esta ridícula corrida há tantos anos. Mas nosso erro foi pensar que eles nunca seriam capazes de manipular o poder da pedra. Não percebemos a verdadeira natureza da estratégia. A corrida sempre foi um meio de encontrar o campeão deles.

— E eles conseguiram.

A vergonha na minha voz a tocou, e ela sorriu gentilmente para mim. Mas isso não diminuiu a sensação de culpa. Se eu pensasse demais nas consequências do que havia feito, eu ficaria louca.

— Sim — disse Ada depois de um momento.

Olhei em seu rosto e vi um breve lampejo de dor nos olhos dela.

— E quando eles reivindicaram o poder da pedra, sua verdadeira natureza foi finalmente revelada.

— Como feiticeiros — interrompi eu. Essa era a única coisa que fazia sentido para mim.

— Como algo muito pior — disse a bruxa mestra. Uma grande veia palpitava na testa dela.

Um nervoso percorreu minha espinha:

— Como o quê?

Ada cruzou as mãos retorcidas sobre a mesa:

— A princípio, pensamos que fossem feiticeiros ou mesmo Bruxas das Trevas... mas estávamos erradas.

— Então o que eles são, já que não são feiticeiros? — perguntou Leo. — Que tipo de monstros esses malditos são?

— O pior deles. — Ada hesitou, como se esperando conseguir a atenção de todos. — Eles são o que chamamos de *necromantes*.

— Necromantes? — eu franzi a testa. — Nunca ouvi falar deles.

— E nem deveria — disse Sylvia. Ela enrolou os dedos no tecido do vestido. — As bruxas baniram os necromantes dessa parte do mundo milhares de anos atrás. — Ela abriu a boca para continuar, mas, no último instante, mudou de ideia.

Eu fixei meu olhar em Ada novamente:

— Mas pelo que você diz, eles não foram todos banidos. Então, *o que* eles são?

Não pude deixar de perder a paciência com a velha bruxa. Eu queria que ela falasse tudo de uma vez. Estávamos perdendo um tempo precioso, que poderia ajudar a salvar Jon.

A expressão de Ada era rígida em meio às rugas.

— Eles são o pior tipo de mal. Os necromantes são podres. Tiram sua força das sombras e da escuridão, da morte e do reino da própria morte. Sua magia negra pode sugar almas, levar suas vítimas à loucura, e o mais forte da sua espécie pode até invocar forças demoníacas e abrir portais para outras dimensões. Eles distorcem e corrompem a magia.

— E eles estão aqui em Ânglia.

Cravei meus dedos no tampo da mesa e cerrei meu queixo até doer. Eu não sabia por que estava tão surpresa ao ouvir quão poderosos e malignos esses sacerdotes necromantes eram. Eu havia lutado contra um deles e, se não fosse pelas minhas habilidades mágicas, eu teria morrido. Eu os via como humanos, humanos matáveis. Agora eu tinha de começar a pensar neles de forma muito diferente. Quanto mais ouvia a velha bruxa, mais poderosos eles pareciam.

Pelo que eu sabia, havia seis sumos sacerdotes em Arcânia, o que só podia significar que havia seis necromantes.

— Contudo — prosseguiu a bruxa mestra — um necromante não pode invocar nenhum poder sem o uso de magia.

Eu suspirei e limpei o suor da minha testa com a palma da minha mão:

— Mas eles usam magia. Eu já vi. Já *senti*.

A bruxa mestra balançou a cabeça:

— Você não entendeu. Os necromantes não são bruxas de sangue. Eles não nascem com magia, como eu e você. Eles devem tomar sua magia *emprestada*.

Eu me inclinei para a frente, curiosa.

— Homens que pegam magia emprestada? Parece quase impossível. Isso significa que qualquer um pode usar magia ou ter poderes mágicos?

— Sim e não. Não é assim tão simples. — o rosto da bruxa anciã parecia ter ficado sombrio.

— A maioria das pessoas tem medo de qualquer coisa que tenha a ver com magia. Mas há e sempre haverá uma porcentagem muito pequena de pessoas curiosas, que não têm medo. Contudo, a magia nas mãos de uma pessoa inexperiente pode levar à morte. É preciso um tipo especial de pessoa para fazer os *sacrifícios* necessários ao uso da magia. É preciso pagar o preço final e sacrificar sua humanidade e sua alma para adquirir o poder da magia.

Tentei absorver aquelas informações, escondendo o arrepio que passou por mim.

— Então, onde está a fonte do poder deles? De onde estão pegando emprestada essa magia?

Ocorreu-me, então, que, se pudéssemos encontrar a fonte da magia e *destruí-la*, talvez tivéssemos chance de combater e matar esses malditos sacerdotes. Se eles pudessem ser reduzidos a homens, a homens normais sem magia, eu poderia matá-los. Eu os *mataria*.

Ada balançou a cabeça e estreitou os lábios:

— Não sabemos. Só posso afirmar que está aqui neste mundo. Tem de ser uma fonte muito poderosa, talvez até mesmo uma fonte ilimitada de magia. Em algum lugar do mundo há uma fenda por onde a fonte de poder chega à superfície e eles podem alcançar facilmente. Sabemos que eles tomam esse poder emprestado há séculos.

— Para mim, está mais para um roubo.

Coloquei a mão na minha testa, sentindo uma dor de cabeça surgindo por trás dos meus olhos. Os sacerdotes do templo do sol haviam tomado tudo desta terra, do povo. Não era uma surpresa que, se encontrassem uma fonte

de magia neste mundo, a tomassem também.

— Mas o que eles querem?

— Poder — disse Ada. — Acima de tudo, querem controlar toda as vidas, para submetê-las à sua vontade. O equilíbrio natural entre a luz e a escuridão já mudou. Um não pode existir sem o outro, não neste mundo. Mas os necromantes estão planejando a destruição total de todas as galáxias, de tudo o que é natural e bom. A escuridão vai se espalhar até consumir toda a luz. Até que não sobre nada deste glorioso mundo verde e azul, até que não haja nada além de cinzas e fogo.

Eu pensei no lago cintilante dos Portos Cinzentos. Era difícil imaginar um paraíso desses em chamas.

— A praga negra. Essa é a escuridão da qual você fala?

Meu estômago se revirou diante do pavor que senti. Eu havia condenado a todos.

— Não importa o nome dado — disse a bruxa mestra. — Há muitos nomes, mas o resultado final é sempre o mesmo.

Ela respirou fundo, tentando se recompor para o que estava prestes a revelar:

— Quando as sombras e a escuridão cobrirem a maior parte do mundo, quando o equilíbrio for perdido, então os portais para os reinos dos demônios serão abertos. E quando se abrirem, os demônios terão livre acesso a este mundo.

— Você só teve um vislumbre desses portais quando passou pelo Braço da Morte — disse Maya.

Seus olhos prateados haviam perdido um pouco de seu brilho, como se ela estivesse perdendo a visão. Ela passou os dedos na cabeça careca.

— Confie em mim, você não quer que nenhum outro portal do reino dos demônios se abra para este mundo. O portal que você presenciou não é nada

perto do que se esconde nos outros reinos.

Minha respiração ficou presa na garganta:

— Os pântanos. Os demônios nos pântanos. Foi por causa de um portal?

Eu me arrepiei toda só de pensar em ver essas criaturas novamente. Será que os corpos desaparecidos haviam sido levados de volta para o reino dos demônios?

Maya assentiu com movimentos rápidos da cabeça:

— Os pântanos não são deste mundo. Eles vêm de outra dimensão, de outro plano de existência, de um outro mundo mais sombrio. Há uma pequena fenda no véu que recobre o nosso mundo, bem naquela travessia. É só uma fenda do tamanho de uma mão, mas ela é grande o bastante para alguns demônios escaparem de vez em quando, antes que ela se feche. O equilíbrio pode curar as fendas *menores* no véu, mas será inútil se houver muitas delas.

A bruxa mestra olhou para mim com uma expressão confusa quando eu balancei minha cabeça. Meus olhos estavam arregalados porque eu já sabia o que ela estava prestes a revelar:

— Com o uso da pedra — continuou a bruxa — os necromantes podem desbloquear outros reinos e criar vastas fendas no véu, por todo o nosso mundo. Não importa se você está aqui em Arcânia ou em Witchdom, a escuridão vai se espalhar a todos nós, sem exceção. Ricos ou pobres, com magia ou sem magia, não importa. Se eles conseguirem abrir um portal para o reino dos demônios, então tudo estará perdido.

Olhei para a velha bruxa com uma mistura de ódio e desespero. Meu coração saltava pela boca, como se eu tivesse acabado de fugir da Cidade das Almas.

Ada fechou os olhos por um momento, e quando os abriu novamente, eles estavam cheios de uma tristeza infinita:

— Sinto que somos tão culpadas quanto qualquer outro. Nós deveríamos ter agido há muito tempo. Se tivéssemos feito isso, nada disso estaria acontecendo. Nós devíamos ter feito algo antes que tudo ficasse fora de nosso controle.

Fiquei apavorada. Eu não pensava na praga negra como algo que não podia ser revertido.

— Mas vocês *podem* pará-la, não é? — perguntei eu. O medo aumentou dentro de mim quando encarei Ada. — Você mesma disse. Eles não são demônios, nem bruxos, são *homens*, homens brincando com magia. Se eles sangram, então podemos matá-los.

Eu me endireitei. Minhas mãos se cerraram em punhos por vontade própria quando olhei para as bruxas, uma de cada vez.

— Nós podemos matá-los, e vocês podem nos ajudar. Vocês podem nos ajudar a curar essa praga. Vocês são bruxas. Vocês têm magia. Certamente podem descobrir uma maneira.

Olhei para seus rostos sem expressão. Nenhuma delas tentou me responder. Eu queria dar um tapa nelas, mas aquele silêncio todo dizia mais que mil palavras.

Meu rosto empalideceu lentamente.

— Jon... ele...

Eu engoli em seco, tentando lutar contra a tristeza que ameaçava me dominar. Pressionei meus lábios trêmulos para me recompor. Eu não podia desmoronar. Não agora, não na frente das bruxas. Meu orgulho não deixava.

Rose finalmente me olhou:

— Onde está o Jon? Você o encontrou, Elena? — perguntou Rose, com ansiedade na voz.

Porém, foi a minha vez de desviar o olhar para esconder as lágrimas dos meus olhos. Eu balancei minha cabeça. Uma dor latejante queimava minha

garganta, e as palavras pareciam custosas:

— Ele está no templo. Ele foi infectado. Eu não pude...

Não consegui terminar. Mesmo assim, tive de lutar contra as lágrimas. Eu não deixaria que as bruxas me vissem chorar. Rose se inclinou sobre a mesa e apertou minha mão. Foi só por um breve instante, mas significou muito para mim.

— Sinto muito pelo Jon — disse Ada. — Ele era uma alma e tanto, um ser único entre os homens. Mas não há nada que possamos fazer por ele.

Ouvi Will e Leo soltar um suspiro atrás de mim. Não precisei me virar para ver o horror e o desespero que estava nos rostos deles. Isso provocou algo selvagem dentro de mim.

Bati com o punho na mesa, mas só a Rose pareceu se preocupar.

— Vocês *precisam* ajudá-lo! — Bravejei.

Não me importava se elas quisessem me carbonizar ou me transformar em um sapo por ser tão impertinente. Tudo o que me importava naquele momento era Jon. Se elas pudessem livrar o mundo daquela praga e combater a magia negra, então eu sabia que poderia ter Jon de volta. Eu as obrigaria a me ajudar nem que fosse a última coisa que eu fizesse.

— Por favor, eu farei tudo o que você pedir — minha voz saiu recortada, tentei esconder meu desespero. Meu coração estava a mil, e meus joelhos estremecidos. — Qualquer coisa. Custe o que custar. Por favor.

A bruxa mestra fixou os olhos em mim. As rugas ao redor de seus olhos pareciam se aprofundar com tristeza:

— É tarde demais — disse ela suavemente. — Nós não temos esse tipo de poder, Elena. Nenhuma de nós.

— Pelo menos, não aqui — disse Maya.

Esperei por mais alguma informação, mas ela só ficou com o olhar perdido no vazio. Seus olhos pareciam enxergar alguma coisa que eu não

podia ver.

— Onde? Onde posso encontrar esse poder? — Uma centelha de esperança cintilou em mim. Voltei minha atenção para a bruxa mestra. — Me diga. Por favor, me diga o que você sabe.

Ada inclinou-se para frente:

— A única maneira de derrotar a praga negra, a única maneira de derrotar a magia, é *com* magia.

Magia. Eu sabia que ela não estava se referindo ao meu tipo de magia, que já havia se mostrado insuficiente contra os necromantes. Mas as bruxas tinham magia também. Eu senti uma pequena centelha de esperança, mas pude ver nas rugas profundas do rosto do Ada que ela estava escondendo algo.

— Faz sentido — disse eu, franzindo a testa. — O que você está escondendo?

A bruxa mestra respirou fundo:

— Você vai precisar de um exército, um exército mágico. Só um grande exército de bruxas teria chance de derrotar os necromantes.

Ada me olhou direto nos olhos e disse:

— Elena, você precisa ir para Witchdom.

CAPÍTULO 4



DEPOIS DE uma noite inteira em claro, meus olhos estavam fundos e meu estômago revirado. E olha que eu nem havia tomado vinho barato.

Meu pescoço estava duro como os carvalhos de Ânglia, e meu coração doía. Sentei-me firmemente em minha sela, toda encapuzada, observando Ada, Maya, Sylvia e Rose se afastarem montadas em quatro éguas brancas como a neve. Fiquei com raiva por me forçarem a partir em uma viagem que eu não queria fazer e as invejava por *elas* não precisarem ir também.

Torak se mexeu debaixo de mim, e me perguntei se ele podia sentir meu nervosismo enquanto me preparava para nossa viagem agourenta e sem esperanças ao desconhecido... a Witchdom, o reino proibido das bruxas.

Segundo as lendas, aquela terra era um deserto de chamas e cinzas. Quem se atrevesse a entrar, teria uma morte dolorosa e sua alma seria atormentada por toda a eternidade. Algumas pessoas diziam que aquele era o inferno na Terra e que suas portas se abriam diretamente para o reino dos demônios. Outros diziam que as bruxas eram filhas do diabo, demônios que se alimentavam da carne das crianças. Depois que entrasse no reino delas, não haveria volta. Até seu espírito, sua alma, ficariam presos para sempre depois que você entrasse lá, e você se tornaria um escravo das sombras, do mal. Se realmente houvesse um Criador ou uma Deusa, faria sentido haver um mal também.

Não só não acreditava que Witchdom fosse o lugar escolhido como seu covil. Não. Em Witchdom, só havia bruxas, mas isso não fazia eu me sentir melhor.

Eu sabia menos das bruxas do que sobre a minha própria magia. Parte de mim se sentia compelida a ir para Witchdom, pois eu queria respostas. Eu queria aprender mais sobre o meu próprio sangue mágico, sobre o que significava ser uma donzela de aço.

Será que eu era mesmo a última da minha espécie?

Eu também queria conhecer a história da minha mãe, antes de ela ir para Arcânia.

Quem era o povo dela? E por que ela havia ficado em uma terra de onde as bruxas são odiadas, em vez de permanecer no santuário dos Portos Cinzentos ou até mesmo em Witchdom?

Eu queria descobrir a verdade sobre ela e talvez até descobrir se eu tinha algum parente vivo. Havia tantas perguntas sem resposta sobre a minha história e sobre a história da minha mãe que eu parecia não conhecer nada de nós duas. Até algumas semanas atrás, eu só era uma ladra que sonhava em escapar o Fosso, mas agora eu era uma bruxa habilidosa em uma missão impossível. Estava claro que a única maneira de obter respostas era embarcando numa traiçoeira jornada até Witchdom.

O pior de tudo, é que eu era a única bruxa nessa missão.

— O que quer dizer com *não* vai? — indaguei noite passada. — Não pode estar falando sério. Por favor, me diga que está brincando. Não. É melhor que esteja brincando.

— Temo que não — a bruxa mestra disse calmamente. — Estou falando muito sério.

Eu me volvei para elas como um animal feroz:

— Estão loucas? — Bravejei, dando um susto em Rose. — Vocês são as bruxas de *verdade*, não eu! Até poucas semanas atrás, eu nem sabia que era bruxa. Não posso ir sozinha! Eu não saberia nem por onde começar ou o que fazer. Eu nem sei onde diabos fica esse reino. Isso é loucura! Vocês não

querem impedir a praga negra? Não querem ajudar?

Mas elas continuaram impassíveis. Eu queria estrangulá-las.

— É claro que sim — respondeu Ada com a voz afiada. Foi como se ela tivesse me dado um tapa na cara. — Você não entende.

— Ah, eu entendo muito bem. — Eu me inclinei sobre a mesa e as encarei até sentir o cheiro de pinheiro das roupas delas. — Vocês preferem se esconder nos Portos Cinzentos e deixar que os outros façam o trabalho sujo, não é? Vocês não querem sujar as mãos. Estou certa?

Rápida como um raio, a bruxa mestra agarrou meus pulsos com a força que uma mulher idosa não deveria ter. Ouviu-se um estrondo, como de um trovão, e a casa estremeceu. Os livros da pequena estante de Rose caíram no chão quando o terremoto de Ada sacudiu a casa e ameaçou derrubar as paredes.

Minha pele queimava como se as mãos dela fossem brasas. Eu sufoquei um grito quando a queimação se intensificou e se moveu lentamente dos meus braços até o meu peito. O mundo pareceu preto e branco. Eu tentei me soltar, mas ela continuou me segurando. Após dar uma última apertada em meus pulsos, ela me deixou ir. Olhei para os meus braços esperando ver alguma queimadura na pele, mas não havia nada. Nem sequer uma marca. Nada.

A casa deu uma última sacudida. Eu dei um passo provisório para trás, mas mantive meus olhos sobre a bruxa mestra. Se não a temia antes, agora a temia aos montes. Eu sabia que ela só havia me dado um vislumbre do seu poder. Ele parecia ser ilimitado. Não tinha nada a ver com a magia negra do sacerdote, que parecia uma mistura de trevas e fogo frio. Seu poder era diferente, porém imensamente poderoso.

Eu pisquei os olhos para desembaçar minha visão. Agora, eu sentia vergonha.

Eu esperava ver uma centelha de medo nos olhos de Rose, mas ela olhou para mim com uma expressão desaprovadora, como se ela também achasse que eu havia passado dos limites. Mas eu não iria pedir desculpas.

Ada me disse pacientemente:

— As bruxas deste lado do mundo, de Arcânia, estão proibidas de entrar em Witchdom. Nós fomos exiladas.

Sua atitude calma havia voltado. Se ela havia ficado com raiva de mim há alguns instantes, agora não estava mais.

— Exiladas? — Eu repeti estupidamente, tentando assimilar essa nova informação. Minha mãe também havia sido exilada? O que as bruxas haviam feito para serem exiladas de seu lar?

— Depois que Witchdom se separou do que é agora Arcânia, alguns ficaram aqui para fornecer refúgio àqueles que ainda poderiam nascer com magia. Veja, não concordamos com a Grande Divisão, quando os portadores de magia e os não portadores foram separados em reinos diferentes. Após as grandes guerras entre os homens e as bruxas, acreditávamos que ainda havia esperança para curar as antigas feridas e unir os dois mundos. Ainda acreditávamos que os dois povos poderiam viver lado a lado em harmonia. Mas, após muitos anos de batalha, o Rei Bruxo se enraiveceu e seu ódio contra os seres humanos se tornou algo sombrio e perverso. Ele nos proibiu de ficar. E se não acompanhássemos as bruxas para o oriente, para a nova Witchdom, então seríamos exiladas.

Havia tanta condenação no tom da bruxa mestra, que ficou claro que ela falava da sua experiência pessoal. Eu me perguntei quantos anos ela tinha.

— E mesmo centenas de anos mais tarde, qualquer bruxa que escolhesse deixar Witchdom para ajudar aqueles que nasceram no reino dos homens também seria banida.

Olhei firmemente para ela:

— O que aconteceria se você tentasse entrar em Witchdom agora?
Algo como medo e arrependimento nublou os olhos de Ada.

— Só morte nos esperaria do outro lado se nos atrevêssemos a entrar lá. Nossas famílias, nossos entes queridos e aliados seriam afastados de nós e seríamos eliminadas do mundo para sempre. Estamos por conta própria.

Meu coração sentiu simpatia com a dor que vi de relance nos rostos de Sylvia e de Maya. Eu não tinha bem uma família, além da Rose, mas lembrar de mim mesma deixando Jon me ajudava a entender como as bruxas exiladas deviam se sentir.

Eu sufoquei a dor no meu coração:

— E mesmo assim você decidiu ficar.

— Sem dúvida — disse a bruxa mestra.

Havia algo além de hostilidade na expressão dela. Eu vi uma dor que ela não conseguia esconder. Ada soltou um suspiro longo, exasperado:

— Eu sei que estamos pedindo muito a você e que pode até parecer tolice. Mas não lhe pediríamos para partir se tivéssemos outra escolha. Nossas tentativas de nos comunicarmos com os governantes de Witchdom fracassaram. Nada chega até lá. Até nossos corvos voltam com suas mensagens ainda amarradas às pernas. Em todos esses anos de exílio, isto nunca aconteceu antes. Nosso exílio nunca nos impediu de obter mensagens do outro lado da fronteira. Mas, agora, parece que alguém ou algo está nos impedindo.

A bruxa mestra trocou um olhar com as outras duas bruxas. Eu podia ver que elas suspeitavam de algo, mas não estavam prontas para compartilhar essa informação, o que só me fazia querer saber mais.

Ada voltou seus olhos para mim novamente:

— Se nossas mensagens não conseguem chegar a Witchdom, então temo que eles também não conseguem se comunicar conosco. É a única explicação

racional. Eles podem não saber sobre a praga negra. Como vê, minha querida, você é a única que pode ir até o reino das bruxas. Você precisa nos ajudar a avisá-las.

— Mas como? — Minha boca estava seca de desespero e de medo. — Você acabou de dizer que quem entra lá nunca mais volta. Você mesma disse que as bruxas deste reino não são bem-vindas.

A bruxa mestra sorriu levemente:

— Sim, mas você é diferente de nós, Elena. Você é uma bruxa de sangue que nasceu *fora* do reino de Witchdom.

— E?

A bruxa mestra entrelaçou os dedos das mãos e me olhou como se estivesse avaliando algo em mim:

— Então, você deve ser capaz de entrar.

— Deve? — Eu olhei para a velha bruxa. — Por que não me sinto melhor com isso? Não pode ser tão simples.

— Não é — disse Maya com uma risada baixinha, incrédula.

Ada lançou um olhar tão sério que me deixaria sem graça, mas Maya continuou sorrindo. Ela me olhou com seus olhos prateados, que brilhavam feito luazinhas. Se aquilo era um desafio ou um aviso, eu não saberia dizer. Contudo, um frio percorreu minha espinha e me esforcei para desviar o olhar.

— O que ela quis dizer?

— Ela quis dizer que será perigoso — respondeu Ada abruptamente. — Escute, Elena...

A bruxa mestra me deu um sorriso, mas pude perceber que era forçado.

— Você não está sozinha. Quando alcançar as fronteiras ao norte da Floresta da Derrubada, procure pelo bruxo Fawkes. Ele estará esperando por você e irá ajudá-la em sua viagem pelas Montanhas Místicas. Depois, prossiga para o leste, até uma capital chamada Lunarís. Peça à Deusa que o

Rei Bruxo ouça o nosso apelo. Você *precisa* convencê-lo a nos ajudar. Do contrário, não restará mais nada no mundo quando você retornar.

A bruxa mestra parou por aí.

Não havia mais nada a discutir. Ficou claro que as bruxas não viriam comigo. Eles não seriam capazes de nos ajudar.

E lá estava eu, em parte culpada por tudo isto e em parte amaldiçoada. Por mais que não quisesse e nem gostasse da ideia, era óbvio que eu *precisava* ir a Witchdom para salvar Jon. Rose estaria segura nos Portos Cinzentos por enquanto; esse era o meu conforto. Eu não sabia quanto tempo a praga negra levaria para se espalhar, mas esperava não chegar tarde demais aos Portos Cinzentos com reforços mágicos.

Leo e Will só conseguiram convencer quatro membros da rebelião de Jon a juntarem-se a nós em nossa jornada: Max, um homem negro de meia idade, com braços tão grossos quanto troncos de árvore; Lucas, um sujeito calado e de olhar nervoso, que parecia ter a mesma idade que Jon; Garrick, o membro mais novo e o único que parecia ansioso para partir; e o último, era um homem bruto, com uma barba longa trançada. Eu não conseguia lembrar o nome dele, porque havia ficado muito ocupada olhando todos os piercings e tatuagens que cobriam a maior parte de sua pele exposta.

Suas montarias eram cavalos comuns do Fosso — magros, mas resistentes. Seus mantos de linho mostravam muitos anos de desgaste, assim como as roupas que eu usava agora. Eu havia queimado as peças que o sacerdote me dera na corrida. Eu não queria nada que me lembrasse a aliança passada que tive com aqueles malditos ou o que eu havia feito em nome do templo.

Nossas armas eram modestas. Nós trazíamos as finas lâminas forjadas com o melhor metal de Ânglia para esta viagem. Não. Nós levávamos as armas que estavam em nossas famílias há anos e tudo o mais que

conseguimos reunir no Fosso. Trouxemos o que estava disponível para nós.

Os novos membros do nosso grupo compartilhavam o mesmo aspecto de quem teve uma vida difícil de combate, assim como Leo e Will. Até mesmo os olhos jovens de Garrick traziam cicatrizes de batalhas, apesar da pouca idade dele. Uma lembrança que só o Fosso poderia deixar. Apesar das faíscas de determinação brilhando em seus olhos, ele não podia mascarar seu medo.

Nós não éramos o bastante.

Seis homens, uma mulher e sete cavalos. Isso nunca seria suficiente.

Infelizmente, a maioria das pessoas queria esperar. Elas pensavam que estariam mais seguras em suas casas improvisadas. Mas o alcance dos necromantes era longo. Mais cedo ou mais tarde, a magia negra iria alcançar a todos, nenhuma casa protegeria ninguém. Nada faria isso.

Eu não podia culpá-los pelo medo. Todo mundo estava assustado. E eu estava apavorada.

Apertei minhas mãos com força nas rédeas para não tremer. As bruxas achavam que eu poderia convencer um Rei Bruxo a me entregar um exército de bruxos? Será que o rei sequer me daria uma audiência? Eu já havia me safado de muitas, mas isso era loucura. E eu não tinha nenhuma carta na manga.

Eu não precisava ser do clã das Bruxas Áugures para *prever* o resultado desta viagem: ela seria inútil. Ada e as outras bruxas tinham uma fé inexplicável em mim ou eram muito tolas. Eu estava mais inclinada a essa última opção.

Talvez eu fosse a última esperança delas. E, se esse fosse o caso, elas estavam condenadas. Eu era apenas uma donzela de aço do Fosso. O que eu poderia fazer?

Eu tentei suprimir o pânico que se desenrolava dentro de mim como um fogo selvagem e soltei uma respiração baixa, instável. Atenção de todos se

voltou para mim, mas eu não olhei de volta. Apesar do terror que tudo isso provocava em mim, eu não mostraria medo. O medo é uma fraqueza. Medo é capaz de matar.

Nessa viagem, eu era a líder. As bruxas haviam me incumbido disso. Não importava o quanto eu odiasse a ideia, esse era o caminho que eu tinha de trilhar.

Jon dependia de mim.

Com a praga invadindo tudo, alastrando morte e contaminação, muita coisa podia dar errado. Tudo poderia ser em vão.

— Se a Deusa existe — sussurrei para os céus — que ela nos proteja.

Desviei os olhos úmidos de Rose e das bruxas, toquei Torak e galopamos a toda velocidade.

CAPÍTULO 5



CAVALGAMOS EM SILÊNCIO.

Will e Leo cavalgavam ao meu lado em seus cavalos caramelos dos estábulos de Jon. Nossos novos membros seguiam atrás. O companheirismo e o cheiro familiar de Torak ajudavam a acalmar meus nervos. Mas mesmo no calor estranho, eu não conseguia me livrar da sensação fria que envolvia o meu coração.

Eu me odiava por ter deixado Jon. *Ele nunca me abandonara.*

Quando os outros homens e mulheres tentavam reivindicar o Coração de Arcânia para si, quando eu havia sido largada para morrer, ele ficara comigo. Jon só se juntara a essa maldita corrida para ficar de olho em mim. E havia salvo a minha vida. Mas a que preço?

Eu limpei as lágrimas dos meus olhos e torci para que Leo e Will pensasse que elas eram provocadas pelo vento. Eu ainda achava estranho eles buscarem uma liderança em mim, que eles estivessem dispostos a superar suas próprias crenças e medos para me acompanhar até Witchdom. Eu não queria ser responsável por todos eles. Eu nunca me importei em ter amigos. Nunca confiei realmente em ninguém, além da Rose, até agora. Até conhecer o verdadeiro Jon.

A ideia de me juntar a uma rebelião me inflamava e satisfazia a minha própria rebeldia natural contra as regras e regulamentos. Mas, acima de tudo, eu queria dar o troco nos sacerdotes. Eu estava ávida para aprender tudo o que podia sobre a rebelião de Jon, sobre o que ele verdadeiramente defendia e seus planos para derrubar o Império. Mas não havia tempo para perguntas, e

o que eu havia aprendido com Will e Leo nos últimos dias não era lá essas coisas. Jon já havia me contado parte disso.

Descobri que a grande rebelião para derrubar os sacerdotes havia começado em Ânglia, duzentos anos atrás, e que os líderes de todos os reinos de Arcânia, exceto dois, planejavam tudo em segredo há anos. Rômila e Girmânia não estavam participando. Será que os romilianos e o girmanianos estavam em conluio com os necromantes todo esse tempo?

Eu também sabia que precisávamos atravessar esses dois reinos para chegarmos a Witchdom. Eu havia guardado um dos mapas de Rose dentro meu alforje, e sabia que, se continuássemos nesse nosso ritmo constante, chegaríamos à fronteira de Rômila em cerca de dez dias.

Estremeci com o medo gelado que eu senti, mas tentei me recompor. Eu não deixaria esse medo me dominar. Eu dei uma olhada para os outros homens. Mesmo em silêncio, eu quase podia ouvir o medo deles. Estava nas sombras de seus olhos, no ar sombrio de seus rostos e na tensão em seus ombros.

O jovem Garrick era o pior. Ele parecia estar sofrendo. Os olhos dele disparavam de um lado a outro nervosamente, sem se deter em nada por mais de uma fração de segundo. Eu senti pena dele e me perguntei por que ele havia se oferecido para nos acompanhar. Ele lançou um olhar na minha direção, e eu rapidamente me virei, com medo de que ele sentisse o meu *próprio* medo. Isso não podia acontecer. *Eu* era a líder. Não podia deixar que eles vissem o terror nos meus olhos. Os líderes não deveriam sentir medo. Eles devem liderar com firmeza. E é isso o que eu iria fazer.

Enquanto cavalgávamos, olhei para a vasta paisagem que se espalhava em ambos os lados da estrada principal. Senti falta dos tons vermelhos e amarelos do outono. As árvores estavam cinzentas e sem folhas, eram como esqueletos. As poucas folhas que ainda haviam nos galhos estavam

enegrecidas e tinham manchas escuras. As terras que rodeavam a Cidade das Almas haviam sido atingidas pela praga. A morte havia recaído sobre tudo.

Eu me encolhi quando passamos por antigos campos de plantação que pareciam ter sido queimados e fechei a minha boca quando enxames de moscas e gafanhotos atingiram meu rosto. Eu quase gritei quando um deles acertou meu olho e grudou nos meus cílios. Resistir ao impulso de abrir a boca e tirei o inseto com os dedos.

Não havia nenhum cavalo, gado, ovelha, nem cabra — nenhum animal para contar história. Por falar nisso, eu não havia visto nenhuma ave durante toda a viagem. Isso não era natural. Não era. O cheiro acre queimava os meus pulmões. Havia um cheiro de bile, de carne em decomposição e de morte. A praga negra havia se espalhado para muito além da Cidade das Almas.

Torak relinchou ruidosamente e balançou a cabeça. Senti suas pernas acelerarem o passo debaixo de mim, como se ele também tivesse pressa de sair daquela estrada e ir para longe das terras assoladas. Os cavalos eram muito mais espertos do que a gente imaginava. Quando os Pântanos Eternos se voltaram contra nós, Torak e os outros cavalos fugiram em busca de abrigo nos Portos Cinzentos. Eu sabia, sem sombra de dúvidas, que os instintos de Torak reconheciam o mal da magia negra dos necromantes. Ele não suportava o cheiro nem a visão da praga. E eu não o culpava. A aversão de Torak apenas aprofundava minha própria sensação de pavor.

Cavalgamos continuamente durante quatro dias. No começo, encontramos alguns viajantes, na sua maioria agricultores e comerciantes transportando provisões. Seus rostos eram esqueléticos, mas seus olhos claros mostraram que eles ainda não haviam sido infectados com a praga. Mas, à medida que os dias passavam, encontrávamos menos viajantes, até a estrada principal ficar deserta, como exceção de nós.

À noite, nós descansávamos e acampávamos. Max acendia uma fogueira e

fazia o chá, enquanto o resto comia suas escassas provisões de carne seca, pão seco e queijo. Fazíamos nossas refeições em silêncio, e eu dormia longe dos outros.

No quinto dia, chegamos a uma encruzilhada que dava em um vale verde com rios sinuosos e outros caminhos que se cruzavam. Eu podia ver uma cidade surpreendentemente vasta ao pé do vale. Grandes estruturas de pedra calcária, semelhantes às da Cidade das Almas, refletiam uma luz vermelha e dourada ao sol poente; a cidade parecia assustadora e linda.

Tratava-se de Erast. O lar do príncipe Landon Battenberg, o último príncipe real de Ânglia. Eu senti raiva, culpa e tristeza quando me lembrei do príncipe Landon. Eu havia deixado um rostinho bonito mexer com meu coração. Minha mente se perturbava só porque aquele homem lindo e rico havia voltado sua atenção para mim, uma mulher pobre e miserável do Fosso. Eu havia dado ouvido às mentiras de seus lábios quentes, sensuais, e caíra em seus encantos reais. Eu não podia continuar culpando o maldito vinho da família dele. *Eu* em deixei levar por ele, e isso me custou caro.

Não acredito que o deixei me beijar e me tocar, só para ele me largar à morte depois. Eu havia sido tão estúpida e fraca.

Uma estrutura alta e quadrada se erguia no centro da cidade, um enorme pilar de pedra branca que fazia as construções à sua volta parecerem pequenas. Mesmo à distância, podíamos ver uma bandeira vermelha e dourada na torre mais alta, a marca real de Ânglia. Ficou claro que Erast apoiava a pretensão do último príncipe ao trono de Ânglia. Eu me perguntei o que aquelas pessoas tiveram de sacrificar aos sumos sacerdotes para ter permissão de hastear ousadamente a bandeira de Ânglia.

Apesar de ser substancial, a estrutura de pedra branca não era um castelo. Os sacerdotes nunca permitiriam que eles construíssem um verdadeiro lar real. Para mim, aquela bandeira era o mais perto que eles poderiam chegar da

antiga monarquia de Erast.

A cidade parecia tranquila de onde estávamos. A grama era verde e as árvores balançavam com uma infinidade de folhas cores vermelhas, laranjas e douradas. Não havia manchas. Nada estava enegrecido. Talvez a praga ainda não tivesse chegado a Erast. Talvez eles tivessem tido sorte.

Ou talvez não quiséssemos *enxergar* a verdade.

Quanto mais eu olhava para a cidade, mais eu sentia que algo estava errado. Só não conseguia dizer o quê. Não havia nada fora do comum. A cidade brilhava ao sol como uma joia gigante, mesmo assim, eu não conseguia me livrar da sensação de pavor. Minha nuca se arrepiou, e eu senti o mesmo pressentimento de quando vi a onda gigante de névoa cinzenta se movendo para as praias do mar ocidental de Ânglia. No início, não pude ver o mal que se escondia na neblina, mas sabia que estava lá. Eu o *sentia*.

Chamem de intuição bruxa, mas eu sabia que havia algo maligno ali, assim como sabia que, se pisássemos lá, não voltaríamos com vida.

E, então, como se respondendo às minhas suspeitas, a ferida em minha nuca começou a latejar e a queimava como nunca. Era um aviso, assim como havia me avisado antes da magia negra dos sumos sacerdotes dentro do Templo do Sol. A magia negra dos necromantes definitivamente estava em Erast.

Leo apareceu do meu lado direito. Eu sabia que ele queria falar alguma coisa. Dei um puxão firme nas rédeas para que Torak diminuísse o passo. Eu sabia muito bem o que ele estava prestes a perguntar.

Leo olhou para a cidade lá embaixo no vale:

— Você acha que deveríamos avisá-los? Parece que a cidade ainda não foi infectada.

Minha garganta ficou seca quando os outros desaceleraram e se reuniram à nossa volta, pertos o suficiente para ouvirem nossa conversa. Não sei se

algum dia me acostumaria com essa coisa de liderança. Tentei não me encolher na sela, pois o que eu ia dizer era difícil:

— Acho que não é uma boa ideia. — as palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse contê-las.

— Por que não? Poderíamos salvar milhares de vidas.

Eu queria dizer *por causa do sangue de bruxa em minhas veias*, eu posso sentir o mal que existe em Erast; mas, em vez disso, falei:

— Se formos até lá e dissermos que o amado príncipe deles foi morto pelas mãos dos malignos necromantes que usam magia negra, elas nos enforcarão. Eles nos culparão pela morte de Landon.

Olhei para Leo, esperando que ele achasse loucura irmos até lá.

— Eles não acreditarão em nós. Eles não vão acreditar em um grupo de gente miserável do Fosso. Isto é o que somos para eles: ladrões, prostitutas, assassinos; para eles, somos o lixo de Ânglia. Além disso, que provas nós temos? Eles não acreditarão em nós.

— Talvez não à princípio — disse Leo, com tensão crescente na voz. — Mas eles talvez nos ouçam depois de explicarmos a eles. Vale a pena nos passarmos por tolos se pudermos salvar vidas.

A angústia em seus olhos fez meu coração se apertar:

— Olhe, eu entendi. Mas sinceramente, não podemos arriscar agora. Não subestime os necromantes. Eles não deixariam uma de suas preciosas cidades *desprotegida*. Não podemos correr o risco de sermos apanhados. Temos que continuar andando antes que escureça.

— Há famílias e crianças — disse Will.

Fiquei surpresa com a emoção em sua voz, mesmo que seu rosto permanecesse escondido sob seu grande capuz.

— Eu não dou a mínima para os bastardos nobres — ele continuou. — Mas não parece certo deixar as crianças e as mulheres assim.

Essas eram as mais longas frases que ele já havia falado comigo. Percebi que isso era importante para ele. Assim como Leo, Will não estava me entendendo. Eles não estavam conseguindo. Todos me olhavam como se eu fosse uma vadia sem coração.

Será que eles nunca confiariam em mim? Será que eu sempre seria uma bruxa e uma forasteira porque não era como eles?

Eu tinha de agir com cuidado. Eles podiam ter se oferecido para me acompanhar, mas eu não duvidaria que, um passo em falso, e eles me abandonariam.

Eu podia imaginar as crianças cobertas com veias pretas, com olhos sem alma e a pele apodrecendo. Minha voz, quando saiu, era rouca e trêmula:

— Vocês não entendem. Não é que eu não queira ajudar. Eu quero, quero mesmo. Mas continuarmos a nossa jornada é a melhor maneira de ajudá-los. Quanto mais cedo chegarmos a Witchdom, mais cedo voltaremos com a ajuda de que eles precisam.

As palavras pareciam mentira em meus lábios, mas eu esperava que eles não percebessem a minha falta de convicção. A verdade é que eu duvidava das nossas chances de conseguir alguma ajuda sequer. E isso me assustava.

— Eu vou — disse Garrick.

Meu olhar voltou-se para o jovem. Seus cabelos castanhos e despenteados caíam em torno de seu rosto e sobre as bochechas, fazendo-o parecer ainda mais jovem do que ele era. Havia uma esperança inocente nos olhos dele que eu sabia que teria de arruinar.

— Você não pode.

— Eu cavalgo rápido — ele insistiu.

Ele ignorou a carranca que se aprofundou no meu rosto e endireitou-se em sua sela. Seus olhos se voltaram para trás, para os outros homens, e entendi que ele estava tentando provar seu valor a eles.

— Eu sei que não parece — ele continuou, voltando o olhar para mim — mas sou veloz. Além disso, se algum sacerdote estiver lá embaixo, ele não estará procurando por mim.

— Ele tem razão — disse Leo como uma expressão de compreensão em seu rosto. — Se os sumos sacerdotes estiverem procurando por você, Elena, eles estarão procurando por uma *mulher*. Não por um jovem rapaz. Isso pode funcionar.

Eles ainda continuavam se referindo aos necromantes como *sumos sacerdotes*, como se imaginassem ter alguma chance contra eles. Lutei para esconder minha frustração, porque eu precisava da ajuda deles para chegar a Witchdom. Era uma missão suicida ir até lá. E eu precisava de todos se quisesse ter chance de êxito.

— Já é tarde demais — disse eu, me esforçando para manter a voz calma. — Não há nada que possamos fazer por eles agora.

— Não é tarde demais! — insistiu Garrick. — Eu vou rápido e os encontrarei na estrada leste antes do pôr do sol. Eu consigo.

— Não! — Eu gritei. Torak se moveu debaixo de mim e eu tentei me acalmar. — É tarde demais — repeti eu, mais controlada. — A cidade já está contaminada. A praga já chegou até eles.

Silêncio.

Todos me encararam com olhares de desdém que não podiam esconder. Porém, havia mais uma coisa naqueles olhares, alguma coisa que eu não compreendia muito bem.

— Mas como você sabe disso? — perguntou Leo.

— Porque — comecei a dizer, me preparando para o que estava por vir. — Porque eu consigo sentir.

Os homens trocaram um olhar furtivo. Eu não precisava ser uma adivinha para saber exatamente o que estavam pensando.

Portadora de magia. Bruxa. Má.

Desejei que Jon estivesse ali, e meu coração deu uma sacudida dolorosa ao pensar nele. Eles o ouviriam. Não o questionariam, nem pensariam duas vezes nos motivos dele. Apesar de seu silêncio, eu podia sentir o peso da dúvida e o medo no ar. Um por um, os homens retiraram seus cavalos e galoparam pela estrada leste, sem uma única palavra ou um segundo olhar em minha direção.

Eu me endireitei em Torak e fiquei observando eles me deixarem para trás. Embora não tivessem ido para Erast e o grupo permanecesse junto, quase gritei para eles retornarem ao Fosso. Mas não fiz isso. *Idiotas.*

Minhas mãos tremiam nas rédeas de Torak. Antes que pudesse perceber, lágrimas quentes escorreram pelo meu rosto, e eu não me incomodei enxugá-las. Eu não deixaria ninguém me fazer sentir vergonha de ser uma donzela de aço, forte e portadora de magia.

Toquei Torak e partimos estrava adiante.

Cavalgamos em silêncio nos dias seguintes, e ninguém falou mais nenhuma palavra comigo, nem quando levantávamos acampamento. Ficou claro que nosso pequeno grupo de rebeldes duvidava da minha liderança, e tive de morder a língua inúmeras vezes para não os mandar de volta para a droga do Fosso. Apenas o pensamento de Jon me mantinha sã. Ele precisava de mim. Por mais que quisesse descontar neles, eu não podia. Eles já me temiam e desconfiavam de mim, e eu não queria piorar a situação.

Cavalgamos por mais um tempo, até a noite do nono dia. Aquela estrada era responsável pela maior parte do tráfego entre Ânglia e Rômila, e a terra estava tão batida que quase não havia nenhuma poeira. O ar estava mais frio, e podíamos sentir o cheiro de pinheiros, terra úmida, equináceas roxas, margaridas brancas e amarelas.

Desde a nossa pequena disputa perto de Erast, comecei a cavalgar na retaguarda. Eu não me sentia como líder de um grupo de homens que claramente duvidavam de mim e do valor da nossa busca. Durante algum tempo, ouvi apenas o som dos cavalos deles cortando a estrada de terra à minha frente, mas, então, meus ouvidos captaram o inconfundível som de cascos *atrás* de nós.

Num piscar de olhos, parei Torak e empunhei minha espada. Meu coração batia forte contra o peito enquanto eu ficava em espera, me esforçando para ouvir o som novamente, mas apenas o farfalhar das folhas na brisa respondia de volta. Torak mesmo parecia não ter ouvido nada, e eu confiava mais na intuição dele do que na minha. Provavelmente não havia sido nada. Eu devia estar ficando paranoica.

Os outros também pararam e começaram a olhar em volta, à procura da minha ameaça imaginária. Mas desisti com um aceno de mão, e voltamos à cavalgada.

Levantamos acampamento. Montanhas e florestas escuras e impenetráveis erguiam-se ao leste, nas fronteiras de Rômila. No ritmo que íamos, chegaríamos pela manhã.

Durante um momento, os homens murmuraram em voz baixa, sem olharem na minha direção por muito tempo. Até agora, Leo havia sido o único corajoso ou estúpido o bastante para falar comigo. A tensão do grupo estava me atingindo. *Eles* estavam me incomodando. Como poderíamos continuar assim? Nós tínhamos de confiar uns nos outros. Mesmo que eu não fosse a pessoa mais socializável no mundo, eu sabia que não tínhamos chance sem confiança.

Eu já tinha problemas o bastante. Eu não precisava dessa merda.

Fique de pé com um salto e gritei para ninguém em particular:

— Se forem continuar agindo assim, se quiserem me evitar como se eu

estivesse contaminada pela praga, então voltem para o Fosso! Vocês não servem para mim. Saiam daqui. Vão embora!

Praguejei alto o bastante para toda Ânglia ouvir. Fui incapaz de conter as palavras de raiva que saíam da minha boca. Todos arrogantes e ignorantes! Por que estavam ali? Cerrei minhas mãos trêmulas em punho até doer, até minhas unhas cortarem minha pele e sentir o sangue escorrer em meus dedos. Não me importava em perder a calma. Eu estava farta de tudo aquilo.

Soltei um suspiro trêmulo e caminhei de volta para onde havia amarrado Torak, meu único amigo de verdade.

O problema é que alguém já estava lá.

CAPÍTULO 6



FOI TUDO TÃO RÁPIDO que nem tive tempo de piscar. A ponta prateada de uma espada saiu da penumbra, vindo em minha direção.

Desviei para o lado, mas não rápido o suficiente. Senti uma dor imensa quando a espada perfurou meu quadril. Com um giro, empunhei minha arma e consegui bloquear o que teria sido um golpe fatal na cabeça. Mas a força do ataque me derrubou no chão. Aproveitei a chance e dei um chute poderoso que acertou meu agressor no joelho. Ele cambaleou para trás e eu tive tempo para ficar de pé.

Tentei focar no meu agressor em meio às lágrimas. Ele era alto e troncado, com braços grossos e as mãos fortes. A ponta de sua espada gigante estava manchada de sangue, do meu sangue. Ele se movia com a segurança e a graciosidade de um guerreiro experiente. Ele usava um cinturão de couro grosso, recheado com uma coleção de punhais, adagas e facas de caça. Ele estava armado para a guerra. Ele me olhou duramente com seus olhos pequenos e cruéis. Eu me coloquei em posição de combate. Apesar da escuridão, pude ver as cores laranja e amarelas de Rômila em sua túnica e seu manto. Nem havíamos atravessado as fronteiras e os romilianos já estavam atrás de sangue.

Mas por quê? A grande corrida havia acabado. Por que esse romilianos estava tentando me matar?

Pelo que eu sabia, Rômila não entrava em guerra contra Ânglia há mais de quatrocentos anos, isso havia sido antes da era dos sacerdotes. A menos que se tratasse de outra coisa...

Meus pensamentos foram interrompidos pelo som das vozes do nosso bando. Ouviu-se um som de metal no ar quando meus companheiros chegaram e sacaram suas espadas. Eu podia sentir o calor da cura formigando pelo meu corpo e cicatrizando a minha pele de volta.

No entanto, o grande romiliano mantinha seus olhos em mim, sem jamais olhar para os outros. Era óbvio que eu era seu alvo. Ele era um único romiliano contra uma bruxa e seis rebeldes. Levar aquilo adiante era o mesmo que pedir para morrer. Mas, então, vinte romilianos gigantes saíram das sombras da floresta. Estávamos cercados e seriamente em desvantagem.

— Você! — bravejou o agressor. Seus lábios estavam rachados e sua respiração era superficial. O ódio nos olhos dele era suficiente para me deixar paralisada, mas não havia a cólera da praga neles. — Minha Madolina e Imília estão mortas por sua causa! — seu forte sotaque fazia suas palavras soarem forçadas e lentas, como se ele estivesse bêbado.

— Acalme-se, *amigo* — disse eu, levantando a mão esquerda no que eu esperava ser um gesto de paz. — Você está enganado. Nunca toquei no fio de cabelo de ninguém chamado Madolina, ou Imília, a princípio de conversa.

— Você está mentindo, sua bruxa!

Eu levantei minhas sobrancelhas. Então, ele sabia quem eu era.

Interessante.

Ele fez uma pausa, parecendo estar à procura de algo dentro de mim. Ele estava procurando minha magia, como se eu a usasse como um manto ou coisa do tipo.

Leo me encarou, e eu fiz um pequeno movimento com a minha cabeça, esperando que ele pudesse ler meus pensamentos, assim como Jon costumava fazer.

— Você é a causa dessa praga, da morte da terra e das nossas famílias — disse o meu agressor. Ele olhou para mim com olhar duro. Meus braços se

arrepriaram.

Instintivamente, abri minha boca, pronta para dizer que ele estava errado, que eu não era a causa da praga... mas ele estava certo. *Eu* havia dado início a tudo. Mesmo a praga tendo sido lançada pelos necromantes com sua magia negra, *eu* havia recuperado o Coração de Arcânia e entregue o seu poder.

Apontei minha espada para a barriga dele:

— Você está enganado — tentei a sorte.

Eu pude ver o medo no olhar de Garrick, e meu coração ficou apertado.

— Nós somos apenas caçadores — eu menti. — Procuramos um lugar que ainda não tenha sido assolado para retornarmos com alimentos às nossas famílias. Só isso. Será um prazer dividir com vocês se abaixarem suas armas.

— Você amaldiçoou todos nós! — rosnou o mesmo homem. Então, ele deu um sorriso que teria de deixado com trêmula se eu não tivesse uma plateia me observando.

— Eu vingarei a morte da minha Madolina e da minha Imília, com a ajuda do Criador. Eu vou acabar com sua vida e, quando eu terminar com você, você vai desejar ter morrido naquela maldita corrida, bruxa.

Antes que pudesse me dar conta, ele atirou-se contra mim com a velocidade e a agilidade de um monge vermelho.

Senti o ar se mover próximo ao meu rosto e a dor lancinante de um pequeno corte. Dei um salto para trás quando o agressor tentou cortar novamente a minha garganta. Senti um pouco de sangue escorrer pelo meu pescoço. Levantei minha espada acima da cabeça e bloqueei o próximo golpe do meu agressor.

Dei uns passos para trás, com a ponta dos pés, balancei minha espada e girei, desviando do novo golpe. O sangue bombeava em minhas veias, e minha respiração era rápida e curta. Eu me preparei, e ele correu até mim novamente. Ele parecia anormalmente rápido, e sua espada cortou a borda da

minha capa quando me desviei.

Ele atacou outra vez, girando sua arma com um grito de guerra. Eu me defendia e bloqueava, observando seus movimentos e esperando uma deixa para eu que pudesse acabar com ele. Mas ele lutava bem demais para ser considerado apenas um soldado. Não, ele era treinado, ele era um guerreiro.

— Vou fatar você feito um porco! — ele olhou para mim com olhos frios e maus. Um suor escorria em seu rosto, e sua respiração estava ofegante.

Retruquei:

— Quero só ver.

Eu não o deixaria me matar. Muitas pessoas dependiam de mim. Jon dependia de mim. Pensar em Jon me fez estremecer.

O bruto investiu contra mim, balançando sua espada com movimentos amplos. Uma raiva me consumiu. Esse tolo estava pronto para me matar sem me dar uma chance de consertar as coisas. *Droga!*

Usei a raiva como combustível para me defender de seus ataques, um após o outro. Eu sorri diante da surpresa no rosto dele. Qualquer ser humano comum estaria morto a esta altura, especialmente uma mulher fraca e frágil. Mas eu não era uma mera humana. Eu era uma donzela de aço.

Meus pés eram ágeis como as patas de um gato, e eu escapava facilmente dos golpes deles. Porém, eu não era rápida o bastante.

Antes que pudesse me recuperar do golpe anterior, ele me atacava novamente, balançando sua espada contra minha cabeça. Eu caí no chão. Sua espada roçou no topo da minha cabeça e cortou um buraco no meu capuz.

Bastardo! Eu gostava dessa capa. Rose a havia dado para mim e eu não tinha outra.

Com a boca seca e o sangue pulsando com força em minhas veias, defendi um golpe e usei o peso do meu oponente contra ele mesmo, para jogá-lo longe.

Sem tempo a perder, olhei para os outros. De repente, me dei conta de que o ar estava cheio de gritos e grunhidos, do som de metal contra metal e do aço cortando carnes e ossos. Tudo parecia acontecer ao mesmo tempo.

Leo apunhalara um romiliano com o um sorriso de satisfação. Will e Max lutavam lado a lado, fatiando os inimigos com suas espadas, sem nunca perder o ritmo. Com duas lâminas curvas em suas mãos, Lucas movia-se entre os inimigos em uma dança letal, apunhalando-os com precisão mortal, antes que eles sequer vissem o que estava acontecendo.

Os piercings e tatuagens de Nugar brilhavam com seu suor quando ele balançava seu grande machado de guerra em círculos, cortando as mãos e os braços dos tolos que se atrevessem a se aproximar. Com um grande golpe, ele cortou a cabeça de um e fatiou o outro. Sua selvageria e violência eram suficientes para me fazer vomitar. Tomei nota para jamais irritá-lo.

Estávamos nos virando contra esse ataque surpresa, considerando que estávamos em desvantagem numérica. Leo e Will haviam montado bem sua equipe.

Exceto por Garrick.

Vi um traço de sangue escorrendo de um grande corte em sua testa. Seu rosto estava pálido e suado, como se estivesse com febre. Sua espada tombava para o lado, como se estivesse pesada demais para ele. Ele parecia um espadachim inexperiente que jamais havia pego em uma arma de verdade; era como um cachorrinho assustado e fora de lugar. Ele não deveria estar ali. Nossos olhos se encontraram, e eu pude ver seu grito silencioso de socorro, *meu socorro*.

Um romiliano corpulento o rodeou, como se ele fosse uma presa fácil. Com um sorriso malvado, ele levantou sua espada e atacou o jovem rapaz. Eu prendi a respiração, mas, como que por algum milagre ou pura sorte, Garrick bloqueou o golpe com sua própria espada. Mas ele tropeçou e caiu em um

arbusto. Seu manto havia se enrolado, restringindo o movimento do rapaz. Ele estava preso. Eu pude ouvi-lo soluçando quando o romiliano riu e partiu para matá-lo.

— Não! — gritei eu.

Minha boca estava cheia de desespero. *Não o Garrick. Não ele.*

O agressor de Garrick parou e, por um segundo, tive a atenção dele. Eu me encolhi sob seu olhar; essa era toda a distração de que eu precisava.

Tentei correr até Garrick, mas uma dor atingiu minhas costas, e caí no chão. Instintivamente, rolei para o lado, desviando quando uma espada foi cravada no chão, bem onde minha cabeça estivera segundos antes. Minhas costas estão em brasas. Eu sabia que havia sofrido um corte profundo o bastante para rasgar minhas roupas e minha carne. Virei e olhei para os olhos pretos do meu agressor.

— Você me fez *matar* minha esposa e minha filha! — gritou o homem.

Uma sequência de cuspe voou de sua boca. Seus olhos molhados brilhavam com a fúria primitiva de um marido e um pai que não queria mais nada além de vingar a perda de sua família. Eu já havia visto essa fúria antes. Já havia sentido. Eu entendia.

Meus dedos tremeram quando eu agarrei a minha espada e tentei me proteger. Esse homem morreria tentando me matar-me, era um homem que não pelo que viver, e eu estava apavorada.

— Sinto muito — eu comecei.

Fiquei surpresa com a minha própria sinceridade. Eu me afastava um centímetro por vez. A cara assustada de Garrick não saía da minha mente. Por que ele havia se oferecido? Eu não o via mais, e pedi à Deusa que eu ainda tivesse uma chance de salvá-lo.

Voltei minha atenção novamente para o homem louco, aflito, que estava me atacando:

— Eu não queria que nada disso acontecesse —disse eu.

Escorreguei um pouco mais para longe dele e agarrei um punhado de terra com a mão esquerda. Quando olhei para cima, ele parecia ainda maior:

— Eu juro — deixei escapar. — Os sacerdotes fizeram isso. Eles são os culpados. Ouça-me. Eles nem são sacerdotes, são necromantes. Eles estão usando uma magia maligna.

— Mentirosa! — Ele rugiu.

Ele se inclinou até mim, e eu pude sentir o fedor maltado de cerveja barata em seu hálito.

— Falaram que você diria isso. Você está mentindo, sua vadia. Eu... eu os matei. Você me fez matar a minha família, e agora você deve morrer para compensar o que me fez fazer.

Seus olhos brilhavam com uma fúria selvagem, com a loucura de um homem que havia perdido tudo o que ele amava. O som de metal contra metal ainda ecoava pelo céu noturno, e rezei silenciosamente para que os outros estivessem se saindo melhor do que eu.

— Por Rômila — ele gritou, sem fôlego. — Pelo Criador. Por Madolina e Imília. Eu cortarei a sua garganta de bruxa.

Meu poderoso inimigo ergueu sua espada e a balançou como se não pesasse mais do que uma mera pena.

Mas eu fui mais rápida.

Arremessei um punhado de terra no rosto do homem e saltei para o lado. Ele gritou e levou uma das mãos ao rosto. Com a outra, ele tentou me acertar, mas errou. Fui para trás dele e finquei minha espada em suas costas até sentir seus ossos. Mas se pensava que isso seria o bastante para detê-lo, eu estava muito enganada.

A espada escorreu da minha mão quando ele se virou com força sobrenatural, com a lâmina ainda nas costas. Ele rangeu os dentes como um

animal e soltou um rugido gutural. Antes que eu pudesse reagir, ele me agarrou pela garganta com a mão que trazia livre.

Eu tentei me soltar, mas era como se os dedos dele fossem feitos de aço. Eu me debati violentamente, chutando tanto quanto podia — mas eu não conseguia acertá-lo. Ele apertou meu pescoço ainda mais. Eu pude ouvir sua risada. O som do meu coração zunia em meus ouvidos. Será que a minha magia poderia me ajudar a sobreviver sem ar? Será que eu poderia voltar à vida depois de morta? Acho que não. O rosto carrancudo de Ada apareceu em minha mente enquanto eu sentia minha vida e o sucesso da minha missão desaparecer com a pressão da mão do romiliano em volta do meu pescoço.

Meu sangue subiu para a cabeça. Não havia nada que eu pudesse fazer. Eu não podia lutar contra aquelas mãos de aço. Minha magia não me dava esse tipo de força.

Eu não conseguia respirar. Não podia gritar por ajuda. Minha magia não poderia me salvar.

CAPÍTULO 7



OS DEDOS DO ROMILIANO ESMAGAVAM a minha garganta. De repente, um estalo. Por um momento, tive certeza de que havia quebrado o pescoço, mas eu ainda podia mover minhas pernas. Meus olhos pareciam querer saltar. Minha garganta estava em chamas, e eu estava cedendo à escuridão.

Ele me puxou para mais perto dele, tão perto que pude ver os cabelos dentro de seu nariz e sentir sua respiração quente. Eu tentei olhar para os outros, mas o mundo era um borrão de tons cinzentos e pretos. O sangue palpitava em meus ouvidos, e eu senti uma mudança dentro de mim, como se minha alma tivesse estivesse indo embora. Eu estava desaparecendo como uma nuvem de fumaça.

— Sim, você vai morrer — disse ele. — Eu posso ver o medo da morte em seus olhos. A morte é muito mais misericordiosa do que o que a minha família sofreu, do que como elas...

Sua voz saiu recortada. Eu sentiria pena dele se ele não estivesse tentando me matar.

Eu podia sentir o punho da minha espada contra meu quadril. Com o restante das minhas forças, deslizei as mãos para baixo.

Ele me puxou para ainda mais perto, até que os pelos de sua barba roçassem em minha bochecha. Ele sussurrou no meu ouvido:

— Mas você *vai* sofrer. Sim, isso mesmo. Você vai sofrer e queimar com os diabos e demônios torturando sua alma por toda a eternidade no inferno.

Eu agarrei o punho da minha espada. Os olhos dele se arregalaram

quando eu afundei a arma profundamente em suas costas, com toda a força que a Deusa me permitiu ter.

Ele cuspiu sangue no meu rosto e, então, me soltou. Eu tropecei no chão, mas encontrei o equilíbrio. Enchi meus pulmões com o maravilhoso ar frio; embora ele queimasse como fogo na minha garganta, não me importava. A pressão atrás dos meus olhos diminuiu, e lutei contra uma onda de vertigem.

Meu agressor começou a cuspir muito sangue e a se sufocar. Seus olhos se arregalaram de medo antes de perderem a vida. Ele caiu no chão a meus pés.

Por um momento, fiquei ali, olhando para aquele homenzarrão morto, cujo ódio por mim era pior do que o do meu falecido pai. Mas eu não senti nada, nenhuma raiva ou tristeza. Eu não tinha tempo para pensar em como aquilo mexeria comigo.

Eu sabia que Garrick precisava de ajuda.

Arranquei minha espada das costas do morto e me pus de pé. Embora meu rosto estivesse pegajoso e fedesse a sangue humano, nem me dei ao trabalho de limpá-lo. Lutei contra a tontura e as náuseas que ameaçaram me derrubar quando olhei à minha volta.

O chão da floresta estava coberto por sangue e homens eviscerados. Procurei por rostos conhecidos, mas não havia nenhum. Apesar do sangue que cobria a maior parte dos mantos e das túnicas, vi apenas as cores amarela e laranja dos romilianos.

Caminhei em direção aos homens que estavam perto do nosso acampamento. Leo estava curvado e respirando pesadamente, mas estava vivo. Will estava ofegante ao lado dele, Max e Lucas estavam conversando ao lado de algo que eu não conseguia ver. Nugar andava em volta dos corpos caídos, cutucando-os com o pé para se certificar de que eles estavam mesmo mortos. Um dos caídos tentou se afastar, mas machado certo de Nugar foi

de encontro a ele. Todos estavam vivos. Todos, exceto um.

Fui direto para onde Max e Lucas estavam. E lá estava ele.

— Garrick!

Ele estava deitado em uma poça do seu próprio sangue, com o rosto inexpressivo e pálido como a lua. Eu podia ver um corte em seu tórax do tamanho do punho de um homem. Também podia ver camadas de carne e o branco dos ossos em seu interior. Senti vontade de vomitar, mas consegui controlar o impulso. Sabendo que ninguém conseguiria se recuperar de uma ferida dessas, soltei minha espada no chão e caí de joelhos ao lado dele.

Instintivamente, pressionei seus ferimentos com as mãos, numa tentativa de estancar o sangramento. Mas o sangue denso escoava através dos meus dedos, como vinho coagulado.

Os olhos molhados de Garrick se encontraram com os meus, e seus lábios se moveram:

— Não diga nada — falei tentando esconder a umidade dos meus próprios olhos.

Percebi que os outros se reuniram à minha volta.

— Você precisa economizar suas forças. Nós vamos... vamos encontrar um curandeiro. Sim. E você ficará novinho em folha. Agente firme, ouviu?

Minha voz falhou. Eu não sabia se era porque havia sido estrangulada ou porque estava presenciando a vida do rapaz indo embora. Ele era jovem demais para morrer. Ele não merecia isso. Comecei a chorar em silêncio.

Os olhos de Garrick rolaram suavemente.

— Garrick! — gritei.

Mas eu sabia que era tarde demais. A luz desapareceu dos olhos do jovem Garrick.

Eu nunca esperava sentir tanta angústia assim por alguém que mal conhecia. Na verdade, eu não o conhecia. Tudo o que sabia é que ele havia se

juntado a esta busca para me ajudar. E agora ele havia morrido em vão.

Pisquei meus olhos para limpar as lágrimas, estendi a mão e toquei na bochecha dele suavemente, manchando seu rosto com seu próprio sangue. Seus olhos eram da cor do mar ocidental. Não havia percebido isso antes. Ele nunca teria a chance de virar um homem adulto.

Eu me inclinei e sussurrei para que ninguém mais pudesse ouvir:

— Sinto muito. Eu sinto muito. Por favor, me perdoe.

Chorei quando uma onda de emoções me dominou, como se tivesse vindo de algum lugar profundamente escondido dentro da minha alma, só esperando para sair. A dor era mais profunda e mais dura do que qualquer coisa que eu já sentira antes. Não me importava que os outros me vissem chorar; pelo menos, talvez agora eles pensassem em mim como humana.

Quando eu derramei minha última lágrima, uma raiva inflexível explodiu em mim.

— Por quê? Por que ele estava aqui? Ele deveria ter ficado em casa com a família dele. Ele era muito jovem, muito inexperiente.

— Ele não tinha família — disse Max suavemente, mas seus olhos negros estavam sérios.

— Ele era um órfão do Fosso. Ele cresceu nas ruas até que o resgatamos alguns anos atrás. Éramos a única família dele.

Eu tinha mais em comum com Garrick do que havia percebido:

— Vocês não deveriam ter deixado ele vir. Vocês deveriam saber disso.

— Por quê? Quem é você para impedi-lo de fazer algo em que ele acreditava?

O rosto de Max se obscureceu:

— Ele queria estar aqui. Ele acreditava nessa busca, assim como nós. Ele tinha o direito de defender sua terra como qualquer outro homem. Ele acreditava que era a coisa certa a fazer. Há honra nisso. E não vou tirar isso

dele.

Meu coração ficou apertado. Eu sabia que o Max estava certo.

— Todos nós sabíamos no que estávamos nos metendo com quando decidimos vir.

Eu olhei para cima. Leo estava me encarando, seu olhar era tão sombrio quanto o dos outros.

— Garrick conhecia os riscos — disse Leo. — E, ainda assim, ele quis vir. Ninguém pode impedi-lo quando ele põe uma coisa na cabeça. Ele jurou que a veria com segurança em Witchdom. Todos nós juramos. E só a morte pode nos liberar dessa promessa. Ele sabia o que estava fazendo. Todos nós sabemos.

A expressão de Leo ficou ainda mais séria. Não havia nenhuma culpa em seus olhos. Na verdade, eu não conseguia ver nenhum traço de culpa nos outros também. Claramente, eles não me culpavam pela morte de Garrick. Mas eu sabia que, se alguém fosse culpado, seria eu.

Meus olhos ardiam, e tentei combater as lágrimas. Pedi à Deusa que um dia eu pudesse reparar tudo. Por Garrick. Por Jon. Por todos.

Minha raiva se voltou para o verdadeiro inimigo. Embainhei minha espada e saí em busca de respostas. Demorou quase vinte segundos para encontrá-las.

Uma tosse baixa, molhada, soou de entre os corpos.

Rapidamente, encontrei um romiliano de meia-idade, que ainda estava vivo. Seu olho bom arregalou-se em desprezo, e os cantos de sua boca se ergueram em um sorriso. Grande erro.

Com as mãos pegajosas e cobertas do sangue de Garrick, soquei repetidamente o rosto do homem até não conseguir sentir meus dedos.

— Por quê? Por que fizeram isso? Por que nos atacaram? — gritei ofegante.

Minha voz estava rouca, e minha garganta estava pegando fogo. Os outros se reuniram à minha volta, mas não interferiram.

— Nós nem entramos em Rômila! Mesmo assim, vocês nos atacaram no meio da noite como um bando de covardes. Por quê? Desgraçados!

O romiliano sorriu novamente.

Eu fiquei furiosa e me pus cara a cara com o sujeito, com nossos rostos quase se encontrando. Minha respiração era forte e rápida, e senti um cheiro azedo de urina vindo do homem.

— Seu covarde — disse eu com os dentes cerrados e todo o meu corpo tremendo de raiva. — Diga-me agora, ou vou cortar sua garganta aqui mesmo, neste momento e deixá-lo sangrar até morrer. Eu vou fazer isso. Você sabe que eu vou.

— Eu não temo a morte — disse o homem com um sotaque romiliano. Seus dentes estavam sujos de sangue. — O Criador me aguarda — ele resmungou.

Ele fez uma pausa por um momento:

— Além dos portões deste mundo... Eu me juntarei a seu reino e serei limpo de todos os meus pecados... para viver a eternidade no paraíso.

— Isso é conversa fiada dos sacerdotes.

Seus lábios se contorceram:

— Eu farei a vontade do meu sumo sacerdote. O Criador fala através dele... Eu sou apenas um mensageiro.

Saquei minha espada e a aponte para o olho bom que ele ainda tinha:

— Bem, se é a morte que você quer, ei a darei a você.

Minha lâmina tremeu, e precisei uma grande dose de autocontrole para não furar o olho dele por acidente.

— Mas talvez não. Talvez apenas o mantenha vivo tempo suficiente para os javalis e os abutres se alimentarem de você lentamente.

Eu sorri quando vi um pouco de medo nos olhos dele.

Eu mostrei os dentes:

— Diga-me ou eu juro pelo Criador e pela Deusa que vou arrancar seu olho e ficarei olhando você definhando e morrer, gritando em agonia. Não me importo. Eu tenho a noite toda. Eu posso esperar. Você não tem muito tempo. Mas vou mantê-lo vivo por quanto tempo eu puder, para que você morra gritando o nome de sua mãezinha.

— Fale — ordenou Will, pisando ao meu lado. — Ou eu vou ajudar a dá-lo como alimento aos javalis. Os javalis podem sentir o cheiro de sangue a quilômetros. Eles estarão aqui em breve. Fale e acabaremos com isso rapidamente. Nós podemos lhe dar uma morte digna de um guerreiro.

Era bom sentir a camaradagem de Will mais uma vez, mas minha confiança desvaneceu-se quando o romiliano falou novamente.

— O sumo sacerdote de Rômila nos disse... — eu ainda podia ouvir o sorriso de escárnio na voz dele. — Que era vontade do templo, do Criador, que você morresse. Sua Eminência disse que o Criador pouparia todas as nossas famílias da praga — ele fez uma pausa, esperando minha atenção — Mas só se nós trouxéssemos a cabeça da bruxa habilidosa com as lâminas.

— Bobagem — disse Lucas limpando o sangue do rosto com um pano manchado. Mas eu podia ver que ele percebeu as implicações do que o romiliano havia acabado de dizer.

Os sumos sacerdotes haviam colocado uma recompensa por minha cabeça. Nossa busca havia acabado de se tornar dez vezes mais perigosa.

Levantei-me com as pernas trêmulas; minha espada pesava em minhas mãos:

— O que mais? — rosnei.

O romiliano, de repente, tentou soltar uma risada, mas parecia mais o chiado de um animal moribundo.

— Todo mundo está procurando você, bruxa.

— Todos os reinos e todas as cidades em toda a Arcânia... todos querem matar... a bruxa habilidosa com as lâminas. Você nunca mais ficará a salvo. Você é a portadora da morte. E somente quando você estiver morto, é que as terras serão curadas. O Criador fará isso. Você precisa morrer para que o mundo possa ser belo novamente.

Ele deu uma risada tão doentia que arrepiou meus braços:

— Para salvar o mundo... a bruxa precisa morrer.

A risada do romiliano foi interrompida pelo machado de Nugar, quando este cortou o pescoço do homem. Sua cabeça rolou ensanguentada, mas o sorriso permaneceu em seu rosto. Mesmo com o sangue jorrando do pescoço do homem morto, eu podia ouvir sua voz em meus ouvidos.

Para salvar o mundo... a bruxa precisa morrer.

CAPÍTULO 8



ENTERRAMOS GARRICK em cima de um aclive quando o sol se levantou. Cremá-lo seria o mais adequado e tradicional, para que sua alma pudesse chegar ao céu e residir com o Criador, encontrando paz após a vida. Mas não podíamos correr o risco de acender um fogo que entregasse a nossa posição.

De acordo com as nossas crenças, se o falecido não fosse devidamente sepultado, ele poderia visitar os enlutados como um demônio que atormentaria suas famílias para sempre. Porém, uma fogueira e o cheiro da fumaça só entregaria a nossa localização para as hordas de pessoas com raiva e desespero que queriam me matar. Embora tenhamos concordado em enterrar Garrick, eu podia ver que aqueles homens se esforçavam para lançar mão das crenças que ocupavam suas mentes desde que eram crianças.

Rose sempre me deixara questionar minhas próprias crenças. Ela nunca havia ficado do lado dos sacerdotes, nem de qualquer religião. Rose acreditava que o Criador estava em todas as coisas e que era possível ter fé em um poder maior em seu coração, em sua alma. Ela sempre me dizia que era possível ser espiritual sem ser religioso. Eu nunca havia compreendido verdadeiramente o que ela queria dizer com isso até eu ver o mal perpetrado pelos sacerdotes em nome da religião. Minhas crenças na Mãe Terra, aa Deusa e em sua própria magia estavam cada vez mais fortes.

Embora tenha dito isto aos outros, depois de enterrarmos Garrick e fazermos orações silenciosas por sua alma e sua jornada na vida após a morte, senti um sussurro do vento na minha bochecha, como se a própria Deusa estivesse me dizendo que cuidaria do jovem rapaz.

Max era quem mais sofria com a morte de Garrick. Ele se pôs a cavar a sepultura de Garrick sozinho, como algum tipo de punição. Eu só podia imaginar que ele, de alguma forma, havia convencido o jovem a partir nesta jornada ou que talvez tivesse prometido o que o manteria a salvo. Após o enterro, Max se interiorizou. Ele obviamente estava travando uma batalha interna, e parecia que nada o traria de volta. Eu teria de ser mais compreensiva com ele.

Contundo, eu não conseguia parar de me culpar pela morte de Garrick. Ele não deveria ter vindo.

Quando juntamos nossas coisas para partir, não pude deixar de me sentir exposta a céu aberto. Nós não havíamos encontrado nenhum viajante ou mercador, o que era estranho para essa época do ano. Eles normalmente estariam mundo afora vendendo suas mercadorias e abastecendo-se antes do inverno chegar.

A estrada estava muito desolada, muito quieta. As florestas eram densas, com pinheiros gigantes e espessas paredes de coníferas, mas os romilianos haviam nos encontrado facilmente, mesmo no escuro. Nós estávamos nos aproximando da sua fronteira. Eu sabia que mais deles poderiam vir atrás de mim. Havia apenas seis de nós. Se outro grupo de guerreiros tão habilidosos quanto os que enfrentamos noite passada nos encontrasse, eles nos massacrariam.

O som dos cascos dos nossos cavalos na estrada de terra poderia ser ouvido de longe. Nós estávamos sendo descuidados. Em meio à dor da perna, nos esquecemos de pensar. *Eu* havia me esquecido de pensar. Comecei a ficar ansiosa. Nós não podíamos continuar na estrada principal, indo até Rômila. Nós tínhamos de encontrar outro caminho.

Eu abri meu mapa.

— Devemos sair da estrada principal — disse eu. Esta era a minha missão,

e eu precisava liderar. Agora que havíamos perdido um inocente, eu não seria tão descuidada com suas vidas novamente.

— Não podemos entrar em Rômila assim, tão expostos. Ninguém mais está na estrada, vamos chamar muita atenção. Depois do que aconteceu ontem à noite, haverá mais a nossa procura... à minha procura.

Todos acenaram com a cabeça, em um acordo silencioso. Alguns olhavam para mim, mas a maioria deles ainda desviava o olhar. Olhei mais atentamente para o mapa.

— Haverá muito mais gente nos procurando, possivelmente até mesmo girmanianos. Então, temos de ficar nas sombras, em estradas menos percorridas. Não vejo nenhuma outra estrada que leve até Rômila aqui no norte. Há outra estrada no sul, a quatro dias de viagem, mas é por uma extensa planície, e não quero correr o risco de sermos vistos. Alguém sabe de outra estrada que possamos usar? Uma que os cavalos possam atravessar também?

Não podíamos arriscar as vidas dos cavalos. Não chegaríamos a Witchdom sem eles.

— Já ouvi falar de uma.

Tirei os olhos do mapa, e todos olhamos para Nugar. Não pude esconder minha surpresa. Ele parecia quer desafiaria qualquer um que duvidasse. Ele apontou com a cabeça para o norte.

— É um caminho usado pelos comerciantes do mercado negro. Eu sei que foi usado durante anos para não pagar impostos a esses sacerdotes bastardos.

Meu ânimo aumentou com a possibilidade de uma estrada secreta.

— Você disse que *ouviu* falar nesse caminho. Mas quer dizer que nunca o usou?

— Não.

Olhei para o meu mapa novamente, mas Nugar continuou:

— Você não vai encontrá-lo no seu mapa. Não está em qualquer mapa. Mas sei que está lá. — Ele fez uma pausa por um momento. — Só temos que encontrá-lo.

— Tem razão — disse Leo, esfregando as têmporas. — Não acredito que não pensei nisso antes.

Eu franzi a testa:

— Já ouviu falar nessa estrada também? — minha voz se ergueu, e não me importei em esconder minha frustração.

Leo assentiu com a cabeça:

— Sim. Jon já esteve nela, mas eu não.

Meu coração deu uma cambalhota com a menção do nome de Jon.

Enquanto lutava para acalmar meus sentimentos, notei uma suavidade nos olhos de Leo antes que ele voltasse ao assunto. Ele claramente entendia meus sentimentos por Jon.

— Durante anos, o comércio entre Ânglia e Rômila se complicara devido aos impostos crescentes sobre os alimentos — ele continuou. — Não havia pensado nisso antes, porque o caminho é rodeado por terreno acidentado e densas florestas. Não acho que os cavalos consigam fazer a viagem. Mas com o que aconteceu ontem, acho que não temos muita escolha.

— Eu sei — eu disse, ainda olhando para o mapa. Eu sabia que não havia outra maneira.

— Acho que vale a pena o risco.

Segundo a descrição de Nugar e Leo, essa estrada era usada muito tempo antes de eu nascer e possivelmente até mesmo antes da chegada dos sacerdotes. Certamente, ela havia sido mantida em segredo deles.

— Então, se essa estrada ainda estiver sendo usada... como você acha que ela está agora? — Eu perguntei. — Não podemos descartar a possibilidade de o mercado negro ter ouvido que os sacerdotes me querem morta. Duvido que

alguma coisa passa despercebido do senhor do mercado negro. Se eu fosse ele, eu iria querer saber tudo.

— Tenho certeza de que você está certa — disse Leo. — Nós teremos que ter cuidado.

Embora estivesse nervosa, eu sabia que uma decisão tinha de ser tomada:

— Então, está combinado. Nós vamos usar a estrada do mercado negro. Não é o ideal, mas é a nossa única saída.

Olhei para o céu. O sol estava bem acima de nós. Nossas sombras eram curtas e se voltavam lentamente para o leste:

— Estamos há poucas horas do sol alto. Precisamos partir.

— Nós poderíamos viajar à noite. — arriscou Will. Fazia dias que eu não via uma carranca em seu rosto. — Não há arbustos suficientes aqui para nos dar uma boa cobertura. Será mais seguro viajarmos à noite e descansarmos pela manhã. Será mais lento, mas mais seguro.

Eu balancei minha cabeça:

— Não.

Will ficou me observando, mas, em vez de me olhar com dúvida, ele buscava respostas, como teria feito com Jon.

Engoli em seco e estabilizei a minha voz:

— Se essa estrada é tão traiçoeira e perigosa como todos dizem, não podemos correr o risco de machucar os cavalos viajando à noite. Não chegaremos a Witchdom sem eles, então teremos de viajar durante o dia.

Olhei para Leo e Nugar:

— Estamos longe dessa estrada?

— Uns vinte quilômetros. — disse Nugar empunhando seu machado de batalha. — Sei que atravessa a parte norte da fronteira romiliana.

— Estamos perto. — Leo olhou para mim com as sobrancelhas levantadas, mostrando que havia entendido minha preocupação com a

segurança dos cavalos. — Se partirmos agora, provavelmente chegaremos em cerca de duas horas.

Voltei meu olhar para o implacável terreno ao norte. Parecia não ter mais do que cerca de 30 metros até a parte densa da floresta. Não havia nenhuma clareira, nem trilha. Era um labirinto de floresta. Mesmo os mais experientes batedores poderiam se perder. Eu tive um mau pressentimento quanto a isso.

— Você pode encontrar essa estrada?

— Que escolha nós temos? — Nugar olhou para mim sem expressão. — Eu irei encontrá-la.

Ele se virou e foi em direção a seu cavalo.

Nugar estava certo. Não tínhamos outras opções, mas eu não podia deixar de ter um frio pressentimento.

Acompanhei os outros em silêncio até os nossos cavalos, tentando me acalmar. Os homens estavam tensos e silencioso demais; ver que eu não era a única preocupada com a travessia ajudava a diminuir a minha própria ansiedade.

Amarramos o cavalo de Garrick junto ao de Max e o abastecemos com nossos suprimentos. Os cavalos haviam se assustado com o ataque da noite anterior. Antes de partirmos, sussurrei suavemente nos ouvidos de Torak na tentativa de acalmá-lo. Ele inclinou a cabeça contra meu ombro enquanto eu esfregava o pescoço dele. Esse grande cavalo de batalha fazia eu me sentir mais segura. E eu confiava nele mais do que confiava nos homens.

Enquanto passava meus dedos na crina de Torak, ouvi o som inconfundível de cascos à distância. Minha respiração parou com o som que ecoava do outro lado da estrada principal, ficando cada vez mais alto. Senti o tremor das minhas pernas chegar ao meu peito.

Uma dúzia de cavaleiros avançavam pela estrada leste. Suas capas pretas esvoaçavam atrás deles como asas; eles montavam grandes cavalos negros

como Torak. Destacando-se contra o negro de seus uniformes, havia grandes sóis dourados.

— Guardas do templo — resmungou Will.

Suas mãos estavam no punho da espada. Todos se moveram como um só, desembainhando suas armas, com a expressão séria de quem via uma legião avançar.

— Eles estão andando rápido demais para ser um comboio — disse Max.

Ele estreitou os olhos:

— Se me perguntassem, eu diria que estão atrás de algo ou alguém. Eles estão vindo atrás de nós.

Max estava certo. Os cavaleiros estavam atrás de algo e nós éramos a resposta plausível para isso.

— Eles estão trazendo um daqueles demônios vermelhos também — disse Lucas.

Ele apertou o punho da espada com força e eu senti um pouco de medo em sua voz.

Fiquei pálida quando me concentrei na ameaça. Um dos cavaleiros estava revestido de vermelho sangue. Era um monge vermelho.

O medo se apoderou de mim. Inconscientemente, eu estendi a mão e passei os dedos nos pontos da ferida em minha nuca. Apesar da minha cura mágica, a ferida do monge vermelho ainda não estava curada.

Eu odiava aqueles bastardos vermelhos mais do que tudo. Ter um monge vermelho na sua cola era uma verdadeira sentença de morte, mas a nossa situação era bem pior, muito pior. Não era apenas um grupo de homens romilianos de força regular em busca de vingança, eram guardas dos sumos sacerdotes, munidos de magia negra e força sobrenatural.

Estendi a mão e agarrei as rédeas de Torak. Eu quase ri em voz alta do absurdo da situação, da injustiça daquilo tudo. Por que a Deusa não nos dava

um tempo?

Minha respiração ficou presa na garganta:

— Acho que eles ainda não nos viram.

Eu sabia que as árvores altas nos dariam cobertura, mas não por muito tempo:

— Podemos usar isso a nosso favor. Rapidamente, vamos despistá-los na floresta.

— Não — a voz de Nugar reinou absoluta.

Ele se endireitou, com os olhos surpreendentemente cheios de fúria e seu machado brilhando sob a luz do sol. Ele parecia maior e mais musculoso do que eu lembrava.

— Não há nenhum valor em fugir. Eu nunca fugi de uma luta. Jamais. E não vou começar agora.

Segurei as rédeas de Torak com tanta força que meus dedos doeram:

— Já entendi — bravejei. — Entendi mesmo. Mas você não pode vencer esta luta.

Nugar claramente se sentiu insultado.

— Eu não estou discutindo suas habilidades como guerreiro. Estes homens *não* são mais humanos. Magia negra flui nas veias deles. Eles são mais fortes e mais difíceis de matar. Eles têm uma vantagem sobrenatural com a qual não seremos capazes de lidar.

Procurei apoio em Will e Leo, e ambos assentiram em um acordo silencioso.

— A Elena está certa — disse Leo, e eu quase o abracei.

— Nós já vimos o que a magia dos sacerdotes pode fazer. Não importa quão forte ou hábil você seja ou quantos homens você já tenha matado. Nós nunca seremos suficientemente fortes. Não será uma luta justa, e todos vamos morrer.

Um rugido escapou de Nugar, mas ele não disse mais nada. Eu pude ver ele cerrando os punhos de raiva. Tomei isso como um sim.

— Confie em mim. Nós não podemos combatê-los hoje, mas eu prometo que você vai ter sua chance de matar esses bastardos mais cedo do que você imagina.

Minha admiração por ele foi crescendo:

— Mas não agora.

Começamos a ouvir as vozes deles à distância. Embora ainda estivessem muito longe para conseguirmos entender o que eles diziam, a urgência na voz era clara o suficiente.

— Eles nos viram — disse Max, tomando as palavras da minha boca.

Mas o que eu vi em seguida fez meu sangue congelar.

Sob o capuz e a capa do que eu achei ser um guarda do templo, estava o inconfundível manto branco de um sumo sacerdote. Um dos seis sumos sacerdotes viera com eles.

Eu tentei controlar meu pânico.

— Para a floresta! Nugar, lidere o caminho — pedi com a voz forte e confiante. — Depressa!

Um orgulho brilhou nos olhos do Nugar, e ele partiu rapidamente. Eu olhei por cima do meu ombro — o sacerdote e seu bando se aproximavam com mais pressa, levantando nuvens de poeira atrás deles. Eu me perguntei se seus corcéis eram movidos a magia. Nesse ritmo, eles no alcançariam em minutos. Eu jurei que quase podia sentir o sorriso no rosto do sumo sacerdote.

Dei de ombros. Eu não havia chegado tão longe para ser derrotado por um maldito sacerdote e seus comparsas. Eu não deixaria a morte de Garrick ser em vão. Sua morte tinha significado. Significava para mim. E eu a faria valer.

Praguejei em voz alta, agarrei as rédeas de Torak e parti atrás de Nugar e

dos outros, em direção à floresta.

CAPÍTULO 9



A FLORESTA ERA MUITO PIOR do que eu imaginava, então comecei a me arrepender da minha decisão.

Ramos cortavam minha testa e bochechas como se fossem navalhas enquanto eu avançava. Liderei Torak por uma passagem tão estreita que rochas afiadas raspavam suas pernas e eu rezei à deusa para que os cavalos ficassem bem. A vegetação densa era tão afiada quanto agulhas e o chão estava escorregadio com rochas cobertas de musgo.

Enquanto lutávamos para avançar pela profunda floresta, percebi nosso erro. O bruxo, Fawkes, estava nos esperando na estrada principal. Eu não sabia como falar com ele que mudamos nossa rota. Mas era tarde demais para passar direto. Se ele não nos encontrasse, talvez nunca mais conseguíssemos chegar até Witchdom.

Atrás de um grande cavalo, eu mal conseguia enxergar os ombros largos de Will enquanto ele removia cautelosamente a vegetação rasteiras e escorregava ainda mais para dentro da floresta. Eu podia ouvir sua respiração pesada, o estalar dos galhos e as batidas de suas botas, mas não conseguia ver os outros.

Quanto mais adentrávamos, mais agressivo ficava o terreno. Ramos se colocavam em nosso caminho como uma parede, nos empurrando para trás, como se a floresta não nos quisesse ali. As árvores tinham mais de três andares de altura e mascaravam a luz do sol. Estava escuro, muito escuro. E ainda assim, o cheiro do solo úmido, das folhas, dos cogumelos, musgos e pinheiros era tão familiar que a esperança não nos deixava. Eu me sentia em

casa, de volta às florestas próximas ao Fosso. Nada que cheirava bem poderia ser ruim. Soltei um suspiro que eu não sabia que estava segurando.

O ar estava úmido. Minha túnica, pesada e molhada de suor, estava colada em minhas costas. Eu não conseguia ver nenhuma passagem ou clareira. Que bom que Nugar sabia aonde estava nos levando. Ou talvez não soubesse, mas estivesse nos levando tão longe quanto possível na floresta. Tentei não pensar em ficar perdida. É claro que isso não era uma opção, mas parar e voltar também não eram. Nós morreríamos se o sumo sacerdote e seus servos nos encontrassem.

Por que um sacerdote estava atrás de nós? Ele poderia ter enviado um exército de monges vermelhos. Não fazia sentido, mas aquilo me motivava a continuar.

A velocidade dos cascos batendo no chão diminuiu atrás de mim e eu sabia que o sacerdote já havia chegado ao lugar onde acampamos, enterrado Garrick e deixado os corpos dos Romilianos.

Eu adentrava a floresta com uma lentidão agonizante. Nós não estávamos nos movendo rápido o suficiente. Minhas coxas queimavam enquanto eu pisava cuidadosamente nas pedras escorregadias. Meu coração estava na minha garganta e eu mal podia respirar.

Então, a ferida do monge vermelho na base do meu pescoço começou a latejar. Eu podia senti-los agora. Eles estavam na floresta atrás de nós, avançando rapidamente.

Eu podia sentir a fria onda de magia negra me causar calafrios na espinha, mas não conseguia sentir a energia sombria da pedra. Não dava para saber se o Coração de Arcânia estava com esse sacerdote. Rezei para que não estivesse.

Não parecia que as árvores iriam ficar mais esparsas, então não haveria espaço para lutar. Pelo contrário, parecia que a vegetação estava ficando mais

escura e mais densa.

Era o lugar perfeito para uma emboscada.

Eu escorreguei e meu joelho bateu em um grande pedregulho com toda a força. Eu gritei de dor e tropecei para frente, controlando um pouco minha queda para não ser empalada por um galho quebrado no chão.

Will estava ao meu lado antes que eu conseguisse me endireitar.

— O que foi? O que aconteceu? — Um brilho de suor cobria seu rosto vermelho e pescoço, e sua respiração estava reduzida a suspiros rápidos.

Eu acenei para ele:

— Não pare! Há um sacerdote atrás de nós.

— O quê?

— Não há tempo para explicar — disse urgentemente. — Vá!

Antes que eu pudesse protestar, Will apertou seu cavalo entre mim e Torak. Ele viu a confusão em meu rosto e disse:

— Eu prometi para o Jon que ia mantê-la segura. Precisamos de você viva, Elena. Não adianta discutir porque não seguirei até que você continue andando.

Fiz uma careta para ele, mas não havia tempo para discutir. Eu podia sentir o sumo sacerdote se aproximando, a magia nos perseguindo como uma sombra escura.

Enquanto continuávamos, ouvi passos pesados se aproximando rápido. Eles estavam quase em cima de nós.

Tentei correr, mas minhas pernas estavam duras de exaustão e medo. A respiração quente de Torak fazia cócegas em minha nuca e sua confiança me dava uma pontada no peito. Eu só não amava mais aquele cavalo do que a deusa. Eu esperava não estar o levando para a morte.

Mergulhamos para dentro da floresta em um movimento instintivo e mecânico. Parecia que tínhamos corrido por horas. Eu estava tão preocupada

com onde colocava meus pés que não percebi o Mike até bater nas costas dele.

— Droga, desculpe.

Olhei para cima. Eu podia ver todos claramente através dos ramos grossos e arbustos. Meu coração parou. Não tínhamos ido longe o suficiente para nos esconder.

— Donzela de Aço!!

A voz quase me fez cair de joelhos. Era uma voz que exigia atenção. Era a voz de um pregador que incitava os homens à ação.

Uma voz que havia me congelado de medo.

Eu parei, escutando atentamente enquanto o sangue fazia meus ouvidos latejarem. O branco dos olhos de Mike brilhava como pedras preciosas. Olhei para meus companheiros, consternada pelo terror em seus rostos.

— Entregue-se — disse a mesma voz. Ela era tão clara e melodiosa como as notas de uma flauta bem tocada. Eu reconheceria a voz daquele bastardo em qualquer lugar. Ela estava impressa em meu cérebro, a voz do confiante sumo sacerdote de Ânglia.

Meu corpo ficou rígido. A pedra estava aqui. Estava com ele.

— Entregue-se — repetiu o sumo sacerdote casualmente.

Parecia que ele estava falando com alguns nobres em um evento formal.

— Pouparei seus amigos. É muito simples. Você por eles. É uma troca muito boa. Na minha opinião, você estaria em vantagem com esse acordo. Se vier tranquilamente, nada acontecerá com eles. Deixaremos esses bosques vis e eu permitirei que eles vivam. Eles podem até continuar se rebelando se quiserem. Dou minha palavra.

Eu dei uma risada nervosa e me virei. Fechei meu maxilar com força para não gritar obscenidades para o sacerdote.

Will balançou a cabeça e disse *não* com os lábios silenciosos. Eu sabia

que eles me matariam assim que tivessem chance, então não entregaria nossa posição. Ele achava que eu era estúpida?

Não havia dúvidas de que o poder da pedra já poderia nos alcançar. Eu havia visto o que ela podia fazer nas mãos daquele sacerdote. Nós nunca sobreviveríamos. Nossa única chance era adentrar ainda mais na floresta e despistá-los.

Coloquei meu dedo nos lábios e acenei para os homens continuarem andando. Agarrei as rédeas de Torak firmemente com minhas mãos trêmulas e o guiei. O musgo espesso e as folhas em decomposição abafaram o barulho dos nossos passos. Graças à deusa por isso. Rezei para que o sacerdote necromante não pudesse sentir minha magia, como eu podia sentir a dele.

— Rose mandou lembranças.

Soltei um gemido que não pude controlar. *Rose!* Por um breve momento, meu amor por Rose dominou meu medo. Mas Will estava lá e me agarrou firmemente com suas mãos calejadas e eu quase chorei. Embora soubesse que o sacerdote estava mentindo, e eu estava certa de que era um truque, não podia ignorar a possibilidade de ele ter pego Rose.

— Rose, Rose, Rose — o padre repetia o nome dela como se quisesse prová-lo. — É uma velha delicada, mas mal-humorada, não é? Não parece uma flor? Toda cheia de espinhos, aquela mulher. Ela tinha muito a dizer sobre o sacerdócio, sobre o templo e sobre mim. Tenho a impressão de que ela não gosta muito de nós. Não é verdade, Donzela de Aço?

Eu vacilei um pouco e fiquei contente por Will estar me segurando. Tentei melhorar minha postura, mas o peso das palavras do sacerdote me empurrava para baixo.

— Gostaria de saber o que ela disse antes de eu cortar seus dedos?
Mentiras! Mentiras! Mentiras! Eu pensei.

Fechei os olhos. Eu precisava ignorar as mentiras e continuar andando.

Mesmo assim, outra voz dentro de mim pensava que, caso Rose e as bruxas tivessem sido capturadas em seu caminho para os Portos Cinzentos, seria como se eu as tivesse deixado morrer para adentrar na floresta.

Quando eu finalmente abri meus olhos, meus companheiros estavam me encarando com tristeza pela dor e a luta que viam em meu rosto, mas principalmente com medo do que eu poderia fazer em seguida.

— Não? — A voz do sacerdote estava mais próxima agora. — Isso é muito ruim. Me diga, você sabia que ela não nasceu no Fosso, mas veio de Frânsia? Ela já disse isso?

Ele fez uma pausa, e por um momento, temi que ele estivesse dizendo a verdade. Senti meu corpo se inclinando em direção a voz dele. Eu queria arrancar os olhos daquele maldito com minhas próprias mãos.

— Eu vou tomar isso como um não — continuou o sumo sacerdote. Sua voz tinha um tom melódico que claramente acusava o quanto ele gostava da própria voz.

— Se você se render agora... permitirei que a velha viva. Se não, arrancarei aqueles olhos castanhos. Depois, cortarei sua língua. Ela tem uma língua e tanto, não tem? Depois, deixarei meus guardas fazerem o que quiserem com ela. Ela é velha e terrivelmente feia, mas ainda é uma mulher.

A bile queimava em minha garganta e eu cerrei os dentes tão forte que doía lutar contra tanta repulsa. Desejei que minha magia pudesse me ajudar a distinguir as verdades das mentiras, mas não era o caso. Eu não podia. Minha respiração estava irregular, mas eu não disse nada.

Eu soluçava feito uma criança, mas continuei mantendo Torak em movimento enquanto fazia o meu melhor para ignorar os olhares preocupados dos meus homens. Eu precisava ser mais forte do que isso.

— Você não pode esconder para sempre, Donzela de Aço. Ou devo chamá-la de Elena? Este mundo não é tão grande como se poderia pensar. Eu

a encontrarei. É só uma questão de tempo. Venha comigo ou seus amigos sofrerão as consequências. E eu prometo que você sentirá dor como nunca sentiu antes.

Tentei calar a voz em minha cabeça e mergulhei na densa floresta.

Um som como o de um trovão ressoou por toda a floresta.

Torak soltou um grito agudo e se mexeu violentamente, batendo com os cascos no chão. As rédeas saíram da minha mão, fazendo cortes profundos. Eu tropecei e caí para trás. Os olhos de Torak estavam brancos e suas narinas alargadas de terror. Achei que ele estava prestes a fugir, então levantei e agarrei suas rédeas com minhas mãos ensanguentadas. Os outros cavalos também se moviam nervosamente e suas cabeças olhavam para trás de mim.

O cheiro dele veio antes de eu senti-lo.

Meus olhos lacrimejaram com os vapores que cheiravam a bile e carne podre, como o fedor pungente de um animal há muito falecido. Eu me virei lentamente.

Uma figura cambaleou das sombras atrás de nós. Ela parecia humana, ou parecia já ter sido humana um dia. Seus braços se penduravam em fios de carne e sua cabeça descarnada tinha olhos leitosos e uma boca oca, escancarada e desdentada. Apesar de estar completamente nu, o corpo estava em tal estado de decomposição que não permitia saber se era homem ou mulher. Aquilo estava inquestionavelmente morto. Eu suprimi a vontade de vomitar. Uma substância viscosa e amarela revestia o corpo podre e eu percebi que era aquilo que cheirava a bile. Era como se algo muito grande tivesse vomitado aquilo. Me esforcei para não pensar no tipo de criatura que poderia fazer algo assim.

A vegetação começou a se mover, e então, um exército daqueles corpos pútridos cambaleou pela floresta. Eles estavam vindo para nós, por todos os lados.

Ada havia dito que os sacerdotes eram necromantes, feiticeiros capazes de ressuscitar os mortos e abrir portais para outras dimensões. Aquilo era apenas um vislumbre de sua magia negra. Senti os homens enrijecerem, mas ninguém se moveu.

— Logo estaremos juntos novamente, Donzela de Aço.

A voz do sumo sacerdote ecoava pela floresta.

— Nós temos muito a discutir. Muita coisa aconteceu desde que conversamos pela última vez. Esse mundo está mudando, abrindo espaço para os verdadeiros governantes, os verdadeiros deuses. É claro que você já viu a praga. Mas há muito mais do que isso, muito mais. Vamos ver como você lida com meus servos.

Mordi os lábios para não gritar e senti o sangue na minha boca. Mas não me mexi.

Meus companheiros permaneciam totalmente quietos e imóveis. Só dava para ouvir a respiração fraca de Torak.

Os mortos moviam suas cabeças como se estivessem procurando por algo. Seus olhos estavam podres, provavelmente cegos. Me pareceu que eles não podiam enxergar. Se ficássemos quietos, talvez tivéssemos uma chance de escapar. Assim que me virei para os outros e pedi silêncio com um sinal, Torak e os outros cavalos gritaram.

Os mortos viraram a cabeça para os cavalos ao mesmo tempo.

— O que diabos são essas coisas? — Leo estava logo a minha frente.

— A morte. Corram!

O sumo sacerdote riu e se moveu desajeitadamente. Dava para ver clarões prateados enquanto meus companheiros sacavam suas espadas.

Um grito inumano soou atrás de nós corremos cegamente pela floresta.

Estávamos indo em todas as direções, correndo para salvar nossas vidas. Não estávamos mais seguindo Nugar. Nossa formação havia desmoronado

em meio à loucura.

— Fiquem juntos! — Eu gritei.

Mike corria à minha esquerda sem seu cavalo.

— Pare, Mike! Você vai se perder. Volte! Mike!

Mas ele não pareceu ter ouvido meus clamores. Não tive tempo de procurar o cavalo de Mike. Apenas rezei para que o animal fosse rápido o suficiente para fugir.

Um vislumbre de um cabelo vermelho desapareceu nas sombras por trás de um carvalho gigante.

Eu continuei, sem saber para onde estava indo. Tudo que eu sabia era que os mortos ainda estavam atrás de mim. Eu precisava continuar.

Pelo cheiro, senti que os mortos estavam começando a nos rodear. Daquele jeito, acabaríamos presos. Estava mais e mais difícil manter Torak preso pelas rédeas que cortavam minhas mãos ensanguentadas.

Suor escorria em meu pescoço e costas. Foi aí que eu senti o cheiro de fumaça. Em algum lugar da floresta, algo estava pegando fogo.

Um grito perfurou o ar e eu reconheci a voz de Mike.

Com os dedos molhados de suor e sangue, saquei minha espada curta guiei Torak em direção ao grito. Eu cheguei bem rápido, mas não rápido o suficiente.

Cinco daquelas criaturas estavam mordendo e arranhando o rosto de Mike. Eles comiam a carne dele como animais raivosos. Mike uivava e gritava, mas seu grito se transformou em um gorgolejo molhado e morreu em sua garganta. A boca de Mike pendia aberta e silenciosa enquanto os mortos abriam um buraco em seu pescoço e se banquetavam com sua carne. Antes que eu pudesse me mover, a cabeça de Mike escorregou e caiu aos meus pés.

As criaturas olharam para cima quando me aproximei. Elas moviam suas cabeças de uma forma que aparentava algum nível de inteligência. Eles

farejavam Torak e eu.

Cuspi a bile em minha boca e corri.

Os mortos se moviam como bêbados. Seus braços e pernas não pareciam estar totalmente sob controle. Isso era bom. Dessa forma, eles não podiam ser muito rápidos. Eles pareciam bêbados de sangue e tripas. Aquilo fazia eu me sentir doente, mas esperançosa.

Através das árvores dizimadas, eu podia ver a luz suave de uma clareira à frente. Se eu pudesse chegar até lá, ao menos veria o que estava atrás de mim e poderia me defender. A fumaça espessa e cinza queimava meus olhos e garganta. Torak se movia nervosamente ao meu lado. Ele estava tão aterrorizado com a fumaça quanto eu. Eu não sabia o que era pior, queimar até a morte ou ser devorada.

Minha respiração ficou presa na garganta quando uma capa verde passou atrás das árvores. O movimento foi rápido demais para ser natural. O que foi aquilo?

Decidi evitar a nova ameaça e fiz uma curva para a direita. Os mortos continuavam me seguindo e tentavam me cercar por ambos os lados.

Eu gritei quando eles saltaram sobre mim e minha respiração foi interrompida quando caí no chão. As rédeas escorregaram da minha mão e Torak fugiu.

Dedos frios perfuravam a carne do meu abdômen como facas. Eles queriam minhas tripas, artérias e coração. Agarrei a mandíbula do morto que estava sobre mim e torci sua cabeça com força. A agonia de sua mordida diminuiu quando a cabeça virou e a criatura diminuiu seu aperto. Sangue escorria pela minha blusa.

Eu gritei até minha voz falhar. Cortei cegamente com minha espada, mas o peso deles era esmagador. Senti minhas forças me abandonando. Minha respiração estava irregular e parecia queimar em minha garganta.

Os mortos não pareciam ter sequer um dente visível. Eles tentavam rasgar minha carne com suas gengivas podres. Dava para sentir o calor da minha magia tentando me curar, mas havia bocas demais atrás da minha carne e sangue.

Gritei até minha voz vacilar. Nada importava mais. Ninguém estava vindo me ajudar. Provavelmente, já estavam todos mortos.

Se eu tivesse que escolher a pior maneira de morrer, certamente seria devorada por mortos.

Eu já não conseguia me mover. A terra estava ficando molhada e cheirava fortemente a cobre. Meu sangue pulsava nos meus olhos e minha mente começou a vacilar. Meus últimos pensamentos foram os lábios macios de Jon e a sensação de seu corpo forte me abraçando.

Me apeguei a esses pensamentos enquanto esperava a morte me levar. As lágrimas surgiram quentes em meus olhos enquanto sentia as bocas dos mortos em meu corpo. A fumaça negra queimava meus pulmões e eu mal podia respirar.

Eu me sentia quente, no entanto, e não fria. Sempre achei que a morte seria gelada e desoladora. Eu não sabia se estava me curando. Talvez eu estivesse mal demais para minha magia dar conta.

Meu rosto queimava como se estivesse próximo a uma fogueira, mas eu estava cansada demais para mexer a cabeça.

De repente, senti o peso se erguer do meu corpo. As mordidas pararam e eu continuei deitada, ouvindo.

Os mortos haviam ido embora? Eles tinham comido o bastante e agora procuraram uma outra vítima?

Me apoiei em meus cotovelos.

Paredes de chamas laranjas me cercavam. Elas ardiam poderosamente, mas, mesmo assim, eu não me queimava. Até senti cheiro de carne

queimando, mas não era a minha.

Eu podia ouvir uivos e ver através da parede de fogo. Os mortos estavam fugindo pela floresta. Eles estavam fugindo das chamas, mas não eram rápidos o suficiente.

Eu observei enquanto o fogo deslizava pelo chão da floresta como uma cobra gigante. Ele se movia como se tivesse uma mente própria, saltando de árvores e arbustos atrás dos mortos. Era a coisa mais antinatural que eu já havia presenciado e eu não conseguia desviar o olhar. Era um fogo inteligente, mágico, belo e igualmente aterrorizante.

Os mortos entraram em colapso, completamente engolidos pelas chamas mágicas. Eles se contorceram algumas vezes antes de não sobrar mais nada além de pilhas de cinza preta. O fogo engoliu o último dos lamentos dos mortos e a floresta tornou a ficar silenciosa.

Dava para ver incontáveis pilhas de cinzas através do fogo e da fumaça. Alguns ramos brilhavam vermelhos como brasas. Então, um vento estranho fez as brasas queimarem e enegrecerem até se tornarem pequenos tufo de fumo. As cinzas dos mortos se moveram com o vento e caíram como neve perto de mim.

Fiquei tão embasbacada com a cena que não notei que havia alguém acima de mim e que a parede de fogo havia desaparecido.

Olhei para cima e vi o rosto do homem mais estranho que eu já havia visto. Seu cabelo longo ia até a cintura, era da cor da grama e fluía ao redor de seu corpo como uma brisa sem vento. Seu manto marrom chegava até seus tornozelos e revelava roupas de cores dourada e esmeralda. Nas roupas, estava estampada uma árvore de ouro, e havia uma espada larga em sua cintura. Embora seu rosto estivesse escondido nas sombras, dava para perceber uma expressão de profunda concentração. Sua pele era enrugada como a de uma pessoa que passara toda a sua vida ao ar livre. Seus braços

estavam estendidos em sua frente, como se ele estivesse prestes a dar as boas-vindas a um amigo. Mas os vestígios do incêndio haviam me hipnotizado. O fogo dançou por suas mãos e dedos e depois desapareceu. Magia.

Estranhamente, eu não estava com medo. O estranho se inclinou sobre mim e me levantou com seus braços fortes. Fiquei surpresa com sua gentileza. Ouvi vozes ao redor e alguém gritou meu nome. Mas eu não podia responder, pois não tinha forças sequer para manter os olhos abertos.

Minha cabeça caiu sobre o tórax. Ele cheirava a pinho, nozes e primavera. Era um cheiro familiar. Mas enquanto eu tentava me lembrar onde havia sentido aquele cheiro antes, a escuridão deslizou sobre mim como um cobertor.

CAPÍTULO 10



EU NÃO SABIA QUANTO TEMPO havia se passado quando finalmente abri os olhos novamente.

Pisquei os olhos para um céu azul e um sol brilhante, e saudei os raios quentes e gloriosos em meu rosto. Eu ainda podia sentir o cheiro de pinho, de abeto, de folhas e de vasta vegetação. Então, eu sabia que não estava longe das florestas de Ânglia. Eu só não estava *nelas*.

Eu estava deitada em cima de algo macio, não era um colchão de pena de ganso como os dos ricos, mas ainda assim era muito confortável, considerando que eu estava na mata. Eu me sentia tonta. Meu estômago doía de fome, mas eu estava viva e provavelmente me sentia melhor do que deveria, visto que eu quase havia sido devorada viva por um exército de coisas mortas. Eu podia sentir que as minhas roupas estavam duras e úmidas. Eu ainda estava encharcada em meu próprio sangue. Torci meu nariz para o meu próprio cheiro de lama e o forte cheiro de sangue. Meu cabelo estava colado em minha testa e meu rosto. Eu estava uma bagunça, mas estava viva.

Murmúrios chegaram a meus ouvidos até se tornarem vozes claras. Todas eram familiares, com exceção de uma. Tentei me lembrar do que havia acontecido antes de desmaiar, e meu coração deu um pulo quando me recordei do fogo, do fogo mágico, e do homem que havia me salvado da morte... do homem com magia.

Quis me sentar, mas logo me arrependi quando uma onda de náusea me abateu. Rostos olhavam na minha direção. Pareciam aliviados. Fiquei com vergonha por estar coberta de sangue e fedorenta. Rose ficaria aflita em ver

assim. *Eu* estava aflita por estar assim.

Minha roupa íntima aparecia pelos buracos da minha blusa, e um ar frio entrava por um grande rasgo nas minhas calças de couro. Um novo tecido cicatricial cobria grande parte dos meus braços; eu podia ver cicatrizes nas minhas pernas e sentir outras nas minhas costas. Tremi com a lembrança da boca fria dos mortos mastigando minha carne.

Eu não deveria estar viva. Mas estava.

Eu teria desabado a chorar se não soubesse que poderia me curar. Eu podia não ser capaz de disparar magia, mas eu me recuperaria. Isso tinha de significar algo. A Deusa não havia terminado seus planos comigo, ainda não.

Tirei o cabelo dos meus olhos e olhei ao redor.

Eu estava em uma clareira, no topo de um monte de grama. Estávamos cercados por colinas douradas de gramas altas balançando ao vento. Eu podia ver uma floresta atrás de mim, a oeste. Um magnífico cavalo preto estava pastando em um campo com um rebanho de animais menores, mas não menos gloriosos. Eu vi um cavalo com chifres, e suspeitei que minha mente estivesse me pregando peças. Contudo, a presença de Torak me fez sorrir pela primeira vez, e eu comecei a relaxar um pouco. O ar estava fresco, doce e maravilhoso.

Ao leste, eu podia ver montanhas cobertas de neve, e comecei a me sentir desconfortável de novo. Eu não sabia onde estávamos. Eu havia memorizado o mapa de Rose, e aquelas montanhas deveriam estar atrás de nós, não a centenas de quilômetros ao leste. De alguma forma, parecia que havíamos voltado para a parte oeste de Ânglia, e nenhuma dessas montanhas era o Pico de Baltar.

Por quanto tempo eu havia ficado desacordada?

Todo mundo parecia estar a salvo, com exceção de Max. Engoli em seco lembrando de seu falecimento. Eu poderia ter sofrido o mesmo destino. Leo

veio em minha direção, como se quisesse falar, mas a minha atenção havia se voltado para o único rosto desconhecido.

Sob a luz, eu podia ver claramente um rosto sem idade, nem velho, nem jovem; contudo, mostrava a dureza de quem trazia tristezas e dor. Ele podia ter uns quarenta anos, mas seus olhos verdes escuros eram perenes. Ele parecia um sábio rei de uma antiga lenda. Ele tinha três traços brancos de tinta em pó na sua testa, e uma em cima de cada bochecha. A pele ao redor de seus olhos e de sua boca trazia as marcas do tempo. Não era um rosto bonito, mas também não era feio. Era um rosto que detinha a atenção. Que fazia eu me lembrar da bruxa mestra, Ada.

Então, recordei-me daquele cabelo. Ao sol, seu longo cabelo cor de esmeralda caía sobre os ombros largos, indo até sua cintura. Eu nunca havia visto ninguém com o cabelo dessa cor antes. O cabelo dele parecia mágico.

O estranho estava sentado com as pernas cruzadas da mesma forma que eu vira algumas bruxas se sentarem quando estiver nos Portos Cinzentos. Parecia que ele estava meditando, e que havia atrapalhado a sua concentração.

Meus companheiros estavam sentados à distância, olhando nervosamente para os dedos dele, como se esperassem que ele atirasse fogo pelos dedos a qualquer momento. Eu podia sentir a tensão. Parecia um pouco rude para mim. Esse homem – esse estranho – salvara todos nós. Mas, então, vi algo nos olhos do estranho que me fez pensar se a animosidade não estava vindo de ambos os lados.

O queixo do estranho rangia, e eu podia ver uma tensão em seus ombros. Ele olhava para os meus companheiros como se preferisse estar em qualquer outro lugar do que ali com eles.

Mas algo diferente despertou a atenção dele quando ele se virou para mim. Interesse? Importância?

Ele me encarou sem pestanejar, sem nenhuma vergonha de olhar para alguém durante um tempo *ofensivo*. Então, o encarei de volta. Encarei da mesma forma que ele a mim. Nós nos encarando até que eu vi uma pequena contração de um sorriso nos lábios dele. Ele se pôs de pé e veio na minha direção.

Leo estava avaliando os meus ferimentos. A maior parte de mim estava coberta de sangue, e Leo demorou-se um pouco demais inspecionando minhas recentes marcas de mordida.

— Como se sente?

— Já estive melhor.

Minha voz era áspera, e minha boca parecia estar recheada de areia. Puxei minha roupa, tentando cobrir minhas marcas de mordida com a minha camisa rasgada.

— Mas estou bem. Principalmente com fome e sede. Me dá um pouco de água?

— Vou pegar. — Will saiu em direção ao acampamento.

O estranho de cabelos verdes caminhou até mim. Ele era mais alto e mais largo do que eu pensava, mas suas botas de couro macio não fizeram nenhum som quando ele se aproximou. Ele ficou olhando para mim e cruzou os braços. Seus olhos estavam cheios de perguntas não ditas. Os outros tomavam muito cuidado para não ficarem perto demais dele.

Olhei à minha volta e perguntei a Leo: — Onde estamos? Por favor, me diga que não estamos de volta a Ânglia, nem perto de Erast? — Desviei o meu olhar por um momento, observando a paisagem. — Eu não reconheço este lugar.

— Estamos em Rômila. Cruzamos a fronteira há dois dias.

Mantive meu rosto inexpressivo e fiquei mexendo em minha blusa com os dedos.

Will retornou trazendo um pouco de água. Saciei a minha sede e senti todos os olhares voltados para mim. Eu me sentia um pouco humilhada. *Quem havia me carregado nos últimos dois dias?* Leo estava mostrando uma preocupação genuína por mim, e isso me deixava um pouco desconfortável. Eu tentei não pensar na minha atual aparência e no meu cheiro, apesar de ter certeza de que esses homens já estiveram e cheiraram pior. Deixei minha vaidade de lado e me concentrei na mais premente das questões:

— O Max está... — minha voz ficou presa na garganta, e não fui capaz de continuar. Garrick e Max haviam sido abatidos, e eu não podia deixar de me sentir responsável por suas mortes.

— Eu sei — disse Leo, evitando os meus olhos. — Eu vi o que restou dele. Nós enterramos... enterramos o que podíamos. Depois do que aconteceu...

Ele respirou fundo e, então, relaxou novamente:

— Não queríamos mais nenhum fogo, pelo menos não por enquanto. Não consigo tirar o cheiro de carne queimada das minhas roupas. É como se eu ainda o sentisse.

Eu podia ver um fardo invisível pesando em seus ombros. E percebi que Leo e eu compartilhávamos um sentimento de responsabilidade pela morte dos nossos amigos.

Meu estômago se revirou, e esperei a náusea passar.

— — O que houve com você? Eu tentei acompanhar o grupo, mas havia coisas mortas por toda parte, e eu não pude ver... não pude pensar...

Leo passou os dedos pelo cabelo e suspirou:

— Foi uma loucura. Um caos total. Todo mundo estava gritando, fugindo, tentando se salvar. Os mortos vieram até nós de todos os lugares ao mesmo tempo. Não havia escapatória. E, então, eu vi o fogo.

Ele fez uma pausa, como se precisasse se recompor:

— Nunca vi um fogo se mover assim. Como se tivesse vida própria.

Leo hesitou por um momento antes de continuar:

— Pensei que todos fôssemos nos queimar. Mas o fogo só atingiu os mortos. E quando me dei por mim, o fogo havia se extinguido, e *ele* apareceu com você nos braços.

Era exatamente disso que eu me lembrava também.

— Não vejo nenhuma estrada. — disse eu, voltando o olhar para Nugar, que estava atrás de Lucas, com suas grandes mãos em seu machado. Ele me olhou por um momento antes de olhar para o estranho.

— Mas por que estamos aqui neste lugar? Não conseguimos encontrar a estrada do mercado negro? — perguntei.

— Não há mais nenhuma estrada segura, nem as menos usadas. — a voz do estranho soou profunda e atemporal.

Mantive meu rosto sem emoção e olhei para o estranho:

— Quem é você?

Mas mesmo deixando escapar essa pergunta, eu já sabia.

Ele não respondeu imediatamente:

— Fawkes. Temos uma amiga em comum. Ela me pediu para ajudar.

Havia algo selvagem nele, o difícil desafio de alguém que não gostava que lhe dissessem o que fazer... ele era como eu.

— Quer dizer a bruxa mestra, Ada?

Os olhos de Fawkes diziam *sim*.

Os homens se contorceram como um bando de cães nervosos, e eu tentei ignorá-los.

— Você é um bruxo. — Não pude esconder a emoção que eu senti. Eu estava curiosa e um pouco temerosa quanto ao meu primeiro encontro com um bruxo.

Ele não disse nada, então eu continuei:

— Você nos salvou. Você mandou o fogo atrás dos mortos, e isso os matou. Você nos salvou com seu fogo inteligente, com sua *magia*.

Lucas e Will recuaram de medo, e eu quis dar uma bofetada neles.

Idiotas.

Os olhos de Fawkes brilharam, e ele levantou seu queixo:

— Este mundo não é lugar para os mortos. Os mortos não devem se levantar. Vai contra todos os principais da vida. Não é natural, e deixaram cicatrizes no mundo toda vez que se levantam.

— Você já viu essas coisas antes?

— Sim. Muito antes do seu tempo. — Ele ficou em silêncio por um momento, e vi que ele sentia raiva, perda e nojo.

— É preciso uma grande quantidade de magia negra para levantar um exército de mortos-vivos desse tamanho. Nunca vi tantos de uma só vez.

Eu sabia que era por causa da pedra, o Coração de Arcânia, mas eu não sabia se deveria contar isso a ele. Eu não tinha razão para desconfiar dele. Ada provavelmente já havia confiado a ele mais informações do que a mim.

— A guerra entre o reino da luz e o reino das trevas é, de fato, uma guerra entre almas. É uma guerra contra a natureza. Só os necromantes mais habilidosos e poderosos, e com as almas mais sombrias, podem conjurar mortos-vivos. Para ressuscitar os mortos, é preciso criar um buraco no equilíbrio de todas as coisas, romper o véu e se infiltrar no perímetro que protege este mundo das trevas. Os mortos-vivos são controlados pela mente dos necromantes. Eles são muito mais perigosos do que os espíritos enganadores.

Fiquei intrigada com a menção dos espíritos enganadores. Ainda havia tanto que eu não sabia sobre o mundo, sobre minha magia, e sobre a magia em geral.

Will se moveu com nervosismo. Ele colocou a mão no punho da espada e

ficou olhando ao redor das árvores como se esperasse que os espíritos enganadores se atirassem contra nós.

Eu me esforcei para não rolar os olhos diante do desconforto de Will.

— Mas o fogo os matou, matou os mortos-vivos. Eu me lembro de ver montes de cinzas depois de terem sido queimados.

Fawkes assentiu com a cabeça, e seu cabelo esmeralda balançou com o movimento. Fiquei com um pouco de inveja de suas gloriosas madeixas.

— Somente o fogo pode acabar com os mortos-vivos. Fogo é um elemento natural. O mortos-vivos não. E o fogo é a única coisa que pode destruí-los.

— Quanto ao sumo sacerdote? Você o queimou também?

Senti um calafrio ao me lembrar do que ele havia dito sobre a Rose. Torci para que ele tivesse se queimado com o resto do seu exército, mas eu sabia que não teria essa sorte. Tive um pressentimento de que seria preciso muito mais que fogo mágico para matar os sumos sacerdotes.

— Fogo não destrói os necromantes — disse Fawkes, como se estivesse lendo minha mente.

Os olhos dele se obscureceram:

— É preciso muito mais do que a minha magia para destruí-los. Mas depois que todos os mortos-vivos foram queimados, não consegui mais sentir sua magia negra. Ele ainda pode estar escondido na floresta ou pode ter voltado para Ânglia. Não sei dizer.

Eu me senti desconfortável sob o olhar intenso de Fawkes, mas não desviei o olhar. Eu também não sentia mais a magia negra, mas guardei isso para mim.

— Ele pode ter partido, mas tenho certeza que ele voltará. Ou que irá enviar mais mortos-vivos atrás de nós. Ele não vai desistir de mim tão facilmente. — esperei pela reação de Fawkes.

— Sim, temo que seja só uma vitória temporária — disse Fawkes. — Havia um poder das trevas viajando com o necromante. Ele continuará a chamar não só os mortos, mas coisas bem piores do que corpos em decomposição. Se não o impedirmos, nem sei dizer o que mais eles trarão a este mundo.

— Como demônios? — perguntei eu.

Fawkes assentiu com a cabeça:

— Antes mesmo de ouvir falar da sua busca, as florestas e a terra ficaram sombrias, e me coloquei a procurar a origem da escuridão. A praga está se espalhando. Eu esperei por você na estrada principal, perto das fronteiras da Floresta da Derrubada. A estrada estava anormalmente repleta de guardas do templo, e eles estavam procurando alguém. As aldeias vizinhas estavam cheias de fofocas sobre você, Elena. Já se espalhou a notícia de que a bruxa habilidosa com as lâminas é a responsável pela praga negra. Há centenas, talvez milhares de humanos à sua procura. Para matá-la.

Ele respirou fundo e fez uma pausa:

— O caminho para Witchdom depende da estrada principal — continuou o bruxo. — Eu sabia que não conseguiria. Vim o mais rápido que pude para avisá-la, mas não cheguei a tempo dos guardas do templo e dos romilianos. Perdi seu rastro. Quando avistei o necromante e sua companhia, soube que você ia pela estrada ao norte da floresta. Eu vim o mais rápido que pude.

— Obrigada por isso — disse eu, mas meu estômago se revirou. Se ao menos ele tivesse chegado a tempo de salvar Max.

Fawkes fechou os olhos.

— Há algo sombrio nas florestas. Não podemos nos demorar. Devemos partir agora.

— Ela ainda não está pronta — rebateu Leo. — Ela precisa de mais tempo para poder montar.

Fawkes o ignorou:

— Se puder montar, precisamos partir.

Senti que algo havia acontecido entre Leo e Fawkes enquanto estive inconsciente.

— Terei de mudar de roupa e talvez comer alguma coisa. Mas posso montar.

Leo parecia surpreso:

— Elena, você perdeu muito sangue. Você nem deveria estar viva... mas sobreviveu.

Eu franzi a testa diante da pausa que ele fez. Eu sabia o que ele estava querendo dizer, e não me importava em ouvir.

— Não acho aconselhável você montar agora — continuou ele. — E se as suas feridas infeccionarem e você tiver febre? O que aconteceria se você ficasse doente? Não podemos correr esse risco.

Não sabia como explicar para Leo e os outros que eu nunca havia estado doente na minha vida.

— Elena pode cavalgar — disse Fawkes.

Leo virou-se e deu um passo perigoso para perto de Fawkes:

— Eu não estava falando com você — bravejou ele. — A decisão não é sua. Não importa *quem* você é ou de *onde* você veio... ela não vai cavalgar até melhorar.

Não sei se eu deveria me sentir lisonjeada por sua proteção ou raiva por ambos falarem como se eu nem estivesse ali.

— Estou bem — resmunguei eu, mas os dois homens não estavam ouvindo.

Fawkes confrontou Leo:

— Não me provoque, *humano*.

O tom de Fawkes era assustador:

— Não preciso de uma desculpa para matá-lo... para matar a todos. Já matei muitos homens por muito menos. Eu posso apagar sua vida em um piscar de olhos.

Com um estalar de seus dedos, chamas nas cores laranja e amarelo surgiram e se enrolaram ao redor de suas mãos como pequenas cobras. Minha nuca se arrepiou quando ele emitiu um rugido selvagem.

Pude ouvir o resto dos meus homens puxarem suas espadas. Nugar se aproximou furtivamente pelas costas de Fawkes, e tive de combater a vontade de gritar. Mas tive a sensação de que o bruxo estava no controle.

Leo endireitou-se:

— Você não passa de um covarde, se escondendo atrás de seus truques, sua *magia*, assim como seu *tipo* sempre faz.

A expressão de Fawkes era aterrorizante.

— Não estou me escondendo agora, estou? Deixe-me mostrar exatamente o meu *tipo*.

— Isso é mesmo necessário? — perguntei, balançando a cabeça.

O fogo ao redor das mãos de Fawkes aumentou e começou a espiralar em torno de seus braços.

— Eu disse que estava bem...

— Um homem de verdade lutaria com as mãos *nuas*.

Os olhos de Leo se estreitaram com a visão das chamas crescentes:

— Não há honra alguma num combate com magia. Contar com o sobrenatural é virar as costas para o Criador, e agora ele se afasta de você.

Eu não podia deixar de me sentir traída pelos comentários de Leo. Eu era uma bruxa. Ele sabia disso. Mesmo assim, ele não havia deixado de pensar que a magia era obra do diabo, e que todos nós éramos monstros. Mas Leo não podia evitar.

Fawkes cerrou o queixo:

— Mesmo depois de tudo o que já viram, ainda se agarram aos ensinamentos dos sacerdotes.

— Não dos sacerdotes, mas do Criador.

Fawkes riu:

— Os humanos são todos iguais. Vocês são tolos. Vocês acreditam em mentiras, porque é mais fácil do que aceitar a verdade.

— Que verdade? — perguntei.

E quando ninguém respondeu, voltei-me para Will:

— Do que ele está falando?

Mas Will apenas deu de ombros. Sua mão continuava no punho da sua espada.

— A verdade — disse Fawkes cansadamente, olhando para mim — É que os seres humanos nunca conseguem aceitar que Arcânia é mágica. Que o chão onde pisam é mágico. Que a magia rasteja sob esta terra e está no ar que vocês respiram. Os humanos temem a magia e, portanto, não podem aceitá-la. Vocês tratam a magia como algo maligno, sendo que ela é uma das coisas mais naturais. A magia é uma prova inegável de que este mundo não é de vocês. Nunca foi.

O rosto de Leo não trazia emoção quando ele riu:

— Então, de onde viemos? Nós não brotamos do chão como ervas daninhas.

— Os seres humanos são ervas daninhas. Vocês são o que há de errado no mundo.

— É o seu *tipo* que não pertence a este lugar — retrucou Lucas.

Fiquei surpresa ao vê-lo falar. Mas, então, eu vi o pânico em seus olhos e o suor em seu rosto.

— Arcânia é a *nossa* terra. Vocês tentaram tirá-la de nós. Mas nós vencemos. E nós os expulsamos.

Fawkes rangeu os dentes:

— A princípio de conversa, Arcânia nunca foi de vocês, pequeno humano.

Eu franzi a testa diante da minha própria ignorância aparente quanto a essa parte importante da história, mas eu também não sabia se Fawkes estava inventando coisas só para começar uma briga. Segundo os livros de Rose, nós, o povo de Arcânia, éramos originários dali. Eu não me lembrava de nenhuma menção ao fato de que tivéssemos vindo de outro lugar. Eu nem sabia que havia outro lugar do qual poderíamos ter vindo. *Que outras terras jazem além dos mares?* Se o que Fawkes dizia era verdade, de onde todos nós havíamos vindo?

Olhei de relance para Fawkes e, na mesma hora, pude dizer que ele acreditava mesmo nisso. Mas eu precisava descobrir por mim mesma se era verdade que os humanos haviam vindo de outra terra distante.

Lucas interrompeu meu pensamento:

— Seu mentiroso filho da mãe!

Fiquei de pé num salto e me coloquei na frente de Lucas, empurrando-o de volta para controlar a raiva.

— Basta! Todos vocês.

Os olhos de Lucas brilhavam com uma fúria animal. Por um momento, pensei que ele fosse me atacar, mas, então, ele fez uma careta e se afastou. Fiquei chocada com o comportamento dele e comecei a observá-lo com desconfiança.

Engoli em seco e me virei para os outros:

— O que é isso? Uma maldita disputa? O que diabos se passa com vocês? Isso não é hora e nem lugar. Se quisermos ter sucesso nesta missão, vocês precisam deixar de lado as suas diferenças. Nós precisamos uns dos outros. Façam as pazes ou calem a boca.

Eu os encarei, tentando não tremer. Uma brisa fresca entrou pelos buracos da minha roupa, e só então percebi que todos podiam ver as feridas que haviam por baixo.

— Eu sou uma bruxa também, ou se esqueceram dessa parte importante? Como podem dizer coisas tão odiosas? Vocês estão em uma missão outorgada por bruxas e acompanhados por uma bruxa.

Leo e Will olharam para o chão com vergonha. Meus outros companheiros evitaram meu olhar, mas o ódio em seus rostos os denunciava.

Eu balancei minha cabeça em desgosto:

— Esqueceram por que estamos aqui? Esqueceram-se de Jon? Se eu ouvir este tipo de conversa novamente... Cortarei suas malditas línguas e os farei engoli-las.

Os homens fizeram cara feia, mas não me importei.

— Então, é hora de tomarem uma decisão. Partam agora, com seu medo de magia, ou calem a maldita boca. Não tenho tempo nem paciência para essa besteira.

Meu estômago doía, mas continuei firme:

— Eu posso não ser capaz de tirar fogo do rabo, mas ainda sou uma espécie de bruxa.

Uma luz brilhava nos olhos de Fawkes, e o mais ínfimo dos sorrisos apareceu em seu rosto. Isso me deu coragem para continuar:

— E não importa se você é um bruxo, um humano, um cavalo ou um maldito mosquito. — eu respirei fundo. — A praga negra não faz discrimina ninguém. Ela virá. Ela virá e matará todos nós. Bruxos ou não, não haverá escapatória se não nos unirmos e lutarmos juntos.

Permaneci de pé, desafiadora, esperando uma decisão; temendo que os homens preferissem ir embora. Mas não foi o que aconteceu. Nenhum deles partiu.

Os homens ficaram quietos depois daquele pequeno desabafo. Eu não estava arrependida nem envergonhada do que havia dito. Eu quis dizer exatamente o que falei. Se eles não pudessem acabar com essa maldita briga, eu cortaria a língua deles. Ou, pelo menos, os forçaria a voltar para o Fosso.

Depois de vestir a única outra roupa que eu tinha, nos preparamos para partir. Eu não podia deixar de olhar para Fawkes. Não porque ele era um bruxo, mas por causa do que ele havia dito, e principalmente por causa do que ele não dissera. Havia mais nessa história do que ele deixava transparecer, e eu ia descobrir exatamente o que era.

Os olhos do bruxo mostravam algo eu não reconhecia e não conseguia entender. Era mais profundo do que raiva, mais profundo do que fúria, ainda mais profundo do que ódio.

Embora odiasse os sacerdotes durante toda a minha vida, nunca conheci alguém que compartilhasse desse mesmo ódio, até conhecer Fawkes.

A única diferença era que... o bruxo odiava os *humanos*.

CAPÍTULO 11



FIZEMOS O RESTO da viagem em silêncio.

Enquanto eu guiava meu fiel companheiro, Torak, Fawkes montava um majestoso alce que era enorme. Era a criatura que eu pensei ter visto em meus sonhos quando acordei. Ele tinha chifres enormes, que poderiam empalar um homem adulto. Dava para ver seus músculos poderosos sobre uma espessa camada de pelo castanho. A sela, freio e rédeas eram de couro dourado. Ele era espetacular.

Mas não era seu tamanho o mais assustador, mas seus olhos. Eles eram verdes, como os de Fawkes.

Eu só havia visto um alce uma vez antes dessa. Eu tinha doze anos e a criatura estava morta. Um grupo de caçadores do Fosso haviam matado ela e a carne alimentara suas famílias por todo um inverno. Lembro-me de ter ficado chateada porque eles tinham comida de verdade, enquanto eu e Rose comíamos pombo e nozes secas. Eu não me achava capaz de comer carne agora. Seus olhos demonstravam uma grande inteligência, quase como se a criatura fosse mágica.

Fawkes seguiu para nordeste por horas. Viajamos através de centenas de milhas de floresta densa, que cobria a parte nordeste de Rômila. Ele e sua fera atravessavam a floresta com tanta graça e facilidade que parecia que ele conhecia cada passagem, cada planta no caminho. Não havia estradas ou rotas visíveis, mas ele nos guiava por um solo seguro e estável para os cavalos. Ele seguia com confiança, sem parecer procurar por qualquer orientação.

Ele estava usando magia? Era o alce? Havia mais em Fawkes do que aquele fogo mágico e eu estava ansiosa para descobrir o que ele poderia fazer.

Apesar da nossa desconfiança anterior, todos seguiam obedientemente atrás do bruxo. Ocasionalmente, ele dava uma ordem e todos mudávamos de direção como um rebanho de ovelhas. Eu sequer me importava que os homens seguissem sua orientação naquele território selvagem e desconhecido. Eles sabiam que estaríamos perdidos sem ele. Afinal, ele salvou nossas vidas.

Fiquei impressionada. O bruxo havia ganhado minha afeição.

Eu estava desapontada e enfurecida por Ada ter nos mandado nessa missão. Aquilo havia sido ideia dela em primeiro lugar. Mas depois de passar algumas horas com Fawkes e vê-lo em ação, não pude deixar de pensar que Ada fez a melhor escolha. Ele era como um veterano de guerra e parecia muito mais habilidoso na luta contra criaturas sobrenaturais do que a velha bruxa. Mas é claro que eu nunca havia testemunhado a extensão dos poderes de Ada.

Será que todos os bruxos de Witchdom eram tão fortes e ferozes quanto Fawkes? Por que ele estava deste lado do Reino? Ele era mais uma pária? Ele havia sido banido pelo seu próprio povo, assim como Ada e os outros? Por que tinha tanta animosidade por humanos se o seu próprio povo o evitava?

Fawkes era um quebra-cabeça que eu precisava resolver antes de chegarmos ao reino dos bruxos. Eu não podia deixar minha inexperiência com a magia estragar nossas chances. Estávamos a cerca de vinte dias de distância das fronteiras de Witchdom e eu poderia usar cada um desses dias.

O ar estava fresco e eu fiquei feliz por minha capa não ter sido danificada pelos mortos. Cicutas, carvalhos e pinheiros formavam um dossel verde que

se espalhava sobre nossas cabeças e nos protegia do inimigo. A mesma cobertura escondia o sol. Mas uma vez, estávamos nas sombras e eu odiava isso.

Um mundo sem sol ou vegetação nos aguardava... se não derrotássemos os sacerdotes.

Vários corvos raivosos nos observavam de um carvalho alto que começava a perder suas folhas. As orelhas de Torak se contorciam quando eles faziam barulho. A maioria das pessoas no Fosso desprezavam os corvos e os chamavam de espiões das bruxas. Muitos acham que as bruxas podem ver através dos olhos dos corvos. Eles evitam os animais e dizem que é um mal presságio ver um. Apesar disso, sempre fui fã deles. Sempre gostei da sua astúcia e inteligência. Fossem ou não pássaros mágicos, espiões ou qualquer outra coisa, sempre ficavam juntos, ao contrário de nossa companhia dividida. Eu admirava esse vínculo.

A praga negra ainda não tinha atingido essa parte de Rômila. Pensando no que ela havia feito, o bosque aqui parecia bem e tinha um cheiro glorioso. Estava cheio de esquilos, ratos, corvos, pintarroxos e gaios, e eu sabia que sentia algum conforto por isso. Mas logo, todos eles estariam mortos.

Depois de algumas horas de cavalgada, as coisas rapidamente voltaram ao normal. Tudo voltou a ser silencioso e chato. Os homens me ignoravam completamente.

Recordei o que Leo havia me dito sobre bruxas há algumas horas. Eu achava que ele e Will eram meus únicos amigos. Agora eu já não tinha tanta certeza.

Eu estava rodeada de pessoas, mas, ao mesmo tempo, nunca me senti tão sozinha. Eles haviam me deixado de lado e eu me senti mais isolada do que quando estava de embaixo do porão da cabana de Rose.

Leo escolheu andar atrás de mim porque isso significava que ele não

precisaria me olhar no rosto. Nenhum deles o fazia. Eu seguia atrás de Fawkes, com Torak como minha única companhia.

Eu me sentia mais desanimada do que estava no início. Já tínhamos perdido dois homens de nossa pequena companhia e Lucas queria me matar. Não pude deixar de imaginar que ele teria tentado se Fawkes não estivesse lá e os homens não tivessem ficado tão aterrorizados com suas chamas. *Os outros se sentiam da mesma forma? Leo, Will e Nugar queriam acabar com minha vida?*

Apesar do calor que minha capa fornecia, um arrepio desagradável subiu pela minha espinha. Senti que meu próprio povo do Fosso havia me descartado. Nós havíamos crescido juntos e eu acreditava que éramos como uma família.

Mas eu não era como eles. Eu era uma bruxa agora e precisava começar a pensar como uma.

Eu não sabia nada sobre Fawkes, não realmente. Além de seu temperamento e seu fogo mágico, eu não o conhecia mais do que aos homens do Fosso. Todos eles eram estranhos para mim. Tive que colocar toda a minha fé e esperança na deusa e em Ada para ter esperanças de que Fawkes não estava nos levando para uma armadilha.

O movimento familiar de Torak era a única coisa que me trazia algum conforto.

Eu poderia realmente fazer isso? Seria forte o suficiente para tanto? Eu era mesmo uma verdadeira Donzela de Aço? E se a Ada e os outros estivessem errados? E se eu fosse mais humana do que bruxa e não pudesse fazer o que todos esperavam de mim? E se tudo isso fosse por nada?

Eu nunca estaria pronta para entrar em Witchdom ou enfrentar os sacerdotes necromantes, ou sequer para vier em um mundo sem o Jon.

Passamos através de altas samambaias e outras plantas com folhas verde-

limão que eu nunca havia visto antes. O bosque ficava mais denso enquanto descíamos ladeira abaixo e eu já não sabia para onde estávamos indo. Só sabia que estávamos longe de qualquer uma das estradas principais.

Fixei meus olhos no cabelo longo e verde de Fawkes. Embora a cor fosse incomum, parecia natural junto ao verde das matas. Ele se camuflava entre os pinheiros e as samambaias, como se fosse parte delas. Eu o observava com curiosidade enquanto seguíamos. Ele não se virou sequer uma vez para ver se o estávamos seguindo. Talvez ele não se importasse.

Depois de termos cavalgado durante horas, a vegetação ficou menos densa e acabamos em um pasto com grama alta e dourada, com um riacho de água limpa. O sol era um disco laranja flamejante descendo sobre as montanhas a oeste. Logo iria escurecer.

Leo se colocou do meu lado direito, com seus cabelos vermelhos refletindo os últimos raios de sol. Senti os olhos dele em mim, mas não o encarei. Eu sabia que ele queria falar comigo, mas eu não estava com vontade de falar com ele. Não o perdoei pelo que ele disse. Ainda não.

Fawkes desmontou e levou seu alce para o riacho. Diminuí o passo de Torak até ele parar e também desmontei. Caí de maneira desastrada no chão, com as pernas bambas, e tropecei um pouco até recuperar meu equilíbrio. Fiquei feliz por estar em terra firme novamente.

Levei Torak até o riacho. Os homens desmontaram ao meu redor e eu os ignorei. Mas sorri quando o grande cavalo entrou na água e se encharcou. Ele bebeu bastante e lançou um chicote de água no meu rosto com sua cauda.

— Obrigada — eu ri divertidamente. O sorriso em meu rosto parecia estranho, apertado e fora do lugar, como se eu tivesse desaprendido a sorrir.

Ajoelhei-me ao lado do córrego. Eu estava cheirando a sujeira e sangue. Mas não havia privacidade ali para um banho de verdade, então me contentei em lavar minhas mãos no riacho. A água estava gelada e picou minha mão

como pequenas agulhas, mas eu resisti ao impulso de retirá-las. Eu estava determinada a me livrar dos traços remanescentes e pegajosos que os monstros haviam deixado em mim, então joguei água no meu rosto, pescoço e clavícula. Também limpei minha axila e meus braços. Não foi tão ruim, pois embora eu estivesse tremendo e minha pele estivesse congelada, ao menos estava mais limpa.

Não me importava que os homens provavelmente estivessem olhando para mim. A água havia lavado um pouco da sujeira e, estranhamente, da dor que eu sentia.

Fawkes estava me observando. Ele se sentou de pernas cruzadas em frente a uma pequena fogueira. Ele levantou uma sobrancelha para mim e eu percebi que aquilo se tratava de um convite para me sentar com ele e me aquecer ao fogo. Os outros decidiram montar acampamento a alguma distância e seus cavalos pastavam ao lado do córrego. Nugar tentava acender uma fogueira sem sucesso. Teria sido mais simples pedir ajuda para Fawkes, mas é claro que ele não faria isso.

Torak se juntou aos outros cavalos e, surpreendentemente, o alce se juntou a eles. Segui em direção de Fawkes e me sentei em frente ao fogo e virada para ele. Eu sabia como isso pareceria para os outros. Eu havia escolhido o bruxo e não a eles, mas eles fizeram suas escolhas quando me excluíram. Para o inferno com eles. Embora eu esperasse que eles se importassem com onde eu me sentava, parecia que não.

Fiz meu melhor para aparentar naturalidade, mas os olhos verdes de Fawkes, pareciam ser capazes de ler meus pensamentos mais íntimos. Eu tremia de frio e de ansiedade por estar sozinha com Fawkes. O calor do fogo me fazia sentir bem, mas ainda levaria tempo para minhas roupas secarem e eu me sentir quente novamente.

— Aquela água estava muito fria — Fawkes avaliou meu rosto e eu não

desviei o olhar. — Você está tremendo. Deve estar com muito frio. A magia da Donzela de Aço pode curar feridas mortais e até impedir que você fique doente, mas não serviria para aquecer seu corpo.

Eu estava um pouco irritada por minha própria magia não poder me ajudar com o frio. Ser uma bruxa não era tão emocionante quanto eu pensava anteriormente. Estendi minhas mãos e as mantive próximas ao fogo. Meus dedos estavam duros de frio e eu comecei a tremer, apesar do calor das chamas.

— Eu sei — disse.

Uma gota de água desceu pela minha têmpora:

— Mas graças ao seu fogo já estou me aquecendo.

Ele me encarou por um momento.

— As noites vão ficar muito mais frias, agora que estamos viajando mais para o leste.

As chamas amarelas e laranjas refletiam em seus olhos:

— Eu poderia ajudar você com isso.

— Com o quê? — Eu disse. Meus dentes batiam e eu me perguntava se havia cometido um erro ao me lavar no riacho.

— Eu poderia ajudá-la a se aquecer... ajudá-la a ficar completamente seca, se quiser.

Meus olhos se arregalaram:

— Você quer dizer com magia?

Meu coração disparou. Eu estava assustada e excitada... mas principalmente assustada:

— Você quer usar a magia em mim?

Fawkes encarou minha excitação como uma negativa.

Seu rosto se endureceu como se eu o tivesse insultado:

— Tudo bem, fique molhada e com frio como um humano tolo. Você

ficou cercada por humanos por tempo demais, e agora está se tornando uma. Até você tem medo.

Me espantei com o temperamento dele.

— Não estou — disse, ainda que minha voz vacilasse um pouco. Levantei meu queixo e coloquei minhas mãos no colo. — Está bem. Faça isso.

Apertei meu queixo e esperei. Mas não tive que esperar por muito tempo.

Fawkes sorriu, o que o fazia parecer mais jovem. Quando ele ergueu as mãos, chamas laranjas e amarelas brotaram de seus dedos e dançaram por suas mãos.

E, então, o fogo disparado por suas mãos me acertou no peito.

CAPÍTULO 12



OUVI GRITOS DE ALARME e, por um horrível momento, achei que estava prestes a morrer queimada. Eu senti as chamas quentes lamberem meu rosto e pele. Ele passou por todos os meus membros e até cobriu meu cabelo. Fiquei assustada.

Mas eu não me queimei. Não senti dor. Era como se ele tivesse jogado um cobertor por cima de mim. O toque do fogo era como seda na minha pele. Eu esperava se sentir cheiro de cabelo queimado, mas em vez disso, o fogo de Fawkes cheirava a trigo, pinhas, narcisos e lírios. Cheirava a chuva. Meus cabelos e roupas se agitavam em torno de mim com uma brisa invisível. Eu ri alto por causa do fogo mágico, estranho e calmante. Após alguns segundos, as chamas desapareceram.

Quando as chamas haviam desaparecido, senti como se tivesse estado em uma banheira de água quente por horas. Eu me sentia deliciosamente quente e minhas roupas estavam secas. Eu sorri e me senti muito mais confiante sobre Fawkes quando vi que ele também sorria. Percebi que o cheiro que eu havia sentido era mágico. Não o odor sufocante, o cheiro de enxofre da magia negra, mas o cheiro doce da terra... Da magia de Fawkes.

— Elena! Pelo criador. Você está bem?

Os rostos de Leo e Will estavam mascarados de preocupação. Os outros estavam de pé, mas próximos à fogueira deles. Eu havia ficado tão perdida na carícia do fogo mágico que me esqueci dos outros por um momento.

— É claro que ela está bem — rosnou Fawkes. — Ela está comigo.

Levantei minha mão e acenei para eles.

— Eu estou bem. Fawkes estava apenas me ajudando a me aquecer novamente.

Eu queria dizer que estávamos fazendo coisas de bruxos, mas isso só pioraria as coisas. E eu estava emocionalmente drenada. Não esperei pela resposta do Leo e me virei para o fogo. Eu podia ouvir os passos suaves de Leo enquanto ele voltava para os outros. Meus ombros caíram.

— Você está magoada pelo que aqueles humanos disseram — disse Fawkes suavemente.

Eu olhei para as chamas, incapaz de encarar os olhos dele. Mas então, percebi que não adiantava negar meus sentimentos para uma pessoa que realmente parecia querer me ajudar.

Soltei um suspiro:

— Acho que estou. Eu sei que você vai me dizer que isso é tolice, mas não posso evitar de me sentir assim.

— Não é de surpreender que você se sinta assim — disse Fawkes. — A bruxa Ada me disse que você foi criada por humanos. É completamente normal se sentir ligada a eles. Mas você precisará se dissociar deles em breve. É para o seu próprio bem. Os humanos nunca vão aceitar você, Elena. Você é uma portadora da magia, uma bruxa, e eles podem odiá-la apenas por isso.

Pensei em rosa e Jon e levantei a voz.

— Nem todos. Eles não me odeiam. E nem todas as bruxas odeiam os humanos. Mas tenho certeza de que você já sabe disso.

Seus lábios se contraíram firmemente, mas ele assentiu:

— Existem algumas exceções. Mas não se deixe enganar... os seres humanos e as bruxas não se misturam. Nunca se misturaram.

Eu estava prestes a dizer que ele estava errado quando ele perguntou:

— Quem é Jon?

Eu mal consegui falar:

—É um amigo... um bom amigo.

Fawkes me estudou por um momento e estreitou o olhar.

— Você está apaixonada por este humano.

Meu rosto queimou novamente.

Fawkes continuou:

— Mas ele não está aqui, está? Onde está ele?

As lágrimas caíram dos meus olhos, mas eu não tive vergonha por ele me ver tão vulnerável. Minha voz estava firme.

— Na Cidade das Almas. Ele foi infectado. Não vou mentir. Ele é grande parte do motivo para eu estar aqui agora, arriscando a tudo e a todos. Eu quero impedir os necromantes, mas, acima de tudo, quero salvar Jon.

Eu nunca teria vergonha do meu amor por Jon. Nunca.

— Ele salvou minha vida — eu disse um pouco mais suavemente e não sem cuidado. — E eu vou fazer de tudo para salvá-lo.

Eu esperava Fawkes me atacar com algum comentário desagradável e tacanho. Por um momento, achei que iria saltar sobre o fogo e me socar. Mas ele estava quieto, muito quieto, perdido em seus próprios pensamentos sem dizer nada.

— Nós não precisamos dos humanos, você sabe — disse Fawkes, quebrando o silêncio entre nós. — Eu posso protegê-la o resto do caminho. Na verdade, seria melhor não os levar para Witchdom.

Soltei um suspiro irritado:

— Eu também sou meio humana.

A última luz desapareceu e eu estava grada pelo calor da fogueira de Fawkes. Percebi que estaria tremendo de frio se ele não tivesse usado sua magia em mim.

— Você não pode ser uma meia-bruxa. Não existe tal coisa.

Fawkes colocava mais lenha na fogueira. As marcas brancas em seu rosto

brilhavam na luz da fogueira, mas seus olhos ficaram sombrios.

— Você é uma bruxa ou um ser humano. Você é uma Donzela de Aço ou apenas uma mulher do Fosso. Essa é uma escolha que cabe a você. Mas você tem sangue de bruxa. Seu sangue é mágico e forte. Dá para sentir. Sua parte humana é bem menos dominante.

Eu estava desnorteada, e embora pudesse ver a sinceridade no rosto dele, não tinha certeza se acreditava naquilo. No entanto, me senti encorajada pela ideia de ter menos sangue do irmão Edgar correndo por minhas veias. Aquele bastardo sempre foi maligno. Ele não precisava de magia negra. Ele já tinha uma alma enegrecida. Eu preferia ter o sangue de qualquer humano ao dele.

— Como pode saber isso? — Eu perguntei.

— Eu posso sentir — disse ele honestamente. — Você emana uma energia especial. Uma luz, se preferir. Eu posso sentir essa energia. Faz parte da minha magia. Todas as bruxas emanam energia, algumas mais do que outras. Geralmente, uma bruxa com sangue humano teria uma energia mais fraca. Mas você... A sua é quase tão vigorosa quanto a de uma bruxa que não tem qualquer vestígio de sangue humano.

Me inclinei para trás e considerei essa nova informação. Era muito para processar. Apenas semanas atrás, eu era uma mulher normal do Fosso, uma jovem cheia de sonhos tolos. Mas eu confiava em Fawkes e sentia que eu estava começando a me entender melhor.

— Ada disse que as Donzelas de Aço são imunes à magia — comecei. — Mas você foi capaz de me aquecer com a sua.

— A magia no seu sangue é defensiva. É por isso que ela a cura. Sua magia a protege contra qualquer magia que tente lhe fazer mal. Ela reconheceu que não era esse o meu objetivo.

— Então, a que clã você pertence? — Perguntei depois de um momento de silêncio.

— Ao clã Elemental — ele respondeu.

Eu pude ver um aperto no seu maxilar, mas ele continuou — minha magia é como a sua. Somos vinculados a esse mundo, a essa terra. Todas as bruxas elementais canalizam seus poderes da natureza, a partir dos quatro elementos: terra, fogo, água e ar. O nosso é o tipo mais puro de magia.

— Isso explica porque você pode fazer o que quiser com o fogo.

— Sim. — Fawkes levantou suas sobrancelhas. — Mas ainda permanece o fato de que não seria sensato para os humanos nos seguirem até Witchdom.

— Por quê? — Minha voz era cortante e não tentei esconder minha frustração em falar sobre isso novamente. Todo aquele preconceito estava começando a me irritar.

— Os humanos não são bem-vindos no reino dos bruxos, assim como os bruxos não são bem-vindos em Arcânia. A história entre nós é longa e brutal. Confie em mim, os humanos devem ficar para trás...

— Eles virão conosco — eu rosnei. Fiquei surpresa com a minha própria convicção depois de tudo que havia acontecido.

Eu olhei Fawkes direto nos olhos e acrescentei — é hora de mudar essa história. Eles vêm conosco e ponto final.

Eu não seria intimidada. Bruxa ou não, eu era a líder daquela expedição e não me deixaria intimidar.

Fawkes encolheu os ombros:

— Como quiser.

Eu quase sorri por minha pequena vitória.

Nós nos sentamos em silêncio por um tempo. Os murmúrios das conversas dos homens haviam morrido e eu vi que todos estavam em seus sacos de dormir. Todos, exceto Nugar. Ele estava inclinado contra uma árvore, com os braços cruzados sobre o tórax. Embora eu não conseguisse ver seu rosto na escuridão, podia sentir seus olhos em mim.

Voltei minha atenção para Fawkes:

— Porque não está em Witchdom com o resto do seu clã?

Eu esperei, mas os lábios de Fawkes estavam apertados e seus ombros tensos.

— Você foi exilado como Ada e as outras bruxas?

Ele não disse nada por um tempo e eu não entendi a reação no rosto dele.

— Você parece saber muito sobre mim — eu pressionei. — É justo que eu saiba um pouco sobre você. Você não concorda?

— Você deveria dormir um pouco.

E com isso, Fawkes se levantou e foi embora, mas não antes de eu ver uma sombra passar pelo seu rosto. Eu o encarei até que ele desapareceu na noite.

Eu estava irritada por ele ter escolhido permanecer um estranho. *O que havia acontecido com ele? Por que ele estava deste lado do Reino?* Fawkes era um mistério. Ele era feroz, mas tinha uma bondade verdadeira em si.

Eu mal podia manter meus olhos abertos. Relutantemente, deixei o conforto do fogo e me arrastei até Torak e meu saco de dormir.

Nas semanas seguintes, cavalgamos dia e noite, quando nossas respirações saíam como uma névoa branca. Fizemos questão de permitir que nossas montarias descansassem, comessem e bebessem o suficiente. Todo dia era a mesma coisa. Cavalgávamos novamente com um renovado senso de urgência e conversávamos pouco. Quando eu falava com alguns dos meus homens, geralmente era com Leo e Will, e mesmo assim porque eles tentavam começar conversas sobre a comida, o fogo ou sobre os dias que já estávamos viajando. Nossas conversas pareciam forçadas e eu ainda não os havia perdoado por seus preconceitos contra as bruxas, contra mim. Eu não sabia que se realmente poderia confiar neles novamente.

Cruzamos a região norte do reino Romiliano sem quaisquer outros

encontros. Se meus homens haviam se surpreendido com nossa sorte, não disseram nada. Por semanas, nunca nos aproximamos de uma estrada ou vimos quaisquer rastros no caminho. Mas no trigésimo primeiro dia de nossa viagem, quando nos aproximamos da fronteira da Girmânia, ouvi um som distante de cascos. Se nós os ouvíamos, eles também podiam nos ouvir, então Fawkes nos fez adentrar a floresta novamente. Foi uma pena termos gasto todo o nosso tempo nas florestas, pois não conseguimos ver quase nada dos dois reinos. *Eles tinham cidades tão fantásticas quanto as de Erast?* Eu nunca saberia.

Fiquei feliz pela companhia de Fawkes, apesar de suas observações arrogantes e rancorosas sobre os humanos, que faziam meu sangue ferver. Enquanto andávamos lado a lado, perguntei-lhe sobre o estado atual do Witchdom.

— Como o reino é governado? Quem mais está no poder além do rei?

— O Rei Bruxo governa todos em Witchdom — Fawkes respondeu. — Há também o Conselho dos Clãs, formado entre os maiores dos maiores bruxos de cada clã. Eles atuam como consultores do Rei Bruxo. Mas, em última análise, ele tem a última palavra.

— Esse conselho me receberá como amiga ou me verá como inimiga?

— Depende — ele disse com cuidado. — O fato de você ter sangue humano e ter nascido fora de Witchdom complica as coisas. O Conselho dos Clãs existe há séculos. Eles são tão antigos quanto o vento e exercem muita influência no sobre o reino dos bruxos.

— Alguns deles estão presos aos costumes antigos, que eram observados antes da era dos homens, mas eles são razoáveis. Se magia negra adentrasse Witchdom, o Conselho dos Clãs sentiria. Suas prioridades são para com a terra e a magia. Se sentirem uma ameaça, certamente recomendarão que o Rei Bruxo aja.

Apesar de Fawkes responder a cada uma das minhas perguntas, não pude deixar de sentir que ele estava sendo muito prudente, editando cada resposta com todo o cuidado. Ainda assim, as poucas informações que consegui eram melhores do que nada. Também aprendi que Fawkes achava o Rei Bruxo um governante cruel, e que seu reinado já dura mais de trezentos anos.

Meus companheiros ainda isolavam a mim e Fawkes abertamente, mas eu não me importava. Eu cavalgava ao lado dele com um novo senso de orgulho e objetivo. Eu estava assustada e excitada ao mesmo tempo. Era uma sensação gloriosa.

Eu sequer notei quando deixamos a Girmânia e atravessamos para a Floresta Negra. Todas as florestas pareciam iguais para mim... grandes, bonitas e traiçoeiras. Mas as árvores começaram a parecer maiores. Os pinheiros eram de um verde mais escuro e seus troncos eram negros.

Finalmente, chegamos na fronteira de Witchdom. As montanhas que eu tinha visto pela manhã estavam sobre nós no final da tarde. Elas desapareciam nas nuvens da deusa e do criador. O granito cinzento e escuro tinha um tom azulado e as rochas pareciam afiadas. As montanhas me apavoravam. Seria impossível para qualquer um escalá-las e elas faziam meu coração afundar no peito. Tinha que haver outra maneira...

— Se você acha que podemos escalar isso, toda a viagem até aqui foi um desperdício de tempo e vidas — disse Leo.

Ele olhou para Fawkes:

— Os cavalos não podem subir. Não somos bruxos, não podemos voar.

Fawkes levantou uma sobrancelha, mas não o corrigiu.

— Sem experiência e ferramentas — continuou Leo cabisbaixo — levaria uma vida inteira para subir um paredão desses. Diabos, nem sequer temos corda. Não somos alpinistas. Nunca poderíamos sobreviver a essa subida. É uma armadilha mortal.

— Isso não pode ser impossível — disse eu, esperando estar certa. — Se as bruxas disseram que podíamos atravessar, deve haver uma maneira.

Eu olhei para Fawkes, mas não consegui decifrar a expressão dele.

— Nem uma bruxa seria tola o suficiente para escalar ou sobrevoar as Montanhas Místicas — rosnou Fawkes. — Há sempre uma maneira, mas os olhos humanos não permitirão que você a encontre.

— O que você quer dizer? — Eu perguntei impacientemente. — Se você sabe como atravessar a montanha, por favor, nos explique.

Fawkes ergueu os braços e recitou um encantamento em um idioma que eu não reconheci. De repente, houve uma rajada de vento e o cheiro de pinhas e flores silvestres encheu o ar. Torak e os outros cavalos se deslocaram nervosamente quando ouve um barulho como o de um trovão. A terra tremeu, bem como as árvores e pedregulhos ao nosso redor.

Eu observava Fawkes. Seu olhar fixou-se em um amontoado de arbustos. Meu coração quase saiu pela boca quando o monte de arbustos começou a se mover.

Os tremores diminuíram e os arbustos balançaram para frente e para trás com vários estalos. Suas raízes saíram da terra e eles se arrastaram pela terra como se tivessem pés. Eles balançaram mais uma vez e a terra tornou a ficar imóvel. O vento se dissipou e o doce cheiro da magia do bruxo desapareceu.

Mas onde estavam os arbustos, revelou-se uma grande lacuna entre as montanhas. Era grande o suficiente para caber 10 cavalos lado a lado.

Não me admira que ninguém consiga encontrar a entrada para Witchdom. Era um segredo dos bruxos e era preciso magia para encontrar o caminho. Nós nunca encontraríamos sem Fawkes.

Fawkes apontou para a lacuna:

— Essa é a Passagem da Colina Cortada. Ela nos levará diretamente para Witchdom.

O caminho entre as montanhas estava claro, mas eu não conseguia ver seu fim. As montanhas pareciam se estender para o infinito. Eu sabia que quando entrássemos na passagem, não haveria volta.

Antes que eu percebesse o que estava fazendo, dei a volta em Torak e encarei os homens.

— Eu não forçarei qualquer homem a ir adiante.

Eu engoli em seco e olhei para cada rosto. Suas expressões eram duras e ferozes, mas pareciam ter amaciado um pouco.

— Não importa o que aconteceu entre nós — eu continuei. — Não importa quais crenças dividimos ou não, eu não os forçarei a passar desse ponto. Não tenho o direito de lhes pedir isso. Não sou rainha, princesa ou nobre. Não tenho terras ou títulos. Eu não tenho nenhuma moeda para dar. Não tenho nada.

Eu olhei nos olhos deles e vi brilho e força.

— Embora pensem que sou diferente de vocês, se olharam profundamente, verão que não é realmente assim. Eu quero o mesmo que vocês. Quero impedir os sacerdotes e quero salvar esse mundo antes que seja tarde demais. Se isso significa que terei que atravessar aquela passagem e enfrentar o desconhecido em Witchdom... Então isso é exatamente o que vou fazer.

Havia confiança em cada uma das minhas palavras.

— Eu sei que alguns de vocês chegaram até aqui em nome de Jon — o nome dele queimou minha garganta e eu engoli seco novamente — e eu respeito isso. Mas não vou prendê-los a tal juramento. Vocês estão livres para voltar. Não pensarei menos de vocês se o fizerem. Agradeço a todos por terem vindo até aqui.

Fawkes se inclinou sobre o seu alce e me deu um sorriso de aprovação. Suspeitei, no entanto que ele confundiu minha intenção, acreditando que eu

estava tentando me livrar dos meus homens.

Eu esperei. Temi ter cometido um erro ao tratar os homens daquela maneira, mas Leo foi quem falou primeiro.

— Podemos ser um bando de desgraçados ignorantes — disse Leo, com um pequeno sorriso. Dava para ver uma faísca em seus olhos. — Mas nós não somos covardes. Nunca. Estamos nisso juntos, Elena. E nós vamos até o final. Pelo Jon. Por nossas famílias. Por todos.

Os olhos deles encararam Fawkes e eu pude ver o desapontamento nos olhos do bruxo. Eu sabia que ele estava irritado. Mas eu me sentia aliviada e sorri para Leo.

— Vamos com você — disse Will enquanto levava seu cavalo até o meu lado. Havia algo em sua expressão que não consegui identificar, mas eu gostei mesmo assim.

— Tem certeza? — Eu olhei para todos os rostos e só encontrei a determinação para continuar.

— Além deste ponto — aponte para a passagem entre as montanhas — não há nenhuma garantia de qualquer um de nós voltará vivo. Vocês precisam ter certeza.

— Nós temos — disseram Leo e Will em coro.

Eu achei extremamente difícil não sorrir.

Nugar me deu um aceno rígido que eu tomei como um *sim*. Não olhei para Lucas por muito tempo. Eu nunca pude realmente contar com ele. Ele parecia nervoso e isolado como sempre. Rezei à deusa para que ele não me apunhalasse pelas costas.

Fawkes estava frio. Ele aproximou tanto seu alce de mim que Torak precisou mover o pescoço para se afastar dos chifres do animal.

Só o ouvi quando ele sussurrou:

— Não diga que não avisei. As mortes deles estão em suas mãos.

Eu abri minha boca para retrucar, mas seu rosnado de aborrecimento me desencorajou a dizer algo. *Mas que alfinetada.*

Me recusei a deixá-lo me desencorajar. Eu sabia que precisava de Fawkes mais do que dos outros. Seu descontentamento com minha decisão me incomodava, mas eu sabia que estava certa ao incluir os outros.

Independentemente de quem ou do que éramos, estávamos todos ali com a mesma finalidade. Além disso, eu não podia para Witchdom apenas com Fawkes. Havia força nos números, e eu sentia que uma comitiva de seis definitivamente pareceria melhor do que apenas dois viajantes.

Senti os olhos dos meus homens em mim, esperando pela minha liderança.

Fawkes já tinha adentrado a passagem. Senti que ele estava quase ansioso demais para chegar ao reino dos bruxos e se afastar de nós. Eu sabia que não havia como voltar atrás depois daquele ponto. Não estávamos entrando em qualquer reino de Arcânia com seus sacerdotes e nobres bastardos...

Witchdom era um mundo novo... um mundo de bruxas.

Apesar do meu medo crescente, ergui meu queixo, toquei os flancos de Torak com o calcanhar e segui atrás de Fawkes pela passagem.

CAPÍTULO 13



A PASSAGEM DA COLINA CORTADA SE ESTENDIA à nossa frente, um caminho enorme na encosta da montanha que parecia ter sido feito pela própria deusa. Meu coração bateu tão rapidamente por um momento que eu pensei que estava doente. Mas continuei trotando pela passagem, logo atrás de Fawkes.

Imediatamente, fui atingida por uma barreira invisível. Torak desacelerou e balançou a cabeça. O ar era escasso e estava difícil respirar. Meus ouvidos faziam um zumbido familiar, do qual eu havia ouvido falar em Portos Cinzentos. Meus dentes batiam e todo o meu corpo tremia, como se estivesse sob o feitiço da magia da montanha. Mas então, a atmosfera se acalmou até o zumbido se tornar um sussurro fraco e eu conseguir respirar normalmente.

Magia. Há um mês atrás, eu teria entrado em pânico. Mas agora, até mesmo Torak continuava se movendo como se não tivéssemos violado uma barreira mágica juntos. Fiquei orgulhosa de meu cavalo de batalha. Ele era verdadeiramente um animal espetacular. A barreira mágica teria sido suficiente para assustar o mais bravo dos guerreiros. Foi um teste de força e coragem que certamente serviria para dissuadir aqueles que não eram adequados para o reino dos bruxos.

Olhei por cima do ombro para ver se alguns dos meus homens haviam fugido ao primeiro sinal de magia. Todos estavam lá. Estavam bem atrás de mim. Eles pareciam decididamente inquietos, mas eu estava orgulhosa deles. Eu sabia que aquela era uma tarefa difícil para todos.

Quando todos passamos pela barreira, Fawkes deu a volta com seu alce e

bloqueou a nossa passagem.

— É uma viagem de três dias a partir daqui — ele disse calmamente.

Os olhos dele avaliaram cada um dos homens.

— Se não pararmos desnecessariamente, poderemos chegar em dois dias.

E fiquem em silêncio.

Algo sinistro brilhou em seu rosto quando seu olhar se voltou para os picos acima de nós.

— Não falem a menos que seja absolutamente necessário. Se precisarem falar, façam isso rápido e sussurrando. Sua vida depende disso. As vozes se propagam na passagem. Coisas bem piores do que os mortos dos sacerdotes vivem nas montanhas. Não queremos acordá-los.

Abri minha boca para perguntar quais coisas, mas Fawkes já tinha começado a se mover novamente.

A passagem era praticamente areia e rocha, mas enquanto adentrávamos cada vez mais, cruzamos por pequenos córregos e prados com flores silvestres, borboletas e pássaros. Não faltaria alimento para os cavalos.

As rochas cinzeladas e os picos nos cercaram por um momento, e eu quase conseguia ver a magia ondulando sobre eles como uma camada de névoa. As montanhas estavam vivas com magia. Eu tinha certeza disso. Imaginei os olhos franzidos e as bocas abertas de monstros que poderiam arremessar pedregulhos gigantes para nos esmagar. Rezei para que isso não acontecesse.

Eu não sabia o que esperar quando chegássemos à capital, Lunarís. Mas de uma coisa eu tinha certeza: eu não seria recebida de braços abertos. Eu não era tão ingênua. Minha mãe havia deixado Witchdom e tenho certeza que foi por um bom motivo. Havia muito para aprender sobre meu sangue mágico, sobre minha mãe e porque ela tinha ido embora. Algo me compelia a buscar respostas.

Deixei escapar um suspiro súbito e esperava que Fawkes não tivesse percebido. Até então, avançamos sem problemas. Tínhamos atravessado Arcânia e sobrevivido. Ainda havia obstáculos a superar, mas eu estava cheia de esperança. Eu esperava que os bruxos nos ajudassem a derrotar os sumos sacerdotes. Esperava poder salvar Jon.

Cavalgamos em silêncio. Eu podia ver Fawkes observando as montanhas cuidadosamente, então fiz o mesmo. Mas eu não conseguia ver nada incomum, apenas o eco dos cascos na rocha de granito duro. O que ele procurava? Que tipo de criatura vivia nas montanhas? Mas sempre que paramos, apenas os sons gloriosos de arvoredos cheios de pássaros, falcões, gritando no céu, e insetos ofereciam uma resposta.

Ainda assim, eu sentia que estávamos sendo seguidos.

A sensação persistiu naquela noite, quando viajamos ao lugar, mas eu nada vi nas falésias rochosas. Finalmente paramos e montamos acampamento. Estava muito frio e eu fiquei grada pelas montanhas nos protegerem dos ventos gelados que gritavam fora da passagem. Eu não conseguia deixar de tremer. Não tinha comigo um casaco de inverno ou calças de lã grossa. Não houve tempo para essas coisas e eu não tinha como comprá-las de qualquer maneira.

Logo que alimentei Torak, dei-lhe água e preparei tudo para a noite, procurei pelo fogo de Fawkes, no qual eu poderia aquecer meus dedos. Meu sorriso de desvaneceu quando vi ele sentado em sua posição habitual, mas sem nenhum fogo à vista.

Fui até ele e sussurrei timidamente — por que você não fez uma fogueira?
— Não podemos arriscar isso — disse ele. O Tom dele foi calmo, mas decidido.

Eu estudei o rosto dele.

— Os homens provavelmente estão congelando. Não tivemos dinheiro

para comprar roupas adequadas para esse tipo de clima. Não podemos correr o risco de ter uma pequena fogueira sem fumaça?

— Não.

Olhos de Fawkes eram negros:

— Se você acender um fogo, vai matar todos os humanos. É isso que você quer?

Ele encolheu os ombros:

— Pessoalmente, eu não poderia me importar menos com um bando de humanos inúteis. A deusa sabe que estaríamos melhores sem eles. Mas você... *você se importa*. E deixa isso tão óbvio. É simples. Acenda uma fogueira e eles morrem. Sua escolha.

Fechei minhas mãos em punhos.

— Às vezes você pode ser um cretino.

Me virei antes que ele tivesse tempo para se esconder, mas imaginei que ele não o faria de qualquer jeito. Eu sabia que ele estava certo. Seria tolice acender uma fogueira. Só precisávamos suportar o frio por mais uns dias.

Quando me aproximei dos homens, pude ver Nugar tentando acender uma fogueira. Dava para ver a névoa das respirações dos homens e o frio na forma como eles esfregavam as mãos e os braços. Eles estavam congelando. Mas eu sabia o que precisava dizer.

Corri para a frente e agarrei o pulso de Nugar.

— Não podemos fazer uma fogueira — sussurrei.

A expressão dele poderia assustar qualquer homem, ainda mais uma jovem mulher como eu, mas mantive minhas mãos no pulso dele e o mantive parado.

— Há algo nas montanhas. Criaturas, perigosas o suficiente para nos matar. Fawkes diz que se fizermos uma fogueira, morreremos.

Não mencionei que Fawkes havia dito que todos os humanos morreriam,

não todos nós.

— Então, nós vamos congelar até a morte — murmurou Lucas enquanto abraçava a si mesmo.

— Não seja ridículo — Ralhei. Soltei os pulsos de Nugar.

— Não está frio o suficiente para isso.

Procurei abaixar meu tom de voz:

— Vamos ter que descobrir outras maneiras de nos manter quentes.

Ficamos em silêncio por alguns instantes.

— E se todos se abraçassem? Ouvi dizer que calor humano pode aquecer tanto quanto uma fogueira.

O sorriso estúpido de Will foi demais para mim, então, comecei a rir em voz alta, mas parei quando vi o brilho dos olhos de Fawkes na escuridão.

Diminuí meu tom novamente e sussurrei — que tal sentar em círculo um pouco e fingir que temos uma lareira?

E foi isso que fizemos.

Fizemos uma refeição de carne seca, nozes e maçãs que Nugar havia encontrado na floresta. Partilhamos histórias sobre nossos planos após voltar para casa, quando tudo voltasse ao normal. Havia uma familiaridade na forma que os homens falavam uns com os outros, como se fossem amigos de infância. Eu não entendi a pontada em meu peito até perceber que aquela familiaridade me lembrava da minha relação com Jon.

Eu podia sentir os olhos de Fawkes em mim. Podia sentir sua desaprovação por eu estar sentada entre os humanos e não com ele. Preferi dar um gelo em Fawkes por um tempo. Aquilo poderia fazer bem para ele. A verdade é que eu não acreditava em excluir pessoas, tenha elas mágica ou não. Talvez fosse porque eu havia nascido no Fosso, passado fome e nunca tivesse uma vida de luxos. Mas também era mais do que isso.

A divisão só criava mais problemas. Nunca resolvia nada.

Esquecemos o aviso de Fawkes de que precisávamos ficar quietos e conversamos alegremente uns com os outros. Eu havia relaxado e ignorado a sensação estranha de que estávamos sendo seguidos. Quando percebi nosso erro, já era tarde demais.

Dezenas de figuras sombrias haviam começado a descer das montanhas.

CAPÍTULO 14



UM ARREPIO FRIO CORREU pelo meu pescoço. Cada nervo do meu corpo estava por um fio. Nós tínhamos acordado as criaturas da montanha.

Eles espreitavam com suas costas pressionadas contra as bordas dos penhascos. Sua pele cinza e pálida, cheia de veias e sem pelos, brilhava ao lugar como couro. Seus membros musculosos e desengonçados eram uma combinação horrenda de corpos humanoídes e morcegos. Eles estavam nus, eram assexuados e, no momento, estavam completamente imóveis. Eles tinham camadas de pele extra debaixo dos braços, conectadas aos seus abdomens como asas de morcego. Garras afiadas brotavam de seus dedos das mãos e dos pés. A energia da montanha ressoou mais alto, como se desaprovasse a existência das criaturas.

Quando a lua saiu de trás das nuvens, vi os rostos deles e sufoquei um grito.

Eram criaturas saídas de pesadelos. Não tinham olhos, boca ou nariz. Em vez de faces, só dava para ver a pele puxada firmemente sobre os crânios desfigurados. Foi a coisa mais assustadora e horrível que eu já tinha visto e meus intestinos viraram água pura.

Que a deusa nos proteja.

Eles eram muitos. Contei vinte das criaturas carecas e sem rosto de cada lado da passagem, mas esses eram só os que eu vi. Estávamos cercados.

Fawkes estava ao meu lado. Suas feições eram duras e frias à luz da lua, mas eu não consegui ler a expressão em seu rosto.

— O que são eles? — Eu sussurrei. Tirei minha espada curta da bainha e

pude ver que os homens ao meu redor também sacavam suas armas.

— Familiares — disse Fawkes, em voz baixa. — Entidades mágicas. Guardiões da passagem e das Montanhas Místicas. Eles eviram que os humanos acidentalmente atravessem a passagem para Witchdom, mas principalmente impedem que as bruxas saiam.

Eram aquelas criaturas que ele queria que evitássemos?

— Eles são cegos? — meu tom de voz era urgente e eu pedi à deusa para que eles fossem.

— Se você quer dizer que eles não têm olhos, então sim, eles são cegos. Mas eles enxergam muito bem de outras maneiras.

Fawkes desembainhou a espada longa. A lâmina prateada brilhava na luz e eu pude ver inscrições delicadas gravadas nela e no punho da arma.

Fawkes percebeu minha confusão e disse:

— Familiares são criaturas mágicas, extremamente resistentes a qualquer tipo de magia defensiva.

Ele fez uma pausa, parecendo cansado:

— Minha magia não irá impedi-los.

Senti um traço de medo no rosto dos homens, que foi rapidamente substituído pela determinação enquanto cada um deles assumia uma postura defensiva. Torci para Fawkes ser tão bom com a espada como era com a magia.

Em silêncio, os homens assistiram os familiares avaliando seus novos inimigos. Mesmo na escuridão, dava para ver o escárnio se espalhando pelo rosto de Nugar. Leo e Will compartilharam um olhar de soslaio, ambos tensos. Lucas se agachou em uma postura defensiva e observou os familiares com cautela. Mesmo no frio intenso, os rostos dos homens brilhavam de suor.

Minha respiração acelerava enquanto eu tentava superar meus próprios medos. Senti minhas roupas grudarem em minhas costas.

Os familiares moveram suas cabeças e um assobio assustador escapou delas. Um frio congelante rastejou pela minha pele. Comecei a tremer apertei minha espada com a mão suada.

— Por que eles não atacam? — A voz de Leo era firme, mas ele olhava nervosamente para as falésias.

— Eles estão nos avaliando — disse Fawkes. Os olhos deles não deixavam as criaturas. — Estão decidindo se nos deixam viver... mas a maioria provavelmente quer saber quem consegue nos matar primeiro.

Os familiares não tinham rostos e mesmo assim era possível perceber a ameaça que eles emanavam.

Fawkes girou sobre mim:

— Eu disse para ficarem quietos — ele murmurou. — Não vou arriscar sua vida pela desses humanos. Se eles foram pegos, abandone-os. Eu certamente o farei!

Lancei um olhar fulminante:

— Você é um idiota cabeça dura. Até mesmo agora...

— Familiares! — A voz de Fawkes reverberou pela passagem. — Nós somos bruxos, nascidos da magia como vocês. Buscamos passagem para Witchdom. Vocês nos concederiam passagem para nossa pátria?

Ele deu um passo cuidadoso para frente e protegeu os homens com seu corpo. Seu cabelo brilhava e se movia como uma capa de esmeraldas líquidas.

Com o som de couro estalando perto do fogo, os familiares balançavam as cabeças, nos estudando. Eu não sabia quanto tempo ficaríamos ali esperando. Permaneci parada, mas meu coração batia forte. Me senti inclinada a correr para nossos cavalos e tentar fugir.

Eu me recusava a ser derrotada quando Witchdom estava tão perto que dava para senti-la. Apertei meus dedos em torno da espada. Que esses

bastardos venham. Eu estava pronta para eles.

No momento seguinte, tive a estranha sensação de chuva gelada caindo sobre meu pescoço. Senti um frio horrível, mas não estava chovendo. Os olhares de confusão e medo nos rostos dos homens me disseram que eles estavam sentindo a mesma coisa.

Fawkes nem se mexeu.

Dava para ver os corpos pálidos descendo pela montanha.

Eles soltaram um barulho. E então, como um, os familiares se soltaram das falésias.

Minha respiração parou enquanto as criaturas sem rosto choviam sobre nós. Havia muitos para contar. O barulho das asas coriáceas nos cercou enquanto eles pairavam e mergulhavam. Eles formaram um círculo e nos aprisionaram.

— Para os cavalos! — Disse Fawkes, mas era tarde demais. Seis familiares cercaram nosso caminho até as montarias.

— Eles estão vindo de trás! — gritou Will.

Girei nos calcanhares e meu sangue congelou. Um grupo de dez espectros medonhos vinha em nossa direção.

Todos se espalharam e a passagem foi preenchida pelo som de espadas cortando carne e osso.

Meu sangue, antes congelado, agora queimava, me fazendo esquecer Fawkes e os outros. Era só eu e aqueles bastardos pálidos.

O mais próximo de mim moveu a cabeça em minha direção e se lançou para frente. Eu estava tão enojada com as asas finas, parecidas com excesso de pele sob seus braços, que fiquei apenas olhando à princípio, mas não por muito tempo.

Uma raiva animal surgiu em mim. Comecei a mostrar os dentes e grunhir quanto ataquei a criatura com um golpe de espada. Mas o familiar se

deslocou para a esquerda com uma velocidade sobrenatural e eu o errei. No mesmo instante, ele fez um contorno no ar e cortou meus joelhos com sua mão ossuda.

A dor queimou no meu joelho direito. Eu gemi e tropecei. Dava para sentir um líquido quente escorrer por minha perna. Embora a criatura não tivesse boca, senti que ela estava sorrindo, me provocando. Ela havia me ferido de propósito.

Mas porque não me matar e acabar com isso? Ele queria brincar comigo primeiro.

Ele se lançou ao ar novamente com suas asas coriáceas e me atacou uma segunda vez. Me esquivei para o lado assim que ele pousou. Eu ainda estava mancando, mas pude sentir minha magia curando o joelho ferido e me alimentando com uma força renovada.

O familiar atacou novamente e mal pude evitar suas garras afiadas. Girei e me abaixei escapando do golpe, mas senti um puxão no meu manto.

Essa foi muito perto.

Eu girava enquanto a criatura tentava me alcançar. Seu rosto estava tão perto que fazia meu corpo gelar, mas meus movimentos eram fluidos e silenciosos. Eu não era abençoada pela magia atoa.

Bloqueei cada golpe, cada corte. Meus movimentos se tornaram tão rápidos que eu seria como um borrão para qualquer ser humano ou criatura. Eu percebi que eu estava ficando melhor nisso... em matar. Enquanto minha confiança aumentava, eu atacava com mais força.

O familiar viu uma abertura e cortou meu calcanhar esquerdo.

Cambaleei e caí. Gritei e quase vomitei com a visão do meu sangue. Aquela coisa havia cortado através do couro da minha bota. E se não fosse a bota, provavelmente o corte teria chegado ao osso.

Uma luz dourada se derramava pela minha bota, mas o familiar não

parecia ter percebido.

Eu tinha força suficiente para suportar. Meus olhos nunca saíam da criatura.

Bruxas não são autorizadas a deixar sua pátria, mas se o fizessem, nunca poderiam retornar. Uma voz antiga e oca entrou em minha cabeça.

A pátria é sagrada. A pátria é poder. Devoramos aqueles que abandonam a pátria.

— Eu nunca saí — bravejei.

Apoiei meu peso com a perna direita e falei com o familiar.

— Eu não sou de Witchdom. Nasci no Fosso, em Ânglia. Nós não queremos problemas. Só queremos atravessar o desfiladeiro. Mas se vocês não deixarem, irão morrer. Eu juro.

Torci para que aquela coisa não pudesse perceber meu blefe.

O familiar jogou sua cabeça para trás, como se estivesse gargalhando.

Uma bruxa perdida é uma bruxa morta. Magia é poder. Sangue é poder.

— Vou matá-lo antes que tenha a chance de provar do meu sangue — eu rosnei, sem saber exatamente como a criatura sem boca poderia provar meu sangue. A bile se formava na minha garganta só de pensar.

Em uma postura defensiva, empunhei minha espada e esperei a criatura atacar novamente.

Mas ela parou por um momento e, mesmo sem olhos, me observou com a cabeça abaixada. Então, sua pele se iluminou com um brilho suave. Ele ergueu suas mãos na minha direção como Fawkes havia feito para usar sua magia de fogo.

Dei meio passo para o lado quando percebi que ele havia lançado uma magia em mim.

A magia me atingiu como um raio de energia e me deixou tremendo e ofegante. Eu sentia tanto frio que meus dentes batiam. Não era como o

formigamento calmante da magia de Fawkes. Era frio e quente ao mesmo tempo e picava como mil vespas de Ânglia. Minha visão ficou borrada e tudo que eu podia ver era uma vaga cintilação. Meu coração estava na garganta e eu temi pelo pior. A magia me envolveu com um cheiro de leite azedo tão forte que meus olhos lacrimejaram. A magia foi lançada no interior do meu corpo como uma brisa fria.

Uma brisa com a energia de uma tempestade. Meu corpo enrijeceu e me senti como se fosse feita de metal. Desejei falar, me mover, mas nada se movia. Nem mesmo meus lábios. Foi como a paralisia que senti quando o homem da Ordem das Pedras me envenenou com cicuta. Lágrimas jorravam dos meus olhos, mas não pude piscar e nem as tirar de minhas bochechas paralisadas.

Olhei para a criatura sem rosto. Com certeza ela me mataria agora. Fiquei horrorizada e com medo, mas meu corpo não tremia. Os homens também não tinham nenhuma defesa contra essa magia. Os familiares nos dominariam até que decidissem matar a todos nós.

Nunca chegaríamos a Witchdom. A única coisa que se movia em meu corpo era o coração que batia acelerado.

Mas foi aí que eu senti um formigamento e meu corpo começou a se libertar da influência mágica. Dava para sentir o feitiço sendo quebrado.

Eu sorri apesar do medo, mas não tive tempo para pensar no que havia acontecido. Antes que o familiar pudesse tentar outro encantamento, eu já havia saído do caminho.

Juro que por um momento pude perceber surpresa e raiva naquele rosto inexpressivo.

Enquanto eu brandia minha espada, a coisa me acertou com um raio de energia abrasadora que me lançou em espiral para o chão. Rolei e me contorci na tentativa de me livrar do feitiço. Meus membros tinham começado a

endurecer, me deixando paralisada novamente. Mas como eu havia me acostumado ao feitiço da criatura, minha magia o estava suprimindo por conta própria dessa vez. Meu corpo rejeitou o feitiço, que se quebrou em segundos.

Fiquei de pé em um salto, com a espada na mão e um sorriso perverso nos lábios. Eu ia matar aquele desgraçado pálido.

— Parece que sua magia não funciona comigo, familiar.

Eu podia sentir a voz dele em minha mente. *Você pode ser abençoada com uma resistência maior do que a dos outros, mas não estará de pé no final disso. Nenhuma bruxa pode com nossa magia. Você vai morrer, assim como os outros. Seu sangue é meu.*

Eu percebi fúria no rosto inexpressivo da criatura ou era imaginação minha?

O familiar me atacou novamente com sua magia. Senti como se tivesse levado um soco no estômago. Fiquei imobilizada por alguns segundos, mas me recuperei logo depois. Girei e me movi enquanto me recuperava e fui atingida outra vez. Mas cada ataque era menos eficiente do que o anterior, até que a magia da criatura não tinha mais efeito.

Não pude deixar de rir. Pela primeira vez, senti o que parecia ser uma imunidade à magia negra... O que realmente significava que eu era uma Donzela de Aço. E neste momento de clareza, percebi que minha mãe havia chegado até Arcânia porque sua magia a havia protegido. Os familiares não tinham qualquer poder sobre ela.

E pela primeira vez, senti-me invencível.

— Pare de desperdiçar seu tempo, sem rosto — eu acenava com minha espada e me sentia mais ousada a cada segundo.

— Eu vou matá-lo. E sabe por quê? Porque Donzelas de Aço são imunes à sua magia.

A criatura levantou a cabeça como se estivesse me cheirando.

Donzelas de Aço são uma lenda. Não existem mais bruxas desse clã caminhando pelo mundo.

— Está enganado novamente. Ainda há uma, e você está olhando para ela, se é que pode me ver com essa farsa que chama de cara.

Em um acesso de raiva, o familiar se lançou contra mim em uma saraivada de maldições mágicas, sem sucesso algum. As magias não faziam minha pele sequer formigar. Era vergonhoso.

Fintei para a esquerda, girei e ataquei por trás da criatura. Ela pareceu surpresa quando cortei sua garganta. O sangue do familiar jorrou em meu rosto e mãos. Me engasguei com o cheiro de leite azedo. Então, atravessei a cabeça dele com a espada, só para garantir que aquilo estava morto.

Fiz uma careta ao sentir sua carne molhada em minhas mãos quando puxei minha lâmina. O familiar desabou no chão.

Sobre o martelar do sangue em meus ouvidos, pude ouvir os grunhidos de exaustão dos meus homens em meio à luta. Eles estavam indo bem. O cheiro de sangue dos corpos pálidos enchia o lugar. Mas ainda haviam muitos familiares para enfrentar.

Will se movia rapidamente e desviava das garras de um familiar que avançava sobre ele. A criatura não o deixava recuperar o fôlego, mas ele defendia cada golpe e também atacava quando podia.

Pude ver o machado de batalha de Nugar brilhando ao luar. Procurei por Fawkes, mas não consegui encontrá-lo.

Meu estômago se embrulhou quando vi que Leo e Lucas estavam em apuros. Eles foram paralisados e estavam duros como pedras da Cidade das Almas. Dois familiares dançavam em círculos ao redor deles, revezando-se em ataques que cortavam a pele dos homens. Eles pareciam estar saboreando o momento, já que suas vítimas não conseguiam se defender e provavelmente

sangrariam até a morte. Eu não podia ver o rosto deles e torci para que ainda estivessem vivos.

Me movi com velocidade e saltei sobre o que torci que fosse um familiar morto. Um segundo familiar erguei os braços para lançar um feitiço em mim, mas não parei para esperar.

Em um flash, fineti para a direita, abaixei e girei. Quando me aproximei o suficiente, cortei o pescoço do familiar. Sangue branco respingava no meu rosto novamente, mas eu o ignorei enquanto outro familiar tomava o lugar do companheiro caído.

Eu era atacada por familiares de todas as direções, mas derrubava um por um. Finalmente, eles perceberam que sua magia não funcionava em mim. Dava para ver claramente a cabeça deles balançando em confusão. Mas eu não me importei. Meus golpes eram amplos e mortais, gerando uma pilha de rostos desfigurados ao meu redor.

Recuperei o fôlego e consegui ver Fawkes de relance.

Ele se movia com a agilidade de um gato e dançava em meio aos familiares, matando-os com sua espada. Os dois que estavam atacando Leo e Leo se separaram e tentaram agarrá-lo por trás. Mas Fawkes se virou no último momento, deu dois golpes rápidos com a espada e ambas as criaturas caíram aos seus pés.

— Elena! — rugiu Fawkes. — Vá para os cavalos. Vamos! Cavalgue como o vento!

Limpei o suor da minha testa. Will e Nugar respiravam pesadamente, claramente abalados. Seus rostos estavam cobertos de sangue branco, mas eles ainda estavam vivos.

— Mas e o Leo e o Lucas? — Eu perguntei. Minha respiração vinha em suspiros rápidos e eu sentia uma cãibra do lado direito do corpo.

Os feitiços dos familiares mortos ainda pareciam encantá-los, e eu temia

que eles ficassem congelados para sempre.

— Esqueça-os. É tarde demais — disse Fawkes. — Eles são apenas humanos. Deixe-os. Eles estão mortos de qualquer maneira.

— Não posso deixá-los assim.

Eu respirei fundo.

— Não vou deixá-los — acrescentei com mais convicção.

— Bruxa tola! Não há tempo para sentimentos humanos. Existem ainda milhares de familiares aqui. Se não formos agora, nem mesmo sua magia será capaz de detê-los.

Fawkes limpou o sangue da sua espada e foi em direção aos cavalos.

— Então vá. Pode ir. Porque não vou sem eles.

Olhei para os corpos enrijecidos de Leo e Lucas e me perguntei se estava sendo tola. Eu esperava não estar arriscando nossas vidas e nossa missão para resgatá-los. Mas eu havia tomado a minha decisão. Eu não iria deixá-los.

Fawkes montou seu Alce num instante. A princípio, achei que ele ia me abandonar, até que o vi pegar nas rédeas de Torak e acalmá-lo. Ele fez uma carranca desagradável para mim, mas esperou perto dos animais.

— Então sugiro que você se apresse se quiser que os seres humanos vivam — ele ladrou. — Temos apenas alguns momentos antes que cheguem mais familiares... antes que todos morram aqui por causa dessa tolice.

Minha pulsação acelerou. Fawkes realmente conseguia me irritar, mas eu sabia exatamente o que fazer.

— Nugar. Will. Me ajudem a colocá-los nos cavalos — eu gritei enquanto corríamos em direção aos cavalos.

Dei uma olhada em nossas mochilas, mas não havia tempo de preparar nada. Precisamos deixar tudo para trás. Rapidamente, levamos os cavalos até os dois homens imóveis. Dava para ver os olhos de Leo se movendo e eu percebi com uma onda de alívio que ele ainda estava vivo. Lucas também

estava vivo.

Nós os colocamos em seus cavalos e os prendemos nas celas da melhor maneira que conseguimos. Amarrei suas rédeas nos corcéis de Nugar e Will, prendendo também os cavalos de Mike e Garrick. Eu não deixaria nossos cavalos para os familiares.

Enquanto eu amarrava as rédeas, ouvi um assovio e uma voz fria sussurrou na minha cabeça.

A pátria é sagrada. A pátria é poder. Devoramos aqueles que abandonam a pátria.

Os penhascos se encheram de familiares. Eles arquearam as costas e saltaram.

— Vamos! Vamos! Vamos! — Eu gritei. Montei em Torak, agarrei as celas, lhe incitei com os calcanhares e disparamos para frente.

Will e Nugar estavam atrás de mim, e o som dos nossos cascos trovejou na passagem. Torak seguia pela passagem em uma velocidade incrível e eu me agarrei a ele como se não houvesse amanhã.

Fawkes ficou na retaguarda desta vez, mas não me atrevi a olhar para trás. Eu imaginei a multidão de familiares nos nossos calcanhares. Dessa vez, seriam muitos mais, e minha magia não me ajudaria contra centenas de garras mortais.

Cavalgamos rápido e sem parar. Agradei à deusa pela terra plana e fiz Torak acelerar até que quase não se podia sentir o bater do solo em seus cascos. Parecia que estávamos voando.

Não sei quanto tempo corremos pela passagem com os demônios pálidos atrás de nós. Horas? Minutos? Foi somente quando a escuridão desapareceu e uma luz suave se derramou sobre nós que percebi que a manhã havia chegado. Mas não me atrevi a parar.

Ouvi Fawkes chamando meu nome e olhei por cima do ombro. Eu estava

uns 50 metros à frente deles. A velocidade de Torak havia superado a dos outros cavalos novamente. Leo e Lucas pareciam estar bem. Eles estavam sentados em suas selas e cavalgavam para valer. E não havia sinais dos familiares.

Procurei pelas falésias que nos cercavam. A princípio, foi difícil me concentrar com Torak se movendo, mas quando eu o estabilizei, pude ver apenas rochas e montanhas.

Acaricieei o pescoço de Torak para acalmá-lo. Fawkes levou seu alce até o meu lado. Apesar dos flocos brancos e secos que cobriram seu rosto, levei apenas um momento para ver o quão relaxado ele estava.

— Os familiares — engasguei. Minha garganta estava seca e eu estava com sede. Pisquei para tirar o suor do rosto e olhei para os picos atrás de mim. — Por que eles pararam de nos perseguir?

Fawkes apontou para a frente e disse — porque chegamos ao nosso destino.

Eu nem havia notado que tínhamos chegado ao fim da passagem. Enquanto a luz da manhã nos banhava em calor, nos vimos a frente da entrada de outro reino.

Diante de nós, estava um mundo de magia e mistério. Witchdom.

CAPÍTULO 15



WITCHDOM ERA UM MUNDO DESLUMBRANTE de rios espumantes, montanhas cobertas de neve, colinas e florestas verdes e vales fluviais. Embora eu pudesse ver vilas e aldeias, a paisagem estava misteriosamente silenciosa, como se o mundo estivesse prendendo a respiração.

Parecia Arcânia de muitas maneiras, mas no interior dessas colinas, leitos d'água e vegetação, estavam os segredos da magia.

Eu estava tonta de fome. O ar frio havia finalmente assentado e eu senti um calafrio nos ossos. Me recusei a pedir a Fawkes que me aquecesse com sua magia. Não queria que ele achasse que eu realmente precisava dele.

O mundo foi inundado pela luz rosada do nascer do sol, e eu soltei um suspiro trêmulo. Após um longo mês de viagem, eu finalmente havia chegado ao reino das bruxas. Nós conseguimos.

Eu não sabia o que esperava ver. Talvez eu pensasse que sentiria algum tipo de conexão ao me aproximar da terra natal da minha mãe. No entanto, só havia medo no meu coração. Eu não sentia que havia conseguido alguma coisa, mesmo que tivesse viajado por todo um país, pois sabia que o pior ainda estava por vir.

Quando desci das costas de Torak e minhas botas bateram no chão, pulei de surpresa. Senti uma sutil vibração contra meus pés, como se milhares de abelhas morassem no subsolo. Instintivamente, olhei para Fawkes.

— A magia em Witchdom é potente, especialmente aqui. Ela fica mais concentrada perto da fronteira, nas montanhas — ele explicou enquanto desmontava de seu alce. — Você vai se acostumar.

A magia da terra palpitava como um batimento cardíaco, como se houvesse uma mola mágica abaixo dos meus pés.

Os homens se olharam inquietos antes de todos desmontarem. Mas se eles sentiram a magia pulsando abaixo dos seus pés, não mencionaram. Eles pareciam inconscientes da magia ao seu redor. Talvez eles não pudessem sentir. Talvez só as bruxas pudessem sentir a magia.

Em outro momento, talvez eu me sentisse privilegiada ou especial por sentir o pulsar da magia enquanto outros não. Mas eu não conseguia conter o aperto no meu coração, que só piorava.

— Conseguimos — disse Leo, me sacudindo para fora dos meus pensamentos. Ele sorriu para mim, mas estava mais pálido do que o normal e havia olheiras em seus olhos.

— Sim. Sim, conseguimos. — O meu sorriso não chegou aos meus olhos.

Meu medo foi se tornando lentamente uma dor em minha alma. Precisei de esforço para me controlar. Eu não podia deixar os homens me verem vacilando. Não podia deixar eles verem que eu estava em pânico.

— É tudo o que você esperava?

Dei de ombros para Leo — para dizer a verdade, não tenho ideia do que eu esperava.

— Bem, pelas histórias que ouvi quando criança, eu esperava ver fogo e cinzas por todo lado, rios nos quais corria o sangue de pessoas torturadas. Mas parece ser tão bonito quanto em nosso lar, não é?

A cor estava voltando para suas bochechas.

Balancei a cabeça. Eu tinha ouvido as mesmas histórias:

— Acho que sim.

— Você estava certa, Elena — disse Leo enquanto ele se virava para contemplar Witchdom. — A pessoas do Fosso são ignorantes e têm a mente pequena. Olhe para mim, acreditando em contos infantis. É como você disse,

as bruxas são como nós, talvez apenas um pouco diferente de uma ou outra forma.

Ele olhou para seus pés enquanto o rubor de suas bochechas descia para o pescoço.

— E desculpe por ter duvidado de você. Mas agora eu tenho fé. O Rei Bruxo vai nos ajudar. Eu posso sentir. Vamos salvar o Reino... vamos salvar Jon.

Com um sorriso vencedor, ele seguiu de volta para o grupo, deixando palavras em minha boca que eu não conseguia pronunciar. Quando olhei para os homens, vi que parte da tensão havia sumido de suas expressões, que estavam mais leves. Estava claro que quaisquer atrocidades que eles haviam esperado do lugar não tinha se revelado. Vi até mesmo alguns sorriso enquanto eles começavam a relaxar.

Parte de mim queria alertá-los para não serem tão descuidados e não se enganarem com a familiaridade desse reino.

Mas não consegui. Eles tinham passado por tanta coisa. Eles mereciam um pouco de esperança. Mesmo que fosse só um pouco, mesmo que ela fosse sumir em breve.

Fawkes parecia perturbado, no entanto. Embora ele ocultasse isso bem, uma ligeira agitação foi o suficiente para confirmar minhas suspeitas.

As coisas não estavam nada bem. Seres humanos não eram bem-vindos em Witchdom.

Depois que demos aos cavalos um descanso muito necessário, montamos e começamos nossa viagem para a capital, Lunariss.

Enquanto cavalgávamos, fomos recebidos com neve molhada e recém caída que formava um cobertor fino e lentamente derretia com o sol. Eu estava contente por ter deixado as montanhas gigantes para trás, mas não consegui acalmar meu coração enquanto continuávamos nossa jornada. Um

suor frio surgiu em minha testa e minha camisa logo ficou encharcada. Eu falhei miseravelmente em tentar acalmar meus nervos.

Seguimos por uma estrada menos vigiada, que estava coberta por ervas daninhas. Fawkes liderou com seu alce, enquanto Torak e eu seguíamos ao lado dele. Mantive-me impassível e o segui para qualquer direção que ele tomasse, tentando perceber como ele se sentia sobre nossa viagem. Mas ele ficou em silêncio por horas e eu não consegui decidir se aquilo era medo ou apenas parte do seu charme. Do pouco que eu sabia sobre Fawkes, ele não parecia ser do tipo que se assustava com facilidade. A tensão nos ombros, nos lábios e na forma como ele havia se fechado só podia significar que ele também temia os desafios que encontraríamos na capital.

Será que sairemos de lá vivos? Ele estava nos levando para nossa perdição? Tudo isso foi um engano? Será que podíamos enfrentar os sacerdotes necromantes sem a ajuda do Rei Bruxo? Havia outra maneira? Estávamos entrando em uma armadilha? Parece que não tínhamos outra escolha senão continuar.

Após uma noite fria e silenciosa, acordamos na manhã seguinte para um café da manhã inexistente. Nós encontramos água para saciar nossa sede, mas isso não satisfazia a dor dos nossos estômagos famintos. Fawkes conseguiu encontrar um punhado de cogumelos e frutas que eram seguras de se consumir, mas isso não fez muito para saciar minha fome e eu fui beber mais água.

O dia claro e glorioso não conseguiu diminuir o calafrio que afligia meu coração. Quanto mais perto chegávamos da capital, mais eu me sentia nervoso. Era como se eu estivesse na beirada de um penhasco, prestes a cair.

Após mais alguns quilômetros a cavalo, chegamos a uma encruzilhada e viramos para nordeste. O caminho nos levou através de planícies, rios e colinas. Fumaça subia ao céu, vindo de aldeias distantes.

Conforme nos aproximávamos da primeira vila, encontramos nosso primeiro grupo de bruxos. Eles trabalhavam nos campos como os agricultores faziam em Ânglia. Minha primeira impressão sobre aquela cena foi como ela parecia estranhamente familiar. Eu nunca achei que bruxos faziam qualquer tipo de trabalho pesado. Achei que eles encantavam os campos para produzir uma fonte infinita de vegetais.

Antes de chegarmos perto o suficiente para ver seus rostos, Fawkes ordenou que todos puxássemos nossos capuzes sobre nossas cabeças.

— De agora em diante, mantenham as cabeças baixas o tempo todo.

Eu podia ver a tensão no rosto dele.

— Os seres humanos não são bem-vindos aqui. Assim como as bruxas eram vistas como o inimigo em sua terra natal, os seres humanos são o inimigo aqui. Se uma bruxa reconhecer um de vocês como seres humanos, certamente tentará matá-lo. E eu não serei capaz de detê-los. A única coisa que posso fazer é lançar um feitiço de camuflagem temporário que fará vocês parecerem bruxos. Mas não vai durar muito.

Os homens trocaram olhares preocupados, mas não disseram nada.

Fawkes guardou para si seu aborrecimento.

— Nunca se esqueçam de que só há quatro de vocês. Existem milhares de bruxos e eles adorariam descascar a pele dos seus ossos e ver vocês morrerem lentamente. Vocês não devem dar nenhum motivo para isso acontecer.

Fiquem quietos. Não reajam a qualquer coisa que virem de uma forma que possa revelar que vocês são humanos. Mantenham os olhos na estrada e não tentem nada estúpido, independente do que verem. Entenderam?

Para minha surpresa, todos os homens acenaram positivamente, mas se eles sentiram em algum momento que sua sorte havia mudado, esse sentimento foi completamente esmagado.

— Bruxas odeiam humanos. Lembrem-se disso.

Fawkes levantou a mão direita e rapidamente falou algumas palavras em um idioma que eu não reconheci.

— Que língua é essa? — Eu perguntei quando ele terminou. Parecia com as mesmas palavras que ele havia sussurrado na entrada da passagem. Embora fosse estranha, a língua era encantadora e tinha qualidades rítmicas, como a melodia de uma canção.

— A língua de Witchdom — disse Fawkes. — O velho idioma das bruxas. A maioria de nós fala o idioma comum e a língua de Witchdom. Todos os feitiços, encantos, e magias estão nessa língua.

Fawkes parecia ler a decepção em meu rosto.

— Se sobrevivermos, prometo lhe ensinar a língua antiga.

Eu sorri para ele:

— Vou fazê-lo cumprir a promessa.

Enquanto Fawkes seguia na frente, baixei meu capuz o suficiente para manter meu rosto escondido. Incitei Torak a continuar e todos os homens me seguiram em silêncio, com os capuzes escondendo seus rostos.

Enquanto a distância entre nós e os bruxos diminuía, percebi que os trabalhadores rurais não eram bruxos. Eles eram humanos. Fiquei feliz por meu capuz esconder as emoções em meu rosto.

Eles estavam acorrentados como animais. Homens idosos e mulheres, com a pele áspera e profundamente vincada de uma vida debaixo do sol, estavam trabalhando nos campos. Seus corpos estavam retorcidos com a idade e suas roupas pendiam frouxamente em seus corpos ossudos. Eles colhiam frutas nos arbustos baixos e reviravam a terra com as próprias mãos. Eles sequer olharam em nossa direção enquanto passávamos.

Me senti fraca, pronta para cair do meu cavalo, mas a mão de Fawkes apertou a minha como um grilhão de ferro.

— Não — ele avisou. Seu rosto estava a polegadas do meu, coberto em

um suor que não estava lá há pouco.

— Ele verá você. Não há nada que possamos fazer por eles. Se não quiser que seus humanos sofram o mesmo destino, sugiro que você fique quieta e de cabeça baixa.

Engoli minha raiva:

— Quem vai me ver? — Eu sussurrei.

Fawkes levantou a cabeça e eu segui sua linha de visão. Um lobo branco gigante com uma cabeça preta estava sentado em um monte baixo. A fera era enorme, do tamanho de um cavalo pequeno. Mesmo à distância eu podia ver um brilho amarelo e vermelho totalmente antinatural em seus olhos. Eles pareciam estar em chamas. Ele virou seu olhar em minha direção e eu senti um calafrio.

— Seu nome é Wiscar — respondeu Fawkes, abaixando a voz. Ele é um bruxo metamorfo e é o mais brutal de sua espécie.

Algo mudou no rosto de Fawkes, sugerindo que ele e o tal metamorfo já se conheciam.

Uma centelha de raiva despertou em mim antes que eu pudesse controlá-la.

— Mas como isso é possível? — Minha respiração saía assobiada. — Como todos estes idosos atravessaram a barreira e a passagem?

— Não atravessaram. Eles nasceram aqui. Eles são uma geração de escravos.

Fawkes voltou ao seu feitiço e seus lábios passaram a se mover com mais urgência do que antes. Senti o cheio de sua magia, o odor de pinhas e trigo. Ele realmente não queria que esse metamorfo nos visse.

Olhei por cima do meu ombro. Os homens estavam tão nervosos quanto eu. Nugar balançava a cabeça como se estivesse tendo algum tipo de convulsão, enquanto lágrimas escorriam pelos olhos e nariz de Lucas. Apenas

Leo parecia impassível, mas a umidade em seus olhos não escondia suas emoções. Will me olhava com uma raiva silenciosa e acusadora, como se acreditasse que eu sabia sobre os escravos e não tinha dito nada.

Eu abri minha boca para tranquilizá-lo, mas ele se virou. Foi como um tapa na minha cara. Meu rosto queimou, mas continuei observando os homens até ter certeza de que eles não estavam prestes a sair correndo para libertar os escravos... como eu queria desesperadamente fazer. Mas mesmo que o fizéssemos, até onde conseguiríamos chegar? Não dava para levá-los conosco até Lunaris. E eu duvidava que eles conseguiriam sobreviver à viagem de volta pela passagem.

Com uma pontada no coração, eu soube que aqueles não seriam os últimos escravos que eu veria nesse reino. Como Witchdom se parecia com Arcânia. Nossa capital também estava cheia de escravos humanos.

Quantas gerações de humanos foram criadas para se tornarem escravos até que a luz de seus olhos desaparecesse?

Incitei Torak pelo caminho, desejando conseguir parar de tremer. A necessidade de vingar estas pessoas era esmagadora. Era como olhar para o Fosso. Neste caso, em vez dos sacerdotes, eram os bruxos que estavam fazendo humanos de escravos.

Limpei as lágrimas dos olhos e me afastei daquelas pessoas infelizes. O aviso de Fawkes começou a martelar em minha cabeça até causar uma enxaqueca.

Eu não devia ter deixado os homens virem comigo. Eles estavam mais seguros na Floresta Negra. Eu posso ter condenado cada um deles.

Rezei para a deusa, pedindo que o feitiço de Fawkes os ocultasse do metamorfo. Mas quando passamos, senti os olhos amarelados dele queimarem na minha nuca.

CAPÍTULO 16



MEU CORAÇÃO PESAVA de tristeza enquanto continuávamos nossa viagem para a capital. A estrada estava coberta de grama alta e pinhas, mas os cavalos se moviam com facilidade e graça, assim como o alce. Um bando de aves com caudas longas e emplumadas como delicados laços de fita voou sobre nossas cabeças, cantando alegremente e sem qualquer preocupação.

A cada hora que passava, meu coração começava a bater mais e mais rápido. Mesmo com o ar frio, meu corpo parecia arder. Minha camisa estava encharcada de suor, agarrada no meu peito e costas. Suor escorria entre os meus seios. Eu estava horrorosa e cheirava como um mendigo do fosso. Diabos, eu provavelmente parecia um.

Eu choraria se me atrevesse a olhar para os homens e não queria chegar em Lunarís com os olhos vermelhos e inchados. Então, continuei seguindo com um crescente temor em minha alma.

A estrada ficou mais larga. Ela estava bem plana, com sinais de uso recente. Ao sul, havia uma aldeia margeada por uma montanha e uma floresta. Logo, edifícios de pedra e madeira começaram a aparecer em ambos os lados da estrada. Muitos deles tinham grandes, luxuosos e bem cuidados gramados, lembrando as vilas próximas a minha casa. Mas quando chegamos mais perto, pude ver que a arquitetura era diferente. Os edifícios não eram quadrados, mas circulares. Seus projetos incluíam muitas formas curvas, mesmo nas janelas e portas. Alguns deles tinham quase dez andares de altura. O que os tornavam mais interessantes é que todos eram decorados com símbolos mágicos. Não pude deixar de ficar maravilhada com os edifícios.

Eles eram bonitos e originais. Mas a minha admiração se desvaneceu quando lembrei dos escravos que vimos nos campos.

A estrada principal passava entre e ao redor dos edifícios, enquanto passávamos pela cidade. Mantive minha cabeça baixa, mas pude ver que a cidade estava repleta de bruxos.

As mulheres usavam vestidos coloridos vibrantes. Alguns eram drapejados sobre os ombros e nas cinturas, mostrando blusas decotadas, enquanto outras escondiam até o pescoço. Todas as roupas eram feitas de uma seda nobre. Eram o oposto das cores maçantes e roupas gastas que eu estava acostumada a ver no Fosso. Os homens usavam túnicas sob medida que chegavam aos joelhos, abotoados e feitos da mesma seda.

Uma das bruxas tinha um cabelo vibrante, da cor de uma chama quente, enquanto outras tinham tranças loiras e comuns. Assim como Fawkes, os cabelos delas pareciam brilhar no sol, como se tivessem sido lavados com pedras preciosas líquidas. Alguns bruxos nos olharam enquanto passávamos, mas a maioria deles nos ignorou completamente. Agradei a deusa pelo feitiço de Fawkes ainda estar funcionando.

Após algumas horas de cavalgada através de distritos, subimos uma colina e finalmente chegamos até a capital.

Lunaris estava situada em um lago pitoresco e rodeado por colinas verdejantes, florestas de pinheiros e o pico cinzelado de uma montanha. A cidade parecia ter cerca de três vezes o tamanho de Erast. Eu nunca tinha visto uma cidade tão grande e senti meu corpo enrijecer.

Uma fortaleza de pedra negra parecia estar flutuando no céu sobre a cidade, olhando para baixo de uma colina distante. A fortaleza tinha torretas que miravam para o ar e pareciam uma coroa gigante. Ela também era protegida por uma muralha de pedra. Havia vilas e pequenas aldeias no sopé da fortaleza. Era o lar perfeito para um Rei Bruxo. Claramente mágico e com

uma escuridão que eu não conseguia explicar. A fortaleza parecia proibida e escura... e Fawkes estava nos levando para lá.

Dava para ver que os homens compartilhavam do meu medo, então não deixei que me vissem para que eles não se sentissem ainda mais desencorajados.

Fawkes nunca vacilou enquanto lançava seus feitiços; seus lábios se moviam constante e silenciosamente. Mas seu rosto havia perdido seu brilho natural ele parecia doente. Sua magia, seja lá qual fosse, o estava drenando. Eu não sabia se ele podia acabar morrendo, mas sabia que não conseguiria manter o feitiço por muito mais tempo. Mas Fawkes continuou e a estrada rapidamente se transformou em paralelepípedos enquanto entramos na cidade.

Lunaris estava viva, cheia de bruxos cuidando dos seus afazeres. Os cascos dos cavalos ecoaram bem alto sobre os paralelepípedos, tornando nossa entrada não muito discreta. Eu vacilei quando alguns bruxos olharam em nossa direção enquanto passávamos e preendi minha respiração. Mas eles afastaram seus olhares, como se nem estivéssemos lá. Continuamos nos movendo em direção à fortaleza negra e a maioria dos bruxos nem nos notou. Os lábios de Fawkes se moviam rapidamente. Seu feitiço ainda estava funcionando.

Os aromas de especiarias exóticas enchiam o ar, me dando água na boca. A dor no meu estômago foi aumentando de intensidade até eu sentir que ia desmaiar de fome.

Seguimos por um caminho de pedra que nos levou até a fortaleza. Xinguei baixinho quando percebi que não tinha nada preparado para dizer ao rei quando chegássemos.

Como eu iria abordar o assunto? Porque ele aceitaria falar comigo? Que a deusa me ajude. Dai-me forças.

Quanto mais nos aproximávamos da fortaleza, menor e mais insignificante eu me sentia. Meu estômago deu um nó enquanto eu tentava controlar meus nervos. Senti o cheiro pútrido do fosso que cercava a fortaleza enquanto atravessávamos a ponte levadiça. Passamos através de um grande portão de metal que parecia a boca de uma criatura. Finalmente, chegamos ao pátio, seguindo Fawkes e finalmente desmontando ao lado dos estábulos. Um jovem bruxo com uma árvore dourada bordada em sua túnica das mesmas cores das roupas de Fawkes nos cumprimentou. Os dois bruxos se olharam e eu pude ver um entendimento silencioso em seus rostos. Felizmente, o jovem bruxo mal reparou em nós, pois toda sua atenção foi voltada para os animais.

Torak era importante para mim, então era doloroso deixá-lo nesse lugar estranho.

— É seguro deixar os cavalos aqui?

Fawkes parou seus cânticos por um momento.

— Os bruxos consideram os cavalos e os outros animais como tesouros. Ele será melhor cuidado aqui do que qualquer lugar em qualquer dos nossos mundos. Você tem minha palavra.

Meu coração ainda doía por deixar meu amado cavalo para trás. Mas eu precisava confiar em Fawkes.

Logo, Fawkes estava se movendo novamente e eu exortei os homens a me seguirem.

Atravessamos o pátio e Fawkes seguiu para a fortaleza. Ele nunca chegou a interromper seu feitiço e eu tive praticamente que correr para acompanhá-lo. Eu olhei apenas de relance para as paredes de pedra da fortaleza antes de desaparecemos através de uma porta de ferro e carvalho. O zumbido mágico que emanava a fortaleza pulsava como um grande coração. Achei perturbador o fato de não haver guardas na entrada.

Minha boca estava seca e eu me senti envergonhada por encontrar o Rei

Bruxo toda fedorenta e despenteada. Eu não lembrava da última vez que escovei o cabelo ou mesmo o lavei. Mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso agora.

Seguimos Fawkes por uma entrada arqueada que levava a um longo corredor. Tentei me orientar e lembrar dos corredores da fortaleza, caso precisasse sair rapidamente. Mas quase não tive tempo de pensar antes de Fawkes caminhar por mais um corredor. Esquerda, direita, esquerda, outra esquerda... Depois de alguns minutos eu estava completamente perdida. Todas as salas pareciam exatamente iguais.

Alguns bruxos nos viram passar, mas nenhum deles parecia remotamente preocupado por estarmos praticamente correndo pelos corredores. Havia bruxos por toda parte.

A próxima coisa que vi quase me fez cair de joelhos. Derrapei até conseguir parar.

Penduradas na parede, como grandes tapeçarias luxuosas, havia peles humanas esticadas em molduras de madeira. Algumas eram apenas de um tórax, enquanto outras eram de corpos inteiros, incluindo cabeças e cabelos. Inscrições na língua de Witchdom estavam gravadas em placas de ferro na parte inferior de cada uma dessas bizarras obras de arte.

Minha cabeça rodou e eu me engasguei.

Fawkes surgiu instantaneamente ao meu lado, com o rosto suado e verde.

— Elena — Ele engasgou — precisamos continuar andando. Não consigo manter o feitiço por mais tempo.

Pisquei para afastar as lágrimas dos olhos. Os homens se reuniram ao meu redor, compartilhando de meu terror e desgosto. Alguns bruxos pararam e nos olharam com desconfiança.

Dava para perceber que o feitiço de Fawkes estava começando a falhar.

— Não devia ter deixado vocês virem aqui — sussurrei para meus

homens.

Um bruxo das trevas bem alto veio em nossa direção. Era tudo uma armadilha mortal, talvez para todos nós.

Leo estendeu a mão e apertou meu braço:

— Agora é tarde demais para isso.

Ele mexeu no interior de sua capa e agarrou o punho da espada:

— Se vamos morrer aqui, vamos morrer lutando.

Sua bravura e lealdade me levaram às lágrimas, mas eu o impedi. Meu pânico se tornou ódio. O bom e velho ódio, meu companheiro confiável. Me apegar a ele ajudava a mascarar o terror que eu sentia. Eu odiava esse Rei Bruxo. Talvez eu o odiasse mais do que aos sacerdotes.

Nós corremos, eu ouvi bruxos gritarem em sinal de alerta, mas nós não paramos. Corremos de medo, ódio e desespero. Foi preciso um grande esforço para não olhar para as tapeçarias humanas que ladeavam o salão. Fawkes tropeçou, mas se estabilizou rapidamente e continuou andando.

Quando meus pulmões estavam prestes a estourar, chegamos até uma câmara cheia de bruxos. Estavam todos reunidos, aguardando do lado de fora de uma porta dupla de ferro.

Eles usavam o mesmo tipo de roupas que vi na cidade, mas eu percebi quão diferentes eles eram. Algumas túnicas estavam adornadas com a árvore de ouro que Fawkes usava, enquanto outras mostravam um pentagrama dourado, como o de Ada. Outros exibiam o símbolo de um olho prateado dentro de uma pirâmide. Outros ainda vestiam casacos roxos estampados com corvos. Algumas das bruxas usavam joias.

Um bruxo estava prostrado ao lado da porta. Ele usava uma túnica que ia até o joelho com uma mão vermelha estampada na frente. Seu cabelo escuro estava puxando para trás em um longo rabo de cavalo.

Eu estava muito nervosa para ficar parada, então fiquei trocando o peso

do corpo de um pé para outro. Agora não tinha volta. Além daquela porta estava o meu destino. Esfreguei as mãos suadas no meu manto e agarrei o punho da minha espada. Eu posso ter vindo de encontro a minha morte, mas não chegaria lá desarmada e vulnerável.

O bruxo na porta limpou a garganta e ergueu as sobrancelhas.

— O Rei Bruxo aguarda Giburb e Tala do clã dos metamorfos. Por favor, sigam adiante.

Dois bruxos usando túnicas roxas seguiram para as portas, mas Fawkes os empurrou e se aproximou da porta comigo e meus homens em seus calcanhares.

— Espere! — gritou o oficial enquanto barrava o caminho para a porta.

— Você não pode ir ao tribunal do Rei Bruxo sem aviso prévio! Quem é você? Nunca vi um comportamento tão rude antes. Qual é o seu nome? Não reconheço você ou os outros bruxos que o acompanham...

Então, sua expressão se tornou distorcida e ele grunhiu — humanos!

Todos congelaram. Os bruxos se viraram em nossa direção com um ódio coletivo e eu soube que tínhamos apenas alguns segundos de vida.

O oficial ergueu as mãos e sussurrou um encantamento. Mas Fawkes já estava em cima dele e, com um movimento de pulso, o lançou de encontro com uma parede.

— Entrem, rápido — instou Fawkes. Seu corpo tremia, como se ele estivesse prestes a sair.

— Não posso protegê-los mais. Minha magia cessou.

O ar no corredor estalava com cargas elétricas, com direito a uma tempestade de relâmpagos. O ódio dos bruxos pelos humanos era declarado. Seus lábios se moviam em uníssono e seus pingentes brilhavam com uma magia amarelada.

Com frio e em pânico, eu não conseguia me mover.

E então os bruxos lançaram seu terrível poder.

CAPÍTULO 17



FEIXES MÁGICOS AMARELOS, VERMELHOS E AZUIS foram lançados em nossa direção, mas Fawkes se colocou à nossa frente primeiro. Fomos atirados porta afora e caímos sobre um monte de gente do outro lado. A magia saiu com tanta força que as pedras racharam como se fossem meras placas finas de gelo.

Poderia ter sido eu.

Fawkes ficou de pé e levantou as palmas das mãos. As portas bateram com uma grande rajada de vento.

Um trovão acertou as portas do outro lado, e temi que a magia das bruxas as estourasse. Mas as portas ficaram fechadas.

— As portas não vão aguentar muito tempo — disse Fawkes, limpando a testa suada com seu manto. — Mas isso deve nos dar tempo suficiente para defendermos nossa causa perante o Rei Bruxo.

Ele suspirou e me olhou intensamente, quando me coloquei de pé:

— Está pronta?

Levantei minhas sobrancelhas e resisti ao impulso de me cheirar, arrumando o meu cabelo o melhor que pude:

— Mais pronta do que nunca.

Com uma cara séria, olhei para Will, Leo, Nugar e Lucas. Eles pareciam tão resolutos quanto eu, mas eu sabia que era apenas um truque para me animar. Eu podia sentir o desespero deles e sabia que era só um reflexo do meu.

Eu levantei meu queixo:

— Para bem ou para mal, vamos fazer o que viemos fazer aqui.

Fiquei surpresa com a firmeza da minha voz, já que todo o meu corpo tremia de medo. Os homens assentiram com a cabeça, mas suas mãos repousavam sobre os punhos de suas espadas.

Eu caminhei ao lado de Fawkes, tentando esconder o meu pânico. Com os rebeldes atrás de nós, passamos pelas colunas reluzentes de pedra que sustentavam o teto de uma ampla câmara de granito preto. Tentei não ficar batendo queixo. Eu sabia que encontraria o Rei Bruxo ali e tinha certeza que ele ouvira a nossa entrada.

As paredes de ambos os lados eram decoradas com pinturas que retratavam as guerras entre as bruxas e os seres humanos. Havia ricas tapeçarias penduradas nas paredes, e vários castiçais refletiam uma luz amarela, reluzente, no chão preto de granito.

Um pequeno grupo de bruxas estava reunido na corte do Rei Bruxo. Algumas estavam de pé, enquanto outras ficavam em sofás ou se sentou à mesa, bebendo alguma coisa em taças encrustadas de joias. Apesar de conversarem, seus olhos não nos deixavam.

Elas usavam as mesmas cores e símbolos que eu vira nas bruxas de fora. Percebi que havia apenas cinco diferentes variações de cores e símbolos, que deviam representar os cinco diferentes clãs. Eu identifiquei facilmente o clã Elemental, pois usavam as mesmas cores e símbolos que Fawkes. As Bruxas Brancas usavam trajes brancos e pentagramas dourados. As bruxas vestidas de prata deviam ser do clã Áugure, e aquelas vestidas de roxo com um corvo deviam ser do clã Metamorfo. Restava apenas um clã, o das Bruxas das Trevas, e elas estavam vestidas de preto e tinham uma mão vermelha.

Embora as bruxas da corte zombassem de nós, elas se afastavam e nos deixavam passar. Era como se já soubessem que estávamos condenados. Eu quase podia sentir um laço em volta do meu pescoço.

Quando chegamos ao final da câmara, meu coração parecia saltar pela boca, e minhas pernas estavam pesadas como pedra. Fawkes parou em frente a um estrado e ficou à nossa frente, nos protegendo com seu grande corpo. Engoli em seco tentando acalmar meus nervos, e esperei.

O Rei Bruxo estava sentado em um trono de retalhos de couro. Ele era enorme, ainda maior do que Fawkes. Ele vestia um casaco preto cintilante bordado com uma mão vermelha, e tinha outros símbolos na sua gola e nas mangas. Ele usava uma coroa de ferro com pontas afiadas, que quase pareciam lâminas, e seus cabelos brancos caíam por sobre seus ombros, descendo até a cintura. Seu rosto era forte e severo, com grandes bochechas e uma boca fina. E, assim como Fawkes, seu rosto não mostrava nenhuma idade. Ele parecia ter quase 50, mas eu sabia que ele deveria ter séculos de idade. Seus olhos eram escuros, e ele usava uma grande joia cinza em um pingente preso ao pescoço com uma corrente grossa de ferro.

Uma mulher com cabelo vermelho preso no alto da cabeça estava sentada ao lado dele. Ela usava uma pequena coroa, e, obviamente, era a Rainha das Bruxas. Embora seu rosto fosse simples, seu corpo era voluptuoso. Ela usava um vestido revelador de seda preta requintada, com mãos vermelhas bordadas. As alças se cruzavam na frente, deixando um grande decote exposto. Seus seios fartos quase pulavam para fora da roupa. Ela parecia estar entediada e olhava preguiçosamente para as unhas.

Em pé ao lado dela estava o homem mais bonito que eu já vira. Jamais imaginei que voltaria a ver um homem mais bonito que Landon, mas ali estava ele.

Embora não tivesse nenhuma coroa, eu sabia que ele era o príncipe bruxo, Áurion. Ele era pálido como a neve, mas bonito e forte, como se tivesse sido esculpido pela própria Deusa. Com traços nítidos e elegantes, ele parecia ter vinte e poucos anos, mas eu nunca saberia com certeza. Seus longos cabelos

prateados estavam presos em uma trança, e fiquei com um pouco de inveja, porque meu cabelo estava uma bagunça. Ao contrário de seus pais, ele usava um casaco cinza sob medida, sem nenhum bordado. Mas seu rosto era tão perfeito e tão lisinho, que não parecia de verdade.

Não sei por quanto tempo fiquei olhando para ele, mas quando seus olhos prateados se encontram com os meus, ele franziu a testa. Que bom meu capuz escondia o rubor no meu rosto.

Outro homem estava de pé atrás do Rei Bruxo. Ele tinha cabelos loiros espetados e olhos amarelos, e usava as mesmas cores do clã de seu rei. Mas ele era diferente dos outros, porque uma mão estava marcada em sua testa, e um grande pingente estava pendurado em seu pescoço.

Em uma plataforma abaixo do rei havia um grupo de cinco bruxas de cabelos brancos. Elas estavam curvadas pela idade e pareciam mais antigas que a própria vida. Elas vestiam as cores de todos os clãs, e eu soube, pela descrição de Fawkes, que estava olhando o Conselho dos Clãs. Tomara que elas me ouvissem.

Olhei para o trono com mais atenção, e um arrepio de reconhecimento percorreu minha espinha. Não era couro animal que cobria o trono. Era *humano*. Não havia engano. Tinha a mesma textura dos couros humanos que eu vira no corredor. O trono era feito de pele humana. Eu pisquei os olhos para disfarçar as lágrimas. O medo que eu sentia antes foi substituído por fúria.

Eu cerrei o punho. Eu queria cortar a garganta do Rei Bruxo e vê-lo sangrar sobre o seu trono maldito. *Bastardo*.

Quando me dei por mim, já estava levando minha mão à espada. Porém, Fawkes agarrou meu braço com tanta força que precisei sufocar um grito.

Seus olhos se arregalaram ao saber o eu estava prestes a fazer.

— O trono é feito de... — disse eu com os dentes cerrados.

Mas antes que eu pudesse terminar, Fawkes sussurrou:

— Esqueça o trono e me siga, se quiser viver. Deixe-me falar primeiro.

Mesmo que o Rei Bruxo fosse um assassino, eu ainda precisava da ajuda dele.

Soltei um suspiro e controlei minha raiva. O Rei Bruxo se mexeu com interesse ao testemunhar nossa conversa. Seu sorriso estava cheio de desprezo, mas notei de relance um reconhecimento em seus olhos quando ele olhou para Fawkes. Eles se conheciam. Quantos segredos Fawkes estava escondendo de mim?

O Rei Bruxo olhou para os meus homens, e seus olhos se arregalaram. Em uma enxurrada de seda preta e cabelos brancos, ele saltou, colocando-se de pé. Sua pele pálida adquiriu um tom vermelho.

— Como ousa trazer *humanos* para a minha corte?

Sua voz trovejou dentro da câmara. Era profunda, opulenta e autoritária.

— Você mancharia minha corte com a presença dessas criaturas inferiores? Esses animais! Esses humanos!

Minha nuca se arrepiou. O corte explodiu em sons, a maioria assovios e tossidelas, embora algumas bruxas observassem em silêncio. Depois de alguns instantes, a câmara ficou quieta; tudo o que eu conseguia ouvir era a batida do meu coração e a respiração rápida dos homens atrás de mim. O pingente no pescoço dele brilhou com um poder amarelo.

— Minha posição sobre os humanos é bem conhecida, Fawkes — continuou o Rei Bruxo, confirmando minha suspeita de que eles se conheciam. — De todas as bruxas em Witchdom, você deveria saber disso, pois você mesmo compartilha das minhas opiniões. Os humanos são uma ameaça ao nosso mundo e ao nosso modo de vida.

Fawkes cerrou seu maxilar e franziu a testa sombriamente.

— Fale! — rosnou o Rei Bruxo.

Notei um sorriso nos lábios vermelhos e volumosos da Rainha das Bruxas.

Fawkes curvou-se em submissão.

— Minhas mais sinceras desculpas, Rei Bruxo. Não era minha intenção aborrecê-lo. Não quero desrespeitá-lo. Só que você nos conceda uma audiência, para ouvir o que temos a dizer. Eu não os traria aqui se não fosse importante.

— Qual é o propósito por trás da sua impertinência, elemental?

O Rei Bruxo ainda estava de pé:

— Melhor você ter uma boa explicação para tamanha intromissão.

Ele levantou uma sobrancelha sem pelos:

— Você não vem à minha corte há... quanto tempo faz? Sim, há mais de *cinquenta* anos. Você renunciou a seu posto e jurou que nunca voltaria... mas aqui está você. Por que agora? Por que vir aqui depois de todos estes anos insultar-me com a presença destes humanos?

— Talvez seja um presente, meu rei — provocou a Rainha das Bruxas. O kohl preto em torno de seus olhos violetas lhe dava um olhar de má.

— Nós precisamos de mais escravos nas minas. Talvez Fawkes pretenda voltar à sua corte, meu amor.

Ela virou seus olhos amorosos para Fawkes, e eles brilharam quando ela viu os homens:

— Esses humanos são para nós?

Fawkes abriu e fechou os dedos em nervosismo. Ele curvou-se ainda mais:

— Não, Rainha das Bruxas.

Vi as outras bruxas prenderem a respiração. O sorriso da Rainha das Bruxas diminuiu um pouco, mas foi o suficiente para ver que a palavra “não” era uma coisa que ela não ouvia muitas vezes.

— Perdoe-me, Rainha das Bruxas — continuou Fawkes.

Sua voz estava firme, e ele levantou a cabeça:

— Os humanos são peças valiosas de uma missão muito importante, uma busca na qual acredito firmemente, e que pode determinar o destino do mundo.

A Rainha das Bruxas jogou a cabeça para trás e riu sem sentimentos. Era o tipo de riso que eu ouvia sair muitas vezes da boca das mulheres nobres de Ânglia.

— Fawkes, você passou tempo demais sozinho na floresta. Isso claramente afetou sua mente.

Ela suspirou dramaticamente e inclinou-se, revelando mais do seu colo:

— Sabe, Fawkes, esses cogumelos da Floresta da Derrubada são para fins medicinais.

Ela se virou e riu, assim como seu séquito de bruxas. Minha antipatia por ela aumentava a cada risada. Meu Deus, eu queria socá-la.

Mas Fawkes permaneceu calmo.

O Rei Bruxo analisou nosso pequeno grupo com um olhar de ódio muito pior do que eu havia visto em Fawkes:

— Que missão?

— Com sua permissão, gostaria que a minha companheira aqui explicasse seu propósito aqui na corte...

O Rei Bruxo rangeu os dentes:

— Não terei meus salões contaminados pela boca de humanos...

— Uma donzela de aço, Rei Bruxo, não uma humana — corrigiu Fawkes, apontando com a cabeça na minha direção. A câmara ficou em silêncio novamente.

— Na verdade, a missão é *dela*. Estamos aqui apenas como seus apoiadores e guias.

As bruxas em toda a câmara prenderam a respiração. Todos os olhares se voltaram para mim.

Ergui a minha cabeça. Eu não mostraria medo. Não a qualquer um. Nem mesmo a um rei.

— Donzela de Aço? — riu a Rainha das Bruxas, mas eu vi uma ponta de pânico nos olhos dela quando ela olhou para o rei. *Por quê?* Era quase como se ela temesse alguma coisa.

A Rainha das Bruxas estreitou os lábios.

— Por que não retorna às florestas com seus selvagens, Fawkes. Ninguém aqui está interessado em suas mentiras.

Porém, a atenção do Rei Bruxo se voltou para mim, e tremi involuntariamente.

— Não sejam ridículos — bravejou o rei depois de um momento. — A última Donzela de Aço morreu anos atrás, e o legado de seu clã morreu com ela. Não restou ninguém.

— Asseguro-lhe que ela é uma Donzela de Aço — continuou Fawkes.

— A magia dos familiares não funcionou nela. Eu vi com meus próprios olhos. Juro pela Deusa... — ouvi-se um murmurinho por toda a câmara. — Ela é uma Donzela de Aço.

O Rei Bruxo balançou a cabeça:

— O que acha disso, minha rainha? — perguntou ele, claramente não acreditando em nenhuma palavra.

Um sorriso matreiro se abriu em seus lábios vermelhos:

— Mentiras, meu rei. Este bruxo Elemental se desonrou. Nunca pensei ser possível, contudo ele está aqui, mentindo para seu rei.

Ela se virou para Fawkes e balançou um dedo para ele como se estivesse repreendendo uma criança:

— Você deveria saber que não se deve mentir para seu rei, Fawkes. Acho

que foi longe demais desta vez.

— Eu não minto. — — a voz de Fawkes se ergueu perigosamente. — Ela é uma verdadeira Donzela de Aço e pode muito bem ser a última.

Endireitei-me, tomando isso como um elogio verdadeiro.

A expressão do Rei Bruxo era séria:

— Retire seu capuz.

Mas que diabos! Tirei o capuz da minha cabeça, torcendo para que eles não vissem o tremor das minhas mãos.

Olhei para cima e encontrei o olhar do Rei Bruxo, mas não entendi o que vi lá. Meu sangue congelou.

O Rei Bruxo deu um passo cuidadoso para baixo do estrado. E quando seus olhos pequenos se encontraram com os meus, tive a impressão de ter visto algum reconhecimento.

— Katherine?

Vacilei com a menção do nome da minha mãe.

— Não, meu nome é Elena. Minha mãe se chamava Katherine.

Temí que minha voz tivesse soado um pouco dura e acrescentei rapidamente:

— Rei Bruxo.

Olhei para Fawkes, ele me encarava de forma estranha.

O Rei Bruxo analisou meu rosto, como se não tivesse realmente me ouvido, apesar de ter me confundido com a minha mãe. A saudade em sua expressão e o desespero em sua voz me deixava nervosa.

O que havia acontecido entre minha mãe e o Rei Bruxo?

Claramente, ela a amara, e ainda estava apaixonado por ela mesmo após todos esses anos. Mas, depois de um momento, vi uma dor em seu rosto, quando ele percebeu que eu não era quem ele tão desesperadamente queria que eu fosse.

— Você é filha dela? — ele me olhou de cima a baixo, mas ainda eu podia ver a dor que ele sentia.

— Você se parece muito com ela. Até fala como ela, e seus olhos...

Ele olhou para os meus lábios, e senti meu rosto enrubescer. Eu me senti desconfortável sob o olhar intenso do rei.

— Meu rei — a Rainha das Bruxas destilou seu veneno. O rei voltou sua atenção para ela.

— Claramente, isso é um truque. Essa *humana* é uma impostora. Ela não é bruxa. Sinto o cheiro da sujeira humana nela. Isso é um truque. Fawkes quer recuperar o lugar ao seu lado, reconquistar meu bom rei. Ele é um traidor mentiroso.

Seus olhos de cor violeta se encontraram com os meus, e um frio percorreu minha espinha. Mas era muito pior do que isso. Eu sabia que havia feito uma inimiga.

Um suor escorreu pelas minhas costas. Todos na câmara havia presenciado a demonstração de afeto que o Rei Bruxo mostrara por minha mãe. Eu sabia que a Rainha das Bruxas me faria pagar por isso.

Algo mudou na expressão do Rei Bruxo. A suavidade de suas feições se transformou em algo duro e áspero. E, quando ele sorriu, seu rosto se retorceu em algo quase irreconhecível, algo perverso.

— Matem todos. Quero o couro deles pendurado no Grande Salão.

CAPÍTULO 18



SEIS BRUXOS COM mãos marcadas na testa nos cercaram. Os pingentes no pescoço deles brilharam com um poder mágico amarelo. Tremi de raiva ao puxar a minha espada. Will, Leo, Nugar e Lucas seguiram o meu exemplo e sacaram suas armas também. Porém, não havia mais aquela determinação neles, eu só via medo e desespero nos olhos deles.

Eu os havia condenado à morte. Era culpa minha. Eu deveria ter escutado Fawkes. Meu peito e minha garganta estavam apertados de vergonha. Todos iriam morrer por minha causa.

— Espere. Por favor, deixe-me explicar primeiro — gritei eu, protegendo os homens com o meu corpo.

Eu não consegui pensar em nenhum meio de escapar. Mesmo que, por algum milagre, escapássemos da câmara do rei, centenas de bruxas esperavam para nos matar lá fora.

Olhei para o estrado em busca de ajuda. O Conselho dos Clãs parecia frio como pedra, e o olhar triunfante da Rainha das Bruxas mostrava que ela saboreava cada momento como uma sobremesa. A expressão do príncipe era igualmente fria. Eu não encontraria nenhuma ajuda.

— Fawkes, faça alguma coisa! — estremei de pânico quando os bruxos começaram a nos encurralar.

Fawkes deu um passo para a frente. Ele estendeu as mãos.

— Meu rei, por favor, ordene que seus guardas recuem. Ao menos deixe a Donzela de Aço explicar...

O Rei Bruxo virou-se para mim. Ele bufou como um touro e rosnou com

fúria. O ódio nos olhos dele era inegável. Ódio por mim. A joia no pescoço dele brilhou com poder, e, com um estalar de seus dedos, raios pretos e dourados me acertaram no peito e me jogou para trás.

Bati no chão de granito com tanta força que minha respiração doía. Senti cheiro de sangue ao tentar respirar, e tremi involuntariamente com o fogo líquido que me queimava por dentro. Minha visão ficou turva e meus olhos queimaram com lágrimas. Não conseguia ouvir nada. Parecia que meus ouvidos estavam tampados por água, mas percebi que era sangue, quando eu limpei o líquido que escorria em meu queixo. Tentei gritar por Fawkes, mas minha garganta estava derretendo como cera.

Enquanto o poder mágico do rei pulsava por todo o meu corpo, percebi que o calor era familiar. Eu havia pensado que era *magia negra*, como a dos sacerdotes. Mas era diferente. Não era frio, e não havia nenhum mal me sufocando. A magia do rei era escura, mas não era a magia negra de um necromante.

Uma luz brilhou, e pude ouvir vozes masculinas gritando à minha volta. *Não!* Eu gritei dentro da minha cabeça.

Com o restante da minha força, me virei e ergui minha cabeça. Pensei que veria os guardas massacrando nossos homens. Em vez disso, vi com horror quando o Rei Bruxo atingiu Fawkes com poderosos golpes de sua magia.

Fawkes cambaleou e lutou para manter o equilíbrio. Embora a magia do rei o tivesse ferido, ela não parecia ser forte o suficiente para matá-lo. E Fawkes não fez nada para contra-atacar, nem mesmo se proteger.

O Rei Bruxo sorriu para Fawkes:

— Você mudou, Fawkes, se enfraqueceu. Anos atrás, jamais ousaria trazer humanos à minha corte. Você odiava essas criaturas tanto quanto eu. Você os detestava. Juntos, matamos milhares de humanos. Diga-me, por que isso agora? Por que trazer esses humanos aqui? Você se aliou a eles? O que

eles prometeram a você? Terras? Poder? Meu *trono*

Fawkes vacilou. Eu podia ver o suor escorrer em sua testa. Ele estava ofegante.

— Esqueceu o que os humanos fizeram com sua esposa e seu filho? Como os mataram e colocaram em exposição para todas as bruxas verem? Como retalharam seu garotinho? Esqueceu-se assim tão facilmente do sacrifício da sua família?

Lágrimas jorraram dos olhos de Fawkes. Eu vi uma dor que ele não podia esconder quando seus olhos se encheram de lágrimas.

Os humanos haviam matado sua família. Finalmente entendi por que ele odiava tantos os homens.

— Você sabe que nunca poderei esquecer ou perdoar o passado — disse Fawkes. — Mas as coisas mudaram. Não se trata de bruxas e humanos. Trata-se de todos nós, de todas as criaturas. Há uma escuridão vindo, Rei Bruxo. E você deve se preparar para isso. A bruxa mestra, Ada, dos Portos Cinzentos me enviou para avisá-lo. Qualquer atraso se mostrará desastroso...

— Não me fale daquela bruxa traidora!

O Rei Bruxo balançou seus dedos, e outro filamento mágico atingiu Fawkes. Ele cambaleou.

— Ela virou as costas para os seus no passado, quando a força dela teria feito a diferença. E agora ela está banida. Ela está em seu lugar agora, na companhia dos humanos miseráveis que ela prefere.

Fawkes vacilava, mas, mesmo assim, não fazia nada para se desviar dos golpes, como se, de alguma forma, achasse que os merecia. Eu não podia deixar Fawkes ser morto porque quis levar humanos conosco. Eu lhe devia a minha vida.

A câmara inteira já havia se esquecido de mim, mas eu ainda não estava morta. Ninguém notou que eu estava respirando, pois todos os olhos estavam

focados em Fawkes e no Rei Bruxo. O sorriso orgulhoso no rosto da Rainha das Bruxas me enojava. Ela se ajeitou no trono, claramente entretida. Ela queria ver Fawkes morrer só por diversão, por distração.

Eu gemi de dor, e Fawkes olhou para mim como se estivesse esperando eu me levantar, como se soubesse que eu o faria. Quando seus olhos se arregalaram, eu entendi.

— Você me decepcionou mais uma vez, Fawkes.

Os olhos do Rei Bruxo brilharam, e pensei ter visto uma hesitação.

— Depois de tudo que passamos, você e eu. As guerras que travamos. O que vimos e suportamos em nome da guerra. Nós dois perdemos tanto.

Fawkes abaixou a cabeça. Quando ele falou, seus dentes estavam cobertos de sangue:

— Desculpe-me, Rei Bruxo — disse ele, respirando com dificuldade. — Eu lhe imploro. Se ao menos ouvisse o que a donzela de Aço tem a dizer.

— Não vê que ela está morta, seu tolo? — riu a Rainha das Bruxas. — Uma verdadeira Donzela de Aço teria sobrevivido àquele golpe de magia. Mas como é uma impostora... a vadia humana está morta. O que quer tenha planejado, fracassou.

Seu rosto se retorceu como se ela fosse um animal feroz:

— Chega de mentiras. Mate-o, meu amor.

A Rainha das Bruxas arqueou as sobrancelhas:

— Ele sempre foi mole demais. Seu coração é fraco. Ele nunca teve estômago para servi-lo, meu amor. Ele o abandonou todos esses anos... porque não ficaria do lado das Bruxas das Trevas. Estou farta de olhar para esse rosto fraco e inútil. Mate-o.

— Quieta — ordenou o Rei Bruxo.

Um lampejo de raiva apareceu nos olhos da Rainha das Bruxas, mas sua expressão logo se suavizou, pois ela aparecia obedecê-lo.

O rei voltou-se para Fawkes novamente. Mas ele hesitou, e pude vê-lo lutando contra algo. Ficou claro que eles se conheciam há muito tempo. Suspeitei que o rei não seria tão facilmente manipulado por sua esposa irritante. Ele era um cretino, mas pelo menos não caía na conversa fiada dela.

Engasguei com meu próprio sangue. Os poderes do rei haviam me derrubado, mas meu corpo havia absorvido toda aquela força para si, como se fosse a coisa mais natural do mundo absorvê-la e reciclá-la. Agora cada músculo do meu corpo parecia mais forte do que o aço, e cada osso parecia inquebrável. Movi meus dedos e meus pés. Continuei me mexendo e me esticando, enquanto meu coração batia com o poder mais emocionante e puro que eu havia experienciado.

Bem quando eu pensava que era impossível resistir à magia do Rei Bruxo, minha própria magia começou a me transformar.

Eu era de ferro. Eu era forte. E *não* seria derrotada.

Minha visão melhorou, e, com algum esforço, me coloquei de pé. Limpei o sangue da minha boca. Olhei primeiro para a Rainha das Bruxas e quase ri alto. Seus olhos arregalados e a boca escancarada eram impagáveis. Dei o meu melhor sorriso para ela.

O único bruxo na câmara que parecia genuinamente feliz em me ver de pé era Áurion, o príncipe bruxo. Ele sorriu tanto quanto eu e curvou a cabeça numa felicitação silenciosa.

Eu pude ouvir as outras bruxas prenderem a respiração em surpresa. Se não estivesse furiosa com elas e enojada, teria feito uma saudação.

Fawkes sorria também, e fiquei satisfeita ao ver o alívio em seu rosto. Peguei a minha espada, coloquei-a na cintura e fui até nossos homens. Will, Leo, Nugar e até mesmo Lucas pareciam aliviadas com a minha recuperação milagrosa; eles sorriam com esperança renovada.

— Impossível — exclamou o Rei Bruxo. Seu foco inteiro estava em mim

mais uma vez, mas seus olhos escuros, vi um pouco de medo.

— Eu sou o que Fawkes disse. Sou uma Donzela de Aço, assim como a minha mãe — disse eu. Em seguida, adicionei — Rei Bruxo.

— Sim, estou vendo — disse o Rei Bruxo.

Os olhos dele mostravam o mesmo olhar adorável e perturbador que eu vira antes.

— Tão parecida com a sua mãe, você é.

Uma coisa que eu não compreendia também se mostrava no rosto dele. *Seria atração? Esperança?* E, pela forma como a Rainha das Bruxas parecia me apunhalar com os olhos, estava claro que ela também havia percebido.

— Meu rei — disse a Rainha das Bruxas, com um leve tremor em sua voz — Não é possível que esteja acreditando nesse truque. Ela não é uma Donzela de Aço. Posso sentir o fedor humano dela. Ela é uma impostora. Mate-a. Exijo que a mate.

Mas o Rei Bruxo a ignorou, e seus olhos nunca deixaram meu rosto.

— Qual é o seu nome?

Eu levantei meu queixo:

— Elena, Rei Bruxo.

— Elena — repetiu o rei, deixando meu nome sair de seus lábios lentamente. Me deu vontade de vomitar.

— E de onde você é, Elena.

Eu me esforcei para não reagir violentamente ao seu olhar seboso:

— De Ânglia. Do Fosso.

— Ela não passa de um cão raivoso! — exclamou a Rainha das Bruxas.

Nem me dei ao trabalho de olhar para ela desta vez.

A Rei Bruxo parecia ter sentido nojo da minha resposta. Meu ódio por ele se intensificou.

— Uma joia de Witchdom, nascida nas favelas dos resíduos humanos —

disse ele. — Que infelicidade.

Eu me endireitei e olhei para ele diretamente nos olhos:

— Eu vim pedir sua ajuda — disse rapidamente, antes que ele decidisse me destruir com sua magia novamente.

O Rei Bruxo fez um gesto para eu continuar, e contei sobre a Grande Corrida e o poder devastador da pedra, o Coração de Arcânia.

Ele parecia surpreso com a menção da pedra.

Fiquei com a expressão séria quando falei dos sumos sacerdotes e contei que, na verdade, eram necromantes, os responsáveis pela praga negra.

Não tinha certeza se o Rei Bruxo estava mesmo ouvindo o que eu estava dizendo, pois ele ficava me olhando com aquela mesma expressão onírica. Isso me causava arrepios.

— Por isso vimos pedir sua ajuda — conclui. — Se não pararmos os sacerdotes, não restará nada de Arcânia. Eu vi que eles são capazes de fazer, como sua magia negra contamina as pessoas e a terra. Ela afeta todos os seres vivos. Eles espalharão seu mal, sua escuridão até que não haja nada além de cinzas e morte. *Precisamos combater a magia com magia*, a bruxa mestra, Ada, me disse.

Notei um pouco de raiva nos olhos do rei com a menção do nome de Ada, mas continuei — Por isso, é preciso usarmos muita magia. Precisamos de um exército de bruxos para nos ajudar a derrotar os necromantes.

— É assim? — disse o Rei Bruxo, mas tive a sensação de que ele não estava ouvindo ou que não se importava.

— Na minha corte há apenas alguns minutos e já fazendo exigências?

Olhei com nervosismo para Fawkes, mas ele estava olhando para o rei. Meu estômago se revirou. Não duvidaria que o implacável Rei Bruxo ateasse fogo em mim só por eu não seguir o protocolo. Mas ele ainda não havia me matado.

— Necromantes — disse o Rei Bruxo — Eles são coisa do passado. Não existem mais necromantes há centenas de anos. Eles foram destruídos, muito antes de os humanos chegarem a Arcânia.

— Talvez — disse eu. — Mas, agora, eles estão de volta.

O Rei Bruxo ficou em silêncio por um tempo:

— Essa pedra, o Coração de Arcânia — disse o Rei Bruxo. — Para que ela serve?

— Dizem que a pedra despertou e que ela é um tipo de canalizador de magia. Se a pedra for usada por uma força maligna, como os necromantes, então seus poderes serão ampliados a ponto de desfazer ou refazer os mundos. Também pode abrir portas para outras dimensões.

— As pedras mágicas são imprevisíveis. — o Rei Bruxo me olhava sem expressão. — Elas contêm uma magia selvagem, indomável. As pedras menores são mais fáceis de manipular do que grandes. O poder de uma pedra do tamanho do Coração de Arcânia pode ser ilimitado.

Seus olhos se obscureceram:

— Qual é o *seu* propósito nisso tudo? Com a pedra?

Mexi meu corpo, em desconforto:

— Depois de tomarmos a pedra dos sacerdotes, iremos destruí-la ou devolvê-la ao seu estado adormecido.

— Uma pena desperdiçar tamanho poder.

Ele me estudou cuidadosamente:

— Uma Donzela de Aço outra vez na minha corte, quem me diria.

Olhei firmemente nos olhos dele e disse com minha voz mais controlada:

— Você irá nos ajudar?

O Rei Bruxo sorriu para mim. Depois, virou-se, com seu longo cabelo esvoaçando em suas costas. Ele subiu no estrado e sentou-se no seu trono.

Eu podia sentir os olhos da Rainha das Bruxas em mim, mas me forcei a

olhar só para o rei. Eu não podia fraquejar agora. Eu precisava ser forte.

— Você nos ajudará, Rei Bruxo? — repeti novamente, com minha garganta apertada.

O rei me observou por um momento:

— Não me importo com o que acontece em Arcânia. Eu consideraria um favor se todos os humanos morressem. Se esses tais sacerdotes têm tanto poder, por que eu quereria detê-los?

Franzi a testa diante do desrespeito do rei pela vida humana. Pensei em Jon, Rose e em todas as vidas daqueles que queríamos proteger, nossas famílias e entes queridos.

— Mas a praga negra chegará a Witchdom — rebati.

Minha voz se elevou e me dirigi ao Conselho dos Clãs.

— Os necromantes não pararão nas fronteiras do nosso mundo. Eles virão para Witchdom. Eles virão contra todos nós, bruxos ou humanos, não importa. Você precisa entender. Aqueles que buscam poder jamais pararão até conquistarem tudo.

Achei que já havia passado dos limites e parei de falar.

Os membros do Conselho dos Clãs se reuniram em uma conversa profunda.

O rei sorriu, mas seus olhos continuavam frios:

— Admiro sua coragem, Elena. Sua mãe também a tinha, e sempre achei isso bastante encantador.

Eu podia ver que a rainha estava fazendo careta, seus lábios inchados pareciam estar prestes a explodir.

Não pude deixar de me perguntar que tipo de relacionamento minha mãe havia tido com esse rei. O que quer que fosse, eu tinha o pressentimento de que era a razão pela qual ela havia fugido de Witchdom. Tinha de ser isso.

Mas por quê? O que havia acontecido entre eles? Eu podia ver que o Rei

Bruxo havia amado a minha mãe. Estava nos olhos dele. O Rei Bruxo a amara, mesmo assim ela havia partido.

Os olhos da Rainha das Bruxas me assombravam. E se minha mãe e esse rei tivessem tido um caso que fosse recente? Isso explicaria o ódio nos olhos da Rainha das Bruxas. O ódio que ela sentia por minha mãe agora era dirigido a mim.

— Witchdom está bem protegida dos humanos e da magia — continuou o Rei Bruxo. — Esses sacerdotes morrerão antes de entrarem no meu mundo. Há coisas muito piores do que meros familiares patrulhando as nossas fronteiras. Há magia antiga que não pode ser desfeita, magia que estava aqui antes da chegada dos humanos.

Não pude deixar de notar como ele dizia *meu mundo*, como se fosse dono de Witchdom. Talvez fosse. Meu rosto queimava de raiva e achei que perderia o controle.

— Por favor, nos ajude.

O rei franziu a testa diante da minha falta de formalidade e por esquecer meu lugar mais uma vez.

— Você poderia nos ajudar, Rei Bruxo?

Eu não imploraria. Rei ou não, eu ainda tinha meu orgulho, mas se isso significasse perder Jon...

— Não, não ajudarei.

Levou alguns instantes, algumas respirações, para registrar o que havia acontecido. Parecia que meu coração havia sido apunhalado, era como se ele tivesse matado aqueles que eu mais amava.

— Posso ver isso a desagrada — disse o Rei Bruxo.

Seu olhar recaiu sobre mim novamente, e senti nojo. Ele não se importava.

Os olhos de Fawkes pareciam me perfurar. Os rapazes se mexia com

nervosismo atrás de mim. Eu não conseguia olhar para eles e ver o desespero que se espelhava no meu próprio. Nós havíamos chegado até ali, perdido nossos amigos, e tudo isso por nada.

Minha raiva voltou como fogo em meus olhos, e limpei as lágrimas.

— Mas... mas você precisa... Você precisa nos ajudar. Viemos até aqui... — insisti, tentando encontrar um bom argumento, mas eu não achei nenhum.

Eu havia sido tola ao pensar que um rei me daria ouvidos... justo a mim, uma jovem magrela e miserável do Fosso. Claro que não. Eu havia sido uma tola.

Eu quase podia sentir as bruxas na câmara se aproximando de nós, como se mal pudessem esperar para colocar seus dedos em nós e nos rasgar membro por membro.

Se ele não queria nos ajudar, quais eram as chances de nos deixar partir com vida?

Eu podia ver o mesmo medo assombrando Fawkes, mas pude perceber uma raiva em seus olhos também. O que quer que acontecesse agora, sabia que Fawkes lutaria por nós. Era tarde demais para arrependimentos. Soltei um suspiro trêmulo e me preparei para o que estava por vir.

Eu senti a Rainha das Bruxas me observando.

O Rei Bruxo inclinou-se no seu trono de couro de humanos:

— Farei um acordo com você — disse o Rei Bruxo.

— Se você ficar aqui e treinar como uma Donzela de Aço, se provar a mim e a minha corte que você é mesmo a última Donzela de Aço, você terá seu exército.

Não precisei olhar para Fawkes para sentir seu ceticismo.

— Elena, Não — sussurrou ele, de modo que só eu ouvisse. — Você não o conhece como eu... você não sabe o que ele fará... do que ele é capaz.

— Que escolha eu tenho? — sussurrei de volta. — Se houver uma

pequena chance de ele nos ajudar, *preciso* aceitar. Você sabe que sim. Não é como se eu tivesse outra escolha. A menos que você saiba de outra forma de conseguir um exército de bruxos?

Tomei o seu silêncio dele como um *não*.

A forma como o Rei Bruxo olhou para mim me fez perceber que ele não nos deixaria partir de qualquer forma, especialmente não os rapazes. E eu não podia deixar nada acontecer a eles, não depois de terem chegado até ali comigo.

Eu respirei fundo:

— E os meus amigos? — perguntei. — Eles permanecerão seguros durante esse treinamento?

Era um tiro no escuro, mas eu poderia participar desse joguinho também.

O Rei Bruxo olhou para os homens. E, por um momento, não disse nada.

— Eu os deixarei viver — disse ele. — Mas se você não passar nos testes, se não me provar que você é a última do clã das Donzelas de Aço... eles morrerão. Assim como você.

Engoli em seco e tentei manter meu rosto inexpressivo:

— Que tipo de testes?

O Rei Bruxo sorriu e rangeu os dentes:

— Os Julgamentos dos Bruxos — disse ele como se falasse de uma degustação de vinhos finos. — Você deve passar por testes que provem que você é o que diz ser, apesar da sua desvantagem.

— E qual desvantagem seria essa?

— Seu sangue *humano*.

As bruxas da corte zombaram e riram quando o rei continuou:

— Isso, em si, é comprometedor. Resta saber se você consegue superá-lo.

Fiquei tensa com o olhar dele, e engoli os xingamentos que queria dirigir a ele.

O Rei Bruxo estreitou os olhos:

— Se você realmente é uma Donzela de Aço, então prove. Prove e você terá o seu exército. Temos um acordo?

Eu olhei para Fawkes, e vi tristeza e raiva nos olhos dele. Olhei para a câmara, dos guardas para as bruxas, e vi indiferença, nojo e curiosidade.

Todo mundo esperava a minha resposta.

Observei o rei por um momento. Meu coração batia mais rápido agora do que durante a luta contra os familiares. Ele sabia que eu diria *sim*. Ele sabia que eu não tinha escolha.

— Tudo bem, participarei dos Julgamentos dos Bruxos — respondi.

Ouvi os rapazes soltarem a respiração atrás de mim.

O Rei Bruxo me estudou atentamente, mas sua expressão era ilegível.

— Muito bem, Elena. Mas deixe-me avisá-la. Se você for pega tentando partir durante os julgamentos, se tentar escapar *novamente*... — ele fez uma pausa, e o rosto pálido da Rainha das Bruxas se obscureceu.

Do que diabos o rei estava falando?

— Se tentar escapar antes que os Julgamentos dos Bruxos terminem — continuou o rei. — Eu a matarei. E, dessa vez, você continuará morta.

CAPÍTULO 19



DEPOIS DE TERMOS SIDO desarmados, seis guardas nos levaram por um corredor de granito preto, iluminado por candelabros de fogo. Tapeçarias e grandes pinturas adornavam as paredes. Pelas longas e estreitas janelas, pude ver o pôr-do-sol vermelho e um lago que se espelhava a fortaleza negra. Mas estávamos caminhando rápido demais para eu conseguir me orientar.

Após cerca de dez minutos de caminhada através de um labirinto de corredores, eu estava completamente perdida. Não havia como me lembrar de todas as viradas, câmaras e escadas pelas quais havíamos passado. Todo corredor parecia exatamente o mesmo. E eu odiava isso.

O pavor que eu sentia dificultava a minha respiração, quanto mais minha caminhada. Cada passo era cheio de maus pressentimentos. Toda vez que eu pensava em Jon, lágrimas escorriam dos meus olhos. Embora as limpasse rapidamente, elas desciam tão rápido que parecia que eu perderia o controle. Eu queria estar sozinha em algum lugar para poder gritar e chorar. Lembrar do corpo quente de Jon contra o meu quase me deixava de joelhos. Eu tanto precisava dele. Eu me sentia tão pequena naquele abismo infinito de pedra.

Mas que vida eu teria se não derrotássemos os sacerdotes? Como eu poderia salvar alguém trancada nessa fortaleza esquecida por Deus? E por que esses julgamentos me assustavam tanto?

No fundo, eu sabia que os julgamentos seriam muito ruins.

Não conseguia parar de soluçar em silêncio.

Maldito o Rei Bruxo. Malditas bruxas. Maldito mundo.

Eu não podia me abater. Eu precisava ser forte. Eu tinha ao menos de

fingir que sabia o que estava fazendo. Os rapazes contavam comigo para tirá-los dali e reunir um exército de bruxos.

Estava claro que o rei havia sujeitado minha mãe a esses julgamentos também. O que quer que fossem, haviam sido ruins o bastante para forçá-la a fugir para uma terra onde seria caçada e morta, e, ironicamente, para uma terra onde encontraria o amor por um humano e me teria.

— Você está bem? — perguntou Fawkes. — Parece que você está numa batalha interior.

— Não, não estou bem — falei um pouco demais, e me arrependi imediatamente.

Dois guardas se viraram para mim, e olhei furiosamente para eles. Depois de me darem um olhar de nojo, eles se viraram e continuaram andando. Queria marcar a testa deles com um novo símbolo, *um DA*, de Donzela de Aço.

Eu olhei para Fawkes:

— Estou tão bem quanto se pode esperar, suponho eu. Para onde estão nos levando?

Fawkes olhou para a frente.

— Nesta parte da fortaleza fica a torre oeste. É onde guardam os prisioneiros e onde punem os culpados. É a parte menos favorecida da fortaleza. Se me perguntassem... eu diria que provavelmente estão indo em direção às masmorras.

— É claro, as masmorras — murmurei. — Bem, como convidados de honra, pensei que teríamos as melhores suítes neste palácio de pedra. Mas o nosso cheiro provavelmente diz que pertencemos às entranhas da fortaleza, não é? O que eu não daria por um banho!

Eu consegui obter um sorriso de Fawkes.

Eu me sentia em tanto conflito.

— Lamento, Fawkes.

Ele franziu uma testa:

— Pelo quê?

— Por arrastar você com a gente. — suspirei. — Pelo que o Rei Bruxo disse, percebi que você deixou a corte por causa de algo que aconteceu no seu passado. E aqui estou eu, arrastando você para uma agradável estadia nas malditas masmorras.

— Eu sabia que não seria fácil convencer o rei. E também sabia que voltar aqui era arriscado. Eu tenho uma longa história com o Rei Bruxo. Mas o bruxo que outrora eu conhecia mudou. Sua alma foi envenenada, e ele foi dominado do pelo ódio e sede de poder. Ainda há uma chance de obtermos ajuda dele. Ou, pelo menos, dos outros.

Fawkes ficou em silêncio por um tempo e, então, acrescentou:

— Poderia ter sido pior.

— Pior do que sermos escoltados para uma masmorra fedorenta?

— Ainda estamos respirando, não é?

Concordei:

— Bem lembrado.

Eu suspirei pesadamente novamente. Estávamos todos vivos ainda, até mesmo os rapazes, e isso já era um milagre.

— Não sei se eu teria sobrevivido a mais uma magia. Foi diferente de tudo o que já senti, era uma magia infinita e sombria. Mas não era magia negra. Era outra coisa.

Os guardas vacilaram com a minha referência à magia negra de seu rei, mas continuaram andando.

— O Rei Bruxo vem de uma longa linhagem das Bruxas das Trevas. Ele é o bruxo mais poderoso desse clã há séculos.

— Então ele poderia matar você?

Fawkes era o bruxo mais forte que eu já havia visto em ação. Porém, eu não havia visto muitos e não sabia quase nada quando se tratava de bruxos.

Fawkes piscou para mim:

— Sim. Sim, ele poderia.

Não gostei de pensar em um Rei Bruxo com tal poder. Só um bruxo seriamente perturbado seria doente o suficiente para colocar couros humanos em exposição como troféus. Eu não queria nem pensar nas outras atrocidades que ele havia cometido em nome da guerra e da magia.

— Mas não o fez — continuei eu. — Em algum momento, ele *quis* matá-lo. Eu vi nos olhos dele. Mas ele não o matou.

Fawkes abaixou a cabeça.

— Obviamente.

— Por que não?

Vi Fawkes se encolher novamente, assim como havia feito na passagem da montanha, e soube que ele não responderia.

— Então, por que você veio? — perguntei, tentando outra abordagem. — Se sabia como ele reagiria ao vê-lo. Por que arriscar?

— Porque era um risco que eu estava disposto a correr. Eu havia jurado nunca mais voltar, mas você precisava da minha ajuda. Sem mim, você nunca teria passado dos portões. Porque eu sabia que a escuridão que os necromantes estavam conjurando se espalharia para Witchdom também. Eu sei que você acha que todos os bruxos odeiam os humanos, mas nem todos são assim. Ainda existem bruxas por aí que acreditam.

— Acreditam em quê?

Sua expressão ficou séria:

— Nos velhos tempos, nos antigos ensinamentos e nas leis da magia. Que ainda podemos viver em paz com os humanos. Que a magia é parte natural do mundo, e que não devemos mexer nela. Canalizadores não são parte da magia

natural. Eles corrompem e distorcem a magia. E não deveriam existir.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando.

— O que são...

— Você acha que eles nos darão água e talvez algo para comer? — Leo interrompeu.

Eu diminuí meu passo e esperei ele chegar ao meu lado.

— Não tenho certeza. Mas se quiserem nos manter vivos, imagino que terão de nos alimentar.

— Eu não confiaria em nada que eles nos dessem — reclamou Nugar.

Seus olhos eram selvagens, e temia que ele batesse nos guardas.

— Estará envenenado. Prefiro morrer de fome.

— Eu não — disse Will. Ele parecia abatido, e eu podia ver olheiras abaixo de seus olhos. — Eu vou comer e beber tudo o que eles me derem.

— Eu também — disse Lucas. Fiquei surpresa. A tensão na voz dele era aparente, e quase senti pena dele, quase.

Viramos à esquerda. Um cheiro de fumaça, mofo e pedra úmida chegou até nós. O ar havia mudado, tornando-se muito mais frio do que o resto da fortaleza, como se uma janela ou a porta estivesse aberta para o exterior. Mas o ar não era fresco. Era parado e frio.

Eventualmente, não havia mais janelas, só intermináveis paredes de granito preto. A quantidade de candelabros foi diminuindo, e ficamos em uma escuridão quase insuportável.

Então, senti cheiro de podridão, mijo sangue e suor. Isso me atingiu como uma bofetada na cara. Era revoltante, mas, ao mesmo tempo, familiar. Era o mesmo cheiro pútrido da prisão do Templo Dourado do sumo sacerdote. Era o cheiro de prisioneiros forçados a viver em sua própria sujeira.

Os guardas nos levaram por outro corredor estreito e sem iluminação até chegarmos a uma câmara maior. Ainda havia pouca iluminação, mas pelo

menos havia espaço. Eu pude ver algemas nas paredes e mesas compridas com uma coleção de ferramentas afiadas e armas. O chão estava imundo e coberto de manchas marrom.

No meio do local, havia uma abertura, um grande buraco circular no chão. Ao contrário de meu pequeno alçapão secreto sob o piso da casa de Rose, essa abertura era grande o suficiente para conter três homens. E, de onde eu estava, não conseguia ver o fundo.

Antes de registrar o que estava acontecendo, os pingentes dos guardas brilharam com um poder amarelo e filamentos de energia preta e dourada saíram de seus dedos. Vacilei, mas a magia deles passou por mim e agarrou Leo, Will, Nugar e Lucas, empurrando-os para frente e jogando-os no buraco do chão.

Ouvi o horripilante estalar de ossos quando eles bateram no chão duro lá embaixo.

— Não! — corri até ele, mas fui atingida no estômago por algo duro. Cambaleei para trás e bati numa parede fazendo um som horripilante. Escorrei até o chão. Eu pude sentir minha nuca molhada de sangue.

Eu balancei minha cabeça e tentei limpar os olhos. Eu podia ouvir gemidos vindo daquele buraco. Uma fúria me dominou e me coloquei de pé novamente.

— Vou matar vocês, *bastardos!*

Mas quando me atirei em direção a eles, o guarda mais próximo lançou outra descarga de magia, e caí no chão. O granito duro cortou meu quadril, e eu gritei de dor.

Mas me coloquei de pé novamente, fervendo de raiva.

— Estão esperando o quê? Vamos, seus idiotas covardes. Tentem isso de novo. Vão em frente. Venham me pegar, seus fracos, bastardos.

Os guardas rosnaram, e seus pingentes inflamaram-se de poder. Eu me

preparei para o próximo ataque, torcendo para que não me matassem.

— Não sei se isso é muito útil, Elena — disse Fawkes.

Os olhos dele brilhavam na escuridão. Percebi que ele já havia gasto toda a sua magia para nos ajudar antes e não poderia lutar contra aqueles guardas. Mas era tão perturbador ser jogado em um buraco no chão que eu não deixaria aquilo acontecer sem lutar.

— a escória humana pertence à masmorra — disse o guarda que me atacou. Ele sorriu para mim. — Por ordem do Rei Bruxo, você e o bruxo Elemental serão mantidos nas câmaras superiores da torre oeste.

Minha cara caiu. No começo, eu fiquei aliviada, mas, depois, senti vergonha por me livrar daquele buraco fedorento no qual os outros ficariam. Um gemido de masmorra chegou até mim, e eu me encolhi. Caminhei até lá com cuidado, e dei uma espiada lá para dentro.

A masmorra era um buraco escuro, e não vi nada além de escuridão. O cheiro de fezes, mijo e vômito me fez engasgar. Eu cobri a minha boca, e meus olhos lacrimejaram com o fedor. Era como ver o inferno.

— Leo? Will? Pessoal? Vocês estão bem? — me ajoelhei lá perto, mas não consegui ouvir nada.

Eu me volvei aos guardas:

— Vocês os mataram. O rei prometeu que pouparia a vida deles.

— Garanto que eles são muito vivos.

— Elena? — a voz fraca de Leo veio lá de baixo.

— Leo! — meu coração bateu forte contra o peito. — Você se machucou?

Não consigo ver nada. Você parece tão longe...

Silêncio. Depois, ouvi a voz de Leo novamente:

— Ainda estou vivo.

Sua voz era tão fraca que era óbvio que demandava um grande esforço para ele falar.

Inclinei minha cabeça na entrada da masmorra:

— Irei tirá-los daí. Eu prometo.

Eu esperei, mas ele não respondeu de volta.

— Leo? — chamei eu. — Você ouviu o que eu disse? Eu voltarei. Eu...

A porta da masmorra se fechou na minha cara cheia de lágrimas, com uma última lufada nojenta com cheiro de fezes.

Olhei para o guarda que havia fechado o alçapão:

— Eles vão ter comida e água?

— Eles ficarão vivos — disse o guarda. — Agora, mexam-se.

O guarda agarrou meu braço e me levantou.

Eu não revidei.

Ele me arrastou para fora da câmara, de volta para o corredor. Eu estava entorpecida de vergonha, e eu mal controlava meus passos, apenas andava desajeitadamente atrás dos guardas. Fawkes estava alguns passos atrás de mim, me vigiando, com medo de que eu desmaiasse. Senti vergonha por ter abandonado os rapazes. Foi estupidez minha não ter confiado em Fawkes.

Rose sempre me dizia: *ouça os conselhos dos mais velhos, não porque eles sempre estejam certos, mas porque eles têm mais experiências com os erros. Aprenda com as pessoas que já trilharam o mesmo caminho de você... respeite-os.*

Não pude deixar de sentir que eu havia traído Jon ao abandonar seus amigos mais próximos. Eu o havia decepcionado, e parte dele também havia se perdido na masmorra.

CAPÍTULO 20



OS GUARDAS NOS LEVARAM por uma escadaria de pedra e outro corredor estreito e escuro. O guarda já havia soltado o meu braço, mas eu ainda podia sentir a dor da pancada e o calor da minha magia de cura. E embora tivéssemos deixado a masmorra para trás, seu fedor ainda estava impregnado em mim como o cheiro de um gambá. Eu não me esqueceria daqueles homens naquele buraco fedorento. E com razão.

Fawkes continuava lançando um olhar nervoso para mim, o que só me deixava mais inquieta.

— Eles ficarão bem, Elena — sua voz era mais suave e gentil do que nunca. — Garantirei que eles recebam comida e água. Você tem a minha palavra.

A mudança nele era surpreendente, mas me deixava nervosa.

Eu mantinha minha cabeça abaixada e seguia os guardas. Eu não podia me desesperar, senão tudo estaria perdido. Então, pedi à Deusa a força e a sabedoria das quais eu precisava. Eu tinha de ter fé na minha missão. Eu tinha de terminar o que havia começado.

Eu participaria dos Julgamentos dos Bruxos e passaria em qualquer teste que o Rei Bruxo tivesse para mim. Depois, obteríamos a ajuda da qual precisávamos e deixaríamos esse lugar miserável para sempre. Só de pensar em partir, uma centelha de esperança brilhou em mim. Mas, primeiro, eu precisava passar pelos malditos julgamentos.

Caminhamos em silêncio mortal. Os guardas não conversavam conosco, nem nos ameaçavam. E não me importei. Não havia mais nenhuma tapeçaria

exuberante na torre oeste. Uma camada de poeira e sujeira cobria os andares. O brilho do meu coração havia se apagado.

Os guardas finalmente pararam na frente de uma grande porta de madeira, com entalhes na língua de Witchdom em suas bordas. Eu queria compreender essa linguagem mística. Dei uma olhada no corredor, mas não consegui ver se havia mais quartos naquele andar.

Dois guardas colocaram-se de pé ao lado da porta.

O guarda que havia me machucado virou-se e disse:

— Você ficará confinada nesta câmara. As refeições serão trazidas para você. Você só poderá sair para os Julgamentos dos Bruxos. Haverá guardas de vigia na sua porta; então nem pense em tentar escapar. Você será escoltada aos seus julgamentos e de volta para cá. Tente sair e você será punido severamente. Esteja pronta duas horas após o nascer do sol. Sua bruxa de companhia deixará tudo preparado para você.

Levantei minhas sobancelhas:

— Minha bruxa de companhia? — Eu sabia que seria mantida sob constante vigilância, mas uma bruxa de companhia?

O guarda abriu a porta e olhei em meio à escuridão. O guarda agarrou meu braço novamente, torcendo-o com força para garantir que doesse. Eu reagi instintivamente e dei-lhe um pontapé na canela. Ele me soltou com um grunhido. Não deixar de sorrir quando me soltei dele.

Seu rosto estava vermelho de raiva. Com um estalar de seus dedos, um jato de magia me acertou no peito e jogou para dentro da câmara. Eu cambaleei para trás, mas consegui ficar de pé, poupando-me de mais humilhação.

O rosto de Fawkes ficou pálido, e ele pareceu ainda mais velho.

— Tente dormir um pouco — disse ele. — Descanse, porque tenho a sensação de que você precisará disso amanhã.

Os guardas riram, e minhas suspeitas de que os julgamentos seriam torturantes foram confirmadas. Engoli em seco e controlei minha raiva.

— Irei vê-lo amanhã? — perguntei a Fawkes. Saber que Fawkes estaria em algum lugar perto de mim durante os julgamentos me dava algum conforto. Droga! Eu só queria alguém próximo que não me desprezasse abertamente, e isso já era muito para o meu ego.

Fawkes sorriu gentilmente para mim, mas seus olhos pareciam assustados:

— Eu não sei, Elena. Não sei o que o Rei Bruxo pretende fazer comigo, mas tenho certeza que saberei em breve. Apenas descanse e restaure sua força e sua magia. Você vai precisar de tudo isso.

Eu franzi a testa:

— Você sabe o que são esses *julgamentos*, não é? Que tipo de tribulações irei enfrentar? Vejo em seus olhos.

Fawkes não disse nada, mas uma tempestade de emoções passou por seu rosto:

— Apenas fique viva e alerta. Você se sairá bem o suficiente amanhã. Tenho fé nas suas habilidades.

Apesar de Fawkes parecer preocupado, pude ver que ele estava tentando acalmar nós dois.

Dei um passo para frente e perguntei a ninguém em particular: — Onde ele ficará? Será que podemos fazer nossas refeições juntos...

O guarda bateu a porta na minha cara, e fui deixada na completa escuridão. Eu me senti tentada a chutar a porta.

Mas, então, o ar se moveu atrás de mim, e uma luz dourada suave surgiu em uma grande lareira de pedra.

— Olá — disse uma voz feminina.

Eu pulei em surpresa:

— Não vi você aí — disse eu. Meu rosto enrubesceu. — Você é...

— Sua bruxa de companhia, ama Elena.

Então, a bruxa sabia quem eu era. Ela não sorriu quando olhou para mim. Seu rosto era inexpressivo.

Eu não sabia o que dizer. Ela parecia ser um pouco mais velha que eu, mas não por muito. Ela usava um daqueles vestidos de linho que eu vira nas bruxas dos Portos Cinzentos, não um daqueles vestidos com as cores dos clãs das bruxas da câmara do rei. Seu cabelo ruivo estava preso em um coque. Ela não era bonita, nem tinha feições delicadas, mas seus grandes olhos castanhos eram gentis. Gostei dela imediatamente.

— Já que sabe meu nome, posso saber o seu? — perguntei finalmente.

Não sabia se eu deveria apertar a mão dela ou algo assim, mas, quando falei com ela, pensei ter visto um leve sorriso, que desapareceu num instante.

— Meu nome é Celeste.

— Prazer em conhecê-la, Celeste.

Celeste me olhou, e acho que vi uma pontinha de simpatia em seu rosto.

— Bem, ama Elena — disse a bruxa de companhia — Sua roupa e seu cheiro estão terríveis.

Eu sorri timidamente.

— Tomei a liberdade de preparar-lhe um banho. — Ela apontou para uma porta à minha direita, e quando meus olhos se ajustaram à escuridão, vi uma cuba redonda de madeira.

Eu suspirei:

— Não vou fingir que não estou cheirando a estábulo. Um banho parece celestial.

Celeste acendeu mais quatro candelabros nas paredes. Tirei um tempo para olhar à minha volta. O aposento era maior que toda a casa de Rose. Tinha uma câmara de banho e um trocador. Havia almofadas e cobertas

bordadas sobre a cama, e uma cômoda ao lado da parede. Havia uma mesa com uma coleção de livros, um prato de comida, e jarro de água. Pisquei, desorientada por um momento, e soltei um longo suspiro.

Eu nunca havia tido um quarto só meu, muito menos com móveis tão finos. Não havia dúvidas de que aquele não era o melhor aposento da fortaleza, mas era muito melhor do que as masmorras. Se não fossem pelos dois guardas à minha porta, acharia que o Rei Bruxo estava me tratando como uma convidada.

Mas por que eles não haviam me trancado nas masmorras com o restante do pessoal? Eles poderiam me levar e buscar todas as manhãs para os Julgamentos dos Bruxos. Então, por que o quarto e a bruxa de companhia? Por que a comida?

Talvez fosse porque o rei havia visto minha mãe em mim. Lembrei-me de como ele passou os olhos por todo o meu corpo. Embora a ideia do rei me admirando gelasse meu sangue, eu suspeitava que essa era a razão pela qual eu estava sendo tão bem hospedado.

Praticamente corri até a mesa e peguei um punhado de queijo, pão e deliciosas carnes temperadas. Comi uma torta de framboesa e tomei água limpa e fresca.

Eu ouvi risadas, e me virei para ver Celeste balançando a cabeça.

— Mais devagar, senão irá engasgar.

Mas, então, enquanto saboreava o queijo de cabra e o pão úmido, recheado de nozes, pensei nos rapazes. Havia comida suficiente para todos eles.

— Existe uma maneira de enviar o resto dessa comida para os humanos nas masmorras?

Eu limpei minhas lágrimas rapidamente, mas ela percebeu. Fiquei surpresa com o quanto eles significavam para mim. Parte disso era por causa

da conexão que eles tinham com Jon, mas também porque me apeguei a eles. *Como eu poderia comer quando eles estavam morrendo de fome?* Não era certo.

Achei que ela zombaria de mim por sugerir algo assim. Mas ela me surpreendeu.

— Farei o possível.

Eu não entendia a preocupação genuína que ela demonstrava, nem a faísca de ressentimento que havia em seus olhos.

— Terá de ser à noite, quando a torre oeste estiver tranquila e a maioria das bruxas estiver dormindo — disse Celeste. — Eu levarei esta comida, assim as cozinhas não notarão a falta de nenhum suprimento. Sim. Eu cuido disso.

Ela parecia ter confiança em mim quando falou:

— Eu geralmente consigo entrar e sair pelos corredores sem ninguém notar. Posso passar despercebida às vezes, na maior parte do tempo, sou invisível.

Não sabia o que ela queria dizer, mas ela havia me animado, e devolvi o restante do queijo ao prato. Havia comida o suficiente para alimentá-los durante alguns dias. Se a Celeste fosse mesmo me ajudar, e eu realmente acreditava que sim, então nós alimentaríamos os rapazes. E esse pensamento me encheu com renovada esperança e coragem.

Eu iria passar nos Julgamentos dos Bruxos.

— Obrigada — disse à Celeste.

Foi estranho sorrir.

— Você é uma bruxa metamorfa? É assim que consegue se tornar invisível? Transformando-se em outra coisa? Talvez um rato? As coisas seriam diferentes se eu pudesse fazer esse tipo de magia.

Seu sorriso desvaneceu-se, e parecia que eu a havia insultado.

— Lamento, Celeste — disse eu rapidamente, esperando não ter destruído a única chance de alimentar os rapazes. — Não sei muito sobre as bruxas, sobre este reino, nem sobre magia em geral. É tudo muito novo para mim.

Eu tentei tranquilizá-la:

— Eu nem sabia que havia criadas aqui. Pensei que só as grandes e nobres casas de Arcânia tivessem. Você deve ter feito algo terrível para acabar aqui comigo.

Celeste balançou a cabeça enquanto me ajudava a tirar minha capa molhada. O rosto dela corou.

— Eu sirvo ao Rei Bruxo, como outras bruxas menores. Esse é um posto muito bom para mim. Muitas bruxas menores dariam qualquer coisa por um posto a serviço do rei.

— O que são bruxas menores?

— Bruxas que têm pouca ou nenhuma magia no sangue, assim como eu.

Lembrei que a bruxa mestra, Ada, havia mencionado que nem todas as bruxas podia lançar magias, mesmo aquelas que não eram como eu. Mas ainda parecia estranho.

Não consegui olhar para ela:

— Você... você não pode lançar magia?

A situação dela era parecida com a minha. Da mesma forma que os nascidos no Fosso eram considerados seres humanos inferiores, as bruxas com menos poder eram consideradas servas. Isso explicava por que ela não usava as cores de nenhum clã.

— Eu lancei uma magia certa vez — disse ela. Pude sentir seu sorriso, mesmo ela estando atrás de mim, tentando desembaraçar o meu cabelo.

— Quando eu tinha seis anos. Lembro muito bem. Com apenas um estalar dos meus dedos, fiz crescer uma roseira para minha mãe. Minha família é toda do clã Elemental, e sou a única que não consegue lançar magia. Mas sou

bastante hábil com as poções. Meu dom é criar infusão de tônicos.

Imaginei Celeste mexendo um grande caldeirão.

— Isso é realmente impressionante.

Rosa sorriria se eu fosse capaz de fazer brotar flores da terra.

— Também não posso fazer magia. Nunca fiz. Nunca farei.

— Não foi isso que eu ouvi — ela brincou.

Eu me virei para olhar para ela:

— O que você ouviu? Eu acabei de chegar aqui.

Ela parecia convencida:

— Bem, você ficaria surpresa quão rápido as notícias se espalham na fortaleza. Não há muito o que fazer por aqui, e daríamos tudo por novas fofocas.

Levantei minhas sobrancelhas:

— Tipo...?

— Eu sei que você diz ser uma Donzela de Aço, mas que resta provar se você realmente é.

Ela sorriu e começou a passar os dedos em meus cabelos:

— Não tenho poderes que me permitam sentir se você tem alguma magia em você. Eu sei que você chegou aqui com humanos e que viajou com um bruxo muito poderoso do clã Elemental.

— O que sabe sobre ele? Sobre Fawkes?

Celeste franziu a testa e arrancou com sucesso um amontoado de lama do meu cabelo:

— Não muito. Só que ele costumava ser o general do Rei Bruxo há muitos anos. Eles tiveram uma briga, e ele partiu, e, desde então, jamais foi visto. Não até você chegar com ele.

Eu havia visto o novo general. Ele estava de pé, ao lado do Rei Bruxo, quando o vimos pela primeira vez. Ele não tinha nada da luz ou empatia que

Fawkes mostrava em seus olhos.

Fawkes era um verdadeiro mistério. Havia uma história que eu queria descobrir. Quanto mais eu descobrisse sobre o que havia acontecido entre ele e o Rei Bruxo, mais eu saberia sobre o próprio rei. Eu certamente não acreditava no rei da forma como confiava em Fawkes.

Ocorreu-me uma coisa:

— Notei que algumas das bruxas usam pingentes. O Rei Bruxo e a rainha também, bem como os guardas. Quais são?

A bruxa de companhia assentiu com a cabeça:

— Artemagistas. Só as bruxas com magia poderosa podem usá-las. É uma grande honra. As artemagistas nem sempre aceitam seu portador. A bruxa mestra precisa ter uma magia danada de poderosa.

— E para que servem?

— Elas são conduítes. Amplificam o poder natural de uma bruxa, e a torna ainda mais poderosa.

Mas Fawkes não usava nenhuma artemagista. *Será que era porque as artemagistas não o haviam aceitado ou porque Fawkes não as queria usar?*

— Mas nem todas as bruxas usam, por quê?

— Bem... — disse a bruxa de companhia — Os antigos ensinamentos proíbem o uso de conduítes.

— Mas o Rei Bruxo usa.

A bruxa de companhia assentiu com a cabeça.

— Sim. As coisas mudaram ao longo dos anos. O Rei Bruxo alterou as antigas leis e criou outras novas.

Celeste soltou um suspiro frustrado:

— Lamento, ama Elena, temo que teremos de cortar alguns nós do seu cabelo. Acho que nem magia poderia desfazer essa bagunça.

— Pode cortar — disse eu. — Não estou aqui para cuidar da minha

vaidade. Não me importo com meu cabelo.

Soltei um suspiro trêmulo. Eu queria compartilhar meus sentimentos com essa bruxa. Eu senti que podia confiar nela, porque ela parecia ser como eu, de muitas maneiras. Nós éramos diferentes, e nenhuma de nós podia fazer mágica como as outras bruxas. Éramos ambas bruxas menores.

— Bem... — disse ela após uma longa pausa. — Posso dar uma repicada para disfarçar. E depois do banho, farei uma trança. Ficaré bom. Tenho certeza de que há uma bela mulher em algum lugar debaixo de toda essa sujeira.

Celeste levou-me para a câmara de banho. Depois de tirar minha roupa incrustada de sangue e jogá-la em um canto, entrei em uma gloriosa banheira de madeira. Ao contrário das concubinas no Templo Dourado, o toque da bruxa de companhia era gentil. Ela esfregou óleos com cheiro de lavanda no meu cabelo, e juntas conseguimos esfregar e raspar sujeira suficiente para um mês.

Quando terminamos, ela me deu novas roupas íntimas e um longo roupão branco.

— Você precisará disto também — disse a bruxa de companhia. Ela colocou o roupão macio de lã sobre meus ombros e amarrou na cintura.

— Faz muito frio aqui na fortaleza. Mesmo com uma lareira, o frio parece nunca nos deixar.

Ela deu-me uns chinelos de couro macio, e quando calcei meus pés, houve uma batida na porta. Nós nos entreolhamos.

— Está esperando visitantes? — perguntou Celeste.

Dei de ombros. Talvez o Rei Bruxo tivesse mudado de ideia, e eu estava prestes a ser atirada nas masmorras.

Celeste atravessou o aposento e abriu a porta.

Príncipe Áurion estava à porta:

— Boa noite, Elena.

CAPÍTULO 21



MEU CORAÇÃO BATEU FORTE contra o peito, e tentei recuperar o fôlego.

O príncipe havia trocado sua roupa por um roupão de seda preto como a noite. Sua pele pálida e cabelos brilhantes destacavam-se como estrelas no céu noturno. Ele havia trançado o longo cabelo prateado, jogando-o por cima do ombro; a abertura do seu roupão revelava músculos que haviam levado anos para se desenvolver. Ele parecia pronto para dormir, a menos que estivesse pronto para outra coisa...

Não havia dúvidas de que o príncipe era bonito além do normal. Tudo nele gritava masculinidade e sensualidade. As bruxas provavelmente se jogavam aos pés dele. E havia algo intrigante nos olhos dele também. Quando percebi que estava olhando demais para ser apropriada, corei e me virei. Se meu coração já não pertencesse a Jon, ficaria tentada a arrancar aquele roupão, só para dar uma espiada lá dentro.

Mas meu coração pertencia a outra pessoa. E isso nunca iria mudar, não importava a gostosura do príncipe.

— O que *diabos* está fazendo aqui? — gritei quando encontrei minha voz. Duvidava muito que ele se importasse com o apropriado decoro.

O rosto pálido de Celeste se transformou em um vermelho profundo. Ela fez uma reverência tão inclinada que me admirei por ela não ter caído no chão.

— Príncipe Áurion — ela murmurou com mais outra coisa que não consegui entender.

Eu me endireitei e disse:

— Fora, príncipe bruxo. Não tem direito de estar aqui.

Ele riu friamente:

— Eu tenho todo o direito. Este é meu lar.

Os olhos dele brilharam e eu senti meu rosto queimar um pouco mais.

— Cada quarto desta fortaleza sombria pertence a mim e à minha família.

Você pode nos deixar, bruxa de Companhia. — sua voz era sonora e saía com facilidade daqueles lábios sensuais.

Celeste deu uma olhada hesitante para mim, e vi que ela parecia assustada.

— Espere — disse eu a ela. — Por favor, não vá, Celeste. Ainda preciso da sua ajuda...

— Sim, por favor, nos deixe — ordenou o príncipe.

Ele fez um gesto para a porta:

— Esta dispensada pelo resto da noite.

Sua ousadia estava me fazendo entrar em pânico. O que diabos estava acontecendo?

Celeste fez uma reverência ainda maior e ficou assim até passar pela porta e fechá-la.

— O nome dela é *Celeste* — bravejei. Eu me sentia protetora dela. Eu não estava com disposição para esse cretino pomposo.

— Nome de quem? — provocou Áurion.

Ele se aventurou por meu aposento e fez uma inspeção superficial do mobiliário. Seu roupão preto batia contra suas longas pernas torneadas enquanto ele passeava pelo quarto com os pés descalços.

Enfureceu-me o fato de ele nem se dar ao trabalho de aprender os nomes das bruxas que o serviam. Ele era tão arrogante quanto os nobres de Arcânia.

Mas o que mais me enfurecia era ele achar que seria assim tão fácil me

levar para a cama.

Cerrei minha mandíbula, e meu sangue correu quente. Eu não conhecia muito as regras de etiqueta das bruxas, mas tinha bastante certeza que os príncipes não apareciam para visitar os prisioneiros a esta hora da noite, a menos que quisessem sexo.

— O que você quer? — perguntei. — Não deveria estar dando ordem às bruxas ou algo assim? Não tem coisas de príncipe para fazer?

Não importava o quão bonito ele era. Eu nunca trairia o meu Jon. Nunca. O príncipe virou-se.

— O que *eu* quero? — ele murmurou.

Minha nuca se arrepiou quando ele olhou todo o meu corpo muito, muito lentamente. Olhou dos meus quadris para os meus seios, meus lábios e, por fim, meus olhos.

Eu cruzei os braços sobre o peito, não que eu tivesse muito o que esconder, mas não podia ocultar o rubor no meu rosto. Eu estava brava porque meu corpo me traía e deixava esse cara bonitão me excitar.

O príncipe sorriu:

— Posso ver por que meu pai está apaixonado por você. Você está ainda mais bonita com o cabelo assim.

Sua voz era baixa, erótica e sensual. Eu continuei corando.

— Quer dizer, limpo? — retruquei furiosamente. — Não conseguirá nada com bajulação. Não há nada para você aqui, príncipe bruxo.

Áurion ergueu a sobrancelha:

— Resoluta, ousada, valente, todas as qualidades de uma verdadeira Donzela de Aço. Nenhuma bruxa jamais foi tão impaciente e ousada comigo antes. É refrescante e... *excitante*.

Coloquei as mãos na cintura e encarei o idiota:

— Fora ou eu vou... eu vou...

— Vai o quê? — zombou o príncipe, caminhando pelo meu aposento.

— Gritar? Vá em frente. Grite. Eu a desafio.

Ele olhou casualmente para o lugar:

— Há tempos não vinha a esta parte da fortaleza de meu pai. Desde que...

Seus olhos se obscureceram por um momento, perdidos em alguns pensamentos, e eu quase pude ver um traço de tristeza.

Parte de mim queria perguntar o que havia acontecido, mas meu instinto me dizia que ele era um problema e que eu deveria ficar o mais longe que pudesse.

Ele deu meia volta e pulou na cama com agilidade felina, num único movimento. Ele se ajeitou confortavelmente na cama, cruzando os dedos atrás da cabeça. Seu roupão escorregou um pouco no ombro direito e revelou seu tórax lisinho e parte de seu mamilo.

Minha deusa! Ele era lindo, lindo demais. Seu sorriso insolente mostrava que ele sabia exatamente o efeito que causava nas mulheres.

Foi preciso toda a minha força para olhar fixamente nos olhos dele. Eu levantei meu queixo:

— Não.

O príncipe riu... com intimidade e malícia.

— Não o quê?

— Pare de brincar. — Esfreguei minhas têmporas e soltei um suspiro exasperado. — Estou cansada. Acabo de cruzar um país inteiro e quase não sobrevivi. Seu pai programou esse tal julgamento para mim amanhã, então preciso do meu descanso.

— Ah, sim! Os infames Julgamentos dos Bruxos, a ideia que meu pai faz de entretenimento. Sempre achei isso muito bárbaro, de verdade. É matar ou morrer.

Áurion me olhava intensamente. Seu olhar era assombroso.

— Não sei por que meu pai está tão obcecado em saber se você é ou não a última do Donzela de Aço. Que diferença isso fará? Mas ele é o Rei Bruxo, e devemos obedecer ao nosso rei.

Ele deu uma batinha na cama, ao lado dele.

— Venha — ele sussurrou. — Vamos falar sobre seus julgamentos de amanhã. Juro que não mordo... a menos que queira também.

Deixei sair uma risada cruel:

— Acho que não. Deixe-me ser bem direta com você... nada *jamais* vai acontecer entre nós dois.

O príncipe ergueu as sobrancelhas e sorriu.

— Não consigo imaginar como deve ter sido crescer naquele lugar horrórico que vocês chamam de Fosso. Deve ter sido terrível para você ser uma bruxa perdida nessa parte do mundo humano. Não consigo imaginar que atrocidades você sofreu.

— Venha. — Ele deu outra batidinha na cama. — Venha e me conte. Adoro uma boa história na cama.

— Se estiver tentando me seduzir mostrando seu corpo nu... — disse eu, me esforçando para não olhar — Saiba que não vai funcionar. Pode sair agora, antes que alguém saiba que você está aqui. Não vai querer sua reputação manchada por ser visto sozinho com uma humana contaminada do Fosso.

Os olhos do príncipe viajaram lentamente pelo meu corpo antes de ele murmurar: — Mas o fruto proibido é sempre mais gostoso.

Que a deusa me ajude! Meu rosto corou, mas tentei parecer indiferente.

— Além disso — continuou o príncipe — seu sangue humano é o que acho mais intrigante e único. Uma humana e uma bruxa num só pacote tão tentador. É perfeito demais, lindo demais para deixar passar.

Alguma coisa brilhou nos olhos dele:

— Sempre consigo o que *quero*.

— Provavelmente há *inúmeras* bruxas, todas fogosas e entediadas, esperando por você em suas camas — disse eu, exasperadamente. — Não pode simplesmente ir até elas? Nunca lhe darei o que você quer, então está perdendo o seu tempo.

Soltei um suspiro:

— Estou muito, muito cansada, essa é a verdade. Não tenho tempo para isso. Por favor, por favor, saia.

O príncipe balançou a cabeça, parecendo atordoado.

— É isso que você acha? Que eu iria vadiar com qualquer idiota disposta? Que entro nos aposentos de bruxas desavisadas no meio da noite para me divertir um pouco?

Áurion riu, e fiquei surpresa com a genuinidade daquele riso.

— Venha, venha, Elena. Eu não esse tipo de bruxo. Confie em mim.

Eu ri, incrédula:

— Confiar em você? Diabos, eu nem *conheço* você.

Ele suspirou sensualmente e sorriu.

Levantei minhas sobrancelhas numa pergunta silenciosa.

— Não, não conhece — ele respondeu.

Ele passou a mão direita no cabelo, e vi um grande anel dourado cravejado com uma pedra no dedo indicador. Uma artemagista.

— Sua magia não funcionará em mim — disse eu rapidamente.

Ele me pegou olhando seu anel.

— Quer testar essa teoria? Que tal termos nosso próprio julgamento preliminar? Só você e eu? Quero conhecê-la...

— Conversa fiada.

Eu estava tão exausta que nem sabia se isso estava mesmo acontecendo. Eu precisava dormir. Eu precisava me preparar para o dia seguinte. *Por que*

ele não ia embora?

— Por favor — suspirei. — Por favor, vá embora. Estou cansada demais para isso.

Coloquei as mãos no rosto e fechei os olhos.

Ouvi um ranger de madeira. O príncipe deixou a cama e caminhou pelo assoalho. Temi que ele me agarrasse e tentei automaticamente pegar a minha espada, embora estivesse desarmada. Cerrei meus punhos, mas o príncipe passou por mim e foi até a porta.

Eu o observava com um misto de emoções. Eu estava feliz por ele finalmente decidir partir, mas perplexa por ele ter vindo se não queria me levar para a cama.

— Então, por que você veio? — perguntei e abaixei as minhas mãos. — Se não foi para me seduzir com seus encantos?

A expressão do príncipe ficou séria quando ele chegou à porta:

— Para lhe dar um aviso.

— Que aviso?

— Cuidado com a Rainha das Bruxas — disse ele com seriedade. —

Nada irá detê-la até matar você.

Fiquei espantada com o que ele havia acabado de dizer:

— Você me alertaria contra sua própria mãe? Você nem me conhece.

Os olhos do príncipe bruxo brilharam misteriosamente, e sua expressão se obscureceu:

— Ela *não* é minha mãe.

Ele foi embora batendo a porta atrás de si.

CAPÍTULO 22



EU ESTAVA AGITADA DEMAIS e só conseguir dormir umas poucas horas. Eu não conseguia parar de pensar no aviso do Príncipe Áurion. *Por que diabos ele se importava com o que acontecesse comigo?* Não fazia sentido.

Então, a Rainha das Bruxas não era mãe dele. *Será que a mãe dele havia sido morta? Teria sido a nova rainha a responsável?*

Eu não estava ali para me envolver no drama da família real. Eu já tinha coisa demais em que pensar. Mesmo assim, algo bem lá no fundo me dizia que o príncipe havia sido sincero. Os olhos da Rainha das Bruxas me fulminavam, e ela havia exigido a minha morte. Então, não foi nenhuma surpresa quando o príncipe Áurion me alertou sobre ela. Eu teria de tomar cuidado.

Meu corpo doía, e minha cabeça latejava por falta de sono. Eu me sentia como se tivesse sido espancada com espadas de madeira. Eu não estava em condições de qualquer tipo de julgamento. Até mesmo a minha magia de cura não podia curar meu cansaço.

Celeste me forçou a comer um pouco de pão e tomar água, mas vomitei logo depois. Meus nervos não me deixavam segurar nada no estômago. Contudo, quase explodi em lágrimas de alegria quando ela me disse que havia conseguido entregar os restos de comida e água da noite anterior aos rapazes na masmorra.

Como minhas roupas ainda estavam para lavar e, aparentemente, não se adequavam aos julgamentos, Celeste me ajudou a vestir o que ela chamou de

traje *tradicional* das Donzelas de Aço. Tratava-se de uma faixa vermelha, de couro macio, cruzada sobre meu peito, que deixava minha barriga à mostra; calças douradas feitas com um material que tinha a suavidade da seda, mas a resistência do couro; botas de cano alto, feitas de couro macio; braçadeiras vermelhas de couro, estampadas com espadas douradas e perneiras que amarrei em cima das botas.

Ela disse que havia encontrado aquilo tudo no baú que havia arrastado ao meu aposento.

Passei minhas mãos sobre o material:

— O que é isso?

— Seda de Witchdom — disse Celeste, enquanto fazia uma longa trança no meu cabelo, tecendo com laços dourados e vermelhos. — É das nossas lagartas. É o material mais durável que temos em Witchdom. É tão suave quanto o veludo, mas resistente como o couro.

Eu havia visto esse tipo de material em algumas das bruxas de alta classe e na família real.

Celeste se afastou e sorriu. Seus olhos brilharam.

— As verdadeiras cores e trajes de uma Donzela de Aço. Não aqueles trapos horríveis com os quais chegou aqui. Se quiser ganhar respeito como uma Donzela de Aço... então será melhor se vestindo com tal.

Eu olhei para Celeste:

— Isso é obra sua, não é?

Ela apenas piscou para mim inocentemente, mas eu vi uma pitada de rebeldia brilhar em seus olhos cor de avelã.

— O Rei Bruxo nunca ordenou que eu vestisse isso, não é?

— Não, não ordenou — respondeu ela.

Eu não sabia que ela queria.

— Ao longo dos anos, ouvi dizer que as roupas da Donzela de Aço

anterior haviam sido preservadas em algum lugar no interior da fortaleza, então fui procurar. Acaba que os rumores eram verdadeiros. A roupa estava novinha em folha, então pensei que não faria mal usar um pouco.

Ela ficou de pé, me avaliando por um momento, com as mãos nos quadris.

— Acho que esqueci algo. — seus olhos se arregalaram. — É claro!

Ela foi até o baú e puxou uma série de tiras de couro e cintos. Ela colocou um boldrié em meu ombro e me deu cinco adagas: duas para o cinto, duas para as coxas e uma adaga de peito que se encaixava perfeitamente em meu sutiã de couro. Por fim, ela me entregou uma espada curta reluzente.

Seus olhos brilharam:

— Isso é uma *espada de bruxa*. A verdadeira espada de uma Donzela de Aço.

Agarrei o punho com avidez. A espada era leve e bem equilibrada. Parecia estranhamente familiar para mim, como se já tivesse visto uma assim antes, como se eu estivesse *destinada* a empunhá-la. Mas isso era impossível. O punho da espada tinha a forma da cabeça e das asas de um dragão; o pomo formava a cauda do dragão. Os olhos do dragão eram incrustados com pedras preciosas vermelhas. Na lâmina, estavam gravadas palavras escritas na língua de Witchdom, com imagens que retratavam uma Donzela de Aço em combate contra um guerreiro.

— Estou surpresa por deixarem você me trazer armas — disse eu, embainhando minha nova espada.

— Eles não devem vê-la como uma ameaça agora que chegaram a um acordo. — Celeste fechou o baú com o pé. — E eles sabem que você não partirá sem os humanos. Além disso, você precisará das armas de qualquer forma, não é mesmo?

Eu ainda me sentia nua. Eu estava mostrando mais pele do que vez normalmente faria, e ainda estava ciente de que estava *terrivelmente* magra.

Celeste me consolou um pouco falando que as Donzelas de Aço vestiam o corpete de couro por cima de uma camisa em dias mais frios.

As armas não eram minhas, mas o peso familiar na minha mão, a sensação do aço e o cheiro de ferro me trouxe de volta um sorriso. Eu estava vestida para combate. Sorri apesar da minha situação. Eu chutaria o traseiro de algumas bruxas naquele dia. Finalmente, era hora de mostrar do que eu era capaz.

Eu ainda não entendia por que a bruxa de companhia estava sendo tão atenciosa.

— Celeste, por que você está me ajudando?

Por um momento, pensei que ela fosse revelar seus verdadeiros sentimentos, mas ela só sorriu amavelmente.

— Um dos motivos é porque você me chama pelo meu verdadeiro nome. Mas principalmente porque eu sei como é se sentir uma estranha nesta grande fortaleza. Você precisará de toda a ajuda que puder obter, se quiser ganhar seu exército. Além disso, nós, as bruxas menores, precisamos ficar unidas.

Eu balancei minha cabeça e a corrigi:

— Não somos bruxas menores. Nós somos diferentes. É a nossa singularidade que nos torna quem somos, que nos torna mais fortes e mais espertas que todas aquelas bruxas tolas combinadas.

Ela me deu um pequeno sorriso, e eu lhe dei um grande abraço.

— Obrigada — Eu sussurrei em seu ouvido. — Significa muito para mim ter...

Uma amiga, eu queria dizer, mas eu não sabia o que ela era para mim, ou o que eu era para ela, ainda não.

— Ter alguém cuidando de mim.

Celeste saiu do meu abraço, e eu a segui porta afora.

Os guardas estavam esperando por mim e me escoltaram até uma arena ao

ar livre, fora das muralhas ao norte da fortaleza.

O nevoeiro se dissipou com o nascer do sol da manhã, e eu olhei à minha volta. A única arena que eu já havia visto ficava na da Cidade das Almas, onde os guardas do templo exibiam sua força massacrando os escravos. Aquela era muito menor.

Eu estava em uma imensa vala, e uma plateia de bruxas sentava-se em bancos de pedra separados por passarelas. O camarote real ficava bem na frente. Ele era enfeitado com seda preta, marcada com a mão vermelha do clã das Bruxas das Trevas, e estava mobiliado com três cadeiras felpudas. Todas as bruxas reais haviam vindo me ver realizar minha primeira rodada de julgamentos. Eu não estava surpresa em ver o Rei Bruxo, mas não esperava que sua esposa estivesse ali assim tão cedo, ou o príncipe Áurion.

O Rei Bruxo usava um belo casaco de seda de Witchdom com as cores do seu clã. Ele parecia surpreso quando viu que eu usava as cores do clã das Donzelas de Aço... meu clã. Eu sorri para ele; ele parecia satisfeito, satisfeito demais, e se recostou em seu trono. O general estava atrás de seu rei, me olhando com olhos amarelos suspeitos.

A Rainha das Bruxas era um assunto completamente diferente. Ela me olhou com desprezo, com seus olhos violeta ainda mais escuros, quando ela inspecionou meu mais novo traje e as armas. Ela usava um vestido vermelho-sangue que era, sem dúvida, para me intimidar. Bem justinho na parte superior do corpo, a seda caía em camadas em volta de seus quadris e de suas pernas. Seu cabelo vermelho estava trançado sob a delicada coroa em sua cabeça. Seus olhos ardiam de ódio por mim.

Embora eu fosse pequena e insignificante na arena gigantesca, as roupas e as armas da Donzela de Aço faziam eu me sentir poderosa. Eu me sentia uma verdadeira guerreira, não mais só uma garota do Fosso.

Obrigada, Celeste, por ser uma garota tão inteligente.

Ela sabia que essas roupas iriam desequilibrá-los um pouco. Meu visual me ajudaria em meu papel e me daria confiança.

O príncipe bruxo, Áurion, não estava olhando para mim. Ao contrário dos outros, ele olhava sombriamente para o chão, com a atenção em outro lugar. Ele vestia um casaco azul celeste com um lenço de seda em seus ombros. Sua pele pálida e cabelos grisalhos estavam radiantes. Até quando estava entediado, ele era incrivelmente bonito.

Multidões de bruxas haviam ido para a arena. Elas tagarelavam, se abraçavam e riam como se uma festa estivesse prestes a começar. Algumas apontavam para mim e riam. Não acho que elas tinham muita esperança de que eu sobrevivesse a tudo o que o Rei Bruxo estava prestes a lançar contra mim.

Desviei o olhar. Eu não deixaria essas bruxas me desanimarem. Por rebeldia, ergui minha cabeça e adotei minha melhor postura de valentia.

Eu consigo.

Enquanto esperava meu destino se desdobrar, não pude deixar de notar a multidão de bruxas muito bonitas ao lado do Príncipe Áurion. Uma bruxa de cabelos dourados, em um vestido preto e vermelho, olhava em silêncio para o rosto dele. Os seios dela praticamente saltavam para fora do corpete enquanto ela tentava chamar a atenção dele. As outras bruxas desesperadas ficavam se exibindo e olhando para ele também. Mas o príncipe nunca retribuiu o olhar, nem uma vez.

Apesar da indiferença do Príncipe, as bruxas continuavam flertando com ele. A bruxa de cabelos dourados balançou as pernas, expondo sua roupa íntima em uma patética tentativa de chamar a atenção dele. Por um momento, esqueci dos julgamentos e sorri.

Fiquei feliz por não ser fraca ou estúpida, e por não ter perdido meu orgulho. Eu preferia ser pobre e magra, e ter o cheiro de suor de trabalho um

árduo, do que ficar me exibindo para o príncipe real como uma prostituta de luxo. Estava dolorosamente óbvio que elas queriam a atenção do Príncipe para uma única razão... porque elas queriam ser a próxima Rainha das Bruxas. Eu não.

Talvez Áurion soubesse disso também. Talvez só não se importava.

Procurei Fawkes na multidão. Reconheci os corpos inclinados e retorcidos do Conselho dos Clãs, caminhando lentamente aos seus lugares, mas nenhum sinal de Fawkes. Meu coração pesou quando percebi que ele não estava lá.

Por que ele perderia isso? Como ele podia perder isso quando parecia que todo o Reino de Witchdom havia ido me ver sendo feita de tola?

Eu precisava de Fawkes. Ele era como minha âncora, e eu me sentia perdida sem ele.

Eu tentei acalmar meus nervos enquanto mais bruxas chegavam à arena. Eu sabia que elas estavam lá para me ver fracassar. Apesar do ar frio, o suor escorria nas minhas costas e entre meus seios. Eu estava com as mãos úmidas, e resisti ao impulso secá-las na calça.

Tive uma terrível sensação de mau agouro. *No que eu havia me metido?*

Se Rose estivesse ali, ela me diria que eu era uma jovem tola e obstinada por me meter nessa confusão.

Mas que escolha eu tinha?

Eu precisava aceitar o acordo do Rei Bruxo... não havia outra maneira.

Todos os olhos estavam em mim. *Quanto tempo eu teria de ficar ali feito boba?*

Não tive de esperar muito tempo.

Eu ouvi o barulho de ferro, e uma grande porta começou a se abrir do outro lado da arena. A multidão aplaudiu e gritou. Eu não conseguia ver nada; só podia imaginar o monstro que poderia surgir. Não sei por que, olhei para o príncipe e desta vez nossos olhos se encontraram.

Seus olhos cinzentos estavam arregalados e, mesmo à distância, eu podia ver seus dedos ficarem brancos quando ele agarrou as bordas de sua cadeira.

Três bruxos e duas bruxas entraram na arena através do portão de ferro. Eles estavam vestidos de branco, prata, verde, roxo e preto, as cores de cada um dos cinco clãs. Não vi nenhuma arma com eles quando vieram até mim; só pingentes pendurados em seus pescoços. Logo percebi que eles não estavam caminhando, mas *deslizando* em minha direção. Eles estavam pairando a alguns centímetros do chão como fantasmas e demônios de outro reino.

E não havia nenhum lugar para onde eu pudesse fugir.

CAPÍTULO 23



EU TENTEI DESESPERADAMENTE NÃO mostrar nenhum medo, mas as bruxas escarneciam de mim, e eu soube que elas haviam visto o medo em meu rosto. Todo mundo na maldita arena podia ver que eu estava apavorada.

As bruxas flutuaram até me cercarem. Só então elas se colocaram no chão.

Depois que meu choque inicial de ver pessoas *voando* havia passado, empunhei minha nova espada e eu tentei acalmar minha respiração. Coloquei-me numa postura defensiva e esperei, desejando ter olhos na parte de trás da minha cabeça. Eu podia já ter tombado alguns bandidos ao mesmo tempo, mas nunca bruxas, e nunca nessa quantidade. Eu teria de confiar no meu instinto.

Os rostos deles estavam cobertos de tinta vermelha e preta, me lembrando do rosto pintado de Fawkes, mas essas marcas eram mais sinistras. Elas claramente haviam sido feitas para parecer sangue e me aterrorizar. E estavam conseguindo.

A adrenalina disparou em minhas veias como licor forte, fazendo meu corpo acordar. As bruxas me olhavam com tal fome predatória que eu em sentia um assado suculento; eles mal podiam esperar para me partir com os dentes. Eles escarneciam com a confiança arrogante de guerreiros de elite que sabiam que já haviam me derrotado. Eles haviam jurado fidelidade ao Rei Bruxo e eram treinados para batalha desde a infância. Eles deviam estar confidantes.

Uma bruxa do clã Elemental com cabelo roxo curto sorriu para mim. Seus

dentes pareciam agulhas afiadas como dentes de um peixe. Ela era um pouco mais alta do que eu e igualmente magra, mas eu não me deixaria enganar.

As outras bruxas sorriram para mim com dentes amarelados, e eu me virei lentamente para dar uma boa olhada em meus adversários.

Uma bruxa branca, com cabelos pretos gordurosos, sibilava como uma cobra, enquanto uma bruxa vestida de púrpura, do clã Metamorfo, esfregava suavemente o pingente como se estivesse acariciando um gato. Uma bruxa do clã Águre, com a cabeça raspada e um casaco prateado, se movia, tremendo de raiva, enquanto as Bruxas das Trevas, com longos cabelos azul-marinho jogavam beijos.

As bruxas pareciam esgotadas e cansadas, como se algo tivesse acabado com elas. Em uma luta comum, eu teria me regozijado com seus rostos magros. Mas isso estava longe de ser comum. Todos tinham magia em volta do pescoço para ampliar seu poder.

— Morte para a Donzela de Aço! — gritou alguém do fundo da arena.

— Mate a impostora!

— Abominação!

— Mate a mestiça!

Uma vez que os gritos começaram, outros rapidamente entraram, até que as zombarias da multidão eram tudo o que eu podia ouvir sobre o trovejar do meu coração. Eu percebi com um frio que todos na arena queriam me ver sofrer uma morte agonizante.

O rei parecia satisfeito com o barulho, e eu temia que tivesse sido enganada.

E se os Julgamentos dos Bruxos não fossem julgamentos? Será que o Rei Bruxo me colocou na frente desse grupo de bruxas iludidas só para me ver morrer? Ele nunca tivera a intensão de ajudar? Será que o Rei Bruxo havia me enganado?

Olhei para Áurion, mas ele estava olhando para o rei. Eu não conseguia entender sua expressão. Eu estava sobrecarregado de pânico e fúria. Eu tinha sido uma tola de concordar com isso. Mas era tarde demais. Tudo que eu podia fazer agora era tentar sair viva.

Que a deusa me proteja!

Os aplausos da multidão rolaram pela arena como uma loucura.

O Rei Bruxo levantou-se e ergueu a mão direita. A arena se acalmou. Ele havia silenciado a multidão tão eficazmente como se tivesse batido um chicote.

— Bruxas de Lunaris — a voz do Rei Bruxo saltou na multidão. — Vós honrais a mim e a minha família com vossa presença nesta gloriosa manhã. Eu lhes agradeço. Hoje honramos a tradição.

Sua voz ecoou, e ele parou antes de continuar:

— Honramos os Julgamentos dos Bruxos.

Embora eu tentasse ao máximo manter os olhos no rei, não pude deixar de olhar para Áurion. Mas seus olhos estavam em um ponto perto de seus pés novamente, e seu rosto era ilegível.

— Elena de Ânglia — continuou o Rei Bruxo, e eu estava momentaneamente grata por ele não mencionar que eu era realmente do Fosso, mesmo que eu não precisasse ter vergonha. Mas o comportamento calmo com que ele falou enviou um frio por minha espinha.

— Você veio aqui para o Witchdom, do mundo ocidental, alegando que ser a última das Donzelas de Aço. Todos nós sabemos que a última do clã morreu há anos, sem filhos. E ainda assim você se diz *filha* dela.

A multidão chiou e vaiou. Por um momento, pensei que lançariam feitiços em mim. Mas o desgosto de seus rostos era suficiente, e o rei parecia satisfeito com o barulho.

— Acho isso difícil de acreditar — ecoou a voz do Rei Bruxo. — Mas

agora que você alegou ser a filha da última Donzela de Aço perante mim, Rei Bruxo de Witchdom, sua reivindicação por nosso sangue mágico não pode ser desfeita.

O Rei Bruxo fez uma pausa, e ele me deu um sorriso aterrorizante:

— Agora, a sua reivindicação por nosso sangue mágico está em julgamento. Será uma prova pela sua vida. Você será confrontada por cinco testes de força e magia, um de cada um dos cinco clãs. Se você conseguir sobreviver a todos os julgamentos, sua reivindicação de ser uma Donzela de Aço será legitimada. Mas se estiver mentindo, você morrerá.

Engoli em seco, mas meus olhos nunca vacilaram do rei.

O Rei Bruxo ergueu os braços e bateu palmas uma vez. O som era como um raio de trovão, e parecia significar alguma tradição que eu não entendia.

Ele sorriu e levantou a voz:

— Que os Julgamentos dos Bruxos comecem!

O Rei Bruxo voltou ao seu lugar ao lado de sua esposa. A Rainha das Bruxas bebeu algo de um cálice e sorriu perversamente para mim. Seu marido olhava para a arena preguiçosamente, como se meus julgamentos fossem algum evento esportivo casual. Seus olhos mostravam o olhar confiante de um homem que pensava que já havia ganhado.

Que queria parar de tremer de raiva e frustração. Eu havia sido objeto de ridículo e de pena por muito tempo, e não aguentaria mais isso. Eu já havia passado o suficiente.

Eu lutaria até que não pudesse mais respirar, até salvar Jon ...

As artemagistas das bruxas brilhavam com uma cor amarela. A terra gemeu e vibrou sob meus pés, e eu podia sentir a batida do meu coração. Eu acalmei minha mente, e permiti que meu corpo reagisse no puro instinto de sobrevivência.

Este julgamento havia sido claramente destinado a mostrar o esplendor e

a força das bruxas mais fortes do rei. Todas as bruxas iam ver e temer sua força, e eu seria a tola no meio de tudo.

Eu ouvi a multidão se torcer, mas apenas fracamente, depois que me concentrei em meus adversários.

A Bruxa Elemental com boca de peixe saltou em minha direção. Eu a ataquei com a minha arma, mas ela rodopiou com velocidade sobre-humana, e minha lâmina cortou o ar.

— E você se chama Donzela de Aço? — a bruxa riu friamente. — Minha avó pode se mover mais rápido do que você, cadela mestiça.

As outras bruxas não se moveram.

A bruxa com cara de peixe curvou os joelhos e estendeu os dedos largamente com as palmas voltadas para o chão. Seu pingente pulsou com energia amarela e vermelha. E quando ela levantou os braços sobre a cabeça, uma bola de fogo saiu por entre seus dedos. Ela atirou a bola incandescente em mim.

Eu pulei para o lado, mas não fui rápida o suficiente. A bola de fogo pegou na minha carne exposta. Eu gritei com o cheiro de carne e cabelo queimados, misturado com o aroma de terra úmida e folhas ao meu redor. Embora fosse doloroso, a magia era familiar, como a magia de Fawkes, exceto que seu fogo nunca me queimara.

O fogo mágico se espalhou por minha pele até sentir que se infiltrava profundamente em meus órgãos. Minha respiração ficou presa na minha garganta, e meus olhos se encheram de lágrimas. Eu não conseguia enxergar, cambaleei e caí. Minha espada escorregou da minha mão, e fui dominado pela dor.

Eu ouvi riso atrás de mim, mas não sabia se vinha da multidão ou das outras bruxas do julgamento. Minha humilhação queimava tanto quanto a magia da bruxa. Havia se passado apenas alguns segundos do meu primeiro

juízo, e eu já estava no chão, abatida.

Mas eu *não estava* derrotada.

Em poucos segundos, minha própria magia respondeu. A dor mudou para um calor que se espalhou por todo o meu corpo, e me deu a força e a confiança de que eu precisava para continuar. O que quer que tivesse me atingido não tinha sido tão forte quanto a magia do Rei Bruxo. Talvez nenhuma das bruxas tivesse produzido esse tipo de poder. Eu esperava estar certa.

Fiquei imóvel no chão e fingi ser a fracote que eles esperavam que eu fosse. As outras bruxas não se moviam. Parecia que iam me desafiar um por vez. Eu me animei e sorri. Eu sabia sem dúvida que a primeira bruxa *não conseguiria* me matar.

Eu me coloquei de pé e, embora estivesse um pouco instável no início, minhas pernas encontraram sua força novamente, e eu sorri.

— Acho que sua avó precisa lhe ensinar algumas lições — disse eu quando me abaixei e peguei minha lâmina.

A bruxa grunhiu para mim e mordeu a língua até o sangue escorrer dos lados de sua boca.

Eu ergui minhas sobrancelhas:

— É melhor dizer ao seu homem para tomar cuidado com *onde* coloca a sua boca.

Seus olhos se arregalaram, e me preparei para outra de suas bolas de fogo. Mas ela simplesmente me deu um olhar perverso, e caminhou de volta para o seu lugar entre o círculo de bruxas.

Eu sorri diante da minha vitória temporária. Eles não precisavam me contar. Eu sabia que tinha triunfado sobre a primeira bruxa. Eu havia triunfado, e estava apenas começando.

Minha vitória foi de curta duração, no entanto, e, de repente, fui atingida

no peito por um fluxo de energia mágica semelhante a uma névoa. A força me empurrou violentamente para trás, mas consegui ficar de pé. A magia penetrou dentro de mim, e meus membros enrijeceram como postes de metal. Eu caí como uma árvore morta com minha lâmina ainda na minha mão. Meu rosto atingiu o chão primeiro e ficou meio enterrado no solo e na sujeira. Foi um milagre eu não me empalar com a minha própria espada. Sangue jorrava da minha boca. Eu sabia que havia mordido a língua, mas não conseguia senti-la.

Ouvi o riso novamente, desta vez mais alto e mais próximo. Meu corpo se solidificara, e eu temia que meus membros se tornassem pedra. A magia ardia e me envolvia completamente. Eu senti o cheiro de ácido dos familiares que havíamos encontrado no cânion, e me concentrei em querer que minha magia subisse através de meu corpo. Foi quando senti a dor familiar de um corpo que não estava mais encantado, eu o apreciava. Eu havia me libertado do feitiço de paralisação.

Olhei para o rosto sorridente do bruxo de cabelos gordurosos. Seu sorriso desapareceu quando me coloquei desajeitadamente de pé. Fiquei um pouco mais lenta desta vez porque meu corpo parecia que estava cheio de metal. Mas eu ainda conseguia me levantar com um pouco de dignidade. O bruxo se afastou de mim e não fez nenhuma tentativa de esconder sua decepção. Sacudi minhas pernas ainda meio rígidas.

— Acho que não sou tão fraca quanto você pensou — falei por entre os dentes, fazendo o possível para não cair. Mas ainda doía muito.

O bruxo se virou e voltou para o seu lugar no círculo.

Minha cabeça girou, e limpei meus olhos. Concentrei-me em não vomitar. Algo parecia diferente, como se a minha magia não tivesse me curado completamente. Eu podia ver que eu ainda tinha feridas abertas em todo o meu corpo. Era como Ada havia dito... que a magia era limitada. Eu não

poderia usá-la indefinidamente. Minha magia ou meu corpo se esgotaria. Talvez fosse por isso que haveria cinco julgamentos um após o outro. Eles esperavam me enfraquecer até o ponto em que eu não conseguisse me curar.

Acima e ao redor de mim, murmúrios e suspiros ecoavam por toda a arena. Eu podia sentir todos os olhos em mim, a impostora, a farsante. Tentei ignorar os xingamentos de *mestiça* que se espalhavam pela arena como um incêndio.

Mesmo antes de reconhecer a cor do clã, reconheci a cabeça calva e os olhos prateados do próximo bruxo. Eu sabia que ele era do clã Áugure, e que era um vidente como a Maya. Eu não tinha ideia do que esperar dele, e isso me aterrorizava.

O bruxo áugure sorriu. Seus olhos brilhavam como minúsculas luas.

— Você foi abençoada com sorte, mestiça. Mas ela não vai durar.

Nenhuma bruxa pode resistir aos meus poderes.

Eu fiquei pasma:

— Sorte? É assim que você chama? Eu chamaria de habilidade, força e talvez um pouco de desespero, mas nunca sorte. Eu não poderia sobreviver com sorte.

O áugure riu. Seus olhos pareciam girar.

— Você teve *sorte* em resistir a magias menores — disse ele. — Vamos ver se consegue resistir... a si mesma. — Com uma grande batida de suas mãos, uma gigantesca onda de energia explodiu dele.

Não havia nenhuma forma de fugir da onda, então fiquei firme e me preparei. A onda me atingiu, e eu tropecei para trás. Uma força quente pulsante entrou em minha mente, e então tudo que eu podia ver era escuridão.

CAPÍTULO 24



EU ESTAVA EM UM aposento que parecia vagamente familiar. O ar úmido cheirava a mofo e repolho. Eu não sabia quanto tempo estava lá, mas, quando pisquei, e pisquei novamente, comecei a perceber que eu reconhecia, *sim*, o lugar. Eu *conhecia* aquele lugar. Era a nossa pobre casa no Fosso.

Ouvi os sons fracos de corações batendo. Eu sabia que não eram o meu, mas estava perto, pulsando como o bater de um tambor.

Eu me senti aliviada.

— Estou em casa — sussurrei para mim mesma. — Já voltei... — *Mas de onde?*

Eu não conseguia lembrar. Minha cabeça estava entorpecida, e ainda assim havia algo lá, agarrando-se à minha mente. Eu me sentia perdida, como se algo estivesse faltando. Mas eu simplesmente não conseguia encontrar ou explicar. Eu tentei puxar minhas memórias, mas tudo que encontrei era um vazio, nada. Eu não tinha certeza do que estava errado comigo, mas eu me sentia diferente, tonta, como se tivesse tomado bebida barata. O mundo ao meu redor saltava e vacilava. Continuava se movendo, sem parar, não era muito real.

Um gemido veio detrás de mim.

Eu girei com o coração na garganta e estiquei a mão para pegar minha adaga. Mas eu não estava usando meu cinto de armas. Não havia nada lá. Estranho, eu sempre trazia uma arma comigo.

Uma mulher estava ajoelhada no centro da sala, com as costas voltadas para mim. Seus longos cabelos pretos caíam em suas costas em ondas, e ela

estava usando uma capa verde-floresta. Havia algo estranhamente familiar na forma de seu corpo, em seu cabelo...

— Quem é você? — Fui até a mulher. — Com licença? Quem é você, e o que você está fazendo na minha casa?

A estranha estava segurando seu estômago, e sua cabeça pendia sobre seu peito.

Estendi o braço e agarrei seu ombro, fazendo-a me encarar.

— Eu disse, quem...

— Elena? — disse minha mãe.

Eu cambaleei de surpresa:

— Mãe?

Minha mente girou descontroladamente:

— Mas você... Como...?

— Elena — minha mãe disse novamente. Seu rosto estava cheio de lágrimas, e ela continuava segurando seu estômago.

— Por que, Elena? Por quê?

Minha garganta fechou-se, e eu tive que forçar as palavras para fora da minha boca:

— Porque o quê? Como isso é possível?

Dei um passo para frente e examinei cuidadosamente minha mãe. *Como ela poderia estar ali comigo agora?* Meu pai a havia matado anos atrás, quando eu era apenas uma criança... *Não havia?* Minhas memórias de minha mãe não eram muito claras, e eu não podia confiar nelas. Minhas memórias se escondiam nos confins da minha mente. Elas pediam minha atenção, mas eu simplesmente não consegui recuperá-las.

Será que eu estava ficando louca?

Minha mãe afastou suas mãos, elas estavam cobertas de sangue.

— Por quê? — ela gritou, olhando fixamente para suas mãos. Ela olhou

para mim. A dor em seu rosto trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Por que fazer isso comigo? Sua mãe? Eu te amo, minha garotinha. Por que você faria isso com a sua mãe?

— O que você está dizendo? — Eu gritei. Só então notei que minha mãe estava ajoelhada em uma poça de seu próprio sangue.

— Mãe, você está ferida. Você perdeu muito sangue. Tenho que levá-la a um curandeiro.

Eu comecei a avançar, mas vacilei quando eu vi o medo em seus olhos.

— Mãe — soluzei. Eu não entendia.

— Quem fez isso? Quem fez isso com você?

Seus lábios se moveram como se ela não pudesse dizer as palavras, e então ela murmurou:

— Você fez. Você fez isso.

Eu suspirei:

— Mãe, você não está pensando claramente. Você está ferida. Deixe-me buscar ajuda.

— Você fez isso — minha mãe continuou. — *Você* me matou.

Meu sangue ficou frio.

— Mãe, isso Não faz sentido. Você sabe que eu nunca...

— Você me matou. — Minha mãe apontou para minhas mãos.

Eu olhei para as minhas mãos, e gritei. Na minha mão direita havia um punhal ensanguentado. Eu gritei, e atirei a arma no chão, horrorizada.

— Não, não, não! — Meu corpo tremia. Eu me sentia quente e fria de uma só vez. Minha garganta se apertou como se mãos invisíveis estivessem me sufocando. Eu não podia respirar.

— Não... Não podia ser... Isso Não é real.

Uma náusea me atingiu acompanhada do ácido estomacal que queimava minha garganta e o meu nariz. Eu não conseguia enxergar através do borrão

de lágrimas nos meus olhos.

Eu havia feito aquilo? Se havia matado a minha própria mãe? Minha própria carne e sangue?

Minhas mãos estavam manchadas com o sangue da minha mãe.

— Não. Não pode ser!

Apertei meus olhos e pressionei minhas mãos sobre meus ouvidos numa tentativa desesperada de bloquear tudo. Mas o pesadelo ficou pior, ameaçando me derrubar.

Minha mãe soluçou:

— Eu te amava mais do que tudo. Eu desisti de tudo por você... e você me matou.

Abri os olhos apenas quando ela desabou no chão.

— Mãe! — Eu corri até ela e a coloquei em meus braços, balançando-a.

Mas ela estava mole, pesada e fria. Eu me agarrei a ela desesperadamente, mas senti sua força de vida escapar. Eu havia matado minha própria mãe...

Minha culpa me envolveu por trevas tão profundas que eu sabia que jamais iria acordar. Aquilo consumiria minha mente até só restar a loucura.

Ou seria aquilo apenas uma invenção da minha imaginação? Será que eu estava tentando lidar com o que havia feito? Será que havia acreditado em mentiras todos esses anos?

Minha cabeça latejava, e uma dor abrasadora disparou atrás de meus olhos. Eu não conseguia parar de tremer. O lugar girou. O mundo à minha volta saiu do controle. Olhei para baixo e vi o corpo da minha mãe como um fantasma, como se ela não estivesse realmente ali.

Isso não é real.

— Sim, é muito real.

Uma voz atrás de mim tinha lido meus pensamentos, e eu senti um frio através de minhas veias. Eu conhecia aquela voz. Eu olhei para baixo. Minha

mãe ainda estava embalada em meus braços. Um momento atrás, ela quase desaparecera.

— Você a matou.

Ouvi a voz novamente.

Apertei a mandíbula, e gentilmente coloquei o corpo de minha mãe no chão. Eu não podia olhar para seu rosto por medo de que eu me perdesse em minha culpa. Eu ainda podia ouvir aquela batida estranha, como o batimento cardíaco de um deus.

Eu cambaleei, e me volvei para a voz.

Pisquei olhos quando vi outra versão de... mim mesma.

Uma cópia perfeita de mim estava olhando para mim. Até a pequena cicatriz no topo da minha sobrancelha esquerda era a mesma. O jeito como eu estava vestida era o mesmo. Era realmente uma outra versão de mim. Era quase como se estivesse olhando para um espelho. Mas aquilo não era uma imagem espelhada. Era outra pessoa, como um gêmeo idêntico.

Eu estava ficando louca. *Será que eu havia morrido e estava no meu próprio inferno pessoal?*

Meu outro eu sorriu. Sua imagem era tão familiar que me enviou uma dolorosa sacudida.

— Você está vivendo uma mentira há muito tempo. Você deve aceitá-la. Você a matou. Aceite agora.

— Eu nunca poderia matar minha própria mãe a sangue frio.

As palavras tinham um gosto amargo na minha língua, como elas se fossem sentidas em meu coração. Meus olhos ardiavam de pesar.

— Você a matou — disse meu outro eu com uma voz fria e sem emoção.
— Mas você pode fazer a dor desaparecer. Você pode consertar tudo novamente.

— Mas como? — Experimentei o sal das minhas lágrimas em torno dos

meus lábios. — Como posso fazer isso? Como posso viver com essa dor? Sabendo que eu fiz? Ficarei louca de dor.

— Você pode consertar as coisas.

Meu outro eu me entregou uma espada de ouro:

— Você deve se *matar*. Quando você *morrer*, as coisas ficarão corretas novamente. Só então a dor cessará e esse pesadelo desaparecerá.

Eu balancei a cabeça:

— Não, não é possível. Isso não pode ser real.

O palpitar em minha cabeça aumentou, e, quando eu limpei meu nariz, o dorso de minha mão estava coberto de sangue.

Os olhos do meu outro eu se arregalaram:

— Veja, já está começando.

Ela agarrou minha mão, colocou a espada nela e apertou o punho da espada.

— Se não quiser sua mãe morta, se não quiser Jon morto... então faça, Elena. Você deve fazê-lo.

— Jon? — Balancei a cabeça. Meu coração doía. — Onde está o Jon?

Meu outro eu sorriu:

— Ele está morrendo. Mas *você* pode ajudá-lo.

Ela pegou minha mão com a espada e a torceu até que a ponta da lâmina apontasse para meu peito.

— Você deve se matar para salvá-lo... para salvar sua mãe... sua vida pela vida deles. Você sabe que esta é a coisa certa a fazer. Sua vida não significa nada, mas a deles significa tudo... Você não quer que eles vivam?

Meus lábios tremiam enquanto eu olhava para a borda afiada da lâmina.

— Claro que quero que vivam...

Meus olhos se voltaram para minha mãe.

— Sua mãe estará viva novamente — disse meu outro eu.

— Mate a escuridão, Elena. Mate-se, e então você estará com sua mãe novamente. Seremos uma família novamente. Você, sua mãe, Rose e Jon. Você não quer isso?

— Eu quero... mas — balancei a cabeça e tentei engolir o ácido estomacal que subiu pela minha garganta.

Mas havia uma pequena voz dentro de mim me dizendo que aquilo não era real. Minha mãe havia morrido nas mãos do meu próprio pai.

Eu encontrei minha voz:

— Não posso.

— Faça isso agora! — meu outro eu gritou. — Você deve fazer isso.

Faça!

O rosto do meu outro eu se obscureceu e se transformou em algo repulsivo, algo que não se parecia mais comigo.

E, então, algo dentro de mim estalou.

Eu empurrei meu outro eu:

— Você não é real.

Eu disse mais uma vez com mais convicção, com a mente aclarando:

— Você não é real. Isso... minha mãe... Eu não fiz isso. Eu não a matei.

Meu pai a matou. Isso é uma magia... a magia do vidente.

Meu outro eu rosnou. Seu rosto... meu rosto... se deformou. Seus olhos ficaram completamente negros, e ela pulou sobre mim.

Meu outro eu me empurrou com a palma da mão, e eu cambaleei. Eu não percebi que ela tinha tirado a espada da minha mão até vê-la em sua mão.

Ela se atirou contra mim, e a espada passou raspando por meu pescoço quando eu pulei para trás. Seus movimentos eram fluidos e calculados... perfeitos, como os meus.

Ela havia roubado meus movimentos.

Quando o meu outro eu se aproximou, uma raiva primordial se elevou em

mim, e me abaixei e girei rapidamente, dando uma rasteira. Meu outro eu caiu. Mas ela se levantou rápido e balançou a espada contra mim com tanta força que teria arrancado a minha cabeça se tivesse me acertado.

Eu pulei para trás e me abaixei. Sem parar, mergulhei para a frente e bati com meu cotovelo em suas costas.

Meu outro eu cambaleou para a frente, mas se recuperou rapidamente. Rápido demais.

Ela veio até mim balançando. Seus movimentos eram fluidos como os de um dançarino.

É assim que eu pareço, quando luto?

Meu outro eu atacou, mas eu bloqueei o golpe com o meu antebraço, girei o corpo e a chutei com força no joelho. Ouvei o som de ossos quebrados e um gemido, mas ela se pôs de pé e me chutou com força no estômago.

Eu tombei para a frente e bati no chão. Eu sabia que ela estava bem atrás de mim, pronta para me matar.

A adaga de prata cuja magia do vidente me fizera acreditar ter sido usada para matar a minha própria mãe estava no chão à minha frente.

Agarrei a adaga. Se a arma era real ou não, não importava mais. Tudo o que importava era que nessa realidade, ela era real, e eu poderia usá-la.

Eu me movi instintivamente, indo para trás do meu outro eu. E, quando ela se virou, eu cravei a espada em seu estômago.

Ela piscou uma vez, seu rosto se encheu de fúria, e então seu corpo começou a evaporar até que ela desapareceu como um espectro.

Eu cambaleei para trás. A sala começou a girar cada vez mais rápido até eu ficar tonta e cair de joelhos.

O mundo parou. Meu estômago se acalmou, eu pisquei e olhei ao redor.

Eu estava de volta à arena.

Lentamente, minha mente se aclarou como se uma neblina tivesse se

dissipado. Eu estava no chão, como um animal ferido. Um líquido quente escorria do meu nariz e das orelhas. Olhei para a arena, mas os rostos ainda estavam embaçados. Eu podia ver que seus lábios se moviam, mas eu não podia ouvir o que eles diziam.

Olhei para as minhas mãos. Elas estavam tremendo, e não importava o quanto eu quisesse que elas parassem, isso não aconteceria.

Quanto tempo eu estivera ali, comigo mesma, lutando contra meus próprios demônios? Horas? Minutos?

Parecia uma vida inteira. Eu me sentia uma idiota.

E quando meus olhos se ajustaram, pude ver os sorrisos nos rostos do público. Devo ter dado um show para eles... a mestiça louca.

Estava ofegante quando tentei ficar de pé. Eu havia passado por três Julgamentos dos Bruxos e havia sobrevivido. Porém, minha mente não estava em minhas vitórias, mas em outra coisa.

Olhei para o bruxo áugure e parti para cima dele com a última gota de força que ainda tinha.

Os olhos do bruxo se arregalaram quando acertei meu punho em seu queixo; ele tropeçou para trás. Quando suas costas atingiram o chão, eu caí sobre ele.

— Seu filho da puta! — bravejei, cerrando os dentes da frente quando dei mais um gancho de esquerda. — Eu vou te matar! Irei matá-lo pelo que fez, seu bastardo! Seu palhaço de olhos prateados!

Eu coloquei todo o meu peso em outro soco, e os olhos do bruxo rolaram para a parte de trás da cabeça dele. Ele parou de se mover.

Mas eu não parei. Eu não conseguia.

Em uma fúria selvagem, continuei dando socos até ouvir os ossos dos meus dedos se quebrarem, até a cara do bruxo ficar irreconhecível. Seu rosto parecia uma torta de framboesa despedaçada, mas eu continuava batendo.

E bem quando eu acreditava ter matado o bastardo, algo acertou minhas costas, e fui lançada para a frente, aterrissando na grama. Eu podia sentir o cheiro de magia.

Os quatro bruxos restantes se moveram em minha direção. Seus pingentes brilhavam; eles estavam furiosos.

Eu podia ver minha própria morte refletida em seus olhos.

— Pare!

A voz do rei cortou ar como uma espada. Todos os bruxos pararam no meio do caminho.

Olhei para o camarote real.

O deleite no olhar frio e apreensivo do Rei Bruxo me fez me contorcer. O Rei Bruxo se levantou.

— Já vi o suficiente por hoje. — Sua voz explodiu ao redor da arena, e só então eu percebi quão frios os espectadores eram e quanto eu odiava todos eles.

Olhei ferozmente para o rei. A arena estava em silêncio.

— Dadas as desvantagens do seu sangue humano — disse o rei — Estou surpreso que você tenha conseguido sobreviver a estes três primeiros julgamentos.

O rosto da Rainha das Bruxas empalideceu, e seus olhos brilharam de raiva. Ela me olhou com desgosto. Eu provavelmente merecia seu desdém depois do que havia feito, e eu provavelmente parecia terrível, mas não me importava com o que qualquer um deles pensasse de mim. Não importava o que qualquer um deles pensasse. Eu odiava todos.

— Vá e descanse — disse o Rei Bruxo. Ele parecia encantado. — Daremos continuidade aos julgamentos amanhã.

E do nada, dois guardas me pegaram por trás e me expulsaram da arena.

CAPÍTULO 25



EU ESTAVA QUEIMADA, EXAUSTA e machucada por toda parte... mas eu estava viva, e um passo mais perto de salvar Jon.

Depois de Celeste me ajudar a me banhar e a mudar de roupa, manquei até uma cadeira e soltei meu corpo nela. Fechei os olhos e deixei Celeste escovar meus cabelos molhados.

Mal toquei em minha refeição da noite, composta por cordeiro assado, batatas, torta de carne, pão, uvas, maçãs e uma variedade de queijos. Um decantador com um vinho escuro estava ao lado da comida; tomei três copos cheios. O vinho estava divino; mesmo com minha ignorância para bebidas, eu sabia que era de alta qualidade. Eu já havia provado vinho como esse uma vez antes, quando o príncipe de Ânglia me oferecera. Mas só bebi o vinho depois de Celeste prometer que levaria a comida intocada para os rapazes.

Eu ainda estava com raiva dos Julgamentos dos Bruxos de hoje. Apesar da desvantagem de minha herança humana, eu havia passado nos três primeiros julgamentos. Nada me impediria de realizar meu objetivo agora. Eu podia sentir. Depois dos julgamentos do dia seguinte, teríamos liberdade para voltar para Ânglia com uma tropa de guerreiros bruxos.

Eu me movi para tentar encontrar uma posição confortável, mas tudo doía. Mudar de posição não ajudava. Minha magia de cura não estava funcionando tão rápido como eu pensava que estaria, ou pelo menos tão rápido quanto eu achava que *deveria*. E eu não pude deixar de sentir que algo estava desligado, como se algo estivesse impedindo meu corpo de se curar. Talvez fosse porque a magia das bruxas era mais poderosa do que a magia

que eu havia encontrado antes, ou talvez fosse porque muita coisa me atingiu de uma vez.

Em última análise, eu precisaria de alguns dias para o meu corpo se curar corretamente. Mas eu sabia que isso não aconteceria. O dia seguinte já estaria ali, e eu ainda sentia que precisava de uma semana para me recuperar.

Se Celeste tinha dúvidas sobre o que acontecera na noite anterior com o Príncipe Áurion, ela não me perguntou, e fiquei grata por isso. Não que houvesse algo significativo para dizer de qualquer maneira. Foi apenas uma visita muito estranha, e eu ainda não conseguia entender o príncipe.

— Você se saiu bem hoje — disse a bruxada de Companhia, como se tivesse sentido meu humor. — Para uma bruxa inexperiente, eu diria que você foi muito bem. Excepcionalmente bem, na verdade. Seria preciso uma bruxa de habilidade excepcional para superar isso tudo. E você conseguiu. Você deve estar muito orgulhosa.

Dei de ombros:

— Bem, eu não acho que consegui muito. Tenho a sensação de que amanhã será muito pior do que hoje... e eu mal consegui voltar viva. E se eu não...

Mas eu não consegui terminar minhas palavras, porque dizer isso poderia torná-las verdadeiras. Em vez disso, virei a cabeça e olhei para o rosto de Celeste.

— Você foi ver os julgamentos?

Celeste soltou um riso suave:

— Claro que sim. Todo servo na fortaleza veio ver Elena, do clã das Donzelas de Aço.

Ela deixou a escova de lado começou a trançar meu cabelo:

— Tivemos de sair de fininho, mas vi seu último julgamento...

Ela ficou em silêncio por um momento, eu não tinha certeza do porquê.

Então, ela continuou:

— Você precisa ter fé na deusa. Ela tem algo planejado para todos nós, mas eu sei que ela tem algo grande planejado para você. Eu posso sentir isso.

— Eu queria ter o seu otimismo. — Eu tomei outro gole de vinho, passei-o na minha boca, e deixei que ele escorresse lentamente pela minha garganta. Eu podia sentir o sabor das uvas e uma pitada do rico chocolate que nunca tivemos a oportunidade de provar no Fosso.

— Estou exausta, mais do que o normal. E meu corpo está... quebrado — eu disse. — Como se minha magia não pudesse acompanhar o dano causado pelas bruxas. Eu não estarei curada até amanhã. E tenho a sensação de que os dois últimos julgamentos serão os piores.

— Eu tenho algo para você — disse ela, amarrando uma corda de couro fino na ponta da minha trança. Ela pegou um pequeno recipiente cheio de um líquido castanho-avermelhado. — Uma das minhas bebidas especiais. Eu fiz especialmente para você. Ela não vai curá-la completamente, mas deve ajudar sua magia a curar mais rápido.

Peguei o frasco dela, e cheirei:

— Cheira a sujeira.

— E provavelmente tem gosto de sujeira também. Mas eu prometo que você vai se sentir melhor quando beber isso... tudo isso.

Inclinei o frasco aos meus lábios e bebi até a última gota:

— Tem mesmo gosto de sujeira. E de xixi.

Celeste riu, e isso acalentou meu coração.

Enquanto o conteúdo repugnante descia por minha garganta, uma onda de energia começava a percorrer o meu corpo, como um pico de adrenalina, mas dez vezes mais forte. À medida que o sentimento se dissipava, eu me sentia mais leve, mais energizada e praticamente sem dor. Eu ainda podia sentir algumas contusões aqui e ali, mas a maior parte da dor havia desaparecido.

Meus olhos se arregalaram de surpresa, e eu pulei:

— Santo merda! Como isso é possível? O que é isso?

Eu coloquei o frasco de volta na mesa, e a bruxa de companhia sorriu. Eu levantei uma sobrancelha.

— Eu falei que era muito boa com poções — seus olhos brilharam.

— Boa? — Eu brinquei — Você é melhor do que boa. Você é uma milagreira.

Eu não sabia como ela havia conseguido fazer um líquido que tinha gosto de sujeira me curar, e eu não me importei. Tudo o que importava era que meu corpo estava em grande forma para o dia seguinte. Sentei-me de novo e tomei um gole do vinho para tirar o gosto lamacento da minha boca.

— Celeste? — Eu perguntei.

— Sim, Senhora Elena.

— Elena.

Celeste inclinou a cabeça:

— Pensei ter dito isso.

— Não, *apenas* Elena. Eu não sou senhora de nada, e não parece certo.

Apenas me chame de Elena.

Celeste ficou quieta por um momento:

— Bem, talvez apenas neste aposento, Elena.

— Por que o Rei Bruxo me dá tanto vinho e tanta comida? — Eu perguntei. — Por que ele não me deixa morrer de fome? Dessa forma, eu certamente perderia, e ele se livraria de mim.

— Porque estes julgamentos são mantidos na mais alta estima entre as bruxas — ela disse.

Ela escondeu o frasco vazio em um bolso dentro de seu vestido.

— Ter você maltratada seria muito desonroso, e o rei seria mal visto. É uma tradição, sabe. Cada bruxa apresentada nos Julgamentos dos Bruxos tem

direito ao conforto do rei e deve ser tratada como um hóspede.

Eu cuspi um pouco de vinho:

— Hóspede?

Eu ri, mas então meu humor mudou abruptamente.

— Eu só quero ir para casa e consertar as coisas... salvar Jon.

Lá estava eu falando pelos cotovelos.

Celeste passou um pouco de creme em suas mãos, e começou a esfregar nas minhas.

— Jon é o seu amor?

A sugestão de um sorriso no rosto dela me fez sorrir de volta, mas eu não podia responder.

— Ele deve ser um bom jovem para conquistar seu coração — disse ela com um sorriso.

— Ele é — eu disse finalmente. — Ele é o tipo mais fino de homem. O melhor.

Lágrimas surgiram, provavelmente rápido demais por causa do maldito vinho. Eu enxuguei meus olhos.

— Você tem alguém em sua vida? — Eu perguntei, tentando mudar de assunto para que eu não desabasse a chorar na frente dela. — Alguém especial?

A expressão de Celeste ficou séria.

— Eu tinha — ela engoliu em seco. — Ele está morto agora.

— Sinto muito... — murmurei apressadamente — Foi estupidez perguntar. Não é da minha conta.

Celeste apertou minhas mãos

— Nada disso. Eu não teria respondido se não quisesse.

E embora eu estivesse curiosa para saber o que havia acontecido com ele, eu não a pressionei para me dizer.

Uma batida soou na porta.

Celeste e eu nos entreolhamos por um momento antes de quebrarmos o incômodo silêncio.

— Outro visitante, Elena? — suas sobrancelhas se ergueram, e ela sorriu.

Eu podia sentir o rubor subindo do meu peito até o meu pescoço. O príncipe não era alguém que eu queria ver, especialmente não depois do dia que tive. Qual era o problema dele afinal?

— Pensei ter deixado claro que não estava interessada.

Celeste abaixou a voz:

— Não acho que o príncipe esteja acostumado a rejeitado.

— Que pena para o traseiro real dele. Não o deixe entrar.

Os olhos de Celeste se arregalaram de medo:

— Não posso fazer isso. Eu sirvo à família real em primeiro lugar. Se não o deixar entrar, perco meu lugar.

Deixei escapar um suspiro exasperado, e rezei para que ele usasse mais roupa do que na noite anterior. *Que a deusa me ajudasse!*

— Bem, deixe a besta entrar.

Com o queixo cerrado, observei Celeste caminhar pelo aposento para abrir a porta. Assim que a porta se abriu, Celeste inclinou-se em uma pequena reverência, mas não para um príncipe quase nu.

A Rainha das Bruxas entrou.

CAPÍTULO 26



A RAINHA DAS BRUXAS FLUTUOU para dentro do meu aposento. Seu vestido de contas de diamante era feito de seda preta de Witchdom e decorado com joias suficientes para alimentar uma nação inteira. Seu cabelo vermelho estava preso no topo da cabeça como uma pirâmide de três e incrustado com joias cintilantes. Era uma maravilha que ela pudesse manter a cabeça reta com aquele peso. Seu espartilho adornado com joias apertava sua cintura de forma pouco natural e empurrava seu generoso peito até que ele praticamente roçasse em seu queixo. Sua saia era adornada com rubis na forma de mãos.

Eu sabia que seu traje e suas joias destinavam-se a intimidar uma pobre mestiça como eu, mas nunca havia me importado com vestidos extravagantes ou joias, a menos que eu pudesse roubá-los e vendê-los. Eu sempre achei estupidez gastar tantas moedas com pedras cintilantes quando o dinheiro poderia ser melhor gasto alimentando os pobres, ajudando crianças órfãs e construindo um mundo melhor.

Mas enquanto passeava pelo aposento exibindo a graciosidade que não possuía, ela mais parecia grotesca do que ameaçadora ou bela. Ela era como uma caricatura desenhada pelos artistas locais do mercado Cidade das Almas. Ela usava *rouge* demais em seus lábios grossos e kohl demais em seus olhos e sobrancelhas; tanto que parecia uma boba da corte.

Ainda assim, havia algo naqueles olhos frios e violetas que era aterrorizante.

Ela estava acompanhada por uma bruxa que usava um traje de couro preto

apertado sob um casaco de couro longo. Duas mãos vermelhas adornavam cada um de seus seios, e seus cabelos escuros traziam centenas de pequenas tranças com contas. Embora uma artemagista pendesse de seu pescoço, eram suas mãos que mais chamavam a atenção. Suas enormes unhas retorcidas pareciam garras reluzentes.

Cerrei as mãos em punhos e esperei que as bruxas se instalassem. Eu meio que esperava que o telhado se abrisse e uma magia entrasse para me matar. Mas nada aconteceu.

— Deixe-nos — ordenou a Rainha das Bruxas.

Celeste desapareceu pela porta sem olhar para mim.

Permaneci sentada e não me curvei aos pés da Rainha das Bruxas.

Levantei — me lentamente. Ela não gostava de mim, e eu não gostava dela, então por que fingir?

— O que a traz aqui, rainha? — eu perguntei. — O príncipe Áurion e Fawkes me disseram que ninguém visita esta parte da fortaleza.

— Sim — disse a Rainha das Bruxas — O que me traz aqui afinal?

Ela se virou para me encarar com um sorriso que não alcançou seus olhos:

— Você, com certeza.

Seus olhos rolaram sobre mim lentamente.

— Sem forma, sem seios. Pode-se até confundi-la com um macho, com uma figura semelhante a uma vara. Pele e osso. Nada mais do que uma camponesa humana sem graça social. Certamente, não é uma bruxa. Você não passa de uma vergonhosa prostituta humana.

Minha raiva aumentou, mas mantive meu rosto impassível.

Por que ela estava ali? O que ela queria se não me sabotar de alguma forma?

Olhei para a cama onde havia deixado minhas armas.

A Rainha das Bruxas viu o que eu estava olhando. Ela levantou uma

sobrancelha com lápis escuro.

— Você não vai precisar disso. Se eu quisesse matá-la, você já estaria morta.

Ela sorriu e sua companheira bufou.

Eu tentei ficar quieta e não tremer diante daquele olhar frio. Mas havia algo mais em seus olhos que eu não entendia. Era como se ela estivesse assombrada por alguma raiva primitiva que ainda não havia sido desencadeada. Tudo o que ela sentia em relação a mim era ódio.

Engoli em seco e encostei meu corpo na porta, caso precisasse escapar muito rápido. Eu podia sentir meu suor pingar entre meus seios.

— Elena, uma meia raça de Ânglia, que diz ser uma Donzela de Aço... que coisa ridícula!

A Rainha das Bruxas atravessou o aposento e parou. Seu pingente brilhou e, com um estalar de seus dedos, a cômoda levantou-se, pairou por um momento e então voou pelo quarto até mim, passando do meu lado direito e espatifando na parede.

Então, essa era sua demonstração de força. Não havia nenhuma dúvida em minha mente que a Rainha das Bruxas poderia e me mataria se lhe fosse dada a oportunidade.

Seria essa a sua chance?

Celeste havia dito que, se eu fosse maltratada, o rei seria mal visto. Eu tinha certeza que a Rainha das Bruxas sabia disso também. Eu suspeitava que ela simplesmente não se importava.

— Eu odeio mestiças — disse a rainha. — As raças *jamais* deveriam se misturar. Ela diminui a linhagem, a magia do sangue e o poder. Sua mãe criou um monstro quando teve você.

— O que você sabe da minha mãe? — perguntei grosseiramente.

A expressão da rainha ficou azeda.

— Se quiser manter sua língua durante a sua estadia, o que não será por muito mais tempo, dirija — se a mim como a *Rainha das Bruxas*.

Eu queria dizer-lhe um milhão de palavras sujas do poço, mas eu sabia que ela estava apenas esperando uma desculpa para me matar. Havia muita coisa em jogo para que eu pudesse correr riscos desnecessários.

— Desculpe-me, Rainha das Bruxas — eu disse. Minha voz estava firme, e eu segurei minha raiva.

— Uma Donzela de Aço, você diz? — Sua expressão se obscureceu. — Você não passa de uma bastarda humana, um erro que precisa ser corrigido.

A rainha continuou a inspecionar o aposento com uma expressão que expressava seu desgosto pela qualidade dos móveis. Parecia que lhe doía estar ali.

Eu desejava que ela fosse embora. Eu queria que ambas saíssem, mas eu sabia que elas não iriam. Não até que eles conseguissem cumprir o propósito da visita. Acabar comigo.

A Rainha das Bruxas colocou as mãos nos quadris.

— Eu nunca entendi o fascínio do rei pelas Donzelas de Aço — ela riu. — Ele está fascinado há anos, por gerações... Mas por quê? E daí se elas podem manusear uma espada melhor do que um macho? O que é isso comparado ao poder real, sombrio e aterrorizante?

Sua magia flamejou com poder amarelo, e eu me encolhi.

— As Donzelas de Aço eram um clã inútil de qualquer maneira — zombou a rainha bem na minha frente.

— Não é à toa que elas diminuíram ao longo do tempo e desapareceram. E certamente não precisamos mais delas. O clã das Bruxas das Trevas controla o poder verdadeiro. Todos os poderes das outras bruxas se originaram do nosso... das Bruxas das Trevas.

Ela podia ser uma bruxa, mas soava como os sacerdotes.

Notei então que a porta havia sido deixada aberta. Eu desejei que o príncipe aparecesse, qualquer coisa seria melhor do que essa cadela.

— Apesar das promessas que o Rei Bruxo possa ter feito a você — disse a rainha — as Donzelas de Aço não pertencem a este lugar. Nunca pertenceram. Sempre foram o clã menor, sem magia real.

Ela desviou os olhos por um momento, e então acrescentou, mais para si mesma do que para mim:

— Só há espaço para um.

Olhei para a companhia da rainha para ver se conseguia entender o que ela acabara de dizer, mas seu cenho não revelou nada.

A bruxa virou — se para mim.

— Você não é nada além de um brinquedo novo para o rei brincar até ficar entediado. Depois disso, ele esquecerá que você existe.

Sua expressão áspera mudou, e algo como dor se estabeleceu em seu lugar. Tive a sensação desconcertante de que ela estava se referindo a si mesma.

— Logo o Rei Bruxo perderá o interesse por você — continuou a rainha. — Ele sempre faz isso. Você não é uma ameaça para mim.

— Se eu não sou uma ameaça, como você diz, então por que você está aqui mesmo? — Eu sorri.

O rosto da rainha ficou vermelho, e seus olhos se arregalaram até que eu pudesse ver todos os brancos em torno de sua íris.

— Amanhã, faça de tudo para *perder* — ela ordenou. — Você não vai derrotar as duas últimas bruxas. Mesmo que ache que possa ganhar, você deve garantir que não ganhe das últimas duas.

Eu fiz uma careta.

— O quê? Por quê? Eu não *quero* perder. Se eu puder derrotar as duas restantes, eu vou. Tudo o que eu tenho, meu bem, depende...

— *Você, certifique-se de perder* — bravejou a rainha impacientemente.
— Estou ordenando que você não derrote as duas bruxas restantes amanhã.
Meu rosto ardia de raiva.

— Não. Não farei isso. Por que eu deveria ouvir suas ordens?

Eu não entendia por que isso era tão importante para ela. Por que ela se importaria se eu terminasse os julgamentos e levasse um pequeno exército de volta ao meu mundo? O que isso teria a ver com ela?

Seus olhos brilhavam de ódio, e por um momento eu tive certeza de que ela iria me transformar em poeira.

— Eu sei que você está alimentando os *humanos* — disse a Rainha das Bruxas. — Isso mesmo. Nada acontece na minha casa sem o meu conhecimento.

Meu coração saltou na minha garganta, e uma onda de náusea me atingiu.
Maldita seja. Que a deusa ajude meus amigos.

A Rainha das Bruxas sorriu ao ver o meu rosto, uma pequena vitória.

— Traga-o — ordenou ela.

Ouvi um gemido baixo do lado de fora do dormitório, e então Leo entrou. Minha respiração ficou presa quando um novo tipo de terror se instalou no meu estômago.

Um bruxo, cujo rosto estava marcado por cicatrizes que só o fogo poderia ter gerado, entrou atrás dele. Sua túnica preta balançava em seus calcanhares, e um anel de magia brilhava em seu dedo indicador.

Leo caiu no chão. Ele parecia mais magro, pálido, tão fraco. Seus olhos eram selvagens quando ele olhou ao redor do aposento e depois para mim.

— Elena? O que está acontecendo? — Seu rosto estava incrustado de sujeira, e sua voz soava como se ele não a usasse há anos.

— Leo! — corri até ele, mas as mãos da rainha bateram se moveram e algo acertou meu estômago. Fui jogada para trás, atravessando a sala e

chocando-me contra a parede, bem ao lado da cômoda esmagada. Eu estava presa contra a parede e mal podia respirar.

— Então... — eu ofeguei. — É assim que você vai me matar?

Os lábios inchados da rainha se abriram em um sorriso.

— Ainda não. Deixe-me mostrar-lhe como é o poder real.

A magia da rainha brilhou, e um fio dourado e preto disparou de seus dedos em direção a Leo.

— Leo! — Eu gritei.

Leo tentou se mover, mas ele estava fraco demais e muito lento.

A magia o atingiu. Ele levantou-se no ar e começou a convulsionar, agitando os braços e as pernas como uma marionete sem cordas. Ele gritou em uma dor terrível, e eu me virei para atacar a rainha. Eu rosnei como um animal, mas eu estava paralisada por magia. Meu corpo não se mexia. Tive de ver a cena, impotente.

Então, ouvi o estalo alto dos ossos se quebrando. A cabeça de Leo estalou e se virou de forma nada natural para a minha direção. Aconteceu tão rápido que eu pensei ter imaginado coisas. A luz em seus olhos o deixou, e ele caiu no chão. Meu amigo estava morto.

— NÃO! Eu vou matar você! Seu monstro! Sua vadia! — Eu lamentei. — Ele era meu amigo — eu gritei. — Ele não merecia morrer.

Lágrimas escorreram pelas minhas bochechas, e eu tentei me libertar da magia. Mas a rainha era muito forte, e me segurou contra a parede.

Oh, Leo... Sinto muito...

— Você se atreve a me chamar de *cadela*? — o sorriso odioso da rainha ainda estava fixo em seus lábios vermelhos. — Eu sou uma rainha, e você não é nada além de um erro.

Ela gesticulou com as mãos, e eu estremeci quando outra onda de magia me atingiu e rasgou todas as minhas roupas.

Chorei enquanto a rainha e sua acompanhante riam de mim. Eu estava envergonhada, desonrada e humilhada. Olhei para o corpo sem vida de Leo em meio às lágrimas.

O que Jon pensaria de mim agora?

— Pronto — disse a rainha. — Um animal não precisa se vestir bem.

Meu rosto queimava, mas eu ainda estava sob o poder da magia e não podia sequer mover os braços para revidar.

A rainha bufou e jogou para trás uma mecha de cabelo que havia se soltado. Ela se aproximou até que eu pudesse sentir seu cheiro da água de rosas. Seus olhos brilhavam de loucura.

— Deixe-me ser perfeitamente clara, mestiça. Se você *não* perder os julgamentos amanhã, todos os seus preciosos humanos morrerão. Se você não perder, eu juro por minha coroa, meu trono e minha magia, que eu vou descascar a bela pele de seus ossos e me banhar em seu sangue.

A Rainha das Bruxas e sua comitiva desapareceram pela porta e me deixaram com as roupas rasgadas e presa à parede.

Só depois é que me soltei e caí no chão frio.

CAPÍTULO 27



NA MANHÃ SEGUINTE, eu estava no centro da arena mais uma vez. Desta vez, poucas bruxas vieram ver meu traseiro sendo chutado novamente. Parecia que as bruxas superiores haviam perdido o interesse. Talvez elas pensassem que eu já deveria ter morrido. Talvez elas simplesmente não se importassem.

A roda de bruxas me cercou, exatamente como no dia anterior. Eles pareciam os mesmos também, exceto por um. Uma nova bruxa áugure havia se colocado no lugar daquele que eu havia socado. Ela tinha a mesma cabeça raspada e os olhos prateados místicos para os quais eu não conseguia olhar por mais de meio segundo.

Mas não importava o quanto os olhos da bruxa áugure fossem irritantes, porque apenas o bruxo de cabelos brancos do clã Metamorfo e a mulher alta e de cabelos azuis do clã das Bruxas das Trevas importavam agora. Eles me observaram calmamente com uma mistura de curiosidade e irritação.

Eu olhei para a Rainha das Bruxas. Ela estava coberta com um vestido de seda preta e descansava em seu assento, rindo de algo que o rei lhe dissera. Na noite anterior, ela havia ido ao meu quarto por uma única razão: me abalar. E havia conseguido.

Eu tinha o sangue de Leo em minhas mãos, e agora a vida do resto dos rebeldes dependia das minhas ações. Meu corpo havia se curado, mas meu espírito estava arrebatado.

Minhas esperanças de salvar Jon haviam desaparecido como um sopro de fumaça. Eu sabia que um amor tão forte, incondicional, não voltaria ao meu

caminho. Eu sabia que nunca poderia amar outro como eu o amava. Era um amor pelo qual valia a pena morrer.

Eu me perguntava o que ele teria feito em meu lugar.

Será que ele sacrificaria a vida de alguns homens para salvar centenas de milhares?

Eu sabia qual seria sua resposta, eu simplesmente não sabia se eu poderia fazer isso.

Eu estava afundando em minha própria escuridão, e nenhuma magia poderia me curar disso.

Ao contrário da rainha, eu tinha um coração. Eu sentia pela dor dos outros, especialmente por aqueles que haviam crescido na mesma favela que eu. Os gritos de Leo continuavam a soar na minha cabeça. As imagens de sua morte continuavam a passar pela minha mente. Leo...

Foi Celeste quem me encontrou horas depois, desconsolada no chão, e segurando o braço de Leo. Que visão deve ter sido. Uma mulher nua, abatida e magra. Eu sabia que os ossos de minhas costelas podiam ser vistos. Eu estava totalmente humilhada. Eu estava mortificada. Numa tentativa de esconder parte da minha pele exposta, puxei meus joelhos até meu peito e envolvi meu braço livre em torno deles.

— Oh, Elena — disse Celeste. Movendo-se rapidamente, ela me envolveu com um cobertor. — Eu sinto muito.

E segurava Leo como se minha vida dependesse disso, como se, se eu o soltasse, sua morte se tornaria real. Isso até que Celeste finalmente soltasse meus dedos e promettesse que ela e os outros criados cuidariam de corpo dele. Mas sua morte sempre estaria comigo.

As demais bruxas mantinham a cabeça baixa. Suas feições haviam sido suavizadas pela tristeza, mas em seus olhos eu vi uma centelha de ressentimento e raiva dirigida à Rainha das Bruxas, e isso me deu esperança.

Embora eu entendesse que Witchdom fosse um mundo cruel, havia também bondade nas bruxas menores. Mesmo que eu não fosse uma verdadeira bruxa pelos padrões de Witchdom, *elas* não me julgavam. Eles me *ajudavam*.

Eu não conseguia comer. Eu só bebi um pouco de água enquanto cobriam Leo e o levavam embora. Celeste prometeu que seu corpo seria cremado, e ele teria um enterro angliano. Eu não perguntei onde eles cremariam um corpo dentro da fortaleza.

Então, com o coração pesado, lá estava eu na arena, esperando que começasse outra série de julgamentos. Procurei na multidão por Fawkes, mas ele estava longe de ser encontrado.

Um apertado se formou na minha garganta, meus olhos queimaram, e eu me esforcei para mantê-los secos. Eu não choraria. Hoje não. Eu já havia chorado o suficiente.

O Rei Bruxo levantou-se de seu assento e examinou a arena. Seus olhos escuros finalmente se fixaram em mim. Seu olhar se intensificou, e ele pareceu estranhamente satisfeito e desconfiado ao mesmo tempo. Olhei para o Príncipe Áurion. Seus olhos prateados se fixaram nos meus com o mesmo divertimento inabalável que eu tinha visto antes.

Será que ele estava satisfeito com o que acontecera entre mim e a rainha na noite anterior?

É claro que ele sabia, assim como ela sabia que eu estava ajudando os rapazes na masmorra.

— Bem-vindos ao segundo dia dos Julgamentos dos Bruxos, meus bruxos. — A voz do rei ecoou. Todos na plateia inclinaram-se para frente.

— Eu sei por que vocês vieram. — Ele fez uma pausa para sorrir. — Vocês querem descobrir a verdade da afirmação ultrajante feita por esta fêmea.

Uma onda de aplausos ecoou pela arena.

— Não demorarei mais — continuou ele. — Vamos ver como ela se sairá contra os dois últimos clãs. Só uma verdadeira donzela de aço será capaz de derrotá-los.

O rei bateu palmas uma vez.

— Comecem!

Eu me preparei para minha próxima luta mágica. Assumi uma posição de luta e esperei.

O bruxo de cabelos brancos, um metamorfo, moveu-se primeiro. Seu sorriso era maligno, e eu tentei estabilizar meus nervos enquanto a artemagista em seu peito pulsava com energia amarela. Não havia bondade em seus olhos amarelos e ríspidos.

— Hoje será o dia da sua morte, mestiça — disse o bruxo metamorfo. — Eu me banqueteari com o sangue sob sua bonita pele. Você vai se arrepender do dia em que deixou seu mundo humano e pôs o pé no nosso.

Parte da minha mente, a parte lógica, gritava para eu salvar os homens, desistir e deixar as bruxas ganharem esses malditos julgamentos. Mas algo mais me possuía e me ordenava ficar e lutar. Eu não desistiria. Uma raiva quente me atravessou, e eu me deixei ser alimentada por uma nova onda de adrenalina.

— Eu não morrerei hoje — bravejei, surpresa com a fúria em minha própria voz. — Eu o matarei antes disso, metamorfo!

E, então, o bruxo começou a cantar em uma língua que eu não entendia – em silêncio no início, mas depois mais alto até que estivesse praticamente gritando. Sua artemagista brilhou, e ele rasgou suas roupas, ficando diante de mim completamente nu. Seus ossos estalavam, e ele começou a crescer e se transformar em algo mais. Pelos se espalharam por suas costas, cobrindo-o com uma grossa pelagem branca, e uma pele negra cresceu em seu rosto.

Quando ele se levantou em suas patas traseiras, devia ter oito metros de altura. Em quatro patas agora, a criatura soltou um grunhido através de suas ameaçadoras presas e flexionou suas garras hediondas.

Ele havia se tornado um lobo gigante, uma criatura de pesadelo, grande demais para ser natural. Reconheci-o imediatamente. Era o mesmo lobo branco que vimos observando os escravos humanos nos campos. Wiscar.

Eu rosnei. Eu ia matar aquele bastardo.

O lobo rugiu e pulou. Em dois grandes saltos ele estava em mim, e eu quase não consegui sair do caminho a tempo. Uma enorme pata varreu o espaço onde a minha cabeça estava há um momento.

Torcidas ecoaram pela arena. Eu não sabia se eram por o lobo ter quase me matado dentro de três segundos ou pelo fato de que eu havia sobrevivido aos três primeiros segundos.

O lobo atacou novamente, e eu girei e mergulhei no chão para evitar o impacto. Eu precisava proteger minha cabeça. Eu rolei para trás e me coloquei de pé, mas uma pata acertou minha coxa direita, e a força do golpe me jogou no chão.

Algo afiado atravessou minhas costas, e fui jogada no ar novamente.

Eu gritei quando bati o chão a uns seis metros de onde eu estava. Lágrimas de dor inundaram meus olhos, e o sangue derramou de cortes profundos nas minhas costas. Lutei contra a agonia e as náuseas. Minha própria magia de cura começou a percorrer minhas veias, e eu podia sentir o prurido e formigamento da minha pele costurando-se de volta.

O chão vibrou sob mim, e eu podia sentir o cheiro almiscarado de cachorro molhado. Eu rolei para longe bem quando as patas da besta gigante bateram na terra onde estivera deitada um segundo antes.

Fiquei de pé, mesmo mancando, apertando o punho de minha espada firmemente. O mundo girou, e eu balancei a cabeça para tentar nivelar o chão

enquanto outra onda de náusea me atingia.

Algo na magia daqueles bruxos do julgamento interferia em meus poderes de cura e me impedia de me recuperar completamente. Talvez Fawkes estivesse errado quanto a minha magia. Talvez eu tivesse sangue humano demais. Ou talvez as bruxas do julgamento fossem muito fortes, e eu estava muito fraca.

— Mate a vadia humana! — gritou uma bruxa.

— Vou pendurar a pele dela em meu salão.

— Mate a cadela!

O riso que soou ao redor da arena me deixou com raiva, e um rápido olhar para o sorriso vencedor no rosto da Rainha das Bruxas me enviou uma raiva ainda mais primordial. Era como se tudo o que tivesse acontecido comigo até agora me atingisse imediatamente. Lembrei-me dos sacerdotes, do Coração de Arcânia, de Jon e do assassinato de Leo.

— Pelos escravos! — bravejei.

Eu me equilibrei nas pontas dos pés e agarrei minha espada enquanto me preparava para golpear. Gritei e saltei nas costas da besta. Sua pele era lisa e escorregadia, mas consegui me agarrar e mergulhar minha espada entre as omoplatas. A criatura rugiu de surpresa e bateu com suas grandes patas em suas costas, numa tentativa de me pegar. Ele balançou e se ergueu, mas eu cravei a espada entre seus ombros e me coloquei ainda mais alto em suas costas.

Nos poucos momentos de clareza que tive, soube o que deveria fazer.

Olhei para a Rainha das Bruxas, e quando seus olhos se alargaram com o reconhecimento do que eu estava prestes a fazer, eu mergulhei a minha espada na base do crânio do lobo. Eu cortei o osso e a carne tão violentamente que a vibração estremeceu meu braço.

Eu podia sentir a vida dele fluindo. Ele vacilou, e eu saltei da criatura e

aterrisei no chão.

O bruxo metamorfo desabou ao meu lado, morto.

CAPÍTULO 28



NÃO TIVE TEMPO de admirar a minha obra de arte, nem de dar o meu melhor sorriso à rainha, porque assim que me levantei, fui atingida no peito por um golpe de magia.

— Não deveria ter feito isso.

Eu bati no chão duro e ouvi o meu osso estalar. A dor atravessou meu abdômen e me forçou a me inclinar. Quando olhei para cima, a última bruxa estava de pé diante de mim. Seu longo cabelo azul ondulava-se descontroladamente atrás dela, e o ódio em seus olhos molhados causou um tremor mim.

— Wiscar podia ser muitas coisas, mas ele também era meu amigo. Você o tirou de mim — bravejou a bruxa.

Sua artemagista cintilava com luz amarela:

— Ele cometeu o erro de baixar a guarda, e sua arrogância lhe custou a vida. Mas eu não cometo erros. Eu ponho fim neles.

Eu cambaleei, estremeendo com a dor no meu quadril.

— Era a vida dele ou a minha... e eu escolhi a minha. E sempre o farei.

— Eu *matarei* você, sabe — disse a bruxa calmamente. — Você pode ser habilidosa com uma espada, mas eu sou hábil com magia negra e nenhuma lâmina pode suportar esse tipo de poder. Especialmente não de uma humana corrompida fingindo ser uma Donzela de Aço.

— Veremos.

— Se você voltar atrás agora — ela continuou — Se fizer um juramento ao nosso Rei Bruxo de que *não* é uma Donzela de Aço, que esta era apenas

uma tentativa ridícula de chamar a atenção de nosso rei... Eu pouparei sua vida.

Meus olhos se estreitaram:

— Duvido que o Rei Bruxo a poupará.

A bruxa sorriu:

— Provavelmente não. Mas o seu caminho seria menos... *doloroso* do que o meu. Eu vou me certificar de derramar todo o seu sangue humano, cada gota, até que suas veias fiquem vazias. Um sacrifício de sangue é o sacrifício mais sagrado que fazemos à nossa deusa. Seria uma morte honrosa. A escolha é sua.

— Escolha? — Levantei as sobrancelhas. — Desde quando tenho escolha? A Rainha das Bruxas ordenou que você fizesse isso, não é? — Eu perguntei.

A Bruxa das Trevas não respondeu, mas a ligeira elevação de suas sobrancelhas sugeriu que eu estava certa.

Eu fiquei firme.

— Eu nunca afirmei ser nada além de mim mesma. E se ser quem eu sou também significa ser uma Donzela de Aço, então que assim seja. Eu não posso mudar quem ou o que eu sou, assim como você não pode mudar quem ou o que você é.

Seu sorriso era terrível. Em sua arrogância, ela estava convencida de sua própria magnificência e poder.

— Você é uma tola. Acha que é bravura vir aqui e fazer um show? Isso é estupidez. Qualquer bruxa real teria se rendido, porque sabe que não poderia ganhar de mim. Isso só mostra que você não é uma verdadeira bruxa, mas uma besta humana cuja vida está prestes a chegar ao fim.

Eu saquei minha espada.

— Talvez eu seja uma tola, talvez nem seja uma verdadeira bruxa. Mas eu

definitivamente não sou covarde. E não serei intimidada por uma vadia.

A bruxa avançou numa onda de raiva. Ela invocou sua magia negra, e o pingente em seu pescoço acendeu, como se desencadeasse algo escuro dentro da bruxa. Com uma risada, ela balançou as mãos e atirou um raio de magia contra mim.

Eu empunhei minha espada em uma fraca tentativa de desviar a magia, mas eu sabia que minhas armas seriam inúteis. A força contundente da magia me atingiu como um pedregulho no peito, e eu tropecei para trás. No começo, eu não senti nada, apenas um formigamento. Mas só quando eu pensei que talvez, apenas talvez, minha magia seria forte o suficiente para resistir àquela magia... a dor começou.

Eu consegui segurar minha espada pelos meus reflexos naturais, mas ela era inútil na minha mão. A magia da bruxa pulsava através de mim até eu só conseguir sentir o pulsar do meu sangue. Eu mal podia sentir meus dedos. A magia se espalhou como uma tempestade de fogo pelas minhas veias, queimando meu interior. Meu peito doía ao respirar, se contraído, apertando e apertando, até eu sentir que seria esmagado por dentro. Eu cuspi sangue numa tentativa de respirar, mas meus pulmões estavam inchados com líquido.

— Renda-se! — Uma voz ecoou em meus ouvidos, mas eu suspeitava de que fosse apenas minha imaginação.

Através da minha visão turva, eu mal podia ver a bruxa das trevas. Seus punhos cerrados estavam brilhando com magia negra.

Minhas costelas quebraram com força invisível que me esmagava por dentro. Eu caí no chão, contorcendo-me. Abri a boca, mas não conseguia nem gritar. Eu podia sentir meus ossos estalarem e virarem poeira. Eu não conseguia mexer os dedos. Eu não conseguia me mexer.

Mas, então, um formigamento familiar se inflamou dentro de mim. Minha magia estava combatendo a magia negra e me defendendo. Eu podia sentir

meus ossos voltando ao lugar e se curando. Eu podia senti-los sendo totalmente reconstruídos. Eu podia me mover novamente, apesar de mal. Meu corpo estava encharcado de suor, e meu coração batia enquanto minha magia lutava ferozmente para me defender, como se soubesse que era agora ou nunca. Mas não foi o suficiente.

Quando eu tentava me levantar, a bruxa me atingiu de todos os lados ao mesmo tempo, enviando uma explosão de magia mortal contra mim novamente. Eu mal podia ouvir seu riso enquanto meu sangue jorrava em meus ouvidos. Eu caí no chão enquanto outra onda de magia penetrava em meu corpo.

Eu senti o calor da energia percorrendo meu corpo e incendiando cada nervo novamente. A imagem de Jon apareceu na minha mente. Então o sorriso vencedor nos lábios inchados da rainha brilhou em minha mente, e eu imaginei a expressão selvagem no rosto do rei.

— Você não pode resistir à minha magia — provocou a bruxa se aproximando de mim. — Nenhuma bruxa nem humano pode resistir ao meu poder. Renda-se!

Mas eu não me rendi.

Outro impulso de magia me mandou rolando pelo chão novamente, e eu gritei me meio à dor ofegante.

Pensei em Jon. Eu podia ver seus belos lábios, seus olhos escuros e sensuais; percebi o quanto eu sentiria falta dele. Eu sabia que poderia morrer hoje. Que este poderia ser o fim da estrada para mim. Talvez eu visse Jon novamente no além...

Comecei a soluçar. Eu não me importava se toda Witchdom me visse chorar. As lágrimas quentes e espessas rolavam pelo meu rosto. Eu chorei por Rose. Chorei por Jon e chorei por mim.

A dor de repente parou. Minha magia havia curado o que podia, mas

havia muito dano. Até eu sabia que estava quebrada, por dentro e por fora.

Empurrei meu corpo até ficar de pé. Meu corpo tremia, como se um ataque tivesse tomado conta de mim. Eu sabia que era exaustão. Minha magia estava morta de fome e exausta, e eu sabia que não poderia reabastecê-la.

Eu não sabia como ou mesmo se poderia, mas peguei minha espada. Eu sabia que não iria ajudar, mas eu me sentia nua sem ela.

Eu enfrentei a bruxa.

Uma surpresa brilhou nos olhos dela:

— Ser humano teimoso. Renda-se, e eu a deixarei viver.

Mas me render seria admitir a derrota. Ceder tornaria as mortes de Garrick, Max e Leo sem sentido. Isso não poderia acontecer. Eu não poderia conviver comigo mesma se retrocedesse agora. Eu não era covarde.

— Vamos terminar isso. — Minha voz estava recortada, minha garganta estava crua e inchada, e eu sentia o sabor de sangue. Pena que Fawkes não estava ali para me ver morrer.

A bruxa das trevas estava tão perto de mim que eu podia sentir o cheiro do alho em seu hálito.

— Que assim seja. Hoje, eu eliminarei a última Donzela de Aço deste mundo para sempre.

Eu estreitei meus olhos. Ela havia dito Donzela de Aço como se acreditasse. Ela sabia que eu era uma. Ela sabia que eu era a última Donzela de Aço. Ela queria me matar porque a Rainha das Bruxas havia ordenado isso a ela.

Meu rosto se aqueceu com raiva:

— Você sabe. Você sabe que sou uma *verdadeira* Donzela de Aço.

A bruxa apertou seus lábios, mas foi o suficiente para uma resposta.

Era como se um fogo tivesse se inflamado em meu peito e estivesse espalhando uma nova força e uma nova confiança em mim. Eu controlei o

poder dentro de mim novamente. Se minha magia não pudesse lançar feitiços, eu sabia que ainda poderia me ajudar a fazer coisas impossíveis.

— Mate-a!

Olhei para o camarote real. A rainha estava quase caindo de lá em sua fúria.

— Mate-a! Mate-a agora e termine os julgamentos!

Eu podia ver o rei encarando sua rainha em descrença.

A Bruxa das Trevas rugiu com fúria bestial e pulou contra mim.

Em uma tentativa desesperada de me salvar do pior, joguei minha espada contra ela com a última das minhas forças. Minha espada bateu no pingente artemagista e cortou a corrente. Ele caiu no chão.

A bruxa saltou para trás, surpresa. Ela colocou a mão na garganta, como se eu a tivesse cortado. Mas não havia nenhuma marca, e eu podia ver que minha lâmina não a tocara. Eu não entendia por que, mas um medo brilhou em seus olhos. A pele do rosto dela se curvou, e ela parecia desanimada, como se não tivesse dormido em anos. Ela de repente parecia velha e frágil. Ela hesitou como se sua magia tivesse sido gasta.

Os rostos de todos os meus amigos passaram por minha mente, e eu sabia o que tinha de fazer.

Que a deusa me perdoe.

Eu cravei minha espada em seu pescoço, onde o pingente estivera.

Os olhos da bruxa se arregalaram. Sua boca se abriu e o sangue se derramou. Eu arranquei minha espada, e seu corpo desabou a meus pés.

Olhei para o rei. Ele levantou uma sobrancelha para mim. Era a única emoção em seu rosto, mas ele claramente não estava descontente com o que eu tinha feito.

O rosto da Rainha das Bruxas mostrava ódio e choque.

— Elena!

Eu reconheci a voz antes mesmo de eu ver o dono.

Fawkes brigava com os dois guardas que o seguravam perto das portas da arena. Por fim, ele se libertou e, em poucos instantes, se colocou ao meu lado, me segurando.

— Fawkes — eu sussurrei, pois doía falar e respirar. — Onde você...?
Por que você não estava...?

Não consegui terminar.

Ele pareceu entender e apertou minha mão gentilmente. Ele sorriu.

— Não é importante. Estou aqui agora — disse ele. — Você conseguiu, Elena. Você derrotou seus oponentes nos Julgamentos dos Bruxos. O rei terá de reconhecer sua reivindicação.

Meus olhos foram automaticamente para a rainha:

— Mas eu matei os rebeldes.

Fawkes seguiu meu olhar:

— O que você quer dizer?

Eu me volvei para Fawkes e agarrei sua camisa.

— A Rainha das Bruxas pretende matá-los. Ela matou...

— Eu sei. Fawkes me abraçou. — Ouvi o que aconteceu com Leo. E não foi sua culpa, Elena.

— Claro que sim. — Comecei a tremer. — A rainha me avisou. Eu não sei por que, mas ela queria que eu fracassasse de propósito. Ela disse que mataria os outros se eu não a obedecesse. E agora veja o que eu fiz. Eu os matei também.

Eu me sentia entorpecida, e nenhuma lágrima caía dos meus olhos.

— Não se preocupe com os rapazes — os olhos verdes de Fawkes brilhavam. — Eu cuidarei disso. Eu prometo.

Eu quase sorri. Consegui respirar fundo, mesmo com a dor excruciante no peito. Meu corpo estava quebrado, mas consegui levantar o queixo e

encontrar o olhar do Rei Bruxo.

Ele se levantou do assento e bateu palmas uma vez. Eu sabia o que isso significava.

Eu havia passado pelo Julgamentos dos Bruxos. Eu era a última Donzela de Aço.

CAPÍTULO 29



EU HAVIA ACABADO DE TOMAR um dos coquetéis mágicos de Celeste no café da manhã, na manhã seguinte, quando ela disse:

— Os seres humanos escaparam inexplicavelmente.

Eu quase engasguei:

— O quê? — Fiquei de pé num pulo e não tentei esconder meu alívio. Eu pensei ter visto um salto incomum no passo de Celeste.

Ela apenas encolheu os ombros:

— Ninguém sabe como eles conseguiram — disse ela com um brilho em seus olhos. — Parece que eles *desapareceram* depois dos julgamentos. Como fantasmas.

Mas eu sabia exatamente quem os ajudara. Eu não podia acreditar que eu havia esquecido que Fawkes me dissera que iria cuidar deles. Ele havia salvado os homens para mim. O bruxo elemental havia sido fiel à sua palavra e os libertara. Se ele estivesse ali, eu teria beijado seu rosto sujo.

Celeste apertou minha mão:

— Pensei que isso a animaria.

Pisquei em meio à umidade dos meus olhos:

— Você não tem ideia.

Celeste enfiou o frasco vazio nas dobras de seu vestido

— Parece que tem amigos entre as bruxas.

— Duvido muito.

— Bem, toda a fortaleza está cheia de notícias da sua vitória — ela explicou. — Muitas bruxas superiores estão ansiosas para conhecê-la, assim

como o Conselho dos Clãs.

Eu balancei minha cabeça:

— Claro que querem me encontrar agora. Mas eu lembro que eles pediam minha execução ontem.

Fiquei sozinha em meu aposento durante a maior parte do dia e pensei em como Fawkes conseguira tirar os homens da fortaleza sem ser pego.

Aparentemente, ele conhecia a fortaleza o suficiente para esconder um grupo de humanos bem no nariz das bruxas. Eu tinha de dar crédito a Fawkes. Ele tinha coragem. Eu sabia que o Rei Bruxo e a rainha considerariam qualquer ajuda a seus prisioneiros como traição. Mas ninguém suspeitava dele. Os humanos simplesmente desapareceram.

Meu coração acelerou quando eu finalmente ouvi pés fora do meu aposento. Segurei minha espada instintivamente e me coloquei contra a parede ao lado da porta. Eu me esforcei para ouvir, mas depois de alguns instantes, não havia outro som a não ser o bater do meu coração.

Eu soltei a respiração que estava prendendo. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, a Rainha das Bruxas viria com sua magia e tentar me matar.

Eu havia ignorado as ameaças dela e sabia que ela iria tentar me fazer pagar por isso com a minha vida. Eu tinha de sair da fortaleza *antes* que ela tivesse a chance.

Como havia sido deixada sozinha, eu estava ficando fora de mim por tédio. Eu estava esparramada na cama, olhando para uma mancha no teto que parecia o rosto de Jon, quando a porta se abriu e Celeste entrou. Ela trazia tecidos nos braços.

Eu não prestei muita atenção até que ela colocou o material na minha cama. Sentei-me imediatamente e observei. O belo vestido de seda dourado e vermelho de Witchdom era feito de um material tão fino e tão delicado que brilhava como estrelas. Eu não conseguia parar de olhar. Eu podia ver um

padrão sutil, mas inconfundível, de espadas gravadas na seda. O vestido havia sido cosido com as cores e o emblema do Clã das Donzelas de Aço.

— O que diabos é isso?

Celeste pareceu preocupada de repente:

— Não gostou?

Eu balancei a cabeça, lamentando o tom que eu havia usado com ela:

— Não, não é isso. É só... o que isso está fazendo na minha cama? Quero dizer, nesta cama.

— Você foi convidada para jantar com a família real hoje à noite. — Celeste olhou para mim. — Você derrotou todos os outros clãs nos Julgamentos dos Bruxos. Você ganhou o direito de estar aqui como uma bruxa estimada. Você não é mais considerada uma ameaça. Na verdade, os rumores na fortaleza estão dizendo que o Rei Bruxo quer que você seja tratada como um convidado de honra.

Suspirei:

— Não tenho tanta certeza de que a Rainha das Bruxas aprovaria.

Olhei para o vestido, mas não me atrevi a tocar nele. A última coisa que eu queria ou precisava era jantar com esses bruxos. Meu estômago se agitou ao pensar. Eu sabia que seria um erro.

— Não posso fazer isso. — Levantei-me da cama e me aproximei de Celeste. — Como posso comer ao lado de um grupo de bruxos que acabam de tentar me matar? Eu sou apenas uma piada para eles, um brinquedo. E eu não vou ser feita de tola. Não mais. Eles podem comer sem mim, porque eu não vou.

O rosto de Celeste corou:

— Receio que não tenha escolha.

— Claro que não. — Uma fúria fria cresceu no meu peito. — Porque ainda sou uma prisioneira, não importa o que o Rei Bruxo diga.

— É só jantar — ela disse, segurando o vestido na minha frente.

— O vestido combina surpreendentemente bem com a sua cor. Eu sabia que combinaria. — Ela sorriu com satisfação enquanto espalhava o vestido na cama.

— Provavelmente é apenas um jantar para discutir seus planos. Eu sei que Fawkes estará lá. Então, não pode ser tão ruim, pode?

— Eu acho que não. — O fato de Fawkes estar lá abrandava a minha raiva um pouco. Só um pouco. Um jantar miserável não poderia machucar. Mas eu não podia fingir estar feliz com isso. A verdade era que eu odiava todos eles.

— Você odiou o vestido, não é?

Suspirei:

— Não é isso. É só que... nunca usei um vestido na minha vida. Jamais. Eu nunca tive a oportunidade de usar um antes. Por que eu deveria?

Minha cabeça doeu um pouco, e fiquei surpresa com as emoções que senti.

— Eu não podia comprar roupas como aquela onde eu morava. Nós mal tínhamos o suficiente para comer.

Eu podia sentir os olhos de Celeste em mim, mas por alguma razão eu não conseguia encará-la.

— Bem — disse Celeste, e por um momento ela pareceu mais velha — Você irá usá-lo esta noite. E você ficará linda.

Algumas horas depois, após um segundo banho, e com a ajuda de outra bruxa de companhia chamada Luna, quase dava para acreditar que eu parecia da realeza. Luna havia aplicado um vermelho em meus lábios e pintado meus olhos com uma linha fina de kohl sobre meus cílios superiores e inferiores.

E o vestido, bem, era divino.

Ele não serviu perfeitamente no início porque eu estava muito magra. Mas Celeste era uma dádiva divina como costureira e, dentro de uma hora, o vestido me servia como uma luva. Ela colocou preenchimento na região do peito, e serei eternamente grata por isso. Eu não tinha seios voluptuosos como os da Rainha das Bruxas, ou mesmo como Celeste e Luna. Meus seios eram pequenos, e eu quase não tinha quadris, mas minha cintura era pequena o suficiente para dar a ilusão de que eu tinha os seios mais cheios e quadris mais largos.

Celeste penteou meu cabelo e fez duas pequenas tranças amarradas no topo. Quando tudo terminou, fiquei surpresa com a mulher que se estava diante de mim no espelho. Sua pele era muito bronzeada para ser considerada leitosa, os ossos das maçãs muito saltados e seus olhos pequenos demais, mas era bonita.

— Você parece exótica — disse Luna com um olhar sonhador em seu rosto. — Como nas histórias das bruxas do norte. Parece uma verdadeira Donzela de Aço.

Eu queria dizer a ela que eu era uma verdadeira Donzela de Aço, mas decidi não ser rude com ela. Ela havia passado horas me ajudando a me preparar para esse terrível jantar.

— Eu nunca estive tão bem, nem pensei que ficaria assim.

Olhei para longe do espelho com um nó na garganta. Eu queria que Jon pudesse me ver assim. Eu sorri. Ele provavelmente arrancaria o vestido e me jogaria na cama. Meu rosto corou.

— Gostaria de poder sentar ao lado do príncipe — Luna discutiu. — Ele é tão lindo. E poderoso. E forte. Eu daria qualquer coisa para ser você...

Eu revirei os olhos.

Uma batida veio da porta, e Luna gritou e correu pelo quarto. Ela voltou radiante com uma caixa de veludo nas mãos.

— É um presente do príncipe — disse ela e me entregou a caixa.

Quando peguei o presente, já soube o que era. Eu já havia roubado muitas dessas caixas na minha vida a ponto de não querer abrir.

— Não vai abrir? — Luna me olhou com olhos selvagens. Era um presente de seu príncipe amado.

Eu podia dizer a ela que sabia exatamente o que estava sentindo.

Deixei escapar um longo e fraco suspiro e abri.

Não era um colar grotescamente grande ou chocante como alguns dos que as outras bruxas usavam. Era uma simples corrente de ouro com um pequeno pingente de punhal. Havia um único diamante incrustado no punho da minúscula adaga, mas era tão pequeno que eu mal podia ver.

Enervava-me que o príncipe soubesse que eu preferiria algo pequeno. Nós mal nos falamos.

Luna olhou com um pouco de desdenho pela simplicidade do colar.

— Por que é tão pequena? E é apenas ouro puro? Qualquer um pode comprar uma corrente de ouro simples. Ele é o príncipe...

— Xiuu — Celeste chamou a atenção dela, parecendo um pouco embaraçada com a ousadia de sua amiga.

Eu balancei a cabeça.

— Não posso usar isto. Vai dar as ideias ao príncipe. Eu não quero nada dele ou de sua família.

Luna trocou um olhar com Celeste, que parecia ligeiramente alarmada com o que eu acabara de dizer.

— O príncipe verá como um insulto se você *não* usar — explicou Celeste depois de um momento.

— É um insulto usá-lo? — murmurou Luna.

Celeste franziu o cenho para sua amiga.

— Pelo menos só por esta noite — disse ela — para evitar qualquer...

tensão.

Eu sabia exatamente a que tensão ela estava se referindo. Eu não poderia arriscar arruinar minhas chances de obter a ajuda do rei. Relutantemente, deixei-a colocar o colar em volta do meu pescoço.

— Pronta? Está na hora. — Celeste sorriu.

Mas eu não me sentia pronta. Eu me sentia uma tola, como uma das concubinas dos sacerdotes, como o animal de estimação de alguém.

No entanto, eu estava ansiosa para falar com Fawkes sobre meus amigos que escaparam. Essa seria uma conversa interessante.

— Ok, só mais dois dias, e depois estarei de volta ao meu antigo eu.

Mas eu mal podia respirar quando os dois guardas me escoltaram pelos grandes salões e me conduziram pela escadaria elegantemente trabalhada até o grande salão. Os guardas só deixaram quando estávamos diante das portas pesadas; cruzei o vasto salão sozinha.

Ele era decorado com tapeçarias e estandartes do Clã das Bruxas das Trevas. Centenas de convidados estavam sentadas em longas mesas. Eu não havia me dado conta de que haveria tanta gente. Montes de comida e bebida estavam empilhados sobre as mesas, e enxames de criados garantiam que nenhum copo jamais ficasse completamente vazio. A sala estava animada com a conversa, e eu estava feliz por todos estarem ocupados e por ninguém parecer estar prestando muita atenção em mim.

Mas à medida que eu caminhava, avistei várias tapeçarias de couro humano nas paredes, e minha raiva e desgosto me ajudaram a acalmar meus nervos. Meu vestido balançava enquanto eu passava entre as mesas em busca de Fawkes. Vi que ele estava no fim da mesa do rei, a alguns assentos de distância do príncipe.

O Rei Bruxo estava sentado na cabeceira da mesa. Eu podia dizer que ele tinha me visto quando ele derrubou uma taça da boca. Sua esposa estava

sentada à direita com um vestido preto coberto de joias. Ela parecia estar conversando alegremente com o bruxo ao lado dela, mas seus olhos continuam voltados para mim. Ela estava cheia de sorrisos, mas eu podia sentir uma fúria aterrorizante em seu comportamento.

O príncipe estava sentado à esquerda do rei. Eu podia ver que ele estava olhando para o meu colar, e eu corei antes que pudesse evitar. Mantive meus olhos nele enquanto cruzava o salão. Ele sorriu, mas havia algo em seu olhar que eu não conseguia ler.

Quando me aproximei, Fawkes e o príncipe Áurion empurraram as cadeiras para trás e se levantaram. Eu corei novamente. Os outros bruxos me observavam cautelosamente, mas não se levantaram. O rei parecia intenso e, embora parecesse satisfeito, estava tão enigmático quanto o príncipe.

Fawkes puxou a cadeira vazia ao lado dele, a cinco cadeiras de distância do príncipe, e eu percebi que ele havia reservado um lugar para mim. Mantive a expressão impassível, mas eu estava era cheia de alívio, pois não sabia onde diabos iria me sentar. Caminhei até ele, agradecida por me sentar ao lado do único bruxo em quem confiava naquele maldito lugar.

— Não — disse o Rei Bruxo.

Eu congelei, assim como o salão inteiro.

— Você se sentará ao lado do meu filho.

O Rei Bruxo fez um gesto para um assento que já estava ocupado por uma bonita bruxa morena. Ela parecia mortificada com o pedido do rei, que era muito mais como uma ordem. Seu rosto ficou avermelhado, mas ela se levantou depressa e se afastou, mas não antes de me dar um olhar de ódio.

Como se tivesse sido minha culpa.

Eu desejava poder dizer que preferia não me sentar lá, mas todo o salão parecia estar à espera de que me sentasse. Ninguém falou nada. Fawkes parecia nervoso. Eu sabia que não podia discutir com o Rei Bruxo, então

tomei meu assento ao lado do príncipe. Todos os olhos estavam em mim, e eu senti vontade de vomitar. Mas se ser o centro das atenções em um jantar extravagante era o preço que eu teria de pagar pela ajuda do rei, então eu tomaria meu lugar com prazer. Eu faria o que fosse necessário.

Assim que me sentei, o salão explodiu em conversa, como se a interrupção nunca tivesse acontecido. Senti os olhos em mim do outro lado da mesa. O sorriso frio da rainha enviou um frio que percorreu minha espinha.

Um servo encheu meu cálice com vinho dourado. Tomei um gole caprichado. Eu ia precisar de mais vinho se quisesse manter a calma.

— Cuidado — disse o príncipe. — Se beber rápido demais, vai direto para a sua cabeça.

Seus olhos prateados brilhavam.

— Eu posso lidar com o meu vinho — eu menti. — Eu estava com sede.

— Estou feliz por ter usado o meu presente — disse Áurion enquanto pegava uma taça de vinho dourado e tomava um gole.

— Eu tenho escolha? — Retruquei.

Eu olhei para a comida e peguei um pão quente. Eu precisava descontar a ansiedade na comida.

— Você sempre tem uma escolha.

O tom na voz dele me fez parar de mastigar, mas eu não olhei para ele. Tomei outro gole do meu vinho para ajudar o pão a descer; porém, um pouco menos desta vez, pois já sentia uma leveza na cabeça.

— Você se saiu muito bem nos Julgamentos dos Bruxos. Fiquei muito impressionado — disse o príncipe. — Sinto-me honrado por estar sentado ao lado de uma Donzela de Aço em carne e osso. Não que eu tenha duvidado de você.

— Mesmo? — Levantei as sobrancelhas com ceticismo. — Engraçado, eu teria pensado diferente. — Eu tomei outro grande gole de vinho.

Pela deusa, preciso ter cuidado!

— Você é uma joia muito *rara*, Elena — disse o príncipe.

Ele se inclinou para mais perto até eu sentir seu cheiro almiscarado, e meu sangue se aqueceu um pouco.

— Você é linda, inteligente e forte. Pouquíssimas bruxas poderiam ter derrotado as bruxas do julgamento. E *you* conseguiu sem treinamento. Você é uma bruxa notável. Acho que muitas bruxas podem aprender com você.

— Mesmo? — Eu soltei uma gargalhada. — O meu sangue *humano* não o incomoda? Não lhe faz raiva? Não o faz querer drenar todo o meu sangue e pendurar minha pele em exposição como uma pintura?

— Não, claro que não. — Ele olhou para mim com certo desconforto e irritação. — Sua magia é forte. Compensa seu sangue humano.

Eu desviei o olhar. Ele soava muito parecido com Fawkes. Eu podia me envergonhar de quem era meu pai, mas não me envergonhava da minha herança humana e do meu sangue humano.

— Alguns de nós acreditam que um sangue forte com o seu deve permanecer aqui em Witchdom.

Meu coração parou. Olhei atentamente em seus olhos prateados.

— O que você está dizendo? — Minha boca estava seca e minhas palavras saíram confusas, como se eu já estivesse bêbada.

O príncipe deu um sorriso que teria derretido o coração de qualquer mulher. Ele estendeu o braço e colocou sua grande mão quente ao redor da minha.

— É simples, você é a última do clã. Alguns de nós pensam que essa é uma oportunidade única. Alguns de nós podem não querer que você vá embora.

— Eu não posso ficar aqui — eu disse com raiva. — Não vou ficar. Você sabe por que eu vim aqui em primeiro lugar. Preciso de ajuda para derrotar os

sacerdotes e a escuridão que eles estão espalhando. Eu não vim aqui para me unir a vocês. Exceto pelo exército que preciso levar comigo. Essa é a única razão pela qual vim aqui, e você sabe disso.

— É por causa *dele*, não é?

Sua mão ainda estava na minha, e ele a apertou. Havia uma tristeza surpreendente em seus olhos, mas eu senti como se ele tivesse me dado um soco no estômago. Eu lutei para manter o vinho no estômago. Eu estava quase em lágrimas.

— O nome dele é *Jon* — respondi.

— Você pode ter *mais* de um grande amor em sua vida — disse o príncipe. — Não há regra no universo que diz que só se pode amar uma vez. Eu sei que é verdade. Eu acredito em almas *gêmeas*, não em alma gêmea.

— Por favor, pare — eu disse. Minha garganta latejava e meu peito se apertava.

— Ele já se foi, Elena — disse o príncipe.

Sua voz era surpreendentemente suave. Ele soltou minha mão, mas levantou meu queixo com seu dedo e virou meu rosto para o dele.

— Ele foi infectado pela magia negra, e ele é humano. Só isso já um destino pior do que a morte. Ele nunca se recuperará. Ele não conseguirá. Se ele fosse uma bruxa, então poderia haver alguma esperança. Mas, novamente, ele não é uma Donzela de Aço. Seu sangue humano é muito fraco e facilmente corrompido. Ele já está morto. Esqueça-o.

Eu afastei sua mão do meu rosto.

— Então, você sabia sobre a praga negra o tempo todo, não é?

— Sim — disse ele. — Sabemos desde a primeira vez que infectou o mundo. Sentimos a mudança, mesmo daqui. Todo mundo sabia.

Minha boca se abriu e eu balancei a cabeça.

— Não acredito nisso. Todo esse tempo, você, o rei, todo mundo sabia. E

ainda me fez tomar parte nos Julgamentos dos Bruxos. Por quê? — Tentei parecer calma, mas minha raiva fervia e minha pele queimava.

— Porque precisávamos saber se era verdade — disse o príncipe calmamente. — Que você era a última do Clã das Donzelas de Aço.

— E a praga negra? Você nunca pensou em ajudar? Todas aquelas pessoas... infectadas com magia negra, corrompidas e transformadas em monstros.

— Ajudar? — os olhos do príncipe brilharam. — Por que nós ajudaríamos vocês, animais humanos, depois de terem massacrado nosso povo e roubado nossas terras? Não seja tão ingênuo, Elena.

— O que você esperava? Eu vivi praticamente toda a minha vida em um esconderijo. Tudo o que sei sobre a história de Arcânia veio da coleção de livros que li. Não havia muito sobre Witchdom.

— Eu lhe mostrarei.

O príncipe trocou de lugar:

— Sei que ainda não gosta de mim. Você pode até me odiar — ele disse. — Mas *não* sou meu pai.

Ele fez uma pausa, como se estivesse enfrentando alguma luta interna.

— Se você voltar, você morrerá com o resto dos humanos. Mas os necromantes nunca entrarão em Witchdom, a magia deles não é poderosa o suficiente. Você estará segura aqui conosco, no lugar ao qual você pertence.

Ele parou, e meu rosto queimou:

— Deixe-os tomar o oeste. Quem se importa?

— Eu me importo — rosnei.

Eu não podia acreditar no rumo dessa conversa. Eu podia sentir a Rainha das Bruxas me observando do canto do olho, mas eu não ousava olhar para ela.

O príncipe Áurion se inclinou para frente, e seus lábios roçaram em meu

ouvido.

— Fique comigo, Elena.

Eu me odiava por deixar o príncipe colocar dúvidas em minha mente.

Será que não haveria nenhuma esperança para Jon? Seria eu uma tola, cegada pelo amor, por pensar que havia esperança?

Não, eu não acreditei. Eu me recusei a acreditar.

O Rei Bruxo levantou-se de repente, e o salão ficou em silêncio.

Os olhos do rei caíram sobre mim, e ele sorriu.

— Prezados convidados — disse ele erguendo sua taça. — Eu interrompo esta refeição para trazer alegres notícias. — Seus olhos se voltaram para mim novamente, e eu me contorci no meu assento. — Tenho notícias de um noivado entre os dois mais poderosos clãs de toda a Witchdom.

Deusa do céu!

Eu engoli em seco. O rei queria me casar com seu filho.

Olhei para o príncipe. Nossos olhos se encontraram, mas seu sorriso foi forçado. Parecia que era a primeira vez que ouvia falar de tudo isso.

Algo selvagem brilhou nos olhos do rei e ele falou alto e claramente.

— Decidi que você, Elena, será a minha *segunda* esposa.

A Rainha das Bruxas deixou cair sua taça e começou a gritar.

Mas o rei não parecia notar. Seus olhos estavam fixos em mim.

Os convidados se moveram em seus assentos. Olhei para o príncipe, mas ele não olhou para mim. Seu rosto escureceu e algo como ódio brilhou em seus olhos. Seus punhos estavam cerrados, e ele parecia estar enfrentando alguma batalha interna.

Eu olhei para Fawkes. Seus olhos estavam cheios de pesar, até medo, mas ele não fez nada para me tirar dessa.

Voltei minha atenção para o Rei Bruxo:

— Peço desculpas, Rei Bruxo — eu disse, minha voz clara e alta o

suficiente para que todos ouvissem. Respirei fundo. — Mas não posso aceitar. Tenho uma família esperando por mim. Tenho de voltar para casa. Você me prometeu um exército de bruxas. Você prometeu ajudar se eu sobrevivesse a seus julgamentos, e eu o fiz. Isso não fazia parte do acordo.

— Eu sou o rei — disse o Rei Bruxo com um pequeno sorriso. — Posso fazer o que quiser.

Minhas bochechas coraram de raiva:

— E se eu recusar?

— Você não pode me recusar — disse o rei. — Sua mãe pode ter escapado de mim uma vez, mas você, minha querida Elena, não. Não, você *será* minha segunda esposa e me *dará* filhas Donzela de Aço. Sua magia será ligada à família real. Você nunca partirá. Nunca.

CAPÍTULO 30



MEUS DEDOS DOÍAM e sangravam enquanto raspava a parede com um pedaço de cômoda quebrada, mas eu só havia cavado uns dez centímetros após oito horas de trabalho árduo. Já era tarde. O suor escorria em meus olhos, e meu pulso direito começava a ter câibra. Eu me inclinei para trás e olhei para a minha obra. Nesse ritmo, levaria cerca de dois meses para fazer um buraco grande o suficiente para eu escapar.

Eu não poderia passar pelos guardas em minha porta sem uma arma de verdade. E o rei havia dado um jeito de se livrar de qualquer coisa que ele considerasse uma arma. Após o jantar real, fui para meus aposentos e fiquei trancada uma prisioneira desde então.

Eu consegui encontrar uma pequena fissura na parede. Ela havia sido deixada quando a rainha atirou a cômoda, o que me levou a descobrir que as paredes do aposento não eram feitas com o mesmo granito duro do resto da fortaleza, mas de calcário. Raspei um pedaço com a unha e percebi que poderia cavar um buraco para escapar.

Mas depois de uma semana de trabalho secreto, dia e noite, eu não estava mais perto de deixar aquele lugar miserável do que quando havia sido trancafiada lá.

Nada me faria casar com aquele bastardo do Rei Bruxo. Ele provavelmente teria arrancado a pele dos meus amigos e pendurado na parede como pinturas! Só a ideia de suas mãos viscosas em meu corpo era o bastante para me fazer passar mal. Prefiro morrer mais de mil mortes do que ser esposa dele, sua *segunda* esposa. *Quão moralmente doentia não seria isso?*

Sua crueldade fazia eu me lembrar da crueldade dos sacerdotes. Fiquei horrorizada com quão semelhantes e distorcidas eram as ações dos que estão no poder.

Não importava o que o Rei Bruxo queria. Eu *nunca* seria dele.

Percebi que o Rei Bruxo nunca tivera a intensão de cumprir sua promessa. Eu nunca conseguiria o exército de bruxas de que precisávamos. Estávamos sozinhos. Mas eu iria encontrar outra maneira de derrotar os sacerdotes. Eu precisava encontrar. Com ou sem a ajuda do Rei Bruxo.

Eu tinha permissão para esticar as pernas e visitar os jardins uma vez por dia, porque eu estava noivo do rei. Mas ele havia deixado mais dois guardas à minha porta, além dos que ficavam ao longo do corredor. Ele também tomou providências para que eu estivesse acompanhado por dois guardas aonde quer que eu fosse. Eu suspeitava que a segurança extra não era apenas para me impedir de fugir, mas também para me manter a salvo de sua esposa.

A rainha gritou e esperneou de loucura no chão quando o rei anunciou o casamento. Os guardas a pegaram e a levaram para longe, mas ela me lançou um olhar de ódio antes de sair, e eu soube que ela queria me matar.

Eu era um animal enjaulado, e cada novo dia trazia mais medo e mais pressa. Quanto mais eu estivesse ali, mais difícil seria escapar antes da maldita cerimônia de casamento. Se não escapasse, eu fracassaria com todos e comigo mesma.

Celeste havia me ajudado a desenhar uma planta detalhada da fortaleza. Fiquei muito grata por sua ajuda, porque eu não conseguiria lembrar como chegar ao grande salão. Mas nem mesmo Celeste conhecia todos os cantos. A fortaleza era uma estrutura de pedra colossal, e duvidava que o próprio rei conhecesse todas as passagens.

Nós analisamos nosso mapa e descobrimos que a rota de fuga mais próxima era uma janela na câmara vizinha. Celeste disse que não estava

ocupada. Ficava três andares acima, mas se eu pudesse chegar a essa janela, eu iria correr o risco e descer. Eu até pularia se fosse preciso. Mesmo se eu caísse, meus ossos iriam se curar. Era a minha única opção.

Eu esperava que eu pudesse encontrar os estábulos e pegar Torak. Eu não iria deixar o meu amado cavalo para trás.

Eu precisava colocar as mãos em uma pequena faca para conseguir cortar o calcário mais rápido. Mas conseguir uma faca não seria fácil, pois as bruxas eram cuidadosamente revistadas antes de entrarem no meu quarto. Celeste não poderia ajudar.

Todas as noites, Celeste varria os restos do trabalho do meu dia e o atirava para mim. E depois, logo antes de dormir, eu arrastava a cômoda nova para cobrir o buraco.

Apesar de meus esforços, eu ainda não estava nem um pouco mais perto da liberdade.

Eu gritei em frustração e joguei a perna quebrada do armário no chão. Como diabos minha mãe havia escapado? Eu sabia, sem dúvida, que ela havia sido prisioneira do Rei Bruxo, porque ele usara a palavra “*escapar*”. Ele a queria assim como a mim. O que acontecera com ela enquanto estava aqui? Por que ela havia ido até Arcânia quando poderia ter se escondido em algum lugar de Witchdom? Talvez essa não fosse uma opção. O Rei Bruxo estava obcecado pelas Donzelas de Aços. Ele a teria encontrado se ela tivesse ficado. Eu suprimi um arrepio.

Eu estava vivendo o pesadelo da minha mãe. Mas eu ficaria forte. Eu não tinha outra escolha. Se minha mãe conseguira escapar, eu também poderia. Eu tinha de conseguir.

Meu pensamento foi interrompido de repente quando Celeste irrompeu pela porta. Seu rosto estava vermelho, e ela estava respirando pesadamente, como se tivesse percorrido a fortaleza toda. Eu me levantei e arrastei a

cômoda para esconder o buraco na parede.

— O quê? O que aconteceu? — A única vez que a vi tão perturbada foi quando a Rainha das Bruxas entrou no meu aposento.

— O rei quer... só um segundo... — ela tentou recuperar o fôlego e fechou a porta atrás de si. — Todos os empregados estão falando — ela disse enquanto se virava para mim. — Corri até a torre norte quando Orissa me contou.

Eu endureci. Não devia ser coisa boa:

— Conte-me.

— O rei acabou de fazer o anúncio — ela parou como se me dando uma chance de reunir minhas forças. — Elena. Ele quer se casar com você amanhã.

— O quê? — um pânico selvagem inundou minha mente. — Mas eu não serei capaz de cavar um buraco grande o suficiente a tempo.

Eu estendi o nosso mapa sobre a mesa:

— Tem de haver outra saída... nós só não vimos ainda.

Pensei em Fawkes e olhei para ela:

— Onde está Fawkes?

Não esperei que ela respondesse:

— Se ele encontrou uma maneira de tirar os homens da masmorra, talvez ele possa encontrar uma maneira de me tirar também.

— Mas como? Você está muito protegida — disse Celeste. — Os homens foram deixados em um buraco para morrer. Ninguém se preocupou em ficar de olho neles. Além disso, ninguém viu Fawkes desde que o rei anunciou seu noivado. Parece que ele deixou a fortaleza.

— Estou presa. O rei nunca me deixará ir. — Comecei a tremer e a chorar.

— Pode haver outro jeito.

Eu enxuguei meus olhos:

— Como?

— Depois da cerimônia.

Eu olhei para ela em choque:

— Não pode estar falando sério! Não posso me casar com aquele bastardo!

— Não estou dizendo que sim — ela continuou. — Não completamente.

— Então como?

Celeste falou rapidamente:

— Amanhã, depois da lua cheia, eles começarão com um ritual. Depois, haverá um grande banquete de celebração. A maioria dos guardas e o Rei Bruxo estarão bêbados, você sabe como os machos se comportam nesses tipos de evento. É quando nós aproveitaremos.

— Eles não esperarão que você fuja, então você provavelmente estará menos vigiada. Haverá bruxas escoltando você o tempo todo, então você pode fingir algum tipo de mal-estar. Eu a acompanharei de volta ao seu quarto, mas iremos para a entrada lateral no canto sudoeste da fortaleza em vez disso. Não haverá guardas. Você pode correr para os estábulos então. Não pare até deixar Lunarís para trás e retornar às montanhas.

Engoli o nó na garganta:

— Mas ainda assim me casarei com ele. — Eu queria vomitar.

Celeste balançou a cabeça:

— Não. Você não pode se casar sem o vínculo conjugal... é preciso *consumar* a ato para tornar oficial. Caso contrário, o casamento será anulado.

Eu sorri. Era a única esperança que tínhamos:

— Acho que o seu plano pode funcionar. Não, ele *irá* funcionar. — Eu sorri para ela. — Celeste, você é um gênio.

— Eu sei. — Ela me mostrou um sorriso e virou-se para sair. — Fui

convocada para trabalhar em seu vestido de casamento, mas terei tempo de verificar as fechaduras nas portas de entrada laterais, apenas por garantia. Voltarei mais tarde para repassarmos o plano em detalhes...

A porta se abriu e o príncipe Áurion entrou.

Ele usava seu habitual casaco de seda cinza escuro e sorriu para mim perversamente. Ele segurava uma garrafa de vinho e duas taças. Seu cabelo era perfeito, seus traços eram perfeitos demais, e seus olhos brilhantes e famintos.

Eu corei.

— Não se bate mais na porta? — Eu falei enquanto Celeste fazia uma pequena reverência.

O príncipe olhou casualmente para a bruxa e acenou com uma mão:

— Pode nos deixar, *Celeste*.

Embora estivesse inclinada em uma reverência, pude ver que o rosto de Celeste havia ficado vermelho quando o príncipe usara seu nome verdadeiro. Ela me lançou um olhar antes de sair e fechar a porta.

— Quer alguma coisa, príncipe? — Tentei manter a compostura, mas o fato de ele ter trazido bebidas era alarmante. — Seu pai sabe que está aqui?

O príncipe Áurion colocou o decantador sobre a mesa e começou a encher as taças:

— Claro que não. Mas eu pensei que poderíamos compartilhar uma bebida, um brinde antes do grande dia de amanhã.

Senti a tensão em sua voz e em sua postura.

— Não sabia, não é?

O príncipe pegou as taças e atravessou o quarto em minha direção. Ele me entregou uma delas e minha mão traiçoeira a pegou.

— Claro que não — ele disse.

Eu senti o calor percorrer meu rosto.

O que o príncipe esperava ali agora?

— Então, por que você está aqui? De verdade?

Os olhos do príncipe Áurion brilharam:

— Porque pensei que talvez precisasses de uma bebida. Eu sei que eu preciso.

Ele levou a taça aos lábios e tomou um gole.

Suspirei e tomei um pouco do vinho, deixando o sabor da framboesa madura, romã e cereja se assentar na minha língua. Foi divino. Eu tomei outro gole.

— Como a rainha está lidando com a notícia? — Não pude evitar. Eu odiava aquela ordinária.

O príncipe Áurion sorriu, um belo gesto fácil que enfatizava as linhas perfeitas de sua mandíbula. Seu corpo era impecável e requintado, e estava um tanto perto demais.

— O que você acha? — ele riu. — Ela está fora de si. Fazendo birra após birra. Ela já matou três bruxas.

Eu o vi com uma careta:

— Isso é lamentável. Eu tenho certeza que elas não fizeram nada para merecer morrer.

O príncipe inclinou seu corpo mais para perto do meu, tão perto que eu podia sentir o cheiro de lavanda em sua pele.

— Não, provavelmente não. Eu também vim dizer que... já que seremos uma família amanhã... espero não ter dito nada que a ofendesse. Eu só acho que ficamos mais próximos depois do que... aconteceu no outro dia.

Minhas bochechas coraram, e eu tentei esconder com uma careta:

— Não quero falar sobre isso.

Um músculo na mandíbula do príncipe se contraiu, e eu vi uma sombra em seus olhos.

— Como você está, então? — disse o príncipe, mudando de assunto.

— Sou uma prisioneira. Como acha que eu me sinto? — Esvaziei minha taça. Meu rosto estava quente, e o calor do vinho se espalhou por meus membros e envolveu a frieza em meu coração como um cobertor.

— Claro que tenho que agradecer ao seu pai por isso.

— Você não é prisioneira, Elena.

O príncipe pegou o decantador e encheu minha taça antes de encher a sua.

— Mesmo? — Eu ri. — Não posso sair deste quarto. Não posso ir para casa. E eu estou sendo forçada a me casar com um homem que eu odeio. Se isso não é ser prisioneira, então eu não sei o que é.

Ele se aproximou tanto que senti o calor de seu corpo. Ele parecia estar genuinamente preocupado. Ele estendeu a mão e eu corei novamente quando ele tocou em minha bochecha com seu dedo.

— Se você sair, não haverá nada além da morte esperando por você.

Como você vai destruir a praga negra sem a ajuda de meu pai? Você mesma disse. Você precisará de um exército de bruxas para derrotar os necromantes.

Eu empurrei sua mão do meu rosto.

— Eu não sei. Mas eu vou encontrar um caminho.

— Admiro o fogo em você — disse o príncipe. — Você está disposta a lutar pelo que quer, pelo que acredita, por aqueles que você ama. E sempre que alguém tenta negar-lhe algo que você quer, você apenas toma a força, não importa quem seja.

— Isso mesmo — eu sorri. — Não me importo se você é um rei ou um príncipe. Isso não faz diferença para mim.

Senti-me relaxar um pouco.

Seu cheiro era inebriante, puxando-me para ele. Antes que eu soubesse o que estava fazendo, dei um passo mais para perto dele.

De repente, percebi o que estava acontecendo. Ele estava usando magia

em mim. Eu podia sentir como uma névoa pegajosa se enrolando em torno de mim, tentando me confundir.

Mas minha resistência natural e meu amor por Jon eram fortes. E eu os usei para resistir à magia dele.

— Seu bastardo — eu cuspi. — O quê? Você não pode levar uma mulher para a cama normalmente, então precisa recorrer à magia?

— Do que você está falando? — ele disse um pouco rígido. — Não preciso de magia para levar nenhuma mulher para a cama.

Olhei para outra taça vazia. Antes que o vinho me colocasse em mais problemas, coloquei minha taça sobre a mesa. Mas eu já estava sentindo os efeitos do vinho. O chão se moveu e vacilou, e eu sabia que algo estava errado. Pequenos alarmes soaram na minha cabeça. Havia algo definitivamente muito errado.

— O que há no vinho? — disse eu cuidadosamente, sabendo que cada palavra era difícil de se formar. — Eu não tomei muito e já ... já me sinto estranha.

Minha visão ficou turva. Pontos vermelhos, amarelos e azuis dançavam diante dos meus olhos. Nenhum vinho ou cerveja havia causado esse efeito em mim antes.

A artemagista do príncipe estava em chamas com magia amarela. O brilho era tão poderoso que queimava meus olhos só de olhar.

Eu me afastei. Eu estava vendo coisas... alucinando. Jamais vira uma artemagista brilhar assim.

— O que você faria se visse Jon novamente? — disse o príncipe tão suavemente que eu nem tinha certeza se ele havia dito isso.

Eu soltei uma pequena risada e disse:

— Eu o beijaria... Eu o beijaria até que eu não pudesse sentir meus lábios, até que eu me sentisse completa e inteira novamente.

Droga, o vinho estava me deixando muito ousada.

— Elena.

Minha respiração parou. Eu reconhecia aquela voz, e não era do príncipe.

Pisquei e olhei.

Jon estava parado na minha frente.

E, então, o mundo girou e se transformou em escuridão.

CAPÍTULO 31



ACORDEI na manhã seguinte com uma dor de cabeça e um estado de completa confusão. Eu sabia vagamente que algo estava muito errado, mas não conseguia lembrar exatamente o que era. Eu estava com calor, mas o quarto estava frio. Senti a espessa colcha que cobria minha pele. Minha pele nua.

Sentei-me na cama, e meus travesseiros caíram no chão.

Eu estava completamente nua. *Por que eu dormiria sem roupa?*

Então, senti uma presença ao meu lado.

O príncipe Áurion estava esparramado na cama ao meu lado. Sua cabeça descansava em seus braços, e pelo pouco de colcha que o cobria, eu podia ver que ele estava tão nu quanto eu estava. Ele sorriu quando nossos olhos se encontraram.

— Que diabos!

Eu puxei a colcha para me cobrir.

— O que você está fazendo aqui? Onde estão suas roupas?

O príncipe sorriu preguiçosamente e levantou uma sobrancelha:

— As minhas roupas estão no chão ao lado da tua, minha querida.

— Mas você está completamente nu! — Eu gritei.

— Você também.

— Que diabos? — gritei um pouco mais alto.

— Você já disse isso.

O sorriso do príncipe se alargou, e ele se aproximou.

— Por que está se escondendo? Eu já vi você *toda*. E é muito linda. Mais

que adorável...

Eu me recuei, horrorizada:

— Que a deusa me perdoe — eu suspirei.

— Perdoar o quê? — disse o príncipe. — Não há nada mais natural e mais bonito do que o amor entre um casal. Não há vergonha em fazer amor, Elena. Na verdade, a deusa nos incita a explorar o nosso amor e nossos corpos, a explorar o nosso ato de amor.

— Acho que vou vomitar.

— Venha cá — disse Áurion.

Seu corpo estava tão perto que eu podia sentir seu calor através da colcha, e seu cheiro de lavanda e almíscar cobria a colcha.

— Ontem à noite foi muito especial — ele ronronou. — Nunca esquecerei o que partilhamos enquanto eu viver.

O vinho da noite passada estava prestes a sair pela minha boca, mas segurei a vontade de vomitar.

Eu tentei acalmar meu coração.

— Isso não pode estar acontecendo — murmurei de forma pouco inteligente. Eu nunca teria feito isso. Você colocou algo no vinho. Você me enganou. A última coisa da qual me lembro é de você me perguntando o que eu faria se eu visse Jon, e então...

E, então, eu o vira.

Senti um frio escorrer pela minha pele:

— Você. De alguma forma, você se disfarçou para se parecer com ele.

Eu havia traído o único homem que eu havia amado. Esse maldito príncipe me enganara.

Minha cabeça caiu em minhas mãos:

— O que eu fiz?

— Muita coisa.

— Como você fez isso? — eu bravejei, ignorando seu comentário. Eu queria matá-lo.

— Simples — disse o príncipe, seus olhos prateados pousados nos meus lábios. — Eu deixei você ver o que você queria ver.

— Isso não faz sentido — eu rosnei.

Eu precisava ficar com raiva porque temia que, se perdesse minha raiva, eu me cederia ao desespero:

— Você é do Clã das Bruxas das Trevas. Como você pode manipular visões de alguém assim?

— Meu pai era um Bruxo das Trevas de cabo a rabo — disse o príncipe — Mas minha mãe era do clã Áugure. Tenho mais do sangue dela do que do meu pai.

Claro. *Como eu não havia percebido?* Seus olhos prateados, o fato de que ele nunca usava as cores do Clã das Bruxas das Trevas... o príncipe era um bruxo Áugure.

— Como você pode? — perguntei enquanto as lágrimas brotavam em meus olhos. — Você me enganou para me levar para a cama. Isso é nojento. Desavergonhado. Você é um bastardo como seu pai. Você não tem coração.

Seu rosto ficou avermelhado, mas ele não respondeu.

Não. Eu não choraria na frente dele como uma fraca. Eu já estava cansada desses bruxos. Eles me levavam ao limite. Em um acesso de raiva, me lancei contra o príncipe.

— Vou matá-lo, seu bastardo!

Pulei em cima dele e comecei a apertar seu pescoço. Mas ele conseguiu escapar de debaixo de mim e, quando me dei conta, ele havia me virado. Ele agarrou meus pulsos e me prendeu na cama, com seu corpo nu e duro pressionado contra o meu.

Tentei lutar contra ele, mas o príncipe era incrivelmente forte. E então

toda a minha raiva me deixou, e eu comecei a soluçar incontrolavelmente.

— Por quê? Por que eu? — Eu engasguei entre soluços. — Você poderia ter tido qualquer outra mulher na fortaleza, mas escolheu me *arruinar*. Seu idiota. Eu o odeio.

Ele prendeu a respiração e, por um momento, pareceu genuinamente desconfortável, até mesmo pesaroso. Mas sua empatia desapareceu tão rápido quanto havia aparecido.

— Elena, você não entende. Eu...

— Saia! — Eu gritei.

A porta se abriu. Celeste e Luna estavam na porta. Eu nunca havia visto os olhos de Celeste tão arregalados antes. Ela olhou de mim para o príncipe Áurion. Só quando percebeu que se tratava do próprio príncipe muito *nu* de Witchdom na minha cama é que ela fez uma reverência e abaixou os olhos. Luna rapidamente seguiu seu exemplo.

— Desculpe, Príncipe Áurion — disse Celeste. — Eu não sabia...

— Tudo bem.

O príncipe saiu de cima de mim e puxou uma camisa. Ele se vestiu rapidamente, mas eu podia sentir seus olhos em mim o tempo todo. Olhei para um ponto nos lençóis, sentindo que meu desespero estava prestes a me consumir por inteiro.

— Vejo você mais tarde na cerimônia — disse o príncipe.

— Vá para o inferno.

E então o príncipe se foi.

Eu me afundei na cama. *Como isso podia ter acontecido?*

Eu não conseguia me lembrar. Tudo de que me lembrava era de ter visto Jon. Eu tinha certeza de que era ele. Eu não conseguia parar de tremer pela vergonha do que eu havia feito a mim e a Jon. Eu caí no chão, puxei meus joelhos contra o meu peito e chorei. Eu chorei e chorei até que as lágrimas

não viessem mais. Eu sabia que um dia teria de dizer a Jon como eu o havia traído completamente.

Celeste levou duas horas para me consolar.

Foi só quando ela me lembrou do plano de fuga e me contou como tudo estava organizado que eu realmente saí do meu repugnante estupor.

Nada me impediria de sair daquele lugar.

— Vai dar certo — eu disse. Eu precisava me convencer disso.

— Claro que sim. — Celeste assentiu enquanto apertava o vestido vermelho ao redor dos meus seios. Era realmente um belo vestido de seda de Witchdom. As tradicionais cores vermelhas e douradas do Clã das Donzelas de Aço eram radiantes. Pena que eu não estava com disposição para me importar.

— Estou saindo deste lugar abandonado por deus — eu disse. — Vou encontrar outra forma de deter os sacerdotes. Eu juro.

Luna foi buscar água e comida. Enquanto isso, contei a Celeste o que havia acontecido com o príncipe. Seu rosto empalideceu.

— Eu sempre pensei que ele fosse um bruxo das trevas como seu pai — ela disse e acrescentou. — A magia negra geralmente domina. A magia do sangue das Bruxas das Trevas já se mostra em crianças muito novas. Mas se a mãe dele era do clã Áugure, faz sentido. Às vezes prevalece a magia do sangue.

— O que aconteceu com a mãe dele? — perguntei antes que eu pudesse me conter.

— Ela morreu de uma rara doença óssea degenerativa. Pelo menos foi o que eu ouvi.

Ela hesitou e acrescentou:

— Mas também ouvi dizer que ela morreu logo depois que o Rei Bruxo tomou Enelyn como sua segunda esposa.

Eu franzi o cenho:

— Quão conveniente.

Se o príncipe suspeitasse que Enelyn havia matado sua mãe, isso explicaria a animosidade aberta que ele demonstrava contra ela. Mas não me importava o que pensassem o príncipe ou qualquer outro dos idiotas reais. Eu só queria que essa cerimônia miserável chegasse para que eu finalmente pudesse ir para casa.

— Mas fiquei chocada ao ouvir o que o príncipe fez — disse Celeste, enquanto ela terminava de prender meu cabelo. — Todos nós ouvimos os rumores de quanto tempo ele gasta com mulheres em seus aposentos privados, mas nunca ouvi falar de ele usando magia para...

— Dormir com elas.

— Não é do feitio dele.

— Bem, mas ele fez isso. — Minha raiva voltou quando Luna apareceu pela porta.

— Estão todos esperando você — ela disse. Meu coração desabou. Eu não tinha percebido que já era tão tarde.

Depois de apertar as mãos de Celeste e saber que nossos planos estavam arranjados, reuni minhas forças para prosseguir.

Segui os dois guardas pelo corredor em silêncio. Meu coração batia forte, e fiquei com medo de cair. Mas jamais hesitei. Eu queria seguir em frente. O plano tinha de funcionar. Eu tive de concordar com a cerimônia de casamento, a fim de escapar quando eles não estivessem esperando.

Era um bom plano que *tinha de* funcionar. Quando chegamos à sala do trono, meu fôlego escapou. A sala estava transformada. As mesas e os bancos haviam sido empurrados para trás, contra as paredes, e o trono havia sido decorado com tapeçarias felpudas ao lado de uma mesa coberta com velas e incensos de prata que emanavam uma fumaça cinza. As cores das Bruxas das

Trevas cobriam o trono e pendiam das paredes.

Havia cerca de cinquenta ou sessenta pessoas presentes. Todos vestiam com orgulho as cores de seus clãs. Eu vi alguns membros do Conselho dos Clãs entre a multidão de espectadores. Os outros membros do conselho eram, sem dúvida, velhos e cansados demais para estar ali naquela hora tão avançada.

Todas as cabeças se voltaram para o corredor quando me aproximei.

O Rei Bruxo estava no trono vestido de preto e vermelho. Ele me observou com um brilho malicioso em seus olhos. Eu era seu novo brinquedo, e me enrijei sob seu olhar.

A Rainha das Bruxas estava debaixo da plataforma. Ela estava cercada por guardas como uma prisioneira. Vi um olhar de ódio em seus olhos violeta.

Mas o príncipe Áurion não estava lá. *Ele estava deliberadamente renunciando ao casamento de seu pai?* Fiquei chocada por ele não ter tido a cortesia de aparecer depois do que ele havia feito.

Eu me sentia histérica. Minhas pernas estavam pesadas. Era tarde demais para fugir.

Encorajada pelo pensamento de que eu estaria fora daquele lugar odioso em breve, eu aceitei meu destino e fui para o lado do Rei Bruxo.

Um bruxo superior disse algo na língua de Witchdom ante de ele e o Rei Bruxo se ajoelharam juntos em um tapete felpudo de cor dourada.

Relutantemente, fiz o mesmo. Eu me encolhi quando o Rei Bruxo agarrou minha mão firmemente, sem dúvida para evitar que eu fugisse na última hora. Eu me encolhi e comecei a sentir vontade de vomitar.

Eu não olhava para ninguém. Apenas mantive meus olhos focados em um ponto no tapete à minha frente e contei os minutos até que estivesse livre.

O ritual era muito confuso. Para piorar as coisas, eu não conseguia

entender nada do que era dito. O bruxo continuava repetindo palavras na língua de Witchdom o tempo todo, mas as palavras só ecoavam em algum lugar no buraco do meu estômago. Eu me sentia entorpecida.

Eu mal prestei atenção quando o bruxo envolveu nossas mãos com uma fina fita de seda preta de Witchdom. Eu estava me esforçando para manter os olhos abertos quando ouvi alguém limpando a garganta.

— Desculpem o atraso.

O príncipe Áurion entrou na sala do trono.

Meu coração pulou em minha garganta. Olhei para o príncipe, mas ele não olhou para mim. Ele estava olhando para o pai.

O príncipe atravessou a sala do trono com passos longos e ágeis. Sua longa trança prateada roçava em seu belo casaco de seda cinza. Seu lenço azul estava preso por um broche de prata, recaindo sobre seu ombro direito graciosamente. Ele usava as cores do clã de sua mãe com orgulho.

Ele estava dolorosamente bonito; eu não fui a única a perceber. Eu podia ver o rubor na face da maioria das bruxas na câmara. Pena que ele era um bastardo.

O Rei Bruxo levantou-se e rasgou a fita que amarrava nossas mãos há um momento. Eu podia sentir a raiva emanando dele.

— Você ousa interromper nosso ritual — rosnou o rei. — É melhor ter uma boa explicação para essa insolência.

O príncipe sorriu friamente:

— Eu tenho.

Ele ficou de pé desafiadoramente ao lado da plataforma:

— Tenho que me desculpar, pai. Mas você não pode se casar com a Donzela de Aço.

— Mesmo? — O Rei Bruxo cerrou os olhos. — E por que isso, meu *filho?*

Os olhos do príncipe se voltaram para mim:

— Porque já nos acasalamos. A Donzela de Aço é *minha* noiva.

CAPÍTULO 32



O REI BRUXO ME ENCAROU:

— Isso é verdade? — rosnou ele — Você e meu filho... se acasalaram?

Apertei meus punhos para controlar o tremor. Eu podia sentir os olhos do rei queimando de raiva, e eu não conseguia olhar para ele.

— Você nega a alegação dele? Você se *acasalou* com ele? — veneno jorrava da boca do rei.

O pensamento do que acontecera entre o príncipe e eu trouxe uma cascata de lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas. Minha vergonha seria a conversa dos séculos vindouros.

Meus lábios tremiam quando eu murmurei as palavras em não mais do que um sussurro.

— Não, eu não nego isso.

A câmara entrou em alvoroço, e a confusão reinou na sala do trono. O único sorriso em toda a sala pertencia à Rainha das Bruxas. Parecia que era o aniversário dela.

Um arrepio percorreu-me.

Como isso afetaria meus planos? Teria o príncipe arruinado tudo só para ofender seu pai?

Se não houvesse um jantar de celebração, então não haveria distração para me esgueirar. Tudo estava arruinado. Meu interior se transformou em pedra.

— Como se atreve a me envergonhar assim, garoto — rosnou o rei.

— Você não acha que uma esposa é o suficiente, pai? — o príncipe manteve a cabeça erguida e ignorou o olhar do rei.

Alguns convidados começaram a sair furtivamente da sala do trono em pânico.

— Leve-a para os meus aposentos — ordenou o príncipe.

Antes que eu pudesse protestar, fui levada para fora da sala do trono pelos guardas. Eu ainda podia ouvir os gritos do rei no corredor.

Os guardas estavam me segurando tão forte que eu podia sentir contusões se formando em meus braços enquanto eu era arrastada para longe.

Chegamos a uma porta que eu não reconheci, e eles me empurraram para dentro com tal força que me fez tropeçar sobre o tecido do meu vestido, caindo no chão. Eu me coloquei de pé quando ouvi a fechadura ser trancada no lado de fora.

— Esperem! — Eu me joguei na porta e puxei a alça com todas as minhas forças. Mas a pesada porta de madeira nem sequer chacoalhava. Eu estava presa.

— Preciso da minha bruxa de companhia — gritei desesperadamente.

Eu sabia que Celeste não saberia o que havia acontecido ainda. Eu temia que ela pudesse ser morta se fosse pega esgueirando-se pelos corredores agora. Eu não podia deixar isso acontecer.

— Por favor, preciso dela. Vocês a trarão?

Mas eu não conseguia ouvir nada a não ser sussurros fracos.

Meu coração batia forte. Eu não estava derrotada. Ainda não. Eu precisava de um novo plano.

Eu me virei e me encostei na porta.

Os aposentos do príncipe eram grandes, muito maiores do que os meus. Eu levantei a saia do vestido e corri pelo quarto e os aposentos adjacentes. Mas não havia janelas em nenhum lugar. Meu estômago se agitou e corri para a câmara de banho e vomitei.

O som de uma chave no buraco da fechadura me tirou dos meus

pensamentos, e eu cambaleei até a porta.

A porta se abriu e meu coração saltou diante da visão de Celeste.

— Mas ... — comecei enquanto fechava a porta atrás dela. — Como você sabia?

Ela correu para o meu lado com um pacote de roupas em seus braços.

— Os guardas vieram me procurar. Você está ligado ao príncipe agora.

Você é praticamente realza... então eles vieram rapidamente.

— Posso ir para a entrada lateral sem ser pega?

— Sim — ela disse. — Eu trouxe suas roupas e suprimentos.

Ela puxou meu vestido e atirou-o no chão.

— Tenho algumas das armas que você usou nos Julgamentos dos Bruxos também.

Ela sorriu e tirou minha espada de dentro de um saco.

Eu sorri e peguei minhas roupas antigas. Eu me vesti rapidamente e fiquei feliz por ter minhas próprias roupas para variar. Eu não pude deixar de notar que elas haviam sido consertadas.

— Como conseguiu passar pelos guardas com as armas?

— Eles se foram. Todos os guardas estão na sala do trono tentando impedir o rei e o príncipe de se matarem. Mesmo assim, devemos nos apressar.

Com minha espada e adagas equipadas, e minha mochila nos ombros, saímos correndo dos aposentos do príncipe.

Celeste explicou que estávamos nas torres norte. Para minha intensa surpresa e alívio, os corredores estavam desertos. Eu me movia em silêncio. Não encontramos ninguém enquanto atravessávamos a fortaleza e descíamos inúmeros degraus. Segui Celeste, e finalmente chegamos às portas de carvalho de quinze metros que levavam ao exterior. Celeste tinha razão, não havia guardas ali. Jogamos nosso peso contra as portas maciças e elas se

abriram, revelando um pátio bem cuidado com árvores frutíferas, arbustos e lagoas.

Meus pulmões queimavam. A lua iluminava todos os arbustos e árvores. Eu podia ver o muro de pedra exterior a cerca de cem metros de onde eu estava. Além do muro, estava a *liberdade*.

— Aqui, pegue isto. — Celeste pegou minha mão e me entregou um frasco.

Era diferente dos outros tônicos que ela havia feito para mim; mesmo na escuridão da noite eu poderia dizer que era vermelho:

— O que é isso?

— Um remédio contra a magia negra — disse ela. — Nunca ouvi dizer que funciona em humanos, mas vale a pena tentar se você encontrá-lo. Você deve fazê-lo beber tudo isso. Não há muito, mas se o corpo dele conseguir resistir, então deve funcionar.

Agarrei firmemente o frasco em minhas mãos. Meus olhos ardiam.

— Obrigada.

Coloquei o frasco na minha algibeira e engoli em seco.

— Venha comigo.

Os olhos de Celeste se arregalaram em choque:

— Não posso. Eu não sei...

— Não há nada para você aqui — eu disse apressadamente. — Se este tônico funcionar, você pode ser uma grande ajuda na nossa luta contra os necromantes. Você não tem ideia de quanto isso poderia nos ajudar, do quanto você pode nos ajudar.

Celeste desviou o olhar:

— Os seus humanos nunca me aceitarão. Eu sou uma bruxa, lembre-se disso.

— Talvez — eu disse. — Mas acho que se eles a viriam como uma

curandeira, uma curandeira com um tônico que luta contra a magia negra.
Acredito que você estaria a salvo.

Eu podia ver seus olhos brilhando de compreensão.

Celeste riu nervosamente:

— Isso é loucura... mas... Tudo bem, eu aceito.

Eu dei-lhe um sorriso:

— Vamos!

Atravessamos o pátio e fomos para o sul, em busca dos estábulos, quando a Rainha das Bruxas saiu das sombras.

CAPÍTULO 33



— AONDE VOCÊ PENSA que vai, mestiça?

— A artemagista das Rainha das Bruxas brilhava como um pequeno sol amarelo na semiescuridão enquanto ela emergia da escuridão.

Empurrei Celeste para atrás de mim e sussurrei:

— Volte e fique atrás das árvores.

A Rainha das Bruxas estava sozinha, mas isso não impediu o terror de se acumular na boca do meu estômago. Eu sabia que ela estava ali para me matar.

— Está me seguindo, rainha? — perguntei, tentando esconder o tremor em minha voz e tentando manter sua atenção longe da minha amiga.

A Rainha das Bruxas sorriu perversamente:

— Mesmo que você tenha se acasalado com meu enteado, isso não muda nada. Eu nunca vou aceitar uma bruxa inferior dentro da minha casa.

Especialmente mestiça humana.

Do canto do meu olho, vi Celeste desaparecer atrás de uma fileira de arbustos.

Minha mão se arrastou em direção à minha espada, e eu agarrei seu familiar cabo de metal frio.

— Eu nunca quis ser parte da sua estúpida família. Eu nunca quis fazer parte de nada disso. Deste inferno. Eu vim aqui por uma única razão... pedir reforços ao Rei Bruxo.

— Mesmo que esteja dizendo a verdade — disse a rainha — você realmente acha que pode derrotar os necromantes que têm uma das mais

poderosas pedras mágicas neste mundo em sua posse? Você? Você não tem o que é preciso. Você não tem poder mágico. Você não é nada além de uma bruxa de segunda, uma bruxa inferior. Você não é nada. Assim como sua mãe.

Eu apertei o punho da minha espada.

— Deixe-me ir, e prometo que nunca mais me verá.

A Rainha das Bruxas jogou a cabeça para trás e riu.

— Foi exatamente o que sua mãe disse. E, agora, aqui está... a sua substituta. Não, você precisa morrer. Preciso me livrar de todas as Donzelas de Aço, porque o rei nunca vai parar de desejá-las. O jeito como ele a olha me enoja. Enoja! As memórias e a vergonha estão voltando como uma doença horrível. O rei olha para você com o mesmo desejo patético de um ser menor, assim como olhava para ela. Só pode haver uma Rainha das Bruxas. Não duas.

— Por favor — eu disse. — Não quero ser rainha de nada. Eu só quero ir para casa. Apenas me deixe ir.

Eu estava agudamente consciente de tudo ao meu redor, das árvores, do vento e do som da grama sob minhas botas. Eu estreitei meus olhos e a observei.

— Não.

Ela se moveu das sombras até que eu pudesse vê-la claramente à luz da lua.

— Não vou cometer o mesmo erro outra vez. Não consegui matar a sua mãe. A puta sempre conseguia fugir e se curar. Até fez amigos na fortaleza que a ajudaram a fugir antes que eu pudesse acabar com ela. Mas não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Os olhos violetas da Rainha das Bruxas ficaram fumegantes de poder, e sua artemagista brilhou. O cheiro de magia pendia no ar, e eu sentia arrepios

na minha pele. Seu rosto ficou selvagem, e ela lançou uma onda de magia contra mim.

Eu sabia o que estava por vir, então girei e me abaixei. Mas um fio de magia me atingiu, e voei pelo ar, aterrissando em algo frio e sólido. Minha cabeça bateu no chão, e eu ouvi e senti meus ossos se quebrando. Eu gemi quando minha espada escorregou dos meus dedos esticados. Ela me acertou com outra onda, e eu ouvi mais de meus ossos estalarem.

Mas, então, o calor familiar da minha própria magia surgiu.

Eu pulei instantaneamente, e girei o corpo, procurando por minha espada.

— Criaturas fracas, bestiais, inferiores — debochou a Rainha das Bruxas. — Todas as Donzelas de Aço são iguais. Animais. E os animais não têm lugar em minha casa. Acho que usarei a sua pele como couro para um novo casaco.

— Você é uma vadia doente — bravejei.

Sua magia acertou-me outra vez, e eu rolei pelo chão, gemendo de dor. Meus braços se dobraram quando tentei ficar de pé. Ela me acertou várias vezes com ondas de sua magia negra.

— Pare — eu respirei. Eu me esforcei para ficar de pé. — Por favor.

A magia da rainha pulsava. Senti meu interior se queimar acompanhado do gosto de sangue. Eu gritei enquanto meu corpo se retorcia e se partia, lentamente, osso por osso.

A rainha sorriu:

— Morra, sua vadiazinha...

Um estrondo de luz de prata explodiu de repente, e a rainha foi jogada no ar, batendo no chão duro. Senti sua magia me deixar, e me apoiei nos cotovelos.

— Elena! — O príncipe Áurion correu para o meu lado.

— Você pode andar?

Eu cuspi o sangue da minha boca, respirei fundo e tentei me levantar. Fui imediatamente atingida por uma tontura e caí de volta.

— Preciso de um minuto.

Pontos vermelhos e pretos dançavam diante dos meus olhos.

— Não temos um minuto. Precisamos sair agora ...

O príncipe gritou quando um filamento de magia se enrolou em seu corpo e o levantou do chão.

— Seu traidor — bravejou a Rainha das Bruxas enquanto avançava.

— Sua magia não é párea para a minha, príncipezinho. Outro bastardo de sangue misto. Sua mãe nunca foi capaz de ser rainha. Uma bruxa Áugure como ela só envergonhou nosso rei e nosso Clã das Bruxas das Trevas. E assim como ele, você *não* está apto a ser rei também. Eu o eliminarei também, assim como fiz com sua mãe. E, então, eu eliminarei o rei.

Áurion gritou quando a força da magia da bruxa cortou a escuridão e se expandiu no ar com um sonoro estrondo. O príncipe estava sendo torturado. Ele gritava e se contorcia, tentando viver. Sangue escorria da sua boca, seus olhos e seus ouvidos. Ela o mataria.

Eu me esforcei para me levantar e me atirei contra rainha. Nós rolamos e caímos na grama. Eu senti seu grunhido e sua respiração em meu rosto. Então, ela começou a apertar o meu pescoço. A pulsação de sua magia queimava e me fazia engasgar. A Rainha das Bruxas rosnou enquanto descarregava toda a sua magia e malícia em mim. A escuridão ao meu redor se aprofundou. Eu ia morrer desta vez...

— A artemagista dela — pensei ter ouvido uma voz dizer.

Olhei para o pingente amarelo brilhante que pendia abaixo do rosto enlouquecido da Rainha das Bruxas, e eu soube o que deveria fazer.

Agarrei seu pingente e o arranquei do pescoço dela.

A rainha gritou numa combinação de surpresa e horror, e me soltou. Eu a

golpeei no rosto, e ela caiu para trás.

Eu cambaleei e comecei a senti um calor familiar pulsando em minha mão direita. Olhei para a artemagista e percebi que o poder da artemagista da Rainha era igual ao poder que senti quando segurei o Coração de Arcânia. Eu o ouvia em minha mente e o sentia batendo em meu próprio peito. Era um fragmento do mesmo tipo de pedra mágica. Seu poder era forte, mas não era nada em comparação com a pedra maior.

Como podia? Onde as bruxas conseguiam essas pedras?

Agora eu entendia por que as bruxas nos julgamentos tinham mais poder do que eu e por que meus poderes de cura não estavam funcionando.

As artemagistas eram feitas com pedras mágicas, não eram joias.

Eu fiz uma careta. Ada e as outras bruxas haviam me dito que nenhum homem ou bruxa poderia usar o poder das pedras mágicas, mas lá estavam eles... usando como joias.

— Devolva isso! — gritou a rainha. O rosto dela estava esquelético e oco, como se uma doença repentina a dominasse, como se a pedra estivesse drenando seu poder.

Todo o meu ódio, e meus próprios sentimentos de desespero e traição, se ergueram como um fogo em meu corpo.

A rainha se atirou contra mim, mas eu estava pronta para ela, e quando ela chegou perto o suficiente para eu sentir o cheiro da água de rosas em seu pescoço, eu puxei minha adaga, cravei a lâmina em seu queixo e afundei até o cérebro.

Seus olhos violeta piscaram e, então, sua luz ardente se apagou.

Seu corpo caiu, imóvel, no chão. A Rainha das Bruxas estava morta, e eu a havia matado.

Senti uma presença atrás de mim, e eu virei com os punhos prontos.

O príncipe Áurion ergueu as mãos em rendição, e eu relaxei. Se ele não

tivesse me avisado sobre a artemagista, a rainha teria nos matado. Eu peguei a pedra mágica antes que ele pudesse pedir de volta. Eu precisava mostrar para a bruxa Ada, pois precisava obter algumas respostas.

O príncipe examinou a rainha morta, mas seu rosto era ilegível. Então, ele olhou para mim, e seus olhos prateados brilharam ao luar como estrelas.

— Precisamos ir — disse o príncipe. Fawkes está esperando por você nos estábulos.

Fawkes?

— Não há tempo — disse o príncipe — Ele explicará tudo. Rápido, antes que os guardas a encontrem.

O príncipe correu pelo pátio. Celeste saiu de trás da árvore onde estava se escondendo. Ela parecia abalada, mas ainda parecia determinada a me acompanhar. Peguei minha espada, agarrei a mão dela e puxei-a junto comigo enquanto seguíamos o príncipe. Nós não precisamos ir longe para alcançar os estábulos.

Eu parei e fiquei de olhos arregalados. Um grupo com cerca de cem bruxas dos cinco clãs estava montado em seus cavalos e pronto para cavalgar. E não eram guardas.

Fawkes correu até mim:

— Graças a deusa.

Ele me abraçou e quase quebrou minhas costelas.

— Fawkes — eu olhei em volta atordoada. — Quem são essas bruxas?

Reconheci dois dos membros da Conselho dos Clãs que haviam desaparecido durante o ritual de casamento: uma velha bruxa que poderia ter sido bisavó de Ada e um bruxo tão velho quanto as colinas. Porém, eu nunca havia visto nenhum dos outros antes.

— Seu exército.

— Meu exército? Como?

— Quando soube por certo que o rei jamais concordaria em nos ajudar, dei um jeito de arrumar nosso próprio exército. Essas bruxas, todas elas, são leais a você.

Fiquei contente porque a escuridão escondeu o rubor no meu rosto.

— Então, era isso que esteve fazendo esse tempo todo?

Fawkes sorriu fracamente:

— Eu estava reunindo o maior número possível de bruxas.

Eu examinei as bruxas rapidamente, nenhuma tinha uma artemagista com elas.

— Eu não sei o que dizer. Obrigada — eu disse àqueles estranhos, e eles acenaram com a cabeça em resposta.

— Onde estão Will e os outros?

— A salvo — disse Fawkes. — Vocês estarão juntos novamente em breve.

Ele se moveu até o príncipe e apertou sua mão.

— Nós lhe devemos nossas vidas, Príncipe Áurion. Obrigado por mantê-la segura.

Os dois homens trocaram um abraço. Eu estava completamente confusa. Olhei para Celeste, e seu rosto estava tão chocada quanto o meu.

— Vamos cavalgar — disse Fawkes. — Temos de sair da capital e ir para as montanhas antes que o rei saiba que você escapou. Então, partiremos para Ânglia e os Portos Cinzentos.

Uma bruxa me trouxe Torak, e quase caí de joelhos soluçando. Eu envolvi minhas mãos ao redor do pescoço de Torak e enterrei meu rosto em sua pele, inspirando seu cheiro.

— Pela deusa! Senti sua falta, sua grande besta.

Torak abaixou a cabeça e a descansou em meu ombro. E por um momento eu esqueci a praga negra, os sacerdotes, a rainha, tudo.

— Celeste também está vindo — eu disse, enquanto levantava a cabeça de Torak. — Ela é uma espécie de mestre das poções. Ela preparou um tônico que pode curar a magia negra. Nós vamos precisar de suas habilidades para lutar contra as trevas.

Suas bochechas coraram quando todas as outras bruxas olharam para ela com admiração, e eu não pude deixar de notar que até os dois do Conselho dos Clãs sorriam.

Mas ainda havia algo que me incomodava. Soltei Torak e fui até o príncipe. Ele estava ainda mais radiante ao luar. Seus olhos brilhavam, e ele parecia destemido.

— Por que está me ajudando? Nos ajudando? — perguntei, sentindo um aperto repentino no meu peito.

— Porque, assim como você, eu acredito que precisamos parar os necromantes. Eu sei que a escuridão está chegando. Eu me importo com o meu povo. Meu pai pode não ver a ameaça até que seja tarde demais, mas eu vou ficar aqui e tentar convencê-lo a ajudar.

Ele parou, e sua expressão se obscureceu:

— Embora possa ser um pouco mais difícil depois do que aconteceu...

Eu me enrijei. Eu não podia deixar de sentir que ele havia me traído, embora estivesse ajudando Fawkes o tempo todo.

— Elena... nós não... — o príncipe começou.

Eu encontrei seu olhar:

— O que você disse?

Houve uma mudança no rosto do príncipe:

— Não fizemos nada ontem à noite, além de beber.

— Mas eu estava *nua* — eu disse em voz baixa para que só ele me ouvisse. — E você estava nu.

Ele sorriu:

— Bem, sim. Eu tive que remover suas roupas para que desse certo, de modo que você acreditasse que nós fizemos amor... mas não fizemos.

Eu balancei a cabeça:

— Por que você faria isso?

— Porque era a única maneira de impedi-lo. Porque precisava ser convincente, caso contrário meu pai teria visto o blefe e teria forçado a continuação da cerimônia. E eu sabia que era a única maneira de manter ele e a rainha longe de você por um tempo.

— Então, foi tudo mentira.

— Para mantê-lo segura, para afastá-la de meu pai e para nos dar tempo suficiente de nos prepararmos.

— Mas você me viu completamente nua — eu provoquei, um pouco sem fôlego.

O príncipe sorriu, mas parecia forçado. E, então, seus olhos ficaram subitamente úmidos e cheios de lágrimas.

Ele passou um dedo pela minha bochecha.

— Adeus, Elena — ele disse suavemente.

Então, ele virou as costas e caminhou de volta para a entrada principal da fortaleza.

A princípio, não entendi o olhar do príncipe nem a lágrimas nos olhos...

Mas, então, um nó formou-se em minha garganta, e eu me virei.

Quando Celeste montou em um cavalo extra, subi em Torak. Todos os olhos estavam em mim. As bruxas... meu exército mágico... esperavam que eu liderasse o caminho.

Agarrei as rédeas com orgulho, bati nos flancos de Torak, e todos os cem partimos pela noite.

Estou indo, Jon. Por favor, me espere... Estou chegando...

NOTA DA AUTORA



Querido leitor,

Obrigada por ler a *Rainha das Bruxas*. Espero que tenha gostado de conhecer os heróis e vilões com o mundo que criei para eles. Se você gostou deste livro, visite o site onde o comprou e deixe sua avaliação. Seu feedback é importante para mim e ajudará outros leitores a decidir se devem ler o livro também.

Mais uma vez, obrigada por fazer parte desta jornada comigo, e espero que possamos compartilhar mais histórias juntos. As aventuras estão apenas começando. Boa leitura!

Kim Richardson

EM BREVE: MAGIA DE SANGUE!



MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

[Marcada, Livro # 1](#)

[Elemental, Livro # 2](#)

[Horizonte, Livro # 3](#)

[Submundo, Livro # 4](#)

[Seirs, Livro # 5](#)

[Mortal, Livro # 6](#)

[Cefeiros, Livro # 7](#)

[Selos, Livro # 8](#)

REINOS DIVIDIDOS

[Donzela de Aço, Livro # 1](#)

Rainha das Bruxas, Livro # 2

Magia de Sangue, Livro # 3

SOBRE A AUTORA



Kim Richardson é a premiada autora da série best-seller GUARDIÕES DE ALMA. Ela mora na parte leste do Canadá com seu marido, dois cães e um gato muito velho. Ela é autora da série GUARDIÕES DE ALMA, da série MÍSTICAS e da série REINOS DIVIDIDOS. Os livros de Kim estão disponíveis em edições impressas, e as traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, visite:

Site

www.kimrichardsonbooks.com

Facebook

<https://www.facebook.com/KRAuthorPage>

Twitter

https://twitter.com/Kim_Richardson_